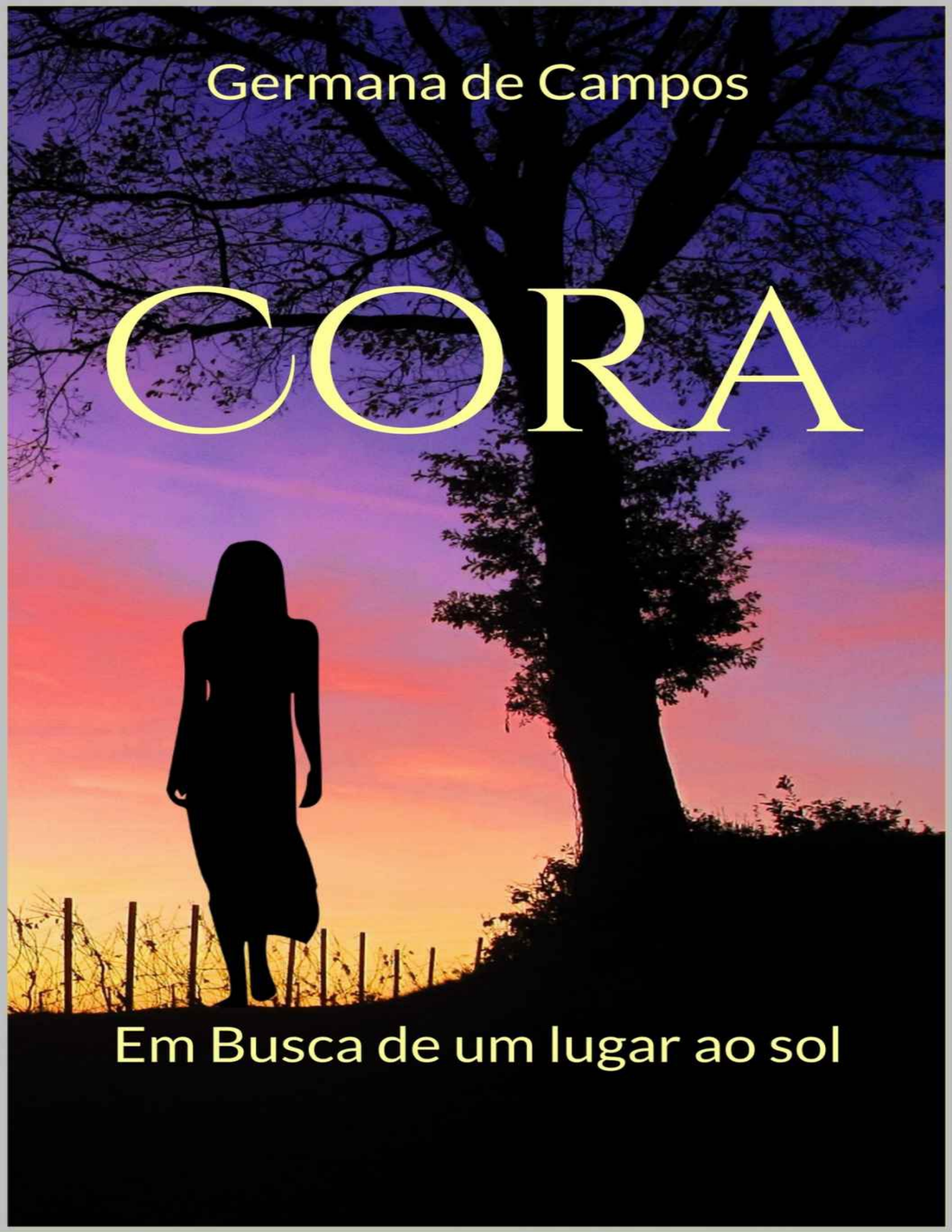


The background of the book cover is a photograph of a sunset. The sky transitions from a deep purple at the top to a bright orange near the horizon. A large, dark silhouette of a tree with many branches dominates the right side of the image. In the lower-left foreground, the silhouette of a woman with long hair, wearing a long dress, is seen from behind, walking away from the viewer. A simple wooden fence is visible in the distance behind her.

Germana de Campos

CORA

Em Busca de um lugar ao sol



PERIGOSAS NACIONAIS

Cora

Em busca de um lugar ao sol

PERIGOSAS ACHERON

Copyright© 2019 - Maria Germana de Campos Martins

TÍTULO DA OBRA

Cora

SUBTÍTULO DA OBRA

Um Lugar ao Sol

AUTORA

Germana de Campos

EDIÇÃO

Cláudio Roberto Martins

Germana de Campos

Jonei Carlos Martins

DESIGN GRÁFICO

Cláudio Roberto Martins

ISBN: 9781794306882

Selo editorial: Independently published

*Distribuição do Livro em capa comum ou ebook sobre
a tutela da Amazon, via KDP(kindle direct publishing).*

DADOS DA AUTORA

Nome: Germana de Campos

E-mail: M.germana.campos.martins@gmail.com

www.facebook.com/germana.decamposmartins

CONTEÚDO

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Ambientação

Histórias semelhantes ocorriam normalmente dentro dos lares tão pobres de informações. Nos primórdios do século XX as novidades corriam precariamente de boca em boca, nos botecos, nos pátios das igrejas, junto com o catecismo pregado a juventude sedenta do saber.

Às mulheres, bastavam serem prendadas nos afazeres domésticos, para arranjar um bom marido e a maternidade trazia ternura ao seio familiar. Quanto aos homens, o ofício trabalhoso junto a terra, tornava-os brutos como a própria natureza agreste.

Um homem gentil ou condescendente, era visto com pouco apreço pelo povo em geral. O 'pátrio poder' levava a mulher a insignificância servil e aos filhos o laço da obediência. A movimentação das mulheres nessa época para obter um lugar ao sol, foi a custas de muitas vidas inocentes, foi o início de uma nova geração...

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

Serra Catarinense, Sul do Brasil – Início do Século XX

Cora

Desabrochando em sonhos puros da infância, Cora, filha de sertaneja e pai comerciante ambulante, vivia na mais branda paz. De acordo com os costumes da época, os pais é quem determina os melhores casamentos para seus filhos, começando pelo primogênito. Entretanto, aos onze anos de idade, sendo a filha do meio, Cora parecia livre a ter um casamento arranjado, mas na família Guedes, foi uma exceção.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

Viver no Planalto Serrano, era uma luta árdua diariamente. No frio do inverno a geada queimava o pouco que se plantava, no verão o sol escaldante esturricava a relva pobre de nutrientes.

As pessoas aprendiam o valor da sobrevivência ainda jovens, e se viravam com recursos meramente escassos. Sem energia elétrica, ou água encanada, os víveres básicos disponíveis no território agreste, tornavam-se trabalhosos e caros, então pairavam sonhos de ingressar na cidade grande, onde alguns contrerrâneos, insistiam em acreditar que bastava se estabelecer na periferia da Capital para conseguir sustento fácil. Rapidamente irrompeu uma debandada, e o êxodo rural esvaziou o interior.

Comum nas residências coloniais, todos tinham
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

obrigações diárias. Haviam tarefas na lavoura e domésticas destinadas às crianças também, que indiferentes a aflição juvenil, trabalhavam incessantemente até o anoitecer.

Muitos moradores da comunidade observavam a pobreza vencer a luta, escavando o solo infértil da região na busca pelo sustento; pois crescia apenas o emaranhado de ervas daninhas, encobrendo rapidamente as sementes plantadas com dificuldade.

Acometido na mesma pobreza, Rodolfo Guedes lançou-se numa atitude drástica por recursos financeiros, juntando um punhado de artigos e utensílios domésticos, ele se embrenhou num ofício tormentoso. Numa carroça puxada pelo único cavalo da família, percorria as propriedades coloniais, oferecendo seus produtos numa façanha singular. Em busca do sustento promissor, ele se ausentava por longos períodos, de até cinco meses, trabalhando como mercador viajante; quase esquecendo que deixou perdidos no sertão, a esposa com seus filhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com o marido ausente, cabia a esposa, a tarefa extenuante de prover o sustento básico da família, assentando lavouras em terras arrendadas nas propriedades vizinhas, pois o lote de terra que lhes pertencia, mal sustentava a vaca no pasto esturricado.

Os longos meses ausentes pareciam se prolongar. Com o passar dos anos, e, em seus raros regressos, Rodolfo deixava a esposa prenhe mais uma vez. Com o sétimo filho para chegar, e todos dependentes do minguado sustento paterno, findam também os sonhos da jovem mãe para um futuro promissor, ao qual o marido lhe garantiu ao desposá-la.

Camélia era filha de prósperos agricultores, jovem de constituições delicadas, olhos verdes e pele salpicada de minúsculas sardas marrom, levava uma vida branda no seio familiar. Agora, ela lavrava a terra sem descanso para encher as barrigas salientes da sua família.

Com a ajuda das filhas de catorze e treze, e os meninos de oito e sete anos, Camélia seguia a trilha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

orvalhada para o roçado, muito antes de o sol nascer, enquanto ela escondia seu ventre protuberante do velho rendeiro que lhe cedera a lavra de terra para o plantio da estação.

Com as ferramentas de trabalho nos ombros, a mãe e as crianças retornavam ao lar a noitinha, e, ao avistarem a casa perdida no meio do descampado, nem reparam no matagal, tomando a picada do caminho, e envolvendo-lhe as canelas.

Á Cora, com apenas onze anos, destinava-se às tarefas domésticas e o bebê de dois anos para cuidar, mas seu desejo era seguir para o roçado com a mãe e as irmãs.

A rotina da família principiava com o clamor do galo carijó ao despontar do alvorecer. Com a luz da lamparina à querosene tremulando na mão das crianças, iluminando o rústico curral, a mãe tirava o leite da vaca magrela antes de ingressar na roça todas as manhãs.

A luta árdua parecia dar uma trégua no domingo, quando a família Guedes levantava

PERIGOSAS ACHERON

cedinho e percorria a pé quase oito quilômetros até o vilarejo, onde a igrejinha os aguardava para a reza semanal. Depois do culto dominical, os colonos se reuniam no terreiro da capela para a prosa faceira junto com os compadres, enquanto as crianças corriam saltitantes ao redor.

Os pais de Camélia moravam nas proximidades e para lá ela seguia com seus filhos para o almoço ansiosamente aguardado. A comida, cozida lentamente sobre a chapa quente do fogão a lenha, espargia seu aroma, saudando-os ainda do portão. O sorriso sempre acolhedor dos avós, era sinal de boas vindas, independente das rugas deixadas pelas marcas do tempo, sendo motivo de aconchego para as crianças. Na casa dos pais de Camélia, a fartura era vivida diariamente, mas a moça distinguia a necessidade básica de sua casa se acentuar a cada filho que nascia.

‘Sua teimosia adolescente, em pleno viço de quinze anos, falara além da razão, quando Camélia fora alertada quanto a sua união prematura com um rapaz desprovido de riqueza’. Ela o amava, e não se arrependia. Embora a dedicação do marido nos

PERIGOSAS NACIONAIS

últimos tempos deixasse a desejar, acreditava ainda num futuro ao seu lado.

Entre os moradores da redondeza, havia muita gente bondosa, assim como sovinas e grotescos. Em rodas de homens fanfarrões, alguns cavalheiros pareciam observar a família de Camélia emergir da infância como botões de rosa perfumando o sertão.

Lucinda e Jacira, as meninas mais velhas, de quatorze e treze anos, com bocas vermelhas e olhos vidrados, despontavam das sardas marrons e cabelos cor de fogo, os contornos da juventude. Mas Cora e os meninos, Jacó e Augusto, com sete e nove anos corriam assobiando como pássaros livres pelas cercanias da igreja no alto da suave elevação. Apenas o bebê José, choramingava agarrado à saia da mãe, enquanto as comadres trocavam conversas no pátio.

Logo, o melindre das meninas de Camélia aguçou a curiosidade dos homens, expondo suas apreciações grotescas, e corando de constrangimento as faces das reclusas jovens.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Camélia procurava preservar sua família, mas a miséria lhe concedia pouca opção, quando alguém oferecia guloseimas aos pequenos com o intuito de aproximação, era simplesmente porque a quitanda do vilarejo, onde se podiam comprar as mercadorias necessárias a sua família, nem chegava perto.

Com pretextos confusos, um abastado cidadão começou enredar a família Guedes, com visitas inesperadas por notícias de Rodolfo. Quando alguém batia palmas no portão, as crianças espreitavam através das frestas das paredes, o visitante e o seu filho escarrapachados sob o dorso do cavalo. Amedrontadas, as crianças menores escondiam-se sob as camas, até que os homens se afastam do precário portão e da propriedade.

O visitante, fazendeiro, era viúvo convicto, que arrastava seu filho jovem de vinte e dois anos para o trabalho quase sem descanso, tropeando a boiada de um território a outro, semana após semana.

Devido à artrite das juntas, que se instalara na carcaça envelhecida, o fazendeiro já quase não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguia acompanhar o rebanho, principalmente no inverno rigoroso de geadas frequentes. Passar vários dias sob o dorso do cavalo, enfrentando frio e tempestade, estava se tornando um ofício insuportável. Então, o fazendeiro resolve procurar uma esposa para o seu filho arredo.

Depois de longa temporada ausente, com alarido no portão, Rodolfo era rodeado pelos filhos. A figura franzina e esfomeada do pai passava despercebido às crianças, que só queriam um abraço apertado e saudação carinhosa.

Depois de receber alguma atenção e afagos lentos, as crianças se voltavam às guloseimas, revirando o fundo da carroça a procura das mercadorias para sanar a miséria de vários meses.

Uma saca de açúcar refinado parecia satisfazer os anseios das crianças, tanto quanto a farinha de trigo, tão branquinha e cheirosa quanto à broa de natal. Acostumados ao aipim e batata-doce como alimentação básica, aquilo lhes parecia uma dádiva dos céus, mas para a mãe preocupada com o futuro, era como veneno, atingindo lhe o coração já tão

PERIGOSAS ACHERON

fustigado.

O brilho que um dia iluminou o semblante da jovem Camélia, apagava-se com a rudeza de sua história, enquanto o marido desesperançado esgotava as energias numa jornada tão infrutífera quanto à lavoura que ela semeava.

As muitas bocas para alimentar, e que ainda não parava de crescer, empobrece ainda mais a família já tão miserável. Por isso, quando Donato Teixeira, o conterrâneo e abastado fazendeiro, pediu uma de suas filhas em casamento para o filho Blazio, Rodolfo ficou a ponderar a possibilidade. Ante os olhos assustados da esposa, Rodolfo conversava aferrado com o vizinho astucioso, enumerando as vantagens da união entre as famílias, enquanto as crianças rezam pelo fim da visita enfadonha.

Nos meses seguintes a conversa, se acalorou no seio familiar, com repulsa das meninas mais velhas, que repudiavam a simples menção da proposta.

Cora, que assistia às contendas com inocência, imaginando estar totalmente a salvo da sugestão,

quase desfaleceu quando por insistência das irmãs a mãe começou a enxergar tal possibilidade. Além de excelente dona de casa, a menina sabia costurar e poderia aprender facilmente qualquer ofício quando instruída.

Cora jamais imaginara aquela rejeição por parte das irmãs, das quais tanto amava, mas pressentia o ressentimento nos olhos e no riso desguio das garotas, apontando-a para a proposta absurda.

Por mais que Cora esperneava e fugisse de tal possibilidade, quando o fazendeiro retornava buscando de respostas tudo parecia apontá-la.

A fúria do velho logo ficou evidente quanto a recusa das moças, mas também não se dava por vencido enquanto enreda Camélia numa conversa fiada próximo ao portão. O fedor dos cavalos e peões disseminava ao longe, quando os homens retornavam da tropeada e paravam na propriedade de Rodolfo, sem importar-se com sua aparência totalmente desgrenhada a fim de resposta. Aos berros estridentes, Cora se escondia quando a

PERIGOSAS NACIONAIS

família exigia sua presença e nada no mundo a faria se aproximar do temível fazendeiro e seu filho ranheta; mesmo com promessa de surras.

A convivência familiar serena e agradável transformara-se num inferno, sentindo-se acuada, Cora passou a esconder-se na capoeira ao primeiro tropel que ouvia no caminho da propriedade e de seu esconderijo ela só despontava quando identificava a carroça do pai se aproximando.

Com olhos rasos de lágrimas e soluços incontidos, ela finalmente segredou seus temores sob a proteção do colo paterno. Todavia os argumentos da mãe lhe pareceram açoites, tanto quanto os olhos frios e a imparcialidade do pai, que não lhe concederam alento algum.

Acuada com a suposição de um casamento arranjado, por recurso puramente econômico, Cora já não dormia, se escondia debaixo da cama pela noite afora, como um animal encurralado.

Enfim para os pais, uma boca a menos para sustentar, parecia-lhes aceitável e a estabilidade da filha era promissora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O clima emudeceu dentro da casa com o passar do tempo, como a espera de uma tormenta. Por ingenuidade pura e simples, Cora acreditava que todos já tinham esquecido a proposta indigesta. Sentiu-se gratificada quando o fazendeiro Donato Teixeira trouxe tecidos para ela costurar uma calça para ele e outra para o filho.

Feliz pela oportunidade de mostrar seus dotes e garantir seu lugar junto à família, Cora esmerou-se na tarefa e costurou com capricho as roupas do velho fazendeiro. Para melhor apresentação ela encontrou um papel de embrulho limpinho e fez um pacote caprichado, para entregar as encomendas ao velho, no domingo depois da reza.

No terreiro da igrejinha, o velho perpassou-a com visível interesse ao analisar as roupas caprichosamente costuradas. Cora estremeceu dos pés a cabeça pressentindo sua desgraça. Caíra numa emboscada, pois a costura apenas reforçava as palavras da mãe quanto a sua capacidade.

Depois daquele dia, as visitas regulares do suposto noivo, tornaram os fins de semana da

PERIGOSAS ACHERON

família Guedes um inferno revolto. Cora apanhava surras terríveis para receber o visitante, mas teimosa e endurecida, ela preferia morrer sob o chicote dos pais a ficar perto daquele repugnante rapaz.

Depois de um banho e roupas limpas, o jovem Blazio era bem apresentável, como todo moço de vinte e dois anos de idade. Mas, para uma criança desiludida, ele lhe parecia o próprio demônio, roubando-lhe o amor fraternal.

Sob o chapéu de abas largas, os olhos de Blazio Teixeira espreitavam as meninas da família, mas a designada esposa ele apenas via de relance, antes dela desaparecer em algum recanto escuro da casa. Magricela e arredia, a garota mais parecia uma espiga de milho zigue-zagueando sob canelas tortas, sacudindo o emaranhado de cabelos cor de fogo.

Havia um dito à boca miúda que dizia; ‘Como um bezerro desmamado, as crianças também necessitavam de chibatadas para entrar na linha’, e Blazio já conhecia o peso do chicote do pai. Um

PERIGOSAS NACIONAIS

riso distendeu os lábios bem desenhados do rapaz ao imaginar o velho às voltas com a rapariga embirrente.

A casa do fazendeiro possuía vários cômodos, dos quais outrora já acomodaram confortavelmente inúmeras visitas com bastante frequência. Entretanto, nos dias atuais, apenas a cunhada de Donato e sua filha, ‘solteirona de quase trinta anos’, apareciam de mala e cuia por períodos prolongados, sem aviso prévio. Eleonor, a cunhada, era extremamente presunçosa, acreditava poder manipular a vida do cunhado enviuvado prematuramente. Intrometida, a mulher não aprovava aquele casamento, por não concordar com a escolha da noiva do sobrinho. Mas, prometia permanecer na casa para instruir a garota quanto os seus deveres.

Enquanto Cora alimentava os irmãos pequenos próximos ao fogão a lenha, jurara em viva voz que comeria bem pouco e trabalharia em dobro se os pais não a obrigasse a se casar, mas nem suas lágrimas, nem seus gritos suplicantes foram convincentes.

PERIGOSAS ACHERON

Infeliz e extremamente arredia, Cora já não participava das conversas à volta da mesa nas refeições, nem respondia os questionamentos dos pais. Para o casal, a rebeldia da garota passaria quando, a vida próspera lhe sorrisse e estavam convictos de que ela jamais passaria fome se seguisse suas obrigações passivamente, mas Rodolfo estava preocupado com o silêncio rancoroso de sua garotinha. Ela era tão jovem e parecia tão infeliz, mas ainda assim, era preferível o casamento a vê-la caída em desgraça ou na miséria.

Sem opção, Cora costurou seu próprio vestido de noiva, com o tecido oferecido pelo fazendeiro e várias calças e camisas para o sogro e o futuro marido. Nas semanas que antecedem o funesto acontecimento, ela passava noites inteiras às voltas com as costuras recomendadas e pela madrugada afora a sonolência parecia dominá-la, enquanto a luminosidade deficiente da lamparina a querosene apenas contribui para lacrimejar seus olhos saturados pela fumaça.

O padre da capela local tentou dissuadi-los

daquele arranjo prematuro, mas a resistência tenaz do fazendeiro conseguiu demovê-lo do intento.

Aos olhos da comunidade, o povo estava dividido, uns acreditavam que era perfeitamente normal, outros se penalizavam pela inocência defraudada, tanto quanto a fome descrita em seus olhos.

Enfim, Cora prosseguia como um cordeiro ao abate, já não conseguia ver o riso escarninho no rosto das irmãs, apenas um misto de covardia e consternação. Mesmo que perdurasse mil anos, Cora jamais perdoaria a desgraça ao qual fora lançada, assim como a afeição que morria com a aproximação da sua sentença.

Eis que o sábado, tão temido emergiu para feri-la com seu clarão. Com olhos rancorosos, Cora olhou-se no espelho rachado de sua casa, o vestido imaculadamente branco parecia-lhe uma mortalha. Mesmo que a mãe jurasse que ela estava maravilhosa, a alvura não alcançava seus olhos.

No pátio da casa, o pai esfrega a velha carroça

até que suas tábuas velhas ficassem lustrosas, para conduzir a noiva dignamente à capela. Empoleirados na carroça rústica, a família percorreu o trajeto da estrada esburacada com grande expectativa, sem alcançar a angústia deformando o rosto da jovem noiva.

Os joelhos de Cora tremiam tanto, quase não suportavam seu frágil esqueleto, conforme ela percorria o corredor da igreja enfeitada com lírio multicoloridos, colhidos na vizinhança. Seus olhos expressaram todo o seu rancor ante o jovem noivo envergando roupas elegantes parado altivo junto ao altar. A pele do rosto masculino recém barbeado exibia o viço da juventude, mas Cora enxerga apenas a carranca do seu carrasco. O riso dele não demonstrava animosidade enquanto os olhos perpassa a figura minúscula embrulhada em panos e véu, apenas um palpitar curioso vibrava seu peito.

O discurso do padre advertiu-os para um futuro de aprendizado e possíveis turbulências e a vida prosseguiria cultivando um jardim a cada dia. Mas, as palavras confusas do padre não alcançavam o entendimento de Cora, muito menos o coração, pois

PERIGOSAS NACIONAIS

o temor para enfrentar seu destino estava muito além de uma simples troca de família.

As teorias e rumores que ouvira das confidências de algumas comadres da mãe sobre a união conjugal, fariam despertar o próprio demônio adormecido. Assim, a hipótese da devassa proximidade fez Cora jurar intimamente matar o rapaz, caso ele a tocasse.

A festança do casório prosseguia como se a vida findasse ao entardecer. Tanto Rodolfo quanto Donato e quase todos os homens da colônia, estavam tão embriagados, que rolavam pelo chão sem conseguir se levantar em meio à zombaria dos poucos que permaneciam sóbrios.

Ao fim do dia a vizinhança debandou com a barriga cheia, então Blazio procura Cora para levá-la para casa, quando a noite já pronunciava no horizonte. Por fim, encontrou-a escondida debaixo da cama como um coelho acuado. Esperneando ferina, sob o punho forte do marido, a menina fora arrastada para fora da casa ante os olhos assustados da família impotente.

PERIGOSAS ACHERON

Jogando-a com impaciência no assento do automóvel, Blazio resmungou algo ininteligível ao amparar o porte alentado do pai bêbado e lançá-lo junto com a frágil garota, esmagando-a contra a porta do veículo.

O negrume pavoroso dentro da casa desconhecida era mitigado apenas pela parca luminosidade da lamparina. Ainda assim, os reflexos alongados contribuem para assombrar os recantos abafados da residência silenciosa, quando Blazio saíra arrastando o pai embriagado para o quarto. Com o peito arfando de temor, Cora escorou-se na parede de tijolos da sala, com receio de que o eco de seu coração pudesse apontá-la quando o marido regressasse e quase morreu de susto quando, sem qualquer delicadeza, o rapaz a arrastou para o quarto. Defronte a enorme cama de casal encostada a parede, Blazio falou controlado.

- Deite-se e durma...

Cora ficou parada no meio do quarto, completamente estática, quando o eco da porta se fechou atrás do rapaz e os passos dele

desapareciam no interior da casa. Encolhida num canto do quarto, ela foi vencida pelo sono e cansaço ao prenúncio da aurora. Com o clarão do dia outra faceta de seu futuro surgia, pois o marido concedera-lhe aquela noite sem molestá-la. Afinal, ele não era o demônio que imaginara? Ainda assim, estremecia com a possibilidade.

Temerosa, Cora passou o dia inteiro escondida debaixo da cama com os ouvidos e sentidos alertas a qualquer ruído. Mas a casa parecia uma tumba serrada.

Do lado de fora, em pleno domingo, os animais domésticos faziam ruídos distintos, como a espera de alimentação, e as vacas leiteiras e seus bezerros mugiam com impaciência a espera da ordenha negligenciada. Contudo, Cora permanecia reclusa em seu esconderijo, mesmo com a barriga rugindo vazia até o anoitecer.

Tateando as paredes encobertas pela escuridão, Cora tentou se orientar na casa desconhecida buscando a cozinha, entretanto os longos corredores e portas dos cômodos dos quais

distinguia não mataria sua fome. Enfim, guiada pelo instinto de sobrevivência, ela continuou sua busca até ouvir ruídos familiares de pratos e talheres tilintando na cozinha.

Encoberta na penumbra do longo corredor, ela avistou ao longe alguém percorrendo os recantos da cozinha, e o aroma da refeição logo a alcançou. Incontrolável, ela caminhou naquela direção e parou inerte quando a figura ativa do marido parou na sua frente, e a voz grave repercutiu no recinto.

- Pensei que você tivesse evaporado dentro daquele quarto.

Cora quase desmaiou, e teria corrido de volta, se Blazio não tivesse agarrado seu braço num repente. Aterrorizada, ela esperneou aos berros, enquanto o marido a arrastava para o interior iluminado da enorme cozinha. A primeira coisa que Cora identificou foi o sogro, sentado displicente, atrás da mesa de carvalho, servindo-se da farta refeição.

Largada com brusquidão sobre o banco

reluzente, Cora baixou a cabeça sem coragem de enfrentar a carranca do fazendeiro sentado à sua frente. Mas, de esguelha ela notou a fartura de comida e quase se engasgou de aflição, porque na sua casa jamais tivera na despensa tamanha porção que se encontrava disposta sobre a mesa.

Num prato de porcelana fina, Blazio colocou uma farta porção de carne assada e batatas douradas, além de uma generosa colher de arroz branquinho. Por um instante ela quase esqueceu o motivo de estar ali diante daquela gente desconhecida, todos os seus sentidos estavam voltados para a deliciosa comida, até ouvir um comentário pouco amigável e feminino.

- Coma; e reconhece o sabor de uma boa refeição, porque, doravante essa será sua principal função. Meu cunhado e sobrinho exigem o melhor!

Cora desejou morreu ao deparar com a tia de Blazio e sua filha magrela, espreitando-a com zombaria. A jovem exibia as marcas de seus trinta anos, mas comportava-se como uma virginal donzela, e seu riso desprezível apontava a peçonha

PERIGOSAS NACIONAIS

ardilosa por trás do brilho encoberto dos seus olhos. Contudo, Cora pressentiu o fel nas palavras da mulher alcançando a comida outrora apetitosa. Quando Blazio sentou-se ao seu lado, Cora sentiu-se minúscula como uma formiga, mas ao menos ele era um obstáculo a separá-la da mulher ferina.

Faminta, Cora devorou a comida do prato, enquanto os olhos da família acompanhavam cada colherada ávida e desengonçada até a boca. As atitudes à mesa nunca fora apontado pela pobre família, pois dividiam seus pratos e comiam rapidamente o pirão feito com as raízes escavadas da terra.

Agora, seus modos grosseiros e sua afobação estavam sendo avaliados atentamente em silêncio. Cora retirou lentamente a colher da boca, como se tivesse cometido um crime abominável, ao perceber os olhares incrédulos.

Tentando um lugar ao sol, Cora revidou o comentário da mulher num pretenso esclarecimento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Já sei cozinhar.

A mulher soltou uma imprecação pouco elegante, e largando os talheres ao lado do prato insistiu com secura.

- Qual o seu prato preferido?

Cora sentiu-se tonta na confusão do entendimento. 'Porque ela perguntava sobre os pratos? O que interessava era o que se colocava lá dentro!' Além disso, o prato feito de barro queimado, era dividido entre a família com naturalidade.

- Nossos pratos são todos de barro...

A risada geral explodiu a volta da mesa, enquanto Cora corava de constrangimento até a raiz dos cabelos desgrehados. Com risos incontroláveis, a mulher concluiu vitoriosa.

- Acho que você tem mesmo muito o quê aprender. Por sorte, estarei aqui para colocá-la na linha.

PERIGOSAS ACHERON

O bocado de comida que Cora degustava ficou entalado, e ela já não tinha forças para fazê-la descer garganta abaixo. Pressentindo seu estado aflito, Blazio deu um basta na conversação.

- Agora chega, tia!

Depois, ele se voltou para Cora e exigiu seco.

- Coma.

Como se tivesse o poder de ler seus pensamentos, Blazio lhe passou um copo de água fresca num mudo entendimento. Cora quase chorou em desespero, mas jamais deixaria aquela gente conhecer seu sofrimento, muito menos a asquerosa mulher e sua filha biruta.

Ao fim da indigesta refeição, Blazio tomou uma lamparina acesa e praticamente arrastou-a para o reduto do seu quarto. A figura disforme do homem tremulava no ambiente silencioso sob o foco da chama da lamparina, enquanto Cora afastava-se passo a passo em busca de proteção. Num repente a voz grave e potente de Blazio vibrou nos ouvidos e peito de Cora, numa clara advertência.

- Venha aqui!

Ela quase desmaiou de aflição, mas seus pés pareciam ganhar vida própria enquanto regressavam cautelosamente ao encontro do rapaz. Os olhos castanhos perpassam a figura minúscula com atenção, e detiveram-se nos olhos esgazeados, antes dele propor com brandura apontando a cama imaculadamente arrumada desde a noite anterior.

- Sente-se, e ouça com atenção.

Com as pernas bambas ela obedeceu sem contestar. Puxando uma cadeira de junto a mesa redonda num dos cantos do quarto, ele sentou-se tão próximo que o calor de seu corpo alcançava a pele da garota assustada.

- Reconheço seus temores; tanto quanto as necessidades dessa união. Embora a ideia do casamento não tenha sido minha. Não sou o monstro que você idealiza. Estou disposto a conceder-lhe o tempo necessário para consumir nossa união. Mas, nosso acordo jamais poderá ultrapassar o batente da porta. Do contrário,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

retirarei minha promessa e desfrutarei das dádivas renunciadas.

Estática, Cora ouvia tudo com a respiração suspensa, buscando entender o que ele lhe propunha. Sua única certeza era que guardaria as palavras como trunfo de sua salvação. Ante seu silêncio o rapaz indagou persistente.

- Você compreende o que estou dizendo?

Cora apenas maneou a cabeça em anuência e continuou olhando-o com pavor. Proferindo uma praga ininteligível o rapaz guardou a cadeira junto da mesa e anunciou aferrado.

- Procure aprender os ensinamentos da tia Eleonor, para o seu próprio bem. Igualmente respeite o meu pai!

A seguir Blazio atravessou o quarto, e antes de ultrapassar o batente da porta concluiu prudente.

- Durma sobre a cama; não quero vê-la com pneumonia!

PERIGOSAS ACHERON

Finalmente, Blazio saiu, fechando a porta com suavidade. Pausadamente, Cora soltou a respiração com os olhos fixos às tábuas resistentes da porta.

Capítulo 2

Encolhida sob as cobertas feitas de penas de ganso, Cora fora arrancada de seu sono profundo ao raiar do dia, com berros e safanões de tia Eleonor.

- Levante-se menina; temos muito o que aprender hoje.

Cora pulou desorientada das cobertas ao deparar-se com a mulher abrindo as janelas. A brisa matinal atravessou o ambiente arrepiando-a de frio e assombro. Com severidade, a mulher, apontou para o vestido rústico depositado no encosto da cadeira, junto à mesa num canto do quarto. O vestido ficaria um tanto folgado, e parecia um saco de batatas com mangas, mas serviria para os trabalhos predestinados. Ao passar o vestido pela cabeça e deixá-lo pender até o chão, Cora sentiu-se minúscula e tão infeliz quanto o espantalho da roça

PERIGOSAS ACHERON

de arroz que a mãe acabara de cultivar.

A paisagem encoberta por uma espessa camada de neblina contribui bastante para a condição depressiva da garota, ao ser forçada a juntar as vacas espalhadas pelo pasto para a ordenha matinal. O orvalho logo encharcou o tecido grosseiro do vestido até a altura dos joelhos, mas sob o olhar atento da mulher ela reuniu todas as vacas no curral.

Cora nunca precisou tirar o leite da única vaca magrela de sua casa, isso era tarefa exclusiva da mãe. Aparentemente, tia Eleonor acreditava que uma menina de onze anos poderia facilmente tirar leite de uma dúzia de vacas.

Com a supervisão atenta da mulher, Cora cortou e encheu os cochos dos animais com o capim colhido na véspera; E, munida com baldes e caneca ela iniciou a ordenha. A mão minúscula mal contornava os tetos volumosos, ainda assim, Cora imprimia toda sua força para extrair o leite das tetas.

PERIGOSAS NACIONAIS

A árdua tarefa tomou quase duas horas, por fim os dedos dormentes já não sentiam as escoriações da tarefa. O trabalho apenas começara, porque, a seguir o leite fresco passaria pelo processo de higienização e pasteurização manual, findando apenas quando os queijos já estivessem devidamente acondicionados na despensa.

As semanas seguintes ao casamento, os homens da casa desapareceram como por encanto da propriedade, no entanto ninguém comentava sobre o paradeiro deles. Envolta num mundo de sombras desconhecidas, as noites recaiam tenebrosas nos recantos da casa, e Cora podia apenas presumir que o fazendeiro e seu filho estavam na lida, conduzindo a boiada de um território a outro.

Como um ‘general’, Eleonor instruí Cora nos afazeres domésticos desde o amanhecer até cair quase desmaiada na cama, enquanto a filha mimada espreguiçava-se no cobertor junto à sombra das árvores, num ponto elevado próximo a casa, lendo seus belos livros de romances.

Os dias transformaram-se em semanas sem a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

presença dos donos da casa, e Cora conformava-se passivamente com o seu rude aprendizado. De tempos em tempos, os homens apareciam, por apenas alguns dias, para logo desaparecerem na lida do gado. O convívio com eles se restringia às refeições noturnas e breves relances pelo corredor. Enfim, restava-lhe as duas mulheres para esfolá-la dia após dia.

Com esfregões e desinfetante, Cora terminou de limpar o chão da cozinha. Passou uma mistura de cera de abelha, querosene e ocre, um selante brilhante para revestir o assoalho de madeira. Por fim, num silêncio alienado, a menina aprecia o brilho do assoalho amarelinho a refletir os móveis do ambiente com perfeição.

Mas, inesperadamente algo passou raspando sua cabeça, espatifando-se no chão imaculado. Bem diante dos olhos de Cora, um cesto cheio de terra apodrecida, deixava seu rastro e findava o trabalho.

Ao voltar-se estupefata, Cora viu Rosalva escapulir atrás da parede da cozinha em risadas satíricas. Impensadamente, Cora correu atrás dela e

PERIGOSAS ACHERON

desferiu seu ataque de fúria, socando e chutando suas canelas como se o demônio a arremessasse. Os gritos das garotas eram ouvidos ao longe, até que Eleonor conseguiu imobilizar Cora enfurecida.

- Pare já com isso, sua louca!

Com a respiração arfante e esfregando os hematomas desferidos na agressão, Rosalva choramingou sua mísera fragilidade.

- Mamãe, ela me atacou!

Sob as mãos severas da mulher, Cora expressava sua aversão com faíscas coléricas, enquanto Eleonor tolhia seus avanços contra a garota magricela. Cora tinha apenas onze anos e sua estrutura inferior não alcançava nem a cintura de Rosalva, mas ela conseguira acertar-lhes uns bons sopapos. Rosalva era magrela e parecia quebrar-se ao meio ao menor sopro, mas ela excedia em perversidade.

Para esfriar os ânimos das garotas, Eleonor elevou a voz num comando acirrado. Obrigou Cora a terminar o serviço na cozinha, e lembrou-a de que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o frango para o jantar, ainda estava no viveiro à espera de abate.

Infeliz e extremamente zangada, Cora recolheu o cesto de terra e limpou a sujeira do assoalho com redobrado vigor. Sobre a chapa do fogão a lenha a água fervia para depenar o pobre frango, que, de olhos fechados, Cora cortou-lhe o pescoço.

Pela primeira vez na vida, Cora compreendeu que, o saboroso ensopado na casa da vovó aos domingos, provinha do extermínio de outro ser, e ao revirar os pedaços de frango com temperos na panela, ela procurava esquecer seus gritos e tremores causados por suas mãos.

Sua recusa quanto a aceitar o pedaço de carne, era incompreendido pelas pessoas a volta da mesa do jantar. Mas, Cora não ligava, nem reclamava de coisa alguma, mesmo quando o marido inquiria sobre seu dia. Entretanto a resposta às perguntas pertinente era respondida prontamente por Eleonor.

- Meu querido sobrinho, não se preocupe; ela vai aprender!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O brio orgulhoso de seus feitos não alcança os olhos de Eleonor, apenas distendem-lhe brevemente os lábios murchos. Cora encolhia-se gradativamente, igual uma concha no mar revolto, porquanto ali, como no seio familiar, ela também não podia expressar seus sentimentos.

Ante seu silêncio, Blazio fixou seus olhos por um momento, antes dela desviá-los para as próprias mãos esfoladas. Um longo suspiro cansado brotou de seus lábios rosados, ao fim de mais um dia atribulado.

Por um momento apenas, Blazio permaneceu ao seu lado enquanto a acompanhava pelo corredor em direção ao interior do quarto conjugal. Agora, o som das botas masculinas repercutindo no assoalho de madeira, acarretava um misto de terror e alívio ao seu retorno. Contudo, imaginar-se sob a severa vigilância da tia Eleonor, lhe parecia ainda mais pavoroso.

Ao batente da porta, mais uma vez Blazio se despediu com um breve cumprimento e recomendações.

PERIGOSAS ACHERON

- Durma bem. E, escute os conselhos da tia.

Cora fechou a porta do quarto com um suspiro abrandado. Curiosamente, ela desejou saber onde aquele homem dormia depois que a deixava no quarto. Provavelmente a família desconhecia aquele hábito, porque ninguém menciona o fato.

Blazio cresceu retraído desde que ficara órfão de mãe, mas suas ordens na administração da fazenda eram cumpridas sem discussão. Apesar de criá-lo com punhos de aço, o velho fazendeiro também acatava seu comando sem contestar; por isso, Cora não compreendia porque ele a tratava com passividade ante sua rebeldia, e tentava reconhecer no homem robusto, algum sinal de impaciência. Contudo, Cora estava tão cansada, que ao tombar na cama, mal tinha tempo de fazer suas orações antes de cair no sono profundo.

As manhãs revolviam sua existência e extinguíam totalmente a apatia ao ser acordada com impaciência por Eleonor. A ordenha das vacas tornou-se frequente como se a tarefa nunca fora efetuado por outro alguém. Os queijos de excelente

PERIGOSAS NACIONAIS

qualidade que Cora aprendeu a fazer, se acumulavam na despensa até o fim da semana quando eram enviados ao empório comunitário.

As bolhas em seus dedos brotavam diariamente ao tomar a corda do latão de água, que ela frequentemente carregava do poço para encher o tacho reserva, perto do fogão a lenha.

A bomba manual sobre o poço guinchava ao espirrar a água fresca da boca curva para dentro do latão. Duas vezes ao dia, ela refaz o trajeto da casa ao poço quinze a vinte vezes, para abastecer o tacho. As pernas frágeis tremiam para vencer a picada íngreme e pedregosa, mas Cora não esmorecia.

Enfim, as obrigações de Cora no aprendizado doméstico pareciam intermináveis, e já não suportava refazer as mesmas tarefas inacabadas, ante a severa supervisão de Eleonor. Precisava trabalhar sem descanso desde o amanhecer, e ainda suportar os escárnios de Rosalva acompanhando-a em todos os recantos da propriedade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Continuamente e sorrateiramente, Rosalva revolvía a casa inteira e indicava a bagunça com o intuito de ver Cora organizar tudo outra vez. Mas, se não fosse o bastante para infernizar sua vida, Rosalva despejava o penico transbordante no chão encerado do quarto dela. O fedor infestava a casa inteira, e a peste ria disfarçadamente, enquanto Cora engolia o enjoo ao limpar a urina fétida. Só a mãe cega, não via a peste que criava; apenas atribuía a leviandade da moça ao distúrbio de sanidade.

A infelicidade de Cora aparecia descrita em seu olhar e reduzia ainda mais a sua estrutura alquebrada. As pernas, de tão finas pareciam se quebrar ao meio, enquanto ela corria para vencer as tarefas atribuídas. E, ante tal constatação, Blazio resolveu seguir seu sonho almejado desde a adolescência. Depois de discutir aferrado com o velho pai sobre os planos de estudar administração, Blazio decidiu ingressar na universidade da capital.

Desde muito jovem, Blazio comandava ativamente os negócios da família, mas já estava cansado da vida agreste, quando poderia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desempenhar qualquer outro ofício briosamente apreciado. Além disso, ele sabia, que ao encargo do capataz experiente e alguns potentes peões, a propriedade desempenharia satisfatoriamente a lida da tropeada com a supervisão inerente do pai.

Filho de um jovem viúvo, logo que conseguiu se equilibrar no lombo de um cavalo, ainda na primeira infância, Blazio misturava-se aos velhos peões na lida da manada, e dormia sobre sacos de mantimentos no relento ao longo das pastagens.

Naturalmente, o menino foi arrebanhando tarefas grosseiras muito além da sua tenra idade, contudo, jamais contestava sua vida áspera abertamente. Apenas, secretamente desejava um mundo menos tormentoso. Também, viver fedendo a gado e esterco, estava esgotando sua paciência. Desejava envergar roupas elegantes, além das rudes de boiadeiro. Mas não era apenas riqueza que Blazio buscava, ele desejava reconhecimento e suntuosidade além da fronteira de sua casa.

O zunzum quanto a sua partida varria as paredes da casa grande, e corroía de aflição o

PERIGOSAS ACHERON

coração de Cora que desconhecia as verdadeiras intenções do potente marido.

Sem argumentos, o pai aquiesceu entristecido a partida inesperada do rapaz, e a ele sobrou-lhe a difícil tarefa de vigiar a jovem nora, enquanto o filho instruir-se-ia no ofício de doutor. Intimamente, Donato reconhecia as ambições do rapaz. No colégio local ele sempre tirava as melhores notas, ansiando alçar voo muito além do imaginado.

Por um momento, Blazio ponderou sua conduta perante o acordo arranjado no seu casamento. Mas, tudo já estava amplamente elaborado em sua cabeça; porque depois de sua partida o velho não ficaria sozinho naquele casarão. O pai teria a companhia da sua jovem esposa como uma legítima filha, para enchê-lo de preocupações e cabelos brancos.

Hipoteticamente, qualquer mulher serviria ao seu propósito, mas havia algo no semblante infantil de Cora, que quase demoveu lhe o intento. Sabia porém, que por trás da acirrada rebeldia, a menina

escondia um coração generoso, que resguardava a sete chaves.

Blazio compreendia que a vida não era uma ciranda perfeita, haveria obstáculos invisíveis, que facilmente poderiam confrontar-lo no futuro. Enfim, tinha consciência de seu ato pouco virtuoso ao desposá-la, mas acreditava na solução lógica dos acontecimentos. Talvez um dia, a criança compreendesse que o sol voltaria a brilhar após a terrível tempestade.

O alvorecer despontava turbulento ante os afazeres tediosos, mas Cora já não se importava e concluía suas tarefas com agilidade surpreendente. E, depois que o marido a abandonara, ela finalmente dormia sem o temor de uma invasão ao quarto. Mas ela procurava ficar fora do alcance dos olhos do velho fazendeiro que parecia espreitá-la com advertência.

Relegada à própria sorte, Cora procurava aprender os ofícios domésticos, simplesmente para esquecer sua ascendência renunciada no dia em que fora prometida àquele casamento. E era quase uma

PERIGOSAS NACIONAIS

sorte, o acúmulo de tarefas, mesmo com a peste da Rosalva a infernizar os seus dias. Aos olhos do fazendeiro, Cora era a única encenqueira, jogando objetos ameaçadores contra a sua frágil sobrinha. Por isso, os castigos sempre recaíam sobre seus ombros alquebrados.

As lágrimas seguras de Cora despencavam apenas na privacidade do quarto, quando as chamas da lamparina se apagavam; mas, reconhecia que era ela a estranha do ninho.

A fome da casa dos pais nunca trouxera-lhe infelicidade; mas, a abundância que a rodeava ali, não saciava sua sede de afetividade. O peito dela doía de saudade dos irmãos pequenos, mas o infortúnio ao qual fora lançada pelas pessoas que deveriam protegê-la, estava secando sua alma.

As semanas transformavam-se em meses, além disso, no fim de cada dia, Cora agradecia por ainda sobreviver. Num dia frio de inverno, as mãos dela quase congelando, na soleira da cozinha, onde lavava as louças numa bacia de argila, inesperadamente, um pedaço de lenha espatifou no

PERIGOSAS ACHERON

chão, junto aos seus pés descalços, quase a matando de susto. O prato ensaboado voou de suas mãos, enquanto Cora pulava e gritava histérica.

O ruído da porcelana se espatifando no chão misturou-se as risadas de Rosalva e ao berreiro de Cora. Numa investida incontida, Cora arremessou contra Rosalva, tudo que conseguia pôr as mãos; e os cacos das louças, pareciam um rastro de guerra atrás da endiabrada garota. Um verdadeiro pandemônio irrompeu na casa, enquanto Cora lançava-se ao encalço de Rosalva porta afora, mas no pátio elas pararam estáticas, ao se depararem com o fazendeiro entrando pelo portão.

Com agilidade, o velho apeou do cavalo e enveredou ao encontro das garotas, já com a cinta na mão. Primeiro foi à sobrinha, que recebeu a cinta sobre suas canelas secas, depois Cora conheceu o verdadeiro peso da chibata; todos os cacos quebrados, pareciam incluídos na soma da chibata, e, só quando Cora pendeu zonza, Donato a libertou de seu punho forte.

- Sua encrenqueira... Espero que aprenda a

lição, enquanto ainda tenho louças na casa!

Cora lamentava sua sina, enquanto corria feito uma flecha pelo pasto, e continuou a correr pela estradinha de terra com um único pensamento. O frio dilacerava seus pés descalços, mas ela sentia muito mais a dor dentro do peito, que o seu flagelo. Ao longe, a casa paterna surgiu como um milagre, mas agarrada às saias da mãe, que acabara de retornar do roçado, Cora não recebeu o alento almejado.

Tentando libertar suas roupas das mãos pequenas, Camélia, num arranque angustiado se afastou, e dentro dos olhos aguados da filha, ela reconheceu tardiamente a sua própria derrota. A cara suja demarcada pelas lágrimas, parecia ainda mais infantil, e nos olhos verdes o amargor refletia o universo tormentoso. Engolindo o nó da garganta, a mulher procurou o motivo da queixa.

- Filha; o que você faz aqui!?

- Por favor, mamãe! Não me mande de volta... Sabe que ele me bate!

PERIGOSAS NACIONAIS

- Por Deus menina, precisa se comportar direito; sabe que aqui já não é seu lugar! Não pode fugir correndo a primeira dificuldade que surgir!

Ante os olhos assustados de toda a família, Cora lançou-se no chão sem forças para ficar de pé, e chorou copiosamente, até ouvir um tropel de cavalo se aproximando. Ereta como uma estátua de granito, Camélia esperou o visitante se aproximar, enquanto o silêncio tornava-se sepulcral dentro da minúscula casinha, onde apenas o soluço involuntário da menina se fazia ouvir.

Com passos firmes e lentos, Donato galgou os degraus de madeira rústica da casa e parou ao batente da porta com o chapéu na mão. Cora prendeu a respiração, e com a mão comprimindo a boca, mitigou os soluços incontidos ante a figura aguerrida observando-a atentamente.

- Volte para casa!

A voz cortou a atmosfera como um raio, imobilizando a família retraída como se ao menor movimento fossem fulminados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com o coração fremindo enlouquecido, Cora maneou a cabeça numa acirrada negação buscando apoio nos olhos da mãe. A mulher estava tão perdida quanto ela, mas suas palavras corajosas mitigaram a soberba do velho fazendeiro.

- Senhor Donato, espero que ela não seja agredida na sua casa...!

Por um longo momento, todos aguardaram o comentário de Donato sem piscar, e enquanto o fazendeiro mirava o rosto endurecido de Camélia, Cora escapuliu sorrateiramente para os confins da residência. Ao voltar-se a procura da garota, Donato contestou breve apontando o ambiente num amplo gesto de mão.

- Sua rebeldia exige pulso firme; ou viveremos num inferno.

Impotente, os ombros de Camélia afundaram combalidos, enquanto saía em busca da criança. Seus passos levaram-na à beira da cama, onde a menina, escondeu-se debaixo, e com amargor, a mãe exigiu que Cora deixasse seu esconderijo.

PERIGOSAS ACHERON

Depois de muito tempo imaginando porque não era protegida contra aquele brutamonte, ela arrastou-se como um camundongo para a boca do gato.

Seus olhos rancorosos alcançaram os da mulher petrificada a frente, mas sua passividade findou quando Donato invadiu o aposento, agarrou-a pelo braço com obstinação e arrastou-a para fora da casa. Cora esperneava como um felino urrando, chutando as canelas do velho fazendeiro, enquanto ele tentava colocá-la sobre o lombo do cavalo. Ante sua total rebelião, o velho desistiu de jogá-la sobre a sela, enlaçou-a pela cintura com uma corda que trazia junto do animal.

A tristeza do olhar materno perdia-se na aferrada viagem de volta à propriedade do fazendeiro. Ao atravessar o vilarejo puxando a menina atrás do cavalo, Donato viu as pessoas emergindo de todos os lugares com seus olhares incrédulos a barbárie visão. E, ante a divergência de opiniões, alguns cidadãos reunidos no botequim e no armazém acreditavam na próspera lição, e acompanhavam emudecidos á travessia vagarosa. No entanto, após a curva da estrada, uma explosão

de gargalhadas ainda alcançou os ouvidos de Cora, enquanto o rancor secava seus olhos e o coração.

Enquanto Cora era subjugada, a agitação na cidade grande tomava todo o interesse de Blazio. Depois da aula que ocupava quase o dia inteiro, os encontros com os amigos ao anoitecer tomavam lhe o resto de energia.

Jovem, bem-apessoado e rico, o rapaz era o centro das atenções e divertido como um livre riquinho, desfilando de carro novo pelas avenidas iluminadas. Em sua mente, enquanto não se formasse administrador, ia desfrutar um pouco de liberdade, antes de regressar ao seu velho e patético mundo.

Esporadicamente, Donato Teixeira deixava a fazenda aos cuidados do capataz e sua inerente cunhada, e enfrentava a longa viagem até a capital com pretexto de efetuar investimentos, e rever seu virtuoso filho. Curiosamente, Cora gostaria de rever o marido, mas ao longo de mais de três anos, às viagens eventuais que o sogro fazia, ela nunca fora convidada, pois estava sempre assoberbada

com as tarefas domésticas e não podia se ausentar.

Num fim de tarde, quando Cora terminava de preparar o jantar sobre a chapa quente do fogão, a infeliz Rosalva jogou sobre ela o gato arisco que apareceu na fazenda. O bichano parecia ter saído do inferno, cravando unhas e dentes na carne macia dos braços e rosto de Cora ao tentar libertar-se do alarido estridente da menina.

No alvoroço, a panela de cozido voou da chapa lançando sua fervura sobre Cora. O fustigado vestido, mesmo cobrindo-a até os tornozelos, não protegeu-a da queimadura inclemente. O seu grito desesperado alcançou até o alojamento dos peões, que findam a lida na fazenda antes de seguirem para suas casas. Desabalada, Cora corria através das pastagens gritando a plenos pulmões erguendo o vestido até a altura das coxas por um pouco de brisa.

Como num raio, os peões apareceram tentando compreender o ocorrido; logo eles conseguiram observar que, por trás dos vergões ensanguentados do rosto e braços da garota retalhado por unhas

felinas, as bolhas das queimaduras nas pernas dela brotavam num medonho aspecto. Mas ela não deixou que ninguém a tocasse e saiu gritando desesperada para a casa da mãe.

A noite despontava com as primeiras estrelas replicando no firmamento quando, finalmente, Cora avistou ao longe um pontinho escuro entre a paisagem. Seu lamento foi distinguido muito antes de sua figura combalida aparecer no portão, onde a família já a aguardava. Incapaz de prosseguir caminhando, Cora parou a uns vinte passos do portão com os braços estendidos, num desesperado pedido de socorro.

Os irmãos adolescentes foram os primeiros a chegar, e sem cuidado a ampara e a carregaram para casa, e apenas, quando a colocaram sob a claridade da lamparina, perceberam que a pele das pernas dela ficou grudada em suas mãos.

Os olhos dos adolescentes encheram-se de lágrimas ante a dor estampada no semblante querido, ao darem espaço para a mãe se aproximar. Com presteza Camélia mandou os meninos

PERIGOSAS NACIONAIS

correndo chamar alguém motorizado para levá-la ao hospital mais próximo. Como uma flecha os meninos desapareceram na noite escura, enquanto os soluços da família misturavam-se ao lamento de Cora, que aos poucos perdia os sentidos, esgotada.

O capataz da fazenda Teixeira estacionou o veículo da família junto ao portão e ajudou os meninos a acomodar Cora no banco traseiro, enquanto Camélia sentava-se ao seu lado.

Cora permaneceu internada no hospital durante sete dias para recuperar-se das lesões, e neste período ela só tolerava no quarto os irmãos e a mãe.

No sétimo dia, quando aguardava a liberação do médico, Cora observava o passar das horas, apreciando o correr das nuvens sob o céu azul, quando seus instintos foram atraídos para os passos firmes atravessando o aposento. Seus olhos opacos abriram-se vivaz ao divisar a figura imponente do homem altivo observando-a num misto de tristeza e admiração.

- Oi! Eu lamento muito...; prometo que esses

PERIGOSAS ACHERON

abusos não vão se repetir!

Uma dor estranha atravessou o coração de Cora ante aquela demonstração fraterna, e uma lágrima quente transbordou seus olhos verdes quando a mão dele afagou suavemente sua testa, enquanto os olhos castanhos capturavam os seus. O frugal contato findou quando a enfermeira e o médico entraram no quarto com recomendações e receitas de medicamentos seguintes.

Apesar de já estar bem desenvolvida para seus quinze anos, Cora sentiu-se minúscula ao ser carregada no colo pelo marido até o automóvel estacionado no pátio do hospital. As pernas envoltas em ataduras até a altura das coxas já não doíam como antes, mas ela precisava repousar até seu completo restabelecimento. O calor dos braços do marido em torno de seu corpo depois de sua prolongada ausência parecia ilusório, contrapondo os anos solitários dentro daquele casarão.

A quietude de Blazio incomodou-a intimamente, porque pela primeira vez, Cora desejou expor seus sentimentos e frustrações

daquele casamento arranjado. Mas ele apenas sorria-lhe brevemente, enquanto dirigia seu suntuoso carro esporte, e discorria ativamente com o pai sobre suas experiências na capital e os planos de regressar já no dia seguinte.

Atenta a conversa dos homens, Cora compreendeu que Blazio perdera provas importantes na faculdade por conta do regresso repentino, e sentiu-se intimamente recompensada. Um suspiro profundo escapou de seus lábios, chamando a atenção dos homens que se voltaram em sua direção. Cabisbaixa, ela desviou os olhos, mas seu riso discreto não passou despercebido aos intrigantes olhos do marido.

Ao depositá-la sobre o leito macio, Blazio ajeitou-lhe os travesseiros sobre a cabeça e sentou-se na beirada da cama. O rosto de Cora, apesar dos curativos ainda exibia as marcas felinas, e nos braços, os hematomas dos dentes ficariam evidentes por muito tempo ainda. Depois de analisá-la por algum tempo, Blazio finalmente se manifestou com seriedade.

- Já conversei com tia Eleonor e ela prometeu tomar providências quanto ao comportamento da filha, além disso, papai vai observar pessoalmente as atitudes dela. Eu tinha outros planos em mente ao me casar... nunca causar-lhe tanta dor!

Cora não conseguia nem respirar ante a declaração sincera, e quase conseguiu perdoá-lo, até ouvi-lo concluir.

- Desejava apenas uma companhia para meu pai enquanto eu estivesse ausente...

Cora empalideceu. Sabia que não era uma esposa adequada, muito menos para um jovem rico, mas ouvir tal confirmação depois de tanto sofrimento golpeou-lhe o coração. Sem coragem de encarar o rosto másculo, Cora voltou-se para a parede, e ordenou intransigente, enquanto o peito ofegava trêmulo, exibindo os contornos femininos num gracioso enlevo.

- Vá embora! Nunca deveria ter voltado...!

Por um longo momento, Blazio permaneceu estático. Apenas as respirações ofegantes deles

PERIGOSAS ACHERON

emergiram do silêncio daquela casa. Contradizendo todos os preceitos, Blazio tomou o rosto dela entre as mãos fortes exigindo atenção. Os olhos assustados dela piscaram frenéticos ante o brilho daquele olhar e sua proximidade, e envoltos numa flama invisível os lábios dela se abriram debilmente ao serem acariciados pela respiração masculina.

Implorando intimamente, Cora desejou provar o sabor da boca dele, enquanto seus olhos desviaram para os lábios sedosos, muito próximos dos seus. Ela jamais fora beijada, nem acreditava ser capaz de provocar tal desejo, mas bem lá no fundo da alma, ela gostaria de experimentar tal sensação.

Apenas um breve roçar de lábios roubou-lhe a respiração. Cora pensou desfalecer quando o calor provocado pelo contato se espalhou feito faísca pelo corpo inteiro. Por um momento, Blazio se afastou, apenas para comprovar o ardor abrasivo dos olhos verdes fitando os seus. A seguir ele apossou-se sôfrego ao doce deleite.

Imediatamente, Blazio soube que jamais experimentara frescor igual, e recorrendo ao

máximo controle das emoções, ele a libertou. Afastando-se da cama, Blazio contrapôs honestamente fitando-a profundamente nos olhos.

- Espere-me... A qualquer momento voltarei para você!

Recuperando-se do deslumbramento momentâneo, Cora atirou o travesseiro contra ele com um grito agastado.

- Desapareça daqui!

A gargalhada vibrou os recantos do quarto e seguiu pelo corredor, enquanto Blazio se afastava rapidamente. Em seu rastro apenas a fragrância masculina declarava sua real presença; e no vácuo de sua trajetória, um novo palpitar fazia o peito de Cora vibrar com emoção desconhecidas.

Capítulo 3

Ao longo dos meses, os dias transcorriam turbulentos, principalmente quando Rosalva estava por perto; mas, Cora aprendera a safar-se das encrências que a peste lhe atribuía, mantendo total vigilância.

Felizmente, quando entrava no refúgio do seu quarto, Cora repassava os bilhetes e cartas que o marido lhe enviava periodicamente após a imprevista visita.

As cartas começavam sempre com um cordial cumprimento, mas continham algumas palavras bem peculiares ao fim de cada mensagem. Muito sutilmente, ele lhe atiçava a curiosidade sensual, ao mencionar o beijo trocado rapidamente, mas, Cora atribuía tal sentimento, ao isolamento próprio de sua existência, mas eram aqueles momentos que

PERIGOSAS ACHERON

tornavam seus dias e noites suportáveis.

Após a visita de Blazio, os presentes também eram frequentes. Tecidos macios e sedosos eram enviados para ela confeccionar seus próprios vestidos; mas, tia Eleonor concedia apenas os tecidos grosseiros para suas vestes, afirmando que tecidos delicados, fitas e rendas, se estragavam facilmente as voltas do fogão a lenha; com exceção dos vestidos confeccionados para comemorar os natais.

Após os atribulados afazeres domésticos, Cora recebia aulas de bordados e alguns truques da costura, ao qual ela já dominava. A máquina de costura, movida a rotação manual, facilitava bastante o desempenho da tarefa, e as meadas sedosas das linhas de bordado e suas cores vivas enchiam os olhos da menina, que aprendia os pontos intrincados com prazer.

Aquecidas junto do fogão a lenha nas tardes frias de inverno, as mulheres aproveitavam o tempo livre para recompor o enxoval. Os tecidos de linho branco com detalhes em cetim, e bordados

coloridos, forravam as camas fofas, e os colchões recheados com palhas de milho bem desfiadas eram reformados todos os anos.

O contorno amadurecido despontava graciosamente no corpo de Cora aos dezessete anos, e suas sardas marrons desapareciam das bochechas salientes e lábios rosados. Mas ela ignorava os olhares indiscretos sobre suas formas no pátio da igreja aos domingos, porque seus olhos estavam sempre à procura dos irmãos e seus risos espontâneos. Felizmente a pobreza persistente da família não apagava a jovialidade dos adolescentes, embora suas mãos calejadas não alcançassem o minguido pão.

As irmãs de Cora contaram com a sorte no amor; e desfilavam faceiras de mãos dadas com os namorados, enquanto ela observava solitária ao longe, sem coragem de aproximação. E, ante seus olhos arredios, ela via a mãe envelhecer visivelmente, enquanto o pai evapora-se pelos confins agrestes.

A afinidade de Cora com a família se restringia

PERIGOSAS NACIONAIS

a cumprimentos cordiais, e sorrisos breves a distância. Mas ela quase conseguia perdoar sua má sorte, ante os olhos opacos da pobre mãe. Ao longe, os olhos verdes de Cora observavam com tristeza, a vivacidade dos irmãos, sem enxergar-lhes as roupas puídas e amarrotadas, desejando também compartilhar um pouquinho daquele amor. Brevemente, eles lhe acenavam, mas a distância a separá-los ia muito além do pátio da igreja.

A vida na fazenda continuava um infundável aprendizado, Cora já podia conduzir a casa com segurança e destreza, como jamais imaginara ser possível. Desde a disposição a mesa requintada e copos de cristais finíssimos, ao mais elaborado cardápio, ela se supera briosamente.

Os cabelos de Cora, outrora desgrenhados, agora exibiam cachos sedosos, refletindo o viço do amanhecer. E do interior do automóvel de luxo do sogro conduzindo-os a capela, ela observava a sua pobre família retornando para casa a pé em ruidosa euforia, enquanto ela prosseguia para seu mundo solitário.

PERIGOSAS ACHERON

Felizmente, o fazendeiro não a importunava, desde que ela seguisse com suas obrigações, os anos contribuíram bastante para sua indiferença e resignação. Inúmeras vezes, os olhos do fazendeiro recaiam sobre ela em minuciosa observação, mas tal análise não a incomodava porque não traziam nenhuma condenação.

Durante as refeições, Cora aprendeu a manter um diálogo lógico com a família, atribuindo o exíguo aprendizado de uma adequada anfitriã. A caligrafia apurada também era testada nas mensagens que Cora enviava ao marido, e era recompensada com inúmeros elogios. Um laço muito fino se estabelecia entre o casal distante, embora ela soubesse exatamente onde terminava seu papel.

Após várias semanas tropeando a boiada para garantir a estabilidade da família, por fim, o fazendeiro retornava para casa visivelmente extenuado.

Depois do jantar substancioso, Cora preparava ‘um escalda pé’ para abrandar lhe o cansaço. E ao

livrar-se da bota de trabalho, o alívio evidenciado no semblante fustigado e senil era recompensador. Ao mergulhar os pés na bacia de madeira o calor da água morna invadia não somente a pele enregelada, mas também o coração.

Aquele pequeno gesto não era mérito de instrução empregado a Cora, atribuía-se unicamente, a sua índole inconsciente. Totalmente alheia à grandeza de seu gesto, ela colocava os tamancos de madeira ao lado da gamela antes de sacar lhe os pés. O diálogo era restrito entre os membros da família, mas Cora aprendeu a identificar nos olhares um mundo de esclarecimentos, e quando o velho fazendeiro seguia para o quarto era visível à serenidade em seu olhar.

Desde que Cora deixou a casa paterna, o sentido das festas natalinas perderam completamente a definição. Mas ela trazia vívido na memória à sensação daqueles dias. E, junto com os irmãos, o aroma dos biscoitos decorados com confeitos coloridos era a maior riqueza que os pequenos poderiam ganhar, ainda assim, a mãe

enfeitava qualquer galho de árvore e acomodava junto ao caule os pacotinhos com o nome de cada um. Por vários dias o cheirinho dos biscoitos alegrava o ambiente festivo, e ninguém se sentia diminuído ou menos amado.

Agora, diante da enorme árvore enviada da capital numa encomenda especial, somado a caixa de enfeites, Cora estremecia de tristeza e solidão. Apenas Eleonor parecia disposta a transformar aquele ambiente taciturno numa agradável festividade.

Sobre aparadores requintados e recantos das salas, as flores exalavam seu perfume, enquanto os tapetes especiais e cortinas de sedas das janelas contribuem para a aprimorada decoração festiva.

Entretanto, nem as cores exuberantes dos enfeites alcançaram os olhos de Cora, que sob a aparente passividade, ocultava as emoções. Tornara-se uma moça linda, e tão insípida quanto os seus anos desperdiçados.

- Vamos meninas, neste ano a árvore-de-natal

ficará com certeza a mais bela!

Alheia a empolgação da mulher, Cora oferecia os enfeites para Eleonor e a filha dispor nos galhos sintéticos da árvore-de-natal.

Desde o início, Blazio não comparecia as festividades de fim de ano, talvez ele nem pudesse voltar, mas mandava os presentes pelo fazendeiro que veraneava nas praias do litoral até a primeira quinzena de janeiro, onde se ausenta continuamente. E num mutismo quase palpável, a ceia de natal era compartilhada igual a tantas outras noites do ano, entre as mulheres solitárias.

Mesmo aguardando-o com alguma curiosidade, Cora já sabia que Blazio não viria aquele ano também, pois ao concluir os estudos o marido já exercia sua profissão nas grandes empresas da capital.

Enfim, Cora vagava pacífica entre os enfeites natalinos, tão frios quanto às paredes daquela casa. No fundo da alma, ela só desejava um abraço apertado de alguém especial. Por um instante, até o

abraço da altiva Eleonor serviria; mas sabia que era pedir demais.

Durante os sete longos anos vivendo sob aquele teto, Cora ganhava na manhã de natal apenas um breve cumprimento e presentes úteis da tia Eleonor, e alguma zombaria da endiabrada Rosalva. Nos primeiros anos, Cora ficou encantada com os presentes oferecidos por Rosalva, para logo perceber que nos pacotes decorados com fitas de seda, ela embrulha cuidadosamente apenas carcaça de insetos peçonhentos ou excrementos de animais. Consequente, os lindos embrulhos paravam na lata de lixo sem qualquer observação.

Após preparar vários pratos elaborados para a ceia de natal, e deliciosas guloseimas que perdurariam na despensa, sem ninguém para compartilhar, Cora fora impelida a se preparar para a ‘missa do galo’, que se daria a noitinha na igreja local.

Depois do banho demorado e vigorosos esfregões nos cabelos longos, Cora finalmente apareceu na sala de estar como uma rosa

desabrochando ao sol. O vestido novo que costurou com o tecido enviado por Blazio, caía-lhe até a ponta do pé com leveza, demarcando seus contornos sensuais com perfeição.

Boquiaberta, Rosalva rodeou-a em meticulosa observação, mas Cora não esperou elogios, pois sabia que não viriam, mas se surpreendeu quando Eleonor congratulou-a orgulhosamente.

- Meus esforços valeram a pena; você finalmente desabrochou!

Mesmo sabendo que o elogio era dirigido apenas à árdua doutrina da mulher, Cora gostou da sensação de apreço, e seus ombros se ergueram inflados. Por trás da soberba de Eleonor havia um traço inteligente nos olhos dela, ao qual Cora percebe gradativamente. Como também seu trato frio estava mudando com o passar dos anos, Cora ficava satisfeita com as discretas congratulações por seus feitos aprimorados.

Sentindo-se estranhamente feminina, Cora sentia o leve tecido envolver suas pernas ao

acompanhar as mulheres e entrar no automóvel estacionado na frente da casa, envolta numa névoa de perfume. Pelo espelho retrovisor, os olhos do capataz e sua esposa acompanharam seus movimentos com admiração e afeto.

O rosto de Cora se enrubesceu num misto de prazer e embaraço, mas sentiu-se animada ao perceber a cobiça nos olhos de Rosalva. Entretanto sua satisfação findou ao acomodar-se ao lado dela e sentir na coxa uma ferroada atroz. Pois, com um riso dissimulado a garota escondia sob a prega do vestido o alfinete que lhe crava na perna. Com um grito aflito de dor e assombro, Cora tentava estancar o sangue manchando seu lindo vestido.

Devido ao tumulto formado dentro do veículo, o capataz parou no acostamento e voltou-se aborrecido ante a leviandade da debilóide Rosalva. Com dedos trêmulos, Cora estancou rapidamente o sangramento pressionando o local com o lenço oferecido pelo motorista, contudo ela não viu o olhar de censura dirigido a sua agressora.

Num mutismo aborrecido, Cora aguardou o fim

PERIGOSAS NACIONAIS

da viagem, sabendo que seu natal seria exatamente igual aos outros. Embora seu exterior mostrasse mudanças significativas, por dentro à solidão já se alojara.

No pátio da igreja, as conversas animadas prenunciava festividades de um novo recomeço ao qual, ela também não fazia parte.

As estrelas replicando o firmamento, mitigam a escuridão dos recantos, que a luz amarela das lamparinas da capela não alcançava. Mas, Cora permaneceu recostada à parede da antiga construção, contemplando a vastidão tão indiferente quanto sua própria existência.

Quando o sino replicou as badaladas derradeiras, todos entraram na capela envolta num devotado louvor. Ao ocuparem o banco lustroso, Cora rezou fervorosamente ajoelhada por um destino melhor, sem perceber os olhares curiosos das pessoas sobre sua bela silhueta, porque apenas os olhares e risos afáveis dos irmãos, ocupando os bancos da frente, penetraram em seu coração endurecido.

PERIGOSAS ACHERON

Indiferente a presença de Rosalva ao lado, Cora acompanhava a celebração natalina, até que repentinamente algo mudou. Tão ínfimo quanto o bater de asas de borboleta a atmosfera vibrou quando alguém sentou ao seu lado.

Primeiro, a fragrância masculina invadiu suas narinas num místico reconhecimento, depois seus olhos perpassam o porte atlético, e pousaram nos olhos castanhos fitando os seus. Blazio trajava-se impecavelmente com elegância, mas seus olhos traziam um brilho diferente ao cumprimentá-la num sussurro.

- Oi!

Por um longo momento tudo à volta deles emudeceu. Cora precisou se beliscar para perceber que não era ilusão, e o riso divertido dele lhe confirmou o fato. Os lábios dela se abriram e fecharam incrédulos, até que Blazio voltou-se para o púlpito e rezou fervorosamente acompanhando o andamento da celebração.

Com os sentimentos caóticos, Cora observou

PERIGOSAS NACIONAIS

que o sogro também regressou e ocupava o banco logo atrás, e cumprimentou-a com cordialidade. Ao se ajoelharem para acompanhar a celebração natalina, o paletó de seda riscada roçou levemente o braço de Cora e o breve contato do tecido acendeu uma chama quente e acolhedora.

Bem! Ela não entendia muito bem o que havia rogado em suas orações, mas suas preces foram atendidas; ‘seu *natal* seria diferente’.

Repentinamente, a noite perdeu seu negrume tenebroso, ao percorrerem o pátio da capela em direção às pessoas, que Blazio cumprimentava, e diante da família de Cora, ele parou e os cumprimentou sorridente.

- Um feliz natal a todos!

Por apenas um breve momento, os olhos de Camélia analisaram o jovem garboso sob a plácida claridade, e sorriu discretamente ao devolver o cumprimento. Por alguns momentos os familiares analisaram o rapaz, mas logo o interesse deles voltou-se para Cora, estática ao seu lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Incrédulos, os irmãos e a mãe indagaram-se em quando havia acontecido a transformação!

Da garota magricela e arrepiada como uma vassoura, já não havia nem sombra. A pessoa que sorria e trazia um brilho reluzente aos olhos, assemelhava-se a ninfa renascendo da floresta. Os lábios corados e bem desenhados, sorriam inconscientes de tal beleza, como também suas formas femininas ondulando em passos delicados.

Não eram apenas os olhos da família que apreciavam o casal, mas toda a comunidade espichava-se para espiá-los melhor. As congratulações ao fazendeiro iam além dos cumprimentos natalinos, traziam uma faceta de orgulho velado diante do filho pródigo e extraordinário doutor.

Aos olhos da comunidade, o jovem Blazio, tão desengonçado e sem atrativos, nunca despertara qualquer mérito; agora ele retornava transformado completamente desde a aparência às atitudes controladas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seu riso discreto era dirigido às pessoas em cumprimentos cordiais, muito diferente do jovem arredio envolto num mutismo inerente, e sua voz grave, traziam traços dignos de mestre, silenciando o resto.

O homem altivo, caminhava agora entre os conterrâneos com discreta ostentação, e o seu riso satisfeito era captado por Cora, que o observava atentamente.

Ao despedir-se dos parentes, Cora recebeu um abraço apertado da mãe, e pressentiu seu suspiro profundo como se um peso enorme fosse retirado dos seus ombros cansados. Cora não compreendeu o significado daquele comportamento, mas não teve muito tempo para ponderar seu teor pois a sua antiga família já partia ruidosamente para casa.

Tia Eleonor, juntou-se à Rosalva, iniciando-se um bombardeio de inquisições durante a ceia de natal, monopolizando a atenção de Blazio como únicas interessadas. A comida saborosa e devidamente elaborada, fora servida por Cora em porções requintadas e elogiada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Após servir o velho fazendeiro e passar o prato ao marido, os olhos deles se cruzaram brevemente num eletrizante contato. Quando os dedos dele tocaram brevemente os seus sob o prato, Cora sentiu-se sufocar, e sentindo-se ridícula, ela desviou o olhar, e tratou de servir as mulheres sem demonstrar qualquer abalo.

Ao levar a comida à boca, os sentidos de Cora não estavam no sabor da refeição, apenas na sensação do calor da coxa dele, pressionando deliberadamente as suas, sob a toalha rendada da mesa. Por mais incômoda que fosse aquela pretensão, Cora sentiu-se impotente ante os sentimentos contraditórios daquele contato, e quando seu olhar buscou o dele, ela quase engasgou ante a intensidade do olhar.

Indiferente ao bombardeio inclemente das parentas a mesa, Blazio replicava apenas com monossílabos e breves sorrisos, pois seus sentidos estavam muito além do diálogo inerente das mulheres.

Logo após a refeição, Cora retirou os pratos

PERIGOSAS ACHERON

antes de servir a sobremesa natalina. O bombocado de coco envolto em chocolate derretia na boca, num prazer indescritível, e arrancava murmúrios gratos dos comensais.

Entretanto, logo a cozinha e sala de refeições ficaram silenciosas, quando a família reuniu-se na sala de estar para a prosa faceira de grandes novidades. Por fim, a atmosfera natalina serenou o ambiente da casa, fazendo com que até a peste da Rosalva parecesse humana ao dialogar animada com Blazio.

Como de costume, Cora colocou os pratos sujos na soleira da janela da cozinha, e começou a lavar a louça do jantar, reconhecendo que ali era seu devido lugar. O avental protege o seu lindo vestido, ainda assim, ela tomou o máximo cuidado para não arruiná-lo com as fuligens do fogão; porque fora a primeira vez que ela sentiu-se bonita e apreciada, principalmente por um intrigante par de olhos castanhos.

Quando terminava de limpar a cozinha, Cora pressentiu a presença de alguém quebrando a

atmosfera, e ao batente obscuro do corredor, Blazio observando-a displicentemente recostado à parede. O rosto másculo estava parcialmente encoberto pelas sombras, mas o brilho dos olhos estremecia o plácido silêncio ao cruzar o ambiente. Incapaz de continuar mirando aqueles olhos reluzentes, ela voltou-se para o chão e inquiriu sem fôlego.

- Você quer alguma coisa?

Com passos lentos ele caminhou ao encontro dela, parando quando seus corpos quase se tocaram. O coração dela começou a bater enlouquecido, a respiração ofegou como se ela tivesse corrido pela estrada de terra até a casa dos pais. Com a leveza de uma pluma, os dedos dele envolveram uma mecha de cabelos ruivos, e tão brilhantes quanto as labaredas das lamparinas que iluminava o ambiente. Era a primeira vez que os dois ficam cara a cara, sem a enfadonha intervenção familiar. Num tom grave e controlado, Blazio discorreu como se admitisse a si mesmo.

- Céus menina; Como você cresceu!

PERIGOSAS NACIONAIS

Um fulgor rancoroso surgiu no semblante dela e alcançou-lhe os olhos verdes. Como um raio, o amargor e recriminação dela também o atingiram impiedosamente.

- O que esperava? que o tempo parasse ao seu bel prazer? Faz mais de três anos...

Diante da hostilidade vívida no semblante juvenil, Blazio soltou-lhe os cabelos como se lhe queimasse-o como brasa, e retrocedeu um passo. Rapidamente, ele refez as contas desde a sua última estada na fazenda, e concluiu sua negligência imperdoável. E para amainar o clima rancoroso, ele improvisou.

- Tem café quente nesse bule?

Blazio apontou o fogão com um gesto de mão, onde algumas brasas ainda resistiam. Com obstinação, Cora correu e pegou uma caneca do armário e encheu-a com a bebida quente. Blazio sentou-se na beirada do banco sob a mesa de carvalho, bebericou o café vagarosamente, e sob a borda da caneca, os olhos dele não perdiam os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

movimentos afobados de Cora, tentando se locomover no ambiente costumeiro, que incapaz de controlar o alvoroço interior, questionava-se como a cozinha espaçosa repentinamente parecia-lhe minúscula!

Eram sentimentos tão impróprios quanto desconhecidos; ao perceber sob a pele, a ostensiva observação dele a base de seus pés descalço sob a barra do vestido, quase derrubou as louças das mãos ao guardá-las no armário.

Sentindo-se incomodado com o alvoroço dela, Blazio quebrou o silêncio, e ordenou com severidade.

- Pare; você está me deixando tonto! Sente-se aqui.

Cora estacou confusa, mas seus pés pareciam pregados no chão. Sentindo-se incapaz de obedecer-lhe ao comando, ela ficou estática no meio da cozinha, olhando-o com obstinação, até que num gesto acolhedor, ele lhe estendeu a mão. Como que guiada por uma força estranha, ela

PERIGOSAS ACHERON

caminhou ao encontro dele, mas ignorou a mão estendida, sentou-se seguramente no outro lado da mesa.

Blazio não conseguiu conter o riso espontâneo ante a prudência exasperada, e reconheceu que merecia aquele tratamento frio, pois, apesar de casados, continuavam completamente estranhos. Obstinadamente, Blazio se prometeu estreitar-lhes o relacionamento, antes de partir novamente para a capital. O pensamento promissor, arrancou lhe um riso discreto que alcançou apenas seus olhos.

Pousando a caneca fumegante sob o tampo lustroso da mesa, ele ponderou amigável apontando-lhe as pernas com um movimento de cabeça.

- Parece que você se recuperou totalmente do acidente!

Cora observou-o estupefata, imaginando-se sob o olhar crítico dele, sob o vestido pregueado cobrindo-a até os tornozelos. Então, sentiu-se corar ao perceber que ele viu-lhe as pernas ao erguer a

saía para subir no banquinho e guardar a louça no armário. Na pele branquinha e acetinada, não havia vestígio de qualquer cicatriz, como se jamais tivessem sido fustigadas. Depois de um momento, ela aquiesceu brevemente.

- Completamente.

- Confesso que sempre confiei nas instruções da tia Eleonor, mas depois do que aconteceu com você, tive medo do comportamento endiabrado de Rosalva!

Embora Cora já não lhe desse as costas, Rosalva vivia em constante observação por todos os membros da fazenda, inclusive os peões, que circulavam os arredores da propriedade, ao qual Cora mantinha uma sutil camaradagem.

Um frisson vibrou o peito dela ante a preocupação inusitada, e gostou da sensação de apreço. Por muito tempo ela viveu a própria sorte, sem ninguém para dialogar ou partilhar seus pensamentos. Agora não sabia o que responder.

- Está tudo bem...

Ante um redemoinho de emoções, e segundos de silêncio envolvendo-os, ela o ouviu garantir com gravidade surpreendente.

- Eu passarei as próximas semanas de férias aqui na fazenda, e quero conhecê-la melhor!

Ante o clamor dos olhos dele, analisando lentamente as curvas salientes de seu corpo com evidente apreciação, Cora piscou desarvorada, levantando-se como se tivesse sido picada por uma vespa. Blazio também se ergueu de um salto, impedindo-a de evadir-se da cozinha, segurando-a firmemente pelo braço.

- Espere menina! Estou apenas propondo-lhe minha amizade.

A voz grave ecoou no recinto com autoridade, contradizendo o que o brilho dos olhos lhe diziam e os lábios bem desenhados sorrindo calmamente. inesperadamente o calor dos dedos dele circulando seu braço, arrebatou-a para junto do seu corpo forte. Enfraquecida de temor e curiosidade ela tremeu involuntariamente ao tocar sutilmente a

PERIGOSAS ACHERON

parede de músculos sólidos.

Como mergulhar num mar revolto, Blazio sentia dificuldade para respirar, enquanto se perdia nas profundezas de seus olhos vítreos, tão amedrontados e lindos, quanto à própria natureza.

Incapaz de resistir, Blazio tocou os lábios dela com os seus num repente, tentando provar a si mesmo que aquela garota ingênua não o dominava. Porém, o encanto sublime quase o enlouqueceu. Mergulhando na suavidade daquela boca adorável, ele conheceu o céu e o inferno em iguais proporções.

Após a surpresa do rompante, o prazer indescritível invadiu seus corpos num chocante deleite, sem desviar os olhos dos dela, Blazio a libertou ofego, a seguir ele se afastou em despedida.

- Conversaremos amanhã! Boa noite *querida*.

Cora acompanhou mentalmente os passos dele desaparecendo no corredor, até cruzar a porta do quarto, onde ele certamente passaria a noite.

PERIGOSAS ACHERON

Depois, ela gastou vários segundos em ponderação, até que, finalmente conseguiu se mover do lugar.

Por fim, nem precisou pegar a lamparina para iluminar o caminho, seus instintos a guiaram diretamente ao quarto. Como se flutuasse em nuvens, ela tirou cuidadosamente o vestido novo e o pendurou no encosto da cadeira, junto à mesa do quarto.

A camisola de algodão envolveu seu corpo trêmulo, mas o frio não era o causador do frisson. Cora jamais se sentira tão acalorada, nem tão esquisita, enquanto a palavra desconhecida replicava continuamente na memória. ‘*Querida... Querida.*’ Era, sem dúvida, a palavra mais estranha e esplêndida que já ouvira em toda sua vida. Tanto quanto o calor dos lábios dele, que permaneceu em sua boca, num estranho formigamento. Lágrimas silenciosas inundaram seus olhos e deslizaram pela face, até o travesseiro.

Por fim, ela rebelou-se agastada. Aquele homem, apareceu repentinamente, e revolveu os seus sentimentos duramente controlados. Justo ele,

PERIGOSAS NACIONAIS

que sempre fora o causador de sua desgraça. Seria inaceitável ficar toda derretida diante do seu riso e olhar adulator.

Agitando-se insone durante toda a noite, pelo simples fato de compartilhar o mesmo teto, Cora abandonou a cama quando o dia despontou no horizonte.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

As obrigações de Cora não conheciam limites, nem dias festivos; então no natal também não seria diferente!

Enfim, ela já não se importava. Depois da ordenha, ela colocaria o café da manhã na mesa para os donos da casa e suas hóspedes permanentes, depois prosseguiria incógnita aos seus afazeres. Arrancando-a dos pensamentos enfadonhos, Cora viu através das ripas de madeira do redil da ordenha, um enorme par de botas lustrosas.

Rapidamente, ela percorreu as pernas recobertas com a calça de brim surrada que Blazio usava, e alcançou sua face sorridente. Com o rosto iluminado, pelos primeiros raios solares despontando no firmamento, os olhos dele capturaram os dela, observando-o com censura.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Também não conseguiu dormir?

Recriminando seu coração por bater enlouquecido, em plena luz do dia, Cora desviou os olhos daquele rosto sorridente, e tentou concentrar-se na tarefa da ordenha. Entretanto, como ignorar sua proximidade, quando cada célula de seu corpo registrava a presença máscula ao alcance da mão.

Os comentários dele descritos nas cartas durante sua ausência, mexiam com suas emoções, e ela podia esconder seu rubor no travesseiro. Agora, não sabia o que fazer com a sua proximidade!

Obstinada, ela se obrigou a permanecer no mesmo lugar, mas desejava fugir de seu alcance feito uma desesperada. Por fim, enchendo-se de coragem, ela o confrontou.

- Posso saber por que você está fazendo isso?

Blazio recostou-se nas ripas do curral com displicência, enquanto um riso fortuito brincava em seus lábios. E, com um leve arquear de sobrancelha, indagou distraído.

PERIGOSAS ACHERON

- O que! Seguir você?

- Também. E amolar-me com essa conversa fiada!

Por alguns segundos, a atmosfera pairou sob suas cabeças numa eminente repreensão. Era de conhecimento geral o rigor daquele homem no comando dos negócios da fazenda e subordinados; além disso, Cora sabia que sua afronta não tinha precedente, porque Blazio sempre lhe fora leal.

Com olhos vidrados, ela aguardou a resposta rude, e se surpreendeu quando ele lhe sorriu abertamente.

- Querida, guarde suas armas; minha intenção não é chateá-la...

- Não...?

O brilho dos olhos castanho se escureceu, roubando-lhe o fôlego, e ela arfou como se ele a tocasse sutilmente. Como pressentindo a atmosfera carregada, à vaca mugiu impaciente, arrancando-a da magia ao qual fora lançada. Com dedos afoitos,

PERIGOSAS ACHERON

ela terminou a ordenha, quando Blazio afastou-se da estrebaria com um riso curioso, recomendando-a que terminasse a tarefa antes que o leite azede.

Ao retornar para a cozinha, Cora encontrou o fogo ardendo sob a chapa do fogão, e Blazio aguardando-a recostado nos tijolos aquecidos. Incapaz de controlar o rubor das faces, ela guardou o leite na despensa, e colocou uma generosa quantidade de leite fresquinho para ferver. Enquanto ela preparava o café, pressentia os olhares de Blazio acompanhar seus movimentos com um riso disfarçado, alcançando lhe os olhos.

A mesa ricamente ornamentada com toalhas de rendas e louças de porcelana, celebrava a linda manhã natalina, e ela ocupava-se em colocar os biscoitos de natal em utensílios requintados, ciente da observação ostensiva do marido.

Quando já estava no limite de sua paciência, tentando ignorar a presença dele e ao ponto de explodir irritada, resolveu encará-lo severamente. Mas, simplesmente, seus lábios se abriram e fecharam sem emitir som algum, diante dos olhos

enigmáticos. Estático, Blazio estendeu-lhe a mão num convite irresistível. Por um segundo, ela se negou a obedecê-lo, contudo, sentindo-se a ponto de fraquejar, agradeceu a intervenção providente de tia Eleonor, adentrando na cozinha com alarido festivo.

A saudação foi acompanhada de um beijo estalado na face do sobrinho, enquanto Cora escapulia do recinto a aproximação do resto da família para a farta refeição. Ao embrenhar-se pelo corredor com passos ligeiros, uma voz grave e firme a fez estagnar.

- Espere! Aonde você vai?

Estática, Cora parou sem encarar o homem intransigente, que com passos firmes ressoando no assoalho de madeira se aproximava rapidamente. Sentindo-se ridiculamente pequena, ela aguardou a reprimenda de Blazio, imaginando o que fizera para provocar-lhe tal rigor.

Cabisbaixa, ela imprimiu serenidade, quando na verdade, estava a ponto de explodir num

sentimento mais forte que todo o ódio que sentira a princípio, e num sopro de voz, ela concluiu sem encará-lo.

- Terminar minhas tarefas... Você quer alguma coisa?

- Olhe para mim!

Não era simplesmente um pedido, havia uma conotação desesperada, fazendo-a vacilar. Sob a penumbra do corredor, ela ergueu os olhos assustados e perpassou o rosto moreno, até alcançar seus olhos castanhos.

- Esperava partilhar da refeição especial ao lado da minha família, ao qual você também faz parte!

Os olhos de Cora se abriram expressivamente admirados ao indagar.

- Eu...!

- Preciso lembrá-la que é minha esposa?

Cora estremeceu. Nunca conseguira esquecer,
PERIGOSAS ACHERON

nem por um segundo, que fora arrancada do lar paterno como um frango no galinheiro. Sabia exatamente a que fora doutrinada naquela casa, e sabia que desempenhou o seu papel muito bem; mas, esperar que ela nutrisse qualquer vínculo afetivo com os membros da família, era esperar demais.

Ela já tolerou abusos de todas as espécies para alcançar objetivos que não eram seus, tampouco, esperava congratulações, muito menos as atenções de um marido ausente. Engolindo o nó da garganta, ela rebateu seca.

- Ninguém me permite esquecer!

Ele se aproximou e envolveu seus ombros, com dedos firmes, numa disputa íntima de iguais proporções de esganar ou beijá-la. Por fim, ele respirou pausadamente e falou ameno.

- Cora...! Proponho uma trégua amistosa neste dia de natal; junte-se a família!

A fim de paz futura, ela aquiesceu indiferente. Ao adentrar na sala de refeições, à frente de Blazio, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cora não conseguiu encarar as mulheres, observando-a seguramente com assombro, mas ouviu um breve rosar reprovador da prima ranheta.

O aroma da comida logo a envolveu e renovou seu ânimo a primeira bocada. No fundo do coração, sem saber o que esperava, ela exultou a presença do marido em casa. Agora sabia que o rapaz que deixou a vida pacata de boiadeiro, já não era o mesmo. Enfim, não conseguia definir se era para melhor ou pior, só tinha uma única certeza, sua paz de espírito estava definitivamente encerrada; principalmente, depois do beijo da véspera.

Enquanto transcorria as conversas à mesa, Cora permanecia envolta em seu próprio universo solitário, e estremeceu involuntariamente, quando o timbre grave da voz do marido ao seu lado lhe incluiu na conversa.

- Você, gostaria de passar alguns dias comigo na capital?

Depois de um momento, em que a atmosfera

PERIGOSAS ACHERON

parecia ter estagnado sob suas cabeças, ela titubeou uma resposta. Talvez fosse a oportunidade perfeita para escapar do cativeiro, mas seguir numa viagem ao lado daquele homem era ainda mais assustador...

- Eu... Não!

Capturando os olhos dela com atenção, Blazio analisou sua recusa com seriedade, depois com um sorriso conciliador, retomou a conversação com o pai como se jamais a tivesse questionado.

Um misto de dor e alívio mesclaram o peito de Cora ao ser relegada ao esquecimento tão facilmente.

Céus, estava farta daquele jogo diabólico, e irritada consigo mesma por não se impor aos caprichos dele. Além disso, ela já se habituara à estrebaria, devia saber que Blazio estava apenas caçoando.

Ao fim da refeição, a casa inteira repentinamente ficou deserta, enquanto o dia transcorria lento e ensolarado. Cora corria de um

PERIGOSAS ACHERON

canto a outro para concluir seus afazeres domésticos, mas mantinha os sentidos em alerta, tentando identificar os ruídos na esperança de ver o fazendeiro e o filho retornando da vistoria a propriedade.

Finalmente, Blazio parecia interessado nos negócios da fazenda, procurava se inteirar dos procedimentos com os rebanhos reunidos no picadeiro, prontos para o envio à cidade vizinha. Agora, seu diploma executivo poderia ajudá-lo na administração da fazenda, mas o pai sabia que era o tino e a experiência que comandava o olhar do rapaz.

Ao lado do velho fazendeiro, Blazio esquecia os longos anos estudando, e voltava a ser o peão audaz, sob o lombo do vigoroso alazão.

Quando os homens retornaram a sede principal, a noite envolvia os caminhos ao longo da propriedade, mas a direção para casa permanecia vivida na memória do jovem fazendeiro. Ao se aproximarem do casarão, iluminado com a luz amarelada dos castiçais, Blazio lembrou-se da

minúscula criatura esgueirando-se pelos cantos, como faísca emergindo das chamas.

Da criança magricela que ele obteve como esposa não existia mais nada, desabrochara uma escultural mulher para assombrar lhe a conduta atribulada. Ainda assim ele captava apenas o brilho de seus lindos olhos verdes, tão obstinado quanto antes.

Emergindo do silencioso sertão, o tropel dos cavalos alcançou os ouvidos atentos de Cora, muito antes da silhueta dos cavalheiros surgir no firmamento. Como um lírio campestre, Cora aguardou os homens ao batente da porta escancarada. A aragem sacudiu seu vestido rústico e o avental branco, igual a chama acesa da lamparina pendendo em sua mão. A figura etérea, parcialmente iluminada, prendeu os olhos de Blazio num encantamento adverso e indevido.

Não era o facho de luz provindo das aberturas da casa que guiava os peões e sim a incrível visão, desfazendo todo o cansaço da longa empreitada ao qual Blazio já não estava acostumado. Ao

desmontar do cavalo junto à estrebaria, os passos de Blazio ganharam nova vitalidade e teria corrido ao encontro de Cora, se o pai não tivesse se manifestado ao lado.

- E então filho, matou a saudade do campo?

Blazio levou alguns segundo para compreender os comentários e sorriu em anuência, sem tirar os olhos da hipnotizante visão. Assim que os fazendeiros se aproximaram, Cora deu passagem, num mutismo constrangido. Logo, os homens foram envolvidos pela atmosfera agradável do interior da casa, onde o aroma da refeição espargia do fogão atizado.

Sob o aparador da sala de entrada, a água fresca da bacia de esmalte já os aguardava e aproveitando-se do agradável frescor, Blazio mergulhou o rosto na água cristalina para remover o pó da estrada antes das mãos e braços.

Quando Blazio terminou a higienização, seu olhar buscou os de Cora observando-o, há alguns passos de distância. Por uma fração de segundos a

atmosfera pairou, até que Rosalva irrompeu afobada num encontrão proposital contra Cora.

Sem compreender o reflexo apurado, Cora se viu amparada por braços fortes ao cambalear perigosamente para trás. Ela levou alguns segundos para recobrar o equilíbrio das emoções, ante a proximidade masculina. Céus! Ela percebeu que era mais fácil quando sentia apenas ódio por aquele homem, agora não entendia o que estava sentindo, nem a fraqueza de suas pernas bambas.

Aprumando a frágil garota com agilidade, Blazio voltou-se para a prima com censura, mas a tia já os alcança e arrebanha a filha para seu lado com preocupação.

- Rosalva, comporte-se...!

Blazio libertou Cora e se voltou às mulheres com olhar reprovador. Depois ele escoltou-as a mesa de refeição com semblante carrancudo.

Na mesa posta com requinte, as iguarias elaboradas para o jantar abrandaram a atmosfera carregada. O aroma do pernil assado e rodeado com

PERIGOSAS ACHERON

batatas douradas, logo aguçou o apetite de todos enquanto era fatiado pelo fazendeiro a cabeceira da mesa, logo após as orações. A carne foi servida em porções generosas, acompanhada de pão recém-assado e salada de verduras colhidas no próprio quintal.

A primeira bocada, Cora foi congratulada pelo brilho descrito nos olhos dos comensais e o prazer de preparar a elaborada refeição ficou comprovado em seu próprio paladar.

Enquanto a família compartilhava e planejava o futuro em comentários risonhos, apenas Cora permanecia calada. Propriamente excluída da aprazível conversa ela quase desmaiou quando Blazio voltou-se em sua direção e questionou-a com gravidade.

- E você, também tem planos para o futuro?

- Eu...?

Blazio instigou-a com o olhar enquanto ela variava entre o lívido e o escarlate, diante de todos os semblantes curiosos, observando-a

PERIGOSAS ACHERON

indiscretamente. Respirar já parecia uma recompensa suficiente; além disso esperar mais o que de sua escravidão imposta!

Se pudesse escolher, fugiria daquela casa e daquele vilarejo opressor, ao primeiro raiar do dia. Não fazia a menor ideia do que existia além do horizonte, mas nada poderia ser tão rude quanto seus dias enfadonhos naquela casa. Não existia alternativa para a mulher e sua liberdade, há muito fora tolhida por quem lhe deveria proporcionar. Que espécie de futuro poderia reivindicar?

Erguendo os olhos verdes de suas mãos esfoladas ela fitou-o dentro dos olhos e o questionou descrente.

- Tenho escolha...?

Por algum tempo, a atmosfera pairou como a espera da tormenta, mas o brilho dos olhos castanhos instiga-a a honestidade. Incapaz de se expor diante da família, Cora maneou a cabeça e envergou os ombros com indiferença.

Inesperadamente, Blazio sorriu em anuência,
PERIGOSAS ACHERON

voltou-se para a família, e continuou a conversa, sem ater-se ao desconforto da mulher ao seu lado, enquanto sua perna pendia propositalmente de encontro a dela, por baixo da toalha de linho branco.

Como se tivesse levado um açoite, Cora retirou a perna com um pulo repentino. O riso disfarçado dele alcançou apenas os ouvidos dela, e estremeceu lhe as entranhas, num estranho furor.

Cora sentiu-se enfurecida por dentro, mas sua face austera não transmitia tal furor, enquanto aturava a importuna presença masculina, e o calor eletrizante da perna dele, raspando-a delicadamente sob a mesa.

Todavia, as investidas impertinentes de Rosalva, findaram definitivamente a capacidade de Cora, porque, aproveitando-se da distração da mãe e membros da família, a moça jogava nacos de comida mastigada no seu prato com a agilidade de um gato.

Suspirando agastada, Cora afastou o prato

praticamente intocado, mesmo com a fome a corroê-la por dentro. Aquele gesto torpe de Rosalva arrasava o prazer da refeição, tanto quanto a conversa interminável da tia Eleonor.

Com a testa franzida, Blazio perpassou seu prato cheio numa silenciosa indagação, mas Cora esperou que ele não questionasse sua falta de apetite. Enfim, Blazio voltou à atenção para o pai, e fez inúmeros comentários sobre os amigos que fizera na cidade. Algumas lembranças trouxeram um riso frugal e um tanto libertino ao rosto do rapaz, trazendo desconforto incompreensível ao peito de Cora, e um brilho preocupante no semblante paterno.

- Talvez recebamos a visita de alguns amigos meus durante as férias...

O prazer antecipado da visita traçou um riso largo aos lábios do rapaz, mas, sua evidente satisfação, mesclou o peito de Cora num conflito de emoções. 'Ele estava na fazenda apenas um dia! Seria possível que já estivesse sentindo falta da agitação e companhia dos amigos! Era bem

provável que sim;' ela intuiu silenciosa.

O casamento deles arrastava-se por mais de oito anos, e Cora via a vida passar como as nuvens cortando o céu num prenúncio de tempestade. Temia jamais sair daquele território agreste, e parecia fadada ao esquecimento. Até os irmãos que moram a poucos quilômetros de distância, esquecia-se de que um dia ela fizera parte daquela família. Os mais velhos e casados, já haviam se retirado para a cidade grande, os outros certamente seguiria-os pelo mesmo caminho.

Um suspiro profundo brotou do seu peito oprimido, guiando o olhar de Blazio num repente em sua direção; mas, ela permaneceu indiferente ao olhar do marido, que ante seu semblante distante, ignorou por um momento a conversa animada que mantinha com o pai.

Naquele momento, ele desejou sinceramente conhecer-lhe os pensamentos, mas temeu jamais conhecê-la intimamente. O casamento conveniente não passava de mera formalidade. Talvez já estivesse na hora de mudar a trajetória dos fatos. O

pensamento trouxe um riso fortuito aos lábios, e aqueceu-lhe o ego.

Durante aquele longo dia, Cora aguardou o retorno do marido dos confins da propriedade, enquanto os sentimentos seguiam para o desespero. Ela simplesmente não compreendia o clamor exultando lhe os anseios, porque quando se casaram nutria por Blazio apenas aversão, agora ela parecia cair numa fomalha incandescente a simples proximidade.

Ironicamente, ela também fora incapaz de ignorar o atroz aborrecimento, quando Blazio menciona a visita dos amigos da faculdade, principalmente de mulheres compondo seu círculo libertino.

- Serão férias diferentes! Vai ser divertido observá-los no meu quintal! Dizem que sou um peixe fora d'água lá! Quero ver quanto tempo aguentam sem aquela agitação toda...

Mas quando seu olhar captou um misto de expectativa nos da Cora, seu riso se desfez

PERIGOSAS NACIONAIS

gradativamente. Repentinamente, não lhe agradou colocar sua linda e ingênua esposa, diante dos seus fanfarrões amigos. Logo reconheceu que a ideia não lhe agradou em absoluto.

Enquanto Cora organiza as tarefas na cozinha, ouve as conversas animadas na sala de estar, mas apenas uma voz grave e vibrante parecia sobressair dos demais.

Sentindo-se triste e solitária, Cora terminou seus afazeres e se encaminhou a parte posterior da casa, onde ficava o quarto de banhos. Depois de encher a banheira com a água quente transportada em baldes, e abastecer o fogão com tachos de água para o resto da família, ela finalmente mergulhou o corpo cansado da água morna.

Sua fadiga repentina não se devia ao trabalho; provavelmente tinha nome e sobrenome, mas Cora se recusava a proferi-lo sutilmente. Agora precisava encontrar o equilíbrio para suportar os dias que estavam por vir, precisava preservar seu tolo coração, ou estaria perdida.

PERIGOSAS ACHERON

Quando a água tépida relaxou os músculos tensos, Cora emergiu num frescor perfumado. Depois de esvaziar a banheira e preparar o ambiente para outro membro da família, ela disparou pelo corredor escuro em direção ao quarto.

Com os cabelos molhados envoltos na toalha, coberta até a ponta do pé com a camisola de algodão branca, ela parecia uma alma vagando nas brumas escuras do corredor. Ao batente da porta, Blazio a aguardava recostado as tábuas lustrosas.

Cora levou um segundo para reconhecer a silhueta emergindo da escuridão, e estacou aflita; certamente ele também poderia ouvir seu louco coração bater feito um tambor, enquanto o calor ruboriza seu rosto.

Sem desviar o corpo da madeira maciça, Blazio abriu a porta do quarto às suas costas, permitindo que a luz pálida do luar alcançasse a bruma do corredor, para iluminar lhe o rosto. Os olhos verdes saltavam de suas órbitas, como olhos de uma gazela enfrentando um leopardo.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Sossegue *querida*, vim apenas desejar-lhe boa noite!

Estática e descalça no chão de tábuas enceradas, ela parecia pregada com mil grilhões, e era impossível transpor a batalha silenciosa de seu próprio corpo ingênuo, tragando-a às profundezas desconhecidas. Ironicamente, ela desejou sentir os lábios dele colados nos seus, esquecer as inúmeras recomendações e prudência àquela insanidade. Diante dos olhos castanhos, captando suas batalhas perdidas, o peito dela arfava, como se corresse contra o vento do temporal.

Blazio reconheceu o quanto aquela garota aticava lhe o vulcão cuidadosamente controlado; além disso, sabia que ela não tinha consciência da própria sensualidade, mesmo envergando aquela mortalha singela. Naquele instante, ele desejou o brilho do sol para captar as nuances que a plácida lua mal permitia. Contudo, já conseguia vislumbrar-lá até de olhos fechados.

Sem resistir, ele esticou a mão e tocou-lhe o rosto abrasivo. Como se tivesse vida própria, os

PERIGOSAS ACHERON

dedos percorreram a pele quente e macia dos contornos delicados, detendo-se nos lábios sedosos, como a provar sua textura. Prestes a correr feito uma flecha, Cora foi tomada pelos lábios dele pressionando-lhe a boca molhada. Instantes depois, a consciência bravia cedia lugar à sensação devastadora e extasiante da boca dele, explorando, sugando, e exigindo sua completa rendição.

Enfraquecida de desejo, Cora tombou de encontro aos músculos sólidos em busca de apoio. Tarde demais! Ela sentiu-se fígada numa paixão ainda maior, enquanto fagulhas desconhecidas percorriam seu corpo e seguiam para o âmago num angustiante deleite. A pele arrepiava-se sob o tecido áspero da camisola, conforme as mãos dele percorriam suas curvas num ávido reconhecimento. Tragada num mundo desconhecido de sensações, Cora sentia as nádegas tomadas pelas palmas das mãos dele, enquanto era colhida contra a sua masculinidade rija.

Como emergindo do deslumbramento, Cora pressentiu o risco daquele contato ameaçador, e como se o próprio inferno tragasse-a, escapuliu dos

braços vigorosos.

Para intensificar o terror tomando seu peito, um alvoroço estridente irrompeu no corredor, quando uma figura demoníaca surgiu, esgueirando-se no escuro. Paralisada junto à parede, Cora observou o vulto se aproximar.

Logo o alarido varreu os confins da residência, enquanto a claridade da lamparina pendendo na mão de Eleonor iluminava o corredor e divisava Rosalva, aguilhoando o ar com um imenso ‘espeto de churrasco’ na direção deles.

Hipnotizados, Blazio e Cora, observaram a tia tentar resgatar a filha, mas a demente parecia deslizar pelos dedos da mulher com a agilidade de uma serpente. Rosalva já tinha mais de quarenta anos, mas às vezes recaí para uma criança de cinco, e totalmente perversa.

Esperando o fim da contenda, Cora suspendeu a respiração num silêncio aterrador, até que, saído do transe, Blazio lançou-se as parentas e imobilizou facilmente a endiabrada prima, arrancando o espeto

da mão da moça, ele botou-a sobre os ombros e saiu com passos ruidosos para longe.

Os berros de Rosalva pareciam ecoar na alma de Cora por um longo tempo, até que finalmente conseguiu ganhar a segurança do quarto. Recostada as tábuas resistentes da porta, ela não conteve os soluços sacudindo-a, nem as lágrimas banhando lhe as faces. Na verdade, ela não sabia se chorava pela maldade de Rosalva ou pelo beijo do marido.

Definitivamente sentia-se perdida. Precisava encontrar uma maneira de sair ilesa daquela enrascada, pois o marido prometera mudar o relacionamento platônico, e já dera mostras que estava falando a verdade.

Céus! O terror do relacionamento sexual se devia principalmente aos comentários de Rosalva, que, vivia rodeada de livros explicativos do assunto, no qual Cora não conseguia ler; mas, a pervertida mulher matava a curiosidade dela em comentários satíricos, e nada favoráveis.

O peito dela parecia estourar de aflição a

PERIGOSAS NACIONAIS

simples lembrança da saliência máscula que Blazio lhe mostrou; entretanto, seu beijo era doce e seus carinhos a derretiam como mel! Algo não condizia com os comentários escarninhos de Rosalva! Enfim, era melhor manter distância dele. Definitivamente não queria saber.

Quando Cora se enfiou entre os cobertores, ainda podia ouvir o alarido nos confins da residência, e vozes alteradas ganhavam a escuridão. Cacos de louças pareciam se espatifar pelo chão, enquanto Rosalva brandia a plenos pulmões que espetaria os olhos de Cora, bem diante do primo.

Credo! Parecia o próprio inferno descendo à terra. O ciúme de Rosalva era descabido e completamente inútil! Mas, por receio, Cora não deixaria a segurança do quarto enquanto houvesse um ruído na casa.

Por fim, Cora concluiu que, se Rosalva ficasse fora do seu alcance, o resto da família que se entendesse com ela. Já estava na hora da família tomar uma atitude definitiva para controlar sua rebeldia ou insanidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

O galo desperta-a com o alvorecer. Espreguiçando-se sonolenta, ela pulou da cama e observou através da janela o raiar multicolorido no firmamento, enquanto um suspiro profundo brota de seu peito desiludido.

Muito sutilmente, um plano de fuga começava a se desenhar na cabeça, mas Cora já não confiava em si mesma para acompanhar o marido na longa viagem até a cidade, como ele sugeria. Melhor seria esperar sua partida.

Vestindo-se com os mesmos desgastados vestidos de trabalho cobrindo lhe os tornozelos, Cora retornou a insignificância serviçal. O vestido de seda e rendas, confeccionado para a festa de natal, provavelmente ficaria guardado no baú até o próximo evento da igreja local. Contudo,

PERIGOSAS ACHERON

continuava sonhando com o brilho expresso nos olhos de Blazio à sua silhueta. O vestido era maravilhoso, ela sabia, mas Blazio devia estar acostumado a mulheres deslumbrantes na capital. Uma pobre caipira como ela, cheirando a leite de vaca, não chegava a ser nem uma distração.

Num estado de completo desânimo, ela enveredou para o curral da ordenha sem olhar para trás, e quase morreu de susto quando Blazio a alcançou em meio à pastagem orvalhada.

- Cora; precisamos conversar!

Cora estacou, voltou-se tão rapidamente, que seu peito caiu de encontro ao dele. Amparando-a com agilidade, Blazio mergulhou nos olhos verdes, reluzindo iguais os raios solares descendo das montanhas. Segurando-a firmemente, Blazio sentiu a respiração dela se acelerar gradativamente, enquanto procurava se manter passivo ante aquele corpo curvilíneo colado ao seu.

Cativa naquele abraço quente, Cora esquecia suas tarefas, tanto quanto as suas aferradas decisões

PERIGOSAS NACIONAIS

de se manter distante, enquanto a fragrância masculina envolvia-a como uma rajada de brisa. Repentinamente, ele a libertou e se afastou um passo. Inesperadamente, Cora sentiu um arrepio de frio percorrer a pele, desejou voltar ao aconchego daquele abraço.

Furiosa consigo mesma, ela rodou nos calcanhares e disparou para a estrebaria. Ao rebater irritada, sua voz soou esganiçada e impertinente.

- Estou ocupada.

Sem se abalar com a obstinação dela, Blazio seguiu seus passos ligeiros e adentrou o galpão. O ar no interior do recinto recendia adocicado, exalando da cana-de-açúcar cortada na véspera pelos peões, e a excremento recente. Os coxos já estavam abastecidos quando Cora abriu os portões para as vacas entrarem no gradil da ordenha. Ela sabia que Blazio a observava ostensivamente, ainda assim, era preferível lidar com as vacas a manter um diálogo sensato com aquele homem intrometido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sentado sobre as ripas dos currais, Blazio não conseguia tirar os olhos dos cabelos cor de fogo preso num rabo de cavalo, enquanto com agilidade ela extraia o leite das vacas viçosas. As madeixas resvalaram pelos ombros, e provavelmente soltas, alcançassem lhe a cintura delgada, e era impossível não imaginá-los caindo em cascatas sobre a pele imaculada dos ombros e colo.

Céus! Blazio se repreendeu. Precisava controlar o rumo de sua cobiça, ou estragaria qualquer possibilidade de entendimento com aquela gata arisca.

Furtivamente, Cora procurava-o entre as grades da mangueira e voltava-se rapidamente quando foi flagrada. Por um momento, ela ponderou prolongar a lida, mas ele provavelmente tinha todo o tempo do mundo para esperá-la. Percebendo que não tinha nenhuma escapatória, que depois teria que se desdobrar para concluir suas tarefas, Cora respirou profundamente e o enfrentou.

-O que você quer?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Como se aguardasse apenas o sinal, Blazio pulou do gradil e se aproximou cautelosamente. Mantendo uma distância segura entre as ripas dos currais, Cora esperou um brilho vitorioso, mas os olhos dele não possuíam traços de zombaria.

Como borboletas freminho na boca do estômago, ela o viu se agachar e atravessar o gradil do curral para confrontar-la sem barreira alguma. Incapaz de se evadir, da proximidade e do alvoroço de sentimentos, Cora esperou uma eternidade até que ele se manifestou cauteloso.

-Acho que você também já percebeu que o nosso casamento tomou outro rumo...! Mas, não é disso que eu quero falar agora. Céus garota! Você me deixa confuso! Na verdade, estou preocupado com o comportamento de Rosalva.

Cora respirou aliviada. Aquele assunto parecia mais seguro e ela sabia como funcionava a cabeça daquela peste.

- Não se preocupe, já sei escapar das loucuras dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ela estava muito alterada ontem à noite!
- Eu sei; ouvi seus gritos ameaçadores!
- E você não a teme?
- E você, a viu colocar comida mastigada no meu prato ontem à noite? Foi sempre assim...

Blazio pareceu exaltar com a acusação. Sentindo-se sufocar, Cora escapuliu do galpão e ganhou o ar fresco como um sopro vital. Estava farta das peraltices da parenta, mas ninguém parecia se importar; porque Blazio se importaria! Ele estava muito confortável no seu mundo de ostentação e requinte. Quando sentiu a presença dele as suas costas, ela concluiu arrependida.

- Esqueça. Nem sei por que falei isso... Não tem nenhuma importância agora. Sua prima já não me fere mais!

- Cora...!

Blazio parecia agigantar em tamanho e energia. Com vigor, ele a fez girar sob suas mãos e obrigou-

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a a encará-lo. No fundo dos olhos castanhos havia tormento e algo que Cora não conseguiu identificar.

- Desculpe-me querida! Sei que não poderei apagar o que ela já fez, mas eu garanto que terminou!

Cora estremeceu com a dor dilacerando seu peito. O que significava aquelas palavras! Ninguém jamais lhe pediu perdão, nem sabia seu real significado. Tentando encobrir as lágrimas turvando-lhe a visão, Cora virou o rosto com obstinação. Blazio tomou o rosto dela entre as mãos, e beijou-a com ardor.

Tomado por uma urgência descabida, ele invadiu aquela boca adorável e colheu sua doçura com fascinação. Mole como manteiga derretendo ao sol, Cora deixou-se envolver entre aqueles braços vigorosos, como se jamais pudesse se esquivar. O calor dele envolveu-a como bruma, emergindo emoções secretamente resguardadas. Cora exultou, como se finalmente encontrasse seu lugar ao sol.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Amparando-a com energia redobrada, Blazio desejou apagar os traumas que ele mesmo lhe impusera. Sabia que a ferida estava longe de ser sanada! Com delicadeza ele a libertou, mas continuou parado a poucos centímetros, esperando a rebelião que certamente viria; mas Cora apenas ficou tremendo como uma flâmula esfarrapada, e tão perdida quanto ele.

A atmosfera pairou a volta deles, nem a brisa tocava-lhe o rosto abrasivo. O tempo transcorreu eterno, mirando-se nos olhos como se fosse à primeira vez. De muito longe um som estridente varreu os confins agreste, e penetrou nos ouvidos deles para roubar-lhes o momento mais importante de suas vidas. Blazio e Cora emergem do abismo, para procurar com o olhar o ruído agourento.

Através da pastagem, a estradinha que cortava a propriedade lançava uma nuvem de poeira vermelha atrás do rastro do veículo, aproximando-se do casarão num ruidoso prenúncio. Imediatamente, Blazio reconheceu os seus esperados amigos, mas Cora rezou para estar apenas sonhando.

PERIGOSAS ACHERON

Esquecendo-se dela parada no mesmo lugar, Blazio disparou para receber os convidados farristas que acenavam e espichava-se da capota arriada.

Os solavancos do veículo contribuem apenas para arrancar mais risadas dos ocupantes, exultados conforme adentravam o pátio ensolarado da fazenda.

Ao longe, Cora observou as congratulações e abraços sentindo-se ridiculamente insignificante. Relegada simplesmente a ordenha enfadonha, ela se obrigou a esquecer o alarido festivo no pátio.

Pela primeira vez, Cora sentiu que o marido a enxergou como pessoa, ou mulher. Doce engano! Reconhecia que fora apenas um momento de capricho masculino; ou perversidade plena!

Estúpida! Era como ela se sentia no momento; contudo aprendera a lição. Seguiria com sua história e seus afazeres, como uma serva resoluto. Até colocar seu plano em prática, não se deixaria abalar por nada. Estaria atenta, e severamente

PERIGOSAS NACIONAIS

armada contra as doçuras tóxicas daquele homem atraente. Doravante, o antídoto serviria não apenas para o marido, mas para toda a humanidade.

Sentindo-se seca e fria, ela concluiu as tarefas alienada, mesmo com a casa em polvorosa com a chegada dos jovens estudantes. Era apenas um punhado de gente, circulando todos os recantos da casa, mas parecia um batalhão pelo alvoroço repercutindo no pacato sertão.

Em torno da mesa da cozinha onde fora servido o café da manhã, os jovens pareciam espantados com as iguarias frescas e saborosas provindas da propriedade. Alguns daqueles garbosos estudantes nunca puseram os olhos numa vaca, mas sabiam apreciar um bom queijo fresco.

Cora observava-os como se não pertencessem ao mesmo planeta. Os rostos pareciam tão desbotados e as vestes tão empoadas, pareciam manequins estampando as capas das revistas que Rosalva lhe mostrava de relance.

Três rapazes e duas moças ocupavam todas as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

atenções da casa, inclusive de Blazio, ao conduzi-los através da residência ampla.

Entre os visitantes, havia um rapaz de pele clara e cheio de sardas marrons, denominado de 'Ferrugem', mas que não causava temor a Cora, enquanto os espreitava de esguelha. O outro, parecia ter saído de um palacete por suas vestes coloridas, mas trazia nos olhos a vivacidade da juventude. Por outro lado, o terceiro jovem, alto de feições perfeitas e olhos azuis, percorria as curvas do corpo de Cora, numa indiscreta análise, fazendo-a estremecer. Principalmente, ao vê-lo indagar sua presença à Blazio, que apenas sorriu com indiferença e olhou-a brevemente.

Cora escapuliu da cozinha como uma ratazana a primeira oportunidade, mas podia ouvir ao longe a balbúrdia provindo dos visitantes.

A cena indiscreta de uma das moças, junto à mesa de refeição, alisando o braço de Blazio num cochicho meloso, quase sentada em seu colo, ficou gravado a fogo na memória de Cora, e acompanhou-a como uma praga.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Enfurecida, Cora se indagava porque Blazio sorria lisonjeado com aquela falta de vergonha, quando a moça reivindicava atenções, batendo as pestanas adornadas com uma espessa camada de maquiagem.

O velho fazendeiro a cabeceira da mesa, parecia perdido no meio daqueles jovens, tanto quanto à ranheta Rosalva e sua mãe; apenas Blazio parecia falar a mesma linguagem. Ainda assim, ele procurava com o olhar, uma arisca e esquiva Cora, riscando os recantos da casa, como faísca estalando da fogueira. Entretanto, mais ninguém notava sua presença, ainda que de relance.

Como um milagre, a casa silenciou quando os jovens saíram da fazenda para conhecer a redondeza. Por algum tempo, os moradores da casa detiveram suas respirações, tentando apreciar a plácida quietude, quando os veículos ruidosos desapareceram na curva do caminho.

Céus! Se eles pretendiam prolongar a visita, até as almas penadas escondidas nos recantos da fazenda se refugiaram em busca de repouso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O dia estendeu-se num tormentoso suspense, e intensificou quando a noite caíra densa sobre a sede da fazenda. Onde Blazio e seus convidados estariam? Certamente, os confins desérticos do povoado não supririam-lhes a sede de aventura, pela qual os estudantes aguardavam. Ou era Cora que simplesmente desconhecia tal lugar.

Ao batente da porta da sala, Cora observou o rosto endurecido do senhor Donato rebuscando alguma alteração na atmosfera noturna. Por um momento ela desejou ler seus pensamentos. enquanto os olhos do velho procuravam algum sinal do filho e os jovens convidados, através da vidraça da janela. Ao longo dos anos, Cora aprendeu a decifrar os sinais sob aquela couraça indiferente, que embora rígido, havia traços de benevolência. E uma coisa era certa, o velho estava preocupado com o sumiço do filho.

Enfim, cansados de esperar em torno da mesa do jantar, o senhor Donato encerrou as orações e serviu a refeição às parentas famintas, muito depois da hora prevista para a ceia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cora havia preparado um verdadeiro banquete aguardando os convidados, mas tudo fora parar na despenca praticamente intocado. As últimas brasas se apagaram sob a chapa do fogão, quando Cora, finalmente abandonou a soleira da janela e se encaminhou para o quarto. Por mais que ela tentasse, não conseguia ouvir outro ruído além do pio da coruja e grilos ecoando na plácida escuridão.

O dia já estava amanhecendo, quando a balbúrdia irrompeu na casa adormecida. Completamente bêbados, tanto os visitantes quanto Blazio, tateavam os corredores a procura dos quartos, amparando-se num amontoado disforme, quando, Cora os iluminou com a chama da lamparina.

Ante os olhos de Cora, com as meias de sedas rasgadas e as sandálias finíssimas penduradas nas mãos, as moças procuravam se esconder atrás dos rapazes. Seus cabelos desgrehados denunciavam algo que Cora se recusava a idealizar, mas o riso frouxo delas compartilhava algo que parecia divertido ao grupo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os olhos de Cora cruzaram com os de Blazio por um momento, o bastante para reconhecer a travessura impressa neles. Ao passarem por ela, o grupo se dispersou e desapareceu no corredor, quando as moças entraram num quarto e os rapazes em outro. Apenas Blazio permaneceu vacilante na frente dela.

Numa zanga inusitada, Cora rodou nos calcanhares e entrou no quarto, mas o pé de Blazio impedia-a de fechar a porta. Ainda mais furiosa, Cora forçou a porta até ouvi-lo gemer de dor. Porém, obstinado, ele forçou sua passagem e entrou no quarto.

O cheiro de bebida penetrou nas narinas de Cora, quando num rompante, Blazio a acolheu. Tomando a lamparina da mão dela, Blazio a depositou no chão e voltou toda sua atenção aos lábios rosados, vibrando de desgosto, enquanto com os dentes cerrados, ela o rechaça empurrando-lhe o peito alentado.

- Largue-me... Você está bêbado!

PERIGOSAS ACHERON

Sorrindo, como se estivesse se divertindo com as infrutíferas tentativas de escape, Blazio segurou-lhe o rosto entre as mãos e cheirou ruidosamente seu colo alvo, e o pescoço junto dos cabelos desalinhados cascadeando pelos ombros. e inalou a fragrância como um ébrio sedento, enquanto discorria afável, como se decifrasse a si mesmo o prazer.

- Ah! Que cheiro bom! Isso sim me embriaga; aquela coisinha à toa que chamam de cachaça, não tem nenhum efeito em mim.

- Vá embora...!

A súplica mesclava as possibilidades ao qual Blazio tentava definir, enquanto procurava a sua própria estabilidade sob o efeito alcoólico. Cora estava tão linda e cheirosa, era quase um pecado se afastar, mas não estava tão embriagado ao ponto de esquecer suas decisões.

Ao senti-la estremecer entre os seus braços, Blazio observou o seu temor, ainda assim, não resistiu ao encanto daqueles lábios rosados, quando

ela os umedeceu com a ponta da língua. A rebeldia dela perdurou apenas um segundo, quando ele invadiu lhe a boca adorável, e gemeu extasiado quando ela lhe rodeou o pescoço com mãos crispadas em busca de socorro.

Tarde demais, Cora percebeu seu erro. Porque enquanto o beijo arrojado derrubava suas barreiras, o corpo traiçoeiro implorava para ser tocado. Pressionada contra a parede de músculos potentes, ela fora lançada num mundo desconhecido, e igualmente almejado.

Inadvertidamente, minutos depois, ela se viu tombando sobre o leito desalinhado, agarrada ao marido tão sedenta quanto ele.

Um mundo se descortinava afável para Cora, enquanto seu corpo juvenil era coberto de afagos ternos, numa minuciosa exploração. Inconsciente do próprio desejo despertado, Cora arfava ao compasso do coração, enquanto as mãos dele deslizavam sob o tecido de algodão da camisola casta. A seguir, entre os corpos arquejantes, o tecido formava uma barreira angustiante a separá-

los. Pressentindo-lhe o desespero, instantes depois, Blazio a livrou da camisola ao qual se escondia.

A pele acetinada arrepiava-se ao mais suave toque, enquanto os seios eriçaram como botões de rosa desabrochando ao sol, quando ele tomou-os entre os lábios num carinho singular. Enquanto uma mão de Blazio acolhia um seio farto, a boca tomava o outro com sensualidade crescente até ouvi-la gritar de prazer. O ventre delicado fremia ansioso, tanto quanto as mãos dele ao percorrer toda sua extensão, num afago lento conforme seguia a trilha do éden. Muito sutilmente, os dedos dele tocaram os pelos sedosos, como um pássaro a provar o néctar da flor. Através da vidraça da janela, a plácida claridade da lua banhava o corpo desnudo de Cora, desvendando curvas como as silhuetas das montanhas cortando o céu da aurora, e descortinando-se num paraíso de pura sensualidade.

Aos olhos de Blazio, ela era linda e etérea, tanto quanto o momento impróprio. Ele sabia que precisava parar, mas nem um santo seria capaz de renunciar o oferecimento inconsciente daquela

PERIGOSAS NACIONAIS

mulher linda. E, como algo precioso, ele afagou os contornos daquele corpo feminino numa angustiante constatação. Embora seu corpo alentado desejasse desesperadamente saciar o clamor, não cometeria o ato levianamente depois de tanto esperado. Então num sussurro rouco ele expressou todo o seu pesar.

- Querida, queria morrer de prazer em seus braços agora; mas receio não ser o momento adequado!

Segundos depois, ele selou os lábios dela com um beijo profundo e quente, antes de se afastar rapidamente da sua cama. Inerte, ela o viu se afastar e seguir pelo corredor rapidamente. Respirar parecia um exercício novo e infausto para Cora, enquanto fulgores piscavam de seus olhos esgazeados. Sua nudez pressentia a aragem da madrugada, mas a pele abrasiva ansiava algo quente, e não era a coberta..

Ruborizada até a raiz dos cabelos, ela puxou a coberta e se cobriu inteira. Proferindo uma praga, ela se recriminou.' Onde estava com a cabeça para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

implorar por umas migalhas de carinho'! Farta daquele jogo miserável, ela jurou mais uma vez, manter distância do marido enquanto ele permanecesse na fazenda.

Resoluta, ela jogou longe as cobertas e se enfiou nas costumeiras roupas de trabalho. Havia partes do corpo feminino que ainda palpitava por carinhos, mas ela tentava ignorar as ferroadas indiscretas ao se encaminhar as constantes tarefas diárias.

Enquanto o sol se erguia a pino num próspero dia de trabalho, os jovens estudantes esparramavam-se na cama como um bando de esnobes preguiçosos.

Um por um, os estudantes foram surgindo detrás das portas dos quartos com as caras amassadas da ressaca, quando o almoço já fora servido.

Na bacia sob o aparador da ante sala, a água fria refazia a carraspana, mas não apagava o vexame da repreensão descrita nos olhos do velho fazendeiro.

PERIGOSAS ACHERON

Ao tomarem seus lugares à mesa, as moças sorriam furtivamente a Blazio, mas evitavam fitar o senhor Donato, á cabeceira, recitando as orações de agradecimento a farta refeição. Forçada severamente, Cora ocupou seu lugar junto do marido, mas se recusava a olhar nos olhos do homem que lhe mantivera acordada numa total confusão de emoções. Como se não bastante aturar aquela gente impertinente, ainda tinha que escutar os seus comentários zombeteiros sobre sua pessoa. Além disso, todos pareciam perceber os olhares de cobiça do amigo de Blazio, mirando-a sem qualquer pudor. Tudo contribui ainda mais para sua zanga indisfarçada, e Cora quase engasgou quando o próprio rapaz proferiu num tom conspiratório, fitando as formas de Cora, e dirigindo-se a Blazio.

- Por isso você quis gozar as férias aqui! Dentre a fronteira da fazenda as ninfas ressurgem, como o frescor da selva!

Blazio compreendeu muito bem o comentário mordaz do amigo, e procurou manter a mente de Cora ocupada, descansando sua perna sobre a dela, sob a mesa. Ao senti-la retrair-se irritada, ele sorriu

disfarçadamente.

O rosto de Cora queimava de raiva, diante dos olhares curiosos dos rapazes e dos risinhos indiscretos das moças, medindo a barra de sua saia varrer o chão da cozinha. Muito diferente do figurino frívolo dos vestidos curtos delas, que nem escondiam lhes os joelhos. Embora as meias branca ocultasse a pele, os contornos das pernas ficavam extremamente visíveis.

Infeliz, Cora sentiu a comida insípida entalar na garganta, quando, mais uma vez, Blazio descansou propositalmente a perna contra a sua por baixo da toalha da mesa, ainda assim ela fingiu desinteresse.

Inferno! Ela queria apagar aquele sorrisinho do rosto dele com uma bofetada, ou gritar até ensurdecer-lo, no entanto, se mantinha rígida como uma estátua de sal.

Durante a tarde, enquanto todos refugiavam-se do calor abrasivo de verão, sob a agradável brisa na varanda, esparramado-se nas redes, Cora prosseguia no trabalho interminável da casa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sentindo o sol queimar seu rosto, Cora se encaminhou a capoeira perto do laranjal, nos fundos da fazenda, em busca de vassoura para varrer o pátio da sede.

Os pássaros pareciam felizes, gorjeando na capoeira enquanto o vento brando refrescar o mormaço sobre a vegetação. Cora catava a vassoura num mutismo despreocupado, quando, ruído de galhos secos se quebrando no chão, a alertaram.

Animais silvestres poderiam trilhar os prados, mas seus ruídos eram quase imperceptíveis; algo grande ou pesado caminhava a sua volta, e oculto entre as folhagens, se aproximava lentamente, fazendo-a estremecer involuntariamente a cada estalido.

Um estranho formigamento percorreu sua coluna e acelerou seu coração, quando um par de olhos azuis captura os seus entre a densa folhagem. Imediatamente, Cora reconheceu o jovem estudante e amigo de Blazio como o inoportuno intruso. Talvez fosse melhor enfrentar um javali enfurecido

PERIGOSAS ACHERON

do que aturar aquele homem, observando-a com um riso zombeteiro por todos os recantos da fazenda. O riso sinistro e seu gingado selvagem, fizeram-na parar como se estivesse atada a cipó junto à ramagem. Como um felino, o homem a rodeou, como a observar sua presa, mas sem tocá-la.

Cora considerava-se uma brava guerreira, que não trazia medo de nada, então porque se sentia amordaçada diante daquele homem desconhecido!

- Ora, ora; se não é a cabritinha arisca...! Garanto que por baixo dessa camada de sujeira existe um corpo pulsando para ser desvendado.

Com obstinação, Cora virou o rosto quando ele lhe segurou o queixo, com lascívia. Erguendo o molho de vassoura como um escudo, ela se afastou alguns passos, mas estacou quando seu corpo se chocou contra a ramagem densa da capoeira. Os olhos azuis percorreram as curvas do corpo dela com inegável cobiça, e sua voz grave apontavam toda a soberba pretensiosa.

- Agora entendo porque Blazio a ocultou da

PERIGOSAS NACIONAIS

gente. Nem sabíamos que ele era casado... Quer saber, sempre dividimos nossas experiências! Até as garotas bonitas!

A risada dele estremeceu o coração de Cora, e seu avanço roubou-lhe momentaneamente o fôlego, quase morreu quando a boca dele tomou a sua num rompante hostil.

Como uma criança indefesa, Cora fora jogada ao chão junto ao seu fecho de vassoura recém-colhida. O corpo dela sofreu um baque surdo, ao ser espremido contra a muralha de músculos potentes no avanço determinado. O vestido velho, contra o punho alentado do homem rasgou-se completamente na frente, expondo seus seios fartos sob a claridade do sol.

A pele das mãos dele possuía a maciez do cetim, mas a candura desaparecia na rudeza do gesto ao tomar os seios de Cora com truculência.

Esperneando como uma desvairada, Cora gritou a plenos pulmões quando ele libertou a boca e mordiscou seu pescoço, com intuito de rendição.

PERIGOSAS ACHERON

Então, com um urro feroz, o homem rolou para o lado, quando os joelhos dela acertaram em cheio a sexualidade saliente dele.

Livre das garras daquele brutamonte, ela desapareceu em meio às folhagens cerrada e continuou oculta na mata por horas. Por fim, já estava escurecendo, quando ela retornou para casa com o enorme feixe de vassoura encobrindo o estrago do vestido.

- Posso saber por onde você andou? O jantar já deveria estar no fogo há essa hora!

A voz estridente de Eleonor a bombardeou assim que Cora pisou na cozinha. Depois do susto, Cora simplesmente envergou os ombros com indiferença, e se esquivou da intransigente criatura.

Um vinco aborrecido desfigurou o rosto escavado da mulher ao ver Cora esquivar-se abraçada às vassouras através da cozinha, imaginando o que ela faria com a ramagem na direção do quarto.

Apenas na segurança do quarto, Cora deu vazão
PERIGOSAS ACHERON

ao desespero e ao grande infortúnio. Em soluços, ela comparou as agressões daquele desconhecido, às carícias ardentes e ternas do marido. As mãos de Blazio lhe afagam como se tocassem a alma, e seus beijos traziam a candura do mais doce mel.

Céus! Ela ainda podia sentir o fel queimando cada parte do corpo tocado por aquele desgraçado. Com desgosto, ela arrancou o farrapo de vestido e observou seu reflexo no espelho pendurado na parede do quarto. A pele translúcida dos seios ainda trazia as marcas dos dedos agressivos, da mesma forma, um vinco avermelhado manchava seu pescoço alvo, onde os dentes dele encravaram. Mesmo num calor atroz, ela optou por uma roupa abotoada até o colarinho, tentando encobrir a indecorosa agressão.

Sabia porém, que ninguém notaria sua falta de senso ou se importariam com sua vestimenta. Uma coisa era certa, daquele momento em diante, estaria muito atenta contra qualquer emboscada, pois as impertinências de Rosalva pareciam brincadeiras de criança, comparadas à brutalidade daquela gente presunçosa. Ainda assim, quem acreditaria em sua

PERIGOSAS NACIONAIS

inocência se tal fato fosse revelado; por certo estaria encrocada! Seus olhos aguados não provinham da fumaça espargindo do fogão enquanto ela aticava as brasas sobre a chapa, provinham do coração sangrando desiludido.

Com ressentimento, Cora desejou temperar a comida com veneno em vez de sal, mas seu coração rejeitou tal pensamento instantaneamente. Se pudesse, expulsaria da fazenda aquelas garotas frívolas e os rudes rapazes. Até Blazio poderia seguir a caravana, já que se derretia todo com os olhares e risinhos fúteis das moças. E, quando reunidos em conversas animadas, Cora procurava ficar fora de alcance dos olhares e comentários zombeteiros, principalmente depois de ouvir aquele homem asqueroso articular ressentido.

- Amigos, é bom ter cuidados com os animais domésticos e suas garras afiadas...!

Blazio percebeu o brilho mordaz ao observar as formas de Cora, e conhecendo sua natureza libertina até podia divisar sua cobiça. Tal fato endureceu-lhe as feições em irritabilidade, e

PERIGOSAS ACHERON

prometeu-se mantê-lo em constante vigilância.

Nem sempre, Cora conseguia se esquivar do brilho escarninho do rapaz; então os enfrentava com a mesma rebeldia a qual fora criada. Mas, Cora sabia que Blazio nem desconfiava das atitudes libertinas do seu convidado.

Bem, Blazio nem via o quanto ela estava atribulada em prol dos visitantes. Que insaciáveis, reivindicavam sucos, biscoitos e todo tipo de guloseimas, fazendo-a se desdobrar até altas horas da noite para preparar inúmeras fornadas de biscoitos, bolos e pães, além de geleias feitas com as frutas colhidas da própria fazenda.

Tia Eleonor exigia-lhe máximo empenho, cobrava pessoalmente o resultado das iguarias, enquanto os jovens se extraviavam pelo sertão, como pássaros levados pelo vento temporal. A chegada deles a sede era sempre precedida pela balbúrdia desenfreada, e saturada de comentários escandalosos.

Os vestidos das moças não eram nada

PERIGOSAS NACIONAIS

recatados; mostrando-lhes perfeitamente as canelas, pareciam encurtar a cada momento, exibindo pernas torneadas sob as meias de seda. A moda refinada europeia abrangia poucas mulheres, assim como a educação universitária no início do século vinte. Então, as moças privilegiadas desfilavam os modelitos com esnobismo peculiar.

Nem Eleonor e a filha, tinham visto corpetes tão justos, nem saias tão plissados e em sedas tão vistosas; muito menos Cora. Aquilo era um luxo que não lhe pertencia. Acostumada às desgastadas galochas de couro, Cora se perguntava como as moças podiam se equilibrar sobre os saltos finos dos sapatos, ‘uns verdadeiros pregos pontiagudos’. Bem, elas tinham o apoio do braço de Blazio e dos outros rapazes para conduzi-las em segurança por aí.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

Respirando profundamente cansada, Cora se afundou na banheira em plena madrugada, quando a casa finalmente silencia. Felizmente, Blazio estava ocupado demais com os amigos para notar os esfolados de suas mãos, a custo da visita trabalhosa. Porque o ralo afiado, ruína além das espigas de milho e leguminosas, ao qual Cora usava para preparar os pudins e doces caseiros. Seus dedos ardiam sob a água morna da banheira de esmalte, enquanto Cora se ensaboava lentamente. Seu banho era o único momento de prazer que ela experimentava; por isso não tinha pressa. O sabonete perfumado deixava a pele lisinha e refrescante, extraíndo toda a sujeira e cansaço.

Depois do banho, na pontinha do pé e em plena escuridão, Cora seguiu para o quarto temendo topar com alguém no caminho; só conseguiu respirar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aliviada quando entrou e travou a porta, e se enfiou sob as cobertas rapidamente.

Sua silhueta parcialmente encoberta sobre a cama, estava iluminada pelo brilho do luar, quando uma voz grave e conhecida a alertou.

- Finalmente você chegou!

Apoiando-se nos cotovelos, Cora procurou através da penumbra o dono daquela voz. Acostumando-se a escuridão, os olhos dela divisam o marido, sentado na cadeira junto da mesa num canto do quarto. Imediatamente seu corpo estremeceu, como se o frio repentino atravessa a vidraça da janela. Puxando as cobertas até a altura dos olhos, Cora gaguejou sufocada.

- O que você está fazendo aqui?

Blazio continuou estático, apenas mirando-a à distância. Quando Cora percebeu que ele não representava perigo, indagou confusa.

- O que você quer?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de um momento apenas observando-a, ele acendeu a lamparina sobre a mesa e puxou a cadeira para junto da cama. A proximidade dele não lhe causava temor, mas algo no íntimo de Cora se rebelou. O estômago latejou, e o coração pulsou frenético, como se retornasse de uma longa jornada, quando ele inquiriu grave.

- Com toda a movimentação na casa não conseguimos conversar direito... Você se lembra da conversa que tivemos logo após o casamento?

Como ela poderia esquecer. Mas ainda não estava preparada para mudar coisa alguma.

- Sim...

- Então; chegou a hora de cobrar o que me pertence por direito!

- O que?

- Você.

- Eu?

PERIGOSAS ACHERON

Cora se encolheu sob as cobertas sem ar. Depois da agressão sofrida pelo amigo dele na capoeira alguns dias atrás, ela sabia que não ia gostar de nada que viesse dos homens. Seu terror ficou evidente no brilho desesperado de seus olhos verdes. Blazio proferiu uma praga silenciosa, enquanto sentava-se sobre a beirada da cama. Num esgar impaciente, ele murmurou contrariado.

- Que inferno garota, eu não vou matá-la!

Ante a aspereza na voz dele, Cora se refugiou ainda mais sobre a cabeceira da cama. Apesar de ter adorado seus beijos e seus carinhos, ela sabia que iria se arrepender amargamente se ele a tocasse.

- Pretendo voltar para a Capital amanhã; e gostaria de resolver nossa questão antes de partir.

- Céus; não!

- Sim querida; já esperamos demais...

E foi se aproximando mansamente, até tomá-la num abraço quente. Incapaz de fugir da força

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

poderosa, depois de tentar escapar de suas mãos, Cora deixou-se conduzir com todo o cuidado para o centro da cama revolvida. A mente se rebela contra as carícias ternas, mas o corpo traiçoeiro pulsava na mesma ansiedade que o dele.

Muito lentamente, Blazio foi retirando a camisola de algodão e desnudando-a, sob a claridade da lamparina e a plácida luz do luar.

Depois de vencer a barreira invisível e temerosa, sem pressa, Blazio acariciou cada pedacinho do corpo perfeito, pulsando, ao toque de suas mãos; provou com extremo cuidado, a textura cheirosa, com os lábios e língua todos os recantos sensíveis da mulher.

Logo, o pavor cedeu lugar a agonia e êxtase, conforme Cora era lançada num mundo de sensações. E agarrada aos cabelos dele, ela se retorcia deslumbrada, experimentando carícias jamais imaginadas. Sentindo os lábios de Blazio trilhar os mesmos caminhos das mãos, o corpo de Cora implora por algo que nem ela sabia determinar. E um mundo aparte se descortinava

PERIGOSAS ACHERON

dentro daquele quarto conjugal, fazendo-a esquecer os receios que a assombraram desde a infância.

Com dedos trêmulos, ela ajudou-o a desabotoar a camisa do pijama, tocou os pelos sedosos do peito dele com hesitação, mas gostou da sensação da pele dele estremecer sob seu toque. Por fim, quando ele expôs o corpo potente diante de seus olhos acesos, o temor voltou a assombrá-la.

Mas, com determinação, Blazio conduziu a mão dela em torno do seu membro excitado, num estímulo seguro. Alarmada, Cora rejeitou-o, e tentou escapar da cama esperneando desarvorada, até que, em carícias afáveis, ele também lhe tocou os recantos sensíveis e umedecidos com maestria controlada. Enfim, superando os próprios temores com mãos hesitantes, Cora envolveu-o curiosa a princípio, até senti-lo estremecer e gemer arrebatado. Acariciando-se mutuamente, os amantes trilharam recantos e estimulam sensações devastadoras, enroscando-se na dança milenar de corpos sedentos. Conduzindo-a lentamente ao apelo do corpo, Blazio mostrou-a o quanto poderia ser agradável a sensação plena, e com o corpo em

chamas, Cora gritou o nome dele numa súplica agonizante.

Tomando os lábios dela num beijo profundo, ele deslizou na cavidade úmida, estremecendo e acolhendo o grito dela na sua boca. Sentindo-a enrijecer petrificada, Blazio estagnou o ímpeto, até que, o corpo sensível e inocente se acostumar-se à invasão.

Momentos depois, com movimentos lentos, ele conduziu-a a plenitude do ato, e aos poucos, os gemidos de dor, foram substituídos por suspiros de prazer. Entregando-se de corpo e alma aos carinhos, Cora compreendeu que nunca tinha vivido plenamente, e desejou prolongar para sempre o sublime acontecimento. Lançados ao infinito, os dois alcançaram o ápice da sensação humana, e tombaram abraçados sobre o travesseiro, com gemidos saciados.

A madrugada trouxe reflexos de um novo amanhecer, mas Cora sabia que mesmo depois daquela incrível noite, ela continuaria com a sua insípida existência.

Beijando-a com sofreguidão, Blazio comunicou-lhe que partiria nas primeiras horas da manhã, mas procurou as palavras com cuidado. Sentindo-se lesada, Cora só conseguiu expressar todo o seu aborrecimento em relação aos amigos dele, sobrecarregando-a nos diversos privilégios. Desejou jamais ver aquelas pessoas impertinentes.

- Não suporto mais essa gente aqui!
- Eu sei! Por isso estou levando-os embora.
- Você...? Não pode simplesmente mandá-los ir?
- Ouça! Eu ainda não posso ficar em definitivo aqui! Preciso resolver alguns assuntos pendentes na capital... mas prometo retornar em breve!

Cora sabia que, suas promessas vãs, o prenderia por mais alguns longos anos. Então, com o rosto enfiado no travesseiro, ela não o impediu de se afastar da sua cama. Queimando nua sob as cobertas, Cora procurava acalmar seu louco coração e resguardar a dignidade, ainda que suas entranhas pulsasse com a presença do marido, PERIGOSAS ACHERON

lembrando-a do quanto ainda poderia se magoar.

Ao retornar da lida da ordenha, Cora observou as malas dos visitantes dispostas sob o tapete da sala de estar. Envolto num discreto desapontamento ao partirem antecipadamente, decidiram então pegar a estrada logo após o café da manhã.

Através da janela da cozinha, Cora espiou os rapazes colocar as malas nos bagageiros dos carros, enquanto se preparavam para partir. Como veneno atingindo o coração de Cora, ela também viu as garotas rodearem Blazio, como moscas no mel. E a mais atirada, jogar-se no assento do carro dele, como uma galinha empoleirada no galinheiro, enquanto a saia da moça deslizava desavergonhadamente para cima, expondo coxas roliças, de pele branquinha. Os olhares das jovens citavam mensagens, que agora, Cora conseguia decifrar e percebia que Blazio não era indiferente às investidas voluptuosas.

Diante de tal visão, Cora disparou para o pomar, sem coragem de assistir o publico

envolvimento. O que mais a feriu na verdade, foi a comprovação de que, depois das obrigações conjugais, que a tornava sua legítima esposa, Blazio deixava claro que não se privaria das delícias que a vida libertina poderia lhe proporcionar.

Droga! Porque Blazio invadiu o seu quarto se pretendia partir? Ela bem sabia que ele partiria, mas no íntimo, guardava a esperança de conquistar-lhe o coração. Observando o comportamento das moças, depois da intensa paixão despertada nos braços dele, Cora compreendia muitas coisas que antes ignorava.

Amargurada, ela murmurou baixinho, num crescente desespero, que ele fosse para o inferno também! E se repetia, enquanto corria em prantos, para a capoeira junto às margens das pastagens, e adentrou no pomar sombrio. Sentando-se sobre a relva, ela cobriu o rosto com as palmas das mãos e chorou copiosamente, mais uma vez sua sina.

Ruídos de passos se aproximando a alertaram. Enxugando os olhos com as costas das mãos, ela

PERIGOSAS NACIONAIS

pulou de pé e espreitou os arredores, temendo ser surpreendida por aquele brutamonte, mas reconheceu o marido, caminhando seguramente em sua direção. Disfarçando o embaraço, ela começou a catar vassouras, como se esse fosse o mais nobre dos afazeres. Sem uma palavra, Blazio arrancou os ramos das mãos dela, tomando lhe o rosto entre os dedos firmes e obrigou-a a olhá-lo de frente.

- Não mereço um beijo de despedida?

Obstinada, Cora tentava se livrar das mãos dele, que simplesmente ignorando a rebeldia, apossou-se dos lábios dela, num beijo quente e profundo. Logo, ela suspirava emocionada e totalmente entregue, como se ela dependesse dele para respirar.

Blazio provou a doçura dos lábios dela, enquanto a língua buscava saciar a sede de carinho. Inadvertidamente, ele compreendeu que jamais experimentara tamanha necessidade de alguém, como comprou nos braços daquela garota especial. Nem conhecera ternura igual.

PERIGOSAS ACHERON

Enfim, no calor dos braços dela, Blazio recebia além do que poderia almejar, entendia que o corpo dela fora forjado na medida certa para o seu. E queria levar consigo a doce fragrância como lembrança, até o seu regresso.

Quando Blazio abandonou lhe os lábios, ainda mantinha-a junto ao corpo másculo, numa promessa muda e íntima, de que ali era seu lugar. Enfim, ele reivindicava além do corpo feminino, a alma rebelde e ávida. Depois, encostando sua testa à dela, Blazio prometeu com seriedade.

- Adeus minha querida! Logo voltarei para você...

Afastando-se lentamente, Blazio a manteve presa em seu olhar, até desaparecer nos arbustos do pomar. Lívida e trêmula, como a folha da palmeira, ela permaneceu estática, até ouvir o ronco dos veículos se afastar definitivamente da propriedade.

Mais uma vez, ela ficaria esquecida como as folhas arrancadas pelo vento do outono. As árvores iriam exibir sua ramagem nova na primavera, mas

ela seguiria seca e triste, muito além do verão.

Ao longo dos dias, Cora sentia-se enfraquecer febril, enquanto planejava os detalhes da sua fuga. Precisava fazê-lo, enquanto tivesse forças e coragem.

Por várias noites, ela rolou insone, planejando em detalhes os caminhos a seguir. Apenas uma coisa a entristecia até às lágrimas, era deixar para trás o velho fazendeiro e a terra onde nascera. Penalizava-se ao pensar que Donato já estava velho, e totalmente solitário, tanto quanto ela. Mas se perdesse a oportunidade de fugir, jamais se libertaria da prisão imposta, então apenas espantou as dúvidas como mosquitos inquietantes.

As roupas que levaria consigo se restringiriam a dois trajes, um era o belíssimo vestido de natal, o outro do ano anterior, já estava um tanto apertado, mas serviria para a longa viagem. Todas as roupas velhas de trabalho ela deixaria para trás, como elos de sua prisão. Além disso, pretendia procurar um trabalho melhor e mais nobre, do que a ordenha de vacas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Governanta numa casa rica poderia ser a solução, ou costureira numa daquelas boutiques chique que lera nas revistas de Rosalva. Também poderia exercer o ofício de cozinheira em alguma vila distante. O importante era que fosse bem longe do marido e das vistas de qualquer pessoa conhecida.

Planejava primeiro andar por caminhos através das matas, ao longo da estrada, principalmente longe das trilhas usadas pelos boiadeiros da fazenda. Sabia que era arriscado, pois não conhecia a região, nem a direção a seguir, mas prometia-se parar só quando estivesse muito longe dali.

Nos dias seguintes, os seus minguados pertences já estavam devidamente acondicionados dentro de uma trousse no fundo do baú, esperando apenas uma oportunidade de fuga.

Os olhos entristecidos de Cora buscava continuamente a direção da casa materna, como a medir a direção, pois seus pés a levaria para muito longe de qualquer possibilidade de retorno. A saudade, doía como facada no peito à aproximação

PERIGOSAS ACHERON

da partida. Enfim, tudo ficaria para trás, e Cora sabia que apenas ela sofreria mais.

Aproveitando-se que o senhor Donato seguiu com a boiada, e tia Eleonor fôra as compras com o motorista da fazenda, Cora aproveitou a ocasião. Suas mãos tremeram quando tomou a trouxa de dentro do baú.

Por baixo do velho vestido de trabalho, a roupa de domingo, confeccionada com cetim e renda, picava sua pele, mas ela só tiraria a velha vestimenta que a escondia, quando conseguisse se afastar o suficiente da propriedade.

Depois de espreitar atentamente todas as direções da propriedade, assegurando-se de que ninguém a veria, Cora saiu sorrateiramente com destino ao pomar. Seus passos ligeiros quase não a sustentavam, e o peito pulsava alentado, enquanto se embrenha nos arbustos, quando um grito estridente quase a matou de susto.

Diante dela, Rosalva, gritava e brandia um galo morto pendurado pelo pescoço quebrado. As duas

PERIGOSAS NACIONAIS

pararam petrificadas imaginando as possibilidades. Rosalva fora pega num ato criminoso, tanto quanto Cora, com sua trouxa pendurada pela mão. Agora Cora sabia o que estava acontecendo com os frangos, encontrados mortos no terreiro sem qualquer causa aparente.

Diabos! Como fora se esquecer da peste! Cora se recriminou, tentando esconder a trouxa de roupa atrás das costas. Com um riso incontido, Rosalva observava o disfarce de Cora com perversidade evidente.

- O que você tem aí?

- Não é da sua conta!

Num arroubo repentino, a mulher jogou o galo morto longe, e agarrou a trouxa das mãos de Cora com obstinação. As duas rolaram pelo chão, enquanto Cora tentava proteger seu delicado embrulho. A fragilidade de Rosalva supera em rebeldia e obstinação, ao rasgar o tecido do embrulho. Diante dos olhos abismados delas, o traje novinho voou para o chão. Imediatamente, os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos de Rosalva chispam numa evidente condenação. Embora ela não compreendesse o que Cora pretendia com aquela trouxa, algo no comportamento dela lhe atiçava a curiosidade.

- Você está fugindo...?

Cora envergou os ombros com indiferença, enquanto recolhia seu lindo vestido e espanava os gravetos grudados no tecido brilhante. Recuperando-se do susto e recompondo sua obstinação, Cora ignorou a confusão da prima, e retornou para casa com a trouxa debaixo do braço. Seguindo em seu encalço pulando como uma gazela pernalta, a prima não se calava, e gritava a plenos pulmões suas pretensões.

- Você está fugindo... Você está fugindo...

Cora suspirou frustrada, enquanto retornava ao seu interminável cotidiano. Para piorar a situação, Rosalva persistia em segui-la por todos os cantos, retendo suas intenções num irritante desdém. Temendo seu futuro, Cora sabia que precisava fugir antes que a tia Eleonor retornasse das compras, ou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

jamais o faria. Mas como enganar a peste da Rosalva, se ela parecia uma sombra em plena perseguição!

Em determinado momento, Rosalva entrou distraída no quarto de banhos para revirar as coisas costumeiras, esquecendo-se momentaneamente suas perseguições.

Aproveitando-se do momento de distração, Cora travou a porta por fora, prendendo-a em seu interior. Ao longe, Cora ainda podia ouvir o alarido estridente da mulher, enquanto corria pelo pasto, rumo ao planalto do povoado vizinho.

Cora correu até seus pés não aguentarem mais, e a escuridão da noite cegar seus olhos. A mata fechada contribuía para assombrá-la, mas era preferível dormir ao relento a permanecer reclusa para sempre naquela casa. Tateando no escuro, ela subiu no topo de uma imensa árvore para dormir, enquanto o cansaço a dominava.

No seu parco entendimento, Cora tinha ido mais longe do que seu próprio sonho almejava, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda não estava livre da fazenda, nem perto da liberdade. Ao primeiro raiar do dia, Cora precisa recomeçar sua caminhada, seguindo sempre a direção do sol nascente.

Caminhando pela orla do rio, ela encontrava inúmeros obstáculos e corredeiras, quase intransponíveis, mas também era seu único guia.

Passaram-se mais um longo dia de jornada, sentindo a fome corroer-lhe as entranhas. Droga! Porque não pensou em trazer comida! A liberdade pouco lhe adiantaria, se morresse de fome três dias depois. Não havia frutas silvestres, nem ovos de pássaros nos ninhos, apenas um emaranhado de ervas daninhas crescendo às margens dos rios.

Quando as primeiras estrelas replicaram o firmamento, as pernas dela tremulavam de fraqueza, mas sua obstinação de encontrar algum vilarejo parecia ainda mais forte. Depois de se acomodar sob uma junção de árvores, Cora apoiou a cabeça sobre sua preciosa trouxa e adormeceu esgotada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os sons da mata pareciam ganhar volume, conforme a noite prosseguia, mas ela não tinha receio; seu único pensamento era resistir. O dia seguinte lhe traria alguma esperança. Então Cora espantou a agonia, e manteve os pensamentos em foco.

Ao primeiro raio de sol, Cora despertou entorpecida, como se estivesse envenenada. A boca amarga expelia um líquido verde e atordoante. Céus! Ela gemeu segurando a cabeça com as duas mãos, enquanto vomitava o fel como se a própria vida se esvaísse. A fome cedeu, mas a dor latejante na cabeça parecia enlouquecê-la, conforme o dia emergia fulgente.

Arrastando-se trôpega, Cora mergulhou as mãos na água cristalina do rio e molhou a boca; mas nem toda a água do rio seria suficiente para lavar o amargor da língua. Uma sobrevivente como ela não se deixaria abater tão facilmente, por isso se obrigou a arrastar-se, um passo de cada vez, e seguiu o leste como uma promessa velada.

A fazenda Toledo já devia estar em polvorosa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com seu sumiço; mas Cora nem se importava. Logo desistiria de procurá-la, pois sabia que era apenas uma aquisição obtida para o desempenho da fazenda, nada mais. Logo encontrariam uma nova substituta, e ainda melhor. Uma pontinha de tristeza ainda persistia brotar em seu peito rijo, porque jamais voltaria a ver os irmãos e a mãe. Tão pouco o marido. A fria constatação fez brotar uma lágrima quente para nublar seus olhos congestionados de dor.

Espantando os pensamentos impróprios, ela seguiu caminhando por horas a fio sob o sol escaldante, até que, uma plantação familiar lhe chamou a atenção. Ao longe, o milho exibia suas espigas como jóias cintilando ao sol. As lágrimas misturaram-se ao riso conforme ela arrancava as espigas, e rasgava as folhas verdes que cobriam as socas. Tenras e doces como manteiga, o milho era uma dádiva espetacular, diante da fome inerente.

Seguindo a margem da plantação, Cora descobriu um caminho estreito serpenteando a mata, e cautelosa, ela percorreu a trilha, que certamente levaria a uma propriedade rural.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Várias plantações eram cultivadas na propriedade ao longo da trilha, contribuindo para atizar sua esperança tanto quanto, o receio da descoberta. Ao longo de seu rastro, as palhas das espigas denunciavam sua passagem, mas Cora só conseguia olhar a frente em busca de alguém.

Quatro dias caminhando ininterruptamente a levaram para muito longe, mas já seria o suficiente? Cora rezou para ser o bastante, pois já estava no limite de suas forças!

Ao fim da tarde, quando as sombras alongavam as montanhas, Cora avistou ao longe, lá bem no fundo do desfiladeiro, uma casa rústica às margens do regato. Fumaça esbranquiçada espargia da chaminé, enquanto os animais domésticos se recolhiam nas estrebarias para dormir.

Encolhida sobre a vegetação às margens do pasto, Cora esperou a noite encobrir sua silhueta, e aproximou-se cautelosa do velho rancho dos animais. Os aromas no interior do rancho eram familiares, como também os rugidos inquietos dos animais raspando o focinho nos cochos de trato.

PERIGOSAS ACHERON

O cheiro do leite fresco ainda dominava o ambiente, o que contribui ainda mais para atiçar-lhe a fome. Não era bem aquele tipo de construção que Cora desejou encontrar para iniciar sua nova trajetória, mas ela precisava recuperar as energias antes de seguir sua jornada.

Afagando os tetos da vaca, embora já murchos, Cora conseguiu extrair um pouco de leite dentro da vasilha largada no curral; e assim mitigar a fome. Uma casa perdida no sertão não representava a liberdade que ela almejava, por isso, Cora decidiu iniciar sua fuga ao primeiro raio de sol. Junto dos capins colhidos e amontoados num dos cantos do rancho, que serviriam para alimentar as vacas leiteiras, Cora se abrigou fatigada. Ela nem conseguiu terminar suas orações antes de cair num sono agitado. Em seu sonho, ela via Blazio correndo em sua direção com os braços aberto para acolhê-la, mas ela nunca o alcança.

O mugido das vacas despertara-a ao primeiro raio do dia. Espreitando através das frestas das tábuas desgastadas do curral, Cora observou a casa adormecida, e estremeceu quando uma janela se

PERIGOSAS NACIONAIS

abriu bem diante de seus olhos. Um homem maduro e com enormes bigodes avermelhados coçou a careca, enquanto apreciava a aurora tingir o céu de dourado. Para assombro dela, os moradores daquela casa também despertavam com as galinhas, como todo bom sertanejo.

Bem, como sabia que todos na região e cercanias conheciam o senhor Donato, ela devia correr se quisesse continuar fugindo. Então, ela colocou trato no cocho da vaca procurando manter silêncio, e ordenhou uma boa caneca de leite. Depois de saciada, ela saiu sorrateiramente na direção da mata, seguindo sempre para o leste, e o regato ao longo do vale.

O velho vestido que protegia a roupa nova agarrava-se nos arbustos cerrados ao longo do caminho, deixando-o em farrapos, mas Cora pouco se importava, sabia que era o último grilhão da vida infeliz que queria esquecer.

Depois de correr mais um longo dia, até suas pernas não aguentarem mais, Cora se estatelou sobre uma pedra às margens do rio, quando a noite

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tempestuosa ameaçava desabar sobre sua cabeça. Repentinamente a escuridão tomou conta da terra. Apenas o clarão dos relâmpagos iluminavam os recantos e cegava seus olhos.

Céus! Cora gemeu estremecida. Precisava encontrar abrigo logo ou estaria arruinada. Já não havia estrelas para amenizar o negrume, e os relâmpagos riscavam o firmamento num prenúncio agourento, enquanto ela rebusca os arredores com olhos irrequieten.

Ao longe, os raios iluminaram a boca de uma caverna incrustada no barranco, no sopé da montanha, talvez seu único refúgio.

Esquivando-se do aguaceiro, Cora se lançou para dentro do buraco como uma gazela, sem ponderar os perigos. Somente quando o odor do visco da terra penetrou suas narinas, ela parou petrificada, tentando compreender as dimensões da fenda.

Do calor abrasivo do sol a friagem úmida da chuva, atingiu os ossos de Cora, enquanto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enroscada sobre si, ela tampava os ouvidos para mitigar os estrondos ensurdecedores dos trovões, e sob seus pés sentia a terra tremer sob o eco da tempestade.

Em poucos minutos, um rio lamacento, penetra pela abertura da caverna e encharcou o solo. Sob o encharco do chão, Cora nem cogitou se deitar, então apenas se recostou a parede viscosa do rochedo, tentando preservar o resto de vitalidade que ainda lhe restava.

E assim, largada de encontro à parede rígida, ela suplicou por um milagre de salvação. Mas, o clarão tempestuoso prenunciava o estrondo, e o estremecimento do peito, fazendo-a desejar furtivamente nunca ter fugido da mísera vida que levava.

Os minutos se arrastavam, enquanto ela equilibrava-se para não resvalar para o chão encharcado; mas como evitar a fraqueza de suas pernas acometida pela fome atroz.

Um medo terrível a assaltou, ao constatar que a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fenda da caverna poderia facilmente se tornar a sua própria tumba. Por um momento, ela sentiu saudade da estrebaria que passara a noite anterior, mas sabia que já não podia voltar.

Jamais ia retroceder na jornada, seguiria sempre a mesma direção, mesmo que levasse semanas ou meses para encontrar um refúgio seguro. Por quilômetros intermináveis ela correu, e correria muito mais para alcançar a liberdade.

A botina de couro de boi que usava estava encharcada e os dedos formigam como se tivessem inchados, mas ela sabia que o chão ao qual pisava, poderia trazer perigos ainda mais terríveis e arriscado se ela tentasse tirá-la.

Durante a noite tenebrosa, a tempestade cedeu, e pela fresta da fenda, Cora observou os últimos relâmpagos riscar o firmamento. Um suspiro profundo emergiu de sua garganta seca, o único som audível dentro da caverna.

Por muito tempo ela permaneceu em pé, recostada às pedras irregular. Porém, enquanto a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

madrugada avançava, os olhos cansados se fechavam, e ela resvalou para o chão pedregoso. Nem a friagem do encharco a manteve acordada, apenas o seu inconsciente levava-a para uma cama quentinha

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 7

Emergindo da escuridão, Cora sentiu algo quente e peludo despertá-la. Por uma fresta dos olhos congestionados, ela avista a pelagem marrom roçar seu rosto, uma enorme língua quente e rosada, lambe-lhe a pele enregelada.

'Céus! A fera ia devorá-la'?

Cora tentou se esquivar, mas sentiu os músculos totalmente paralisados, tanto quanto a voz presa na garganta ressequida. Apenas o cérebro registrava alguma vitalidade, então temeu já ter perecido, ou num alento tardio, imaginou ainda dormir, e que tudo não passava de mais um pesadelo. Finalmente, retornou a plácida escuridão e perdeu completamente os sentidos.

'O cão encontrou algo no interior da montanha

PERIGOSAS ACHERON

escarpada'. Foi à dedução lógica do seu dono, enquanto esquadrinha os arredores e a aurora pálida por detrás das montanhas.

Depois das eventuais tempestades, João e alguns homens espalham-se pelos confins da fazenda, na busca por rebanhos extraviados. E aquela tinha sido uma excepcional e torrencial tempestade de verão.

João observou ao longe seu inseparável cachorro; o melhor caçador da redondeza, latir e instigá-lo a investigar seu achado. Ciente de que, quando o cão se embrenha atrás de algum rastro, ninguém o demovia da busca; então o observou entrar e sair da fenda escavada na montanha, latindo feito um louco, para chamar-lhe a atenção.

Depois de galgar o rochedo pedregoso, o homem finalmente penetrou na escuridão da caverna, seguindo os latidos do fiel companheiro. Depois de alguns segundos, quando a vista se acostumou à escuridão, ele divisa o cão vigiando acautelado algo disforme, bem no fundo do escavado. E não era uma de suas rezes extraviadas.

Um estremecimento arrepiou a espinha de João, ante o medonho cenário. Depois de recuperar-se do susto e acalmar o peito, ele aproximou-se do emaranhado de panos largado no chão rigoroso.

Logo ele distinguiu o cabelo acobreado, e despontando do emaranhado, uma feição humana. Céus, a faceta da morte pairava palpável na atmosfera saturada de mofo, recendendo do interior da caverna. A intuição agourenta o impedia de tocar a criatura, mas a insistência do cão o obrigou a conferir o inevitável.

Com a ponta do dedo ele cutucou o ombro do ser, e se afastou a espera de resposta. Não obtendo nenhum esboço de vitalidade, João ergueu-se estremecido; mas o cão parecia determinado e insistia na observação. Tomado de coragem, ele virou o corpo com o bico da bota, e se surpreendeu quando a feição feminina estremeceu num débil gemido.

Pelos céu! A criatura estava viva!

Em seus cinquenta anos, João jamais se

deparou com semelhante situação. Por um momento ele ficou a matutar, os motivos que levaram uma mulher a perder-se nos confins daquela terra.

Viúvo há quase vinte anos, João vivia quase como um ermitão, mas reparou que por baixo daquela aparência infeliz, o lindo rosto feminino surgiu, como um milagre. Ele que levava uma vida de trabalho árduo, e cuidado com os filhos adolescentes desde que a esposa morrera, acometida pela malária, ele jamais reparou em outra mulher; mas sabia divisar a beleza, mesmo através daquela penumbra infernal.

João tinha plena consciência que a fazenda o sustentava satisfatoriamente, como também lhe esgotava todo o tempo e energia para sair em busca de uma nova história amorosa. Talvez fosse apenas desculpa, mas ele preferia acreditar que conseguia sobreviver sem a sua amada Madalena.

Agora, os três filhos já criados, bem-casados, habitavam na cidade grande, restando ao pai apenas uma vida solitária através do sertão, numa façanha

trabalhosa. Os netos, seu maior tesouro, lhe coloriam a vida por muitas semanas seguintes à sua breve visita.

Observando o montinho de trapos largado no fundo da caverna, João agradeceu a Deus por livrá-lo do presságio da morte. Então, se ajoelhando ao lado do corpo inerte, ele instigou-a com brandura. Sua voz ecoou na fenda num som muito além do que pretendia, provocando novo estremecimento no corpo alquebrado da desconhecida.

- Calma... Quem é você? O que está fazendo aqui?

Como surgindo de um longo tubo, Cora ouviu alguém chamá-la, mas sentia-se febril e enregelada, para sequer erguer um dedo; mas distinguiu um cheiro esquisito, uma mistura de couro, cavalo e suor sobressair do mofo da terra.

A respiração estava fraca, mas João conseguiu sentir o ar espargindo das narinas dela ao roçar lhe o rosto com o dorso da mão. Com extrema facilidade ele tomou-a nos braços e observou a

fragilidade dos membros penderem inertes.

Numa vertiginosa ponderação, ele cogitou entregá-la às autoridades locais; mas a moça estava tão debilitada, que temeu uma longa jornada até o vilarejo mais próximo. Além disso, João já vira o mesmo tipo de vermelhidão reluzente em outra face. Sua esposa também delirou febril, até a morte. Era possível que a moça também contraiu a *malária*! Melhor levá-la para casa até recuperar-lhe as forças, depois faria o que fosse mais prudente.

Um inquietante desconforto tomou-lhe a consciência ao tombar o frágil corpo sobre os ombros, e sair para a claridade do dia. Parecia algo fortuito, e totalmente impróprio levar uma mulher para casa, mesmo numa situação adversa como aquela.

Tendo as matas por testemunha, ele caminhou às margens do rio até alcançar o cavalo, amarrado num arbusto ao longo da trilha. O cão perdigueiro corria saltitante a frente do seu dono, como a guiar-lhe os passos, sentindo-se orgulhoso do seu achado.

PERIGOSAS NACIONAIS

O gado extraviado do rebanho da sua fazenda que João procurava, perdeu-se momentaneamente no esquecimento, ante a inusitada emergência. Com agilidade surpreendente, ele montou no lombo do cavalo, e acomodou o fardo humano sob o colo junto da sela.

Cora queria emergir do torpor e entender os acontecimentos a sua volta, mas a impotência a impedia de qualquer movimento, e via apenas a relva flutuar rapidamente junto ao rosto, num devaneio esquisito.

Também sentia a carne do corpo rasgar-se ao mais leve toque, enquanto o frio devastador congelava lhe os ossos. A morte seria uma bênção acolhedora e necessária, mas nem isso ela conseguia alcançar. Depois de uma longa jornada, a casa do fazendeiro surgiu ao longo da campina verdejante, quando o sol a pino espargia seu calor. Tanto o homem, quanto os animais estavam encharcados de suor, mas a moça estremecia num frio mórbido entre seus braços.

Às portas da estrebaria, João desmontou e

PERIGOSAS ACHERON

enveredou para casa. Com passos alongados, ele galgou os degraus da varanda sombria, e entrou no interior da residência deserta. Imediatamente, ele cruzou o longo corredor, e abriu a porta do antigo quarto da filha. O ambiente cuidadosamente arrumado, estava sempre a espera da visita amada, embora tão rara.

Com agilidade, João recolheu a colcha de cetim, e depositou o corpo combalido da garota sob o travesseiro de penas. O corpo imundo dela arruinou o lençol branco, mas ele pouco se importou. Precisava providenciar imediatamente remédios, além de uma propícia refeição. Ao deixá-la largada sob as cobertas de penas de ganso, João contemplou-a por um momento, antes de correr pela casa numa vertiginosa atividade.

Enquanto o fogo ardia na madeira sob a chapa de ferro, e a água esquentava para as folhas de chá que pretendia colher no quintal, João retirou a sela do cavalo e encheu o cocho de feno, num mudo agradecimento.

Depois, João deu comida ao fiel cachorro e

seguuiu em direção da casa, desejando que o remédio fosse eficaz. Por sorte, havia no estojo de medicamentos da casa, alguns comprimidos de analgésicos e antitérmicos; isso já devia bastar, ou teria que arriscar-lá numa viagem extenuante, até o hospital mais próximo.

Quando ele administrou o medicamento, Cora batia os dentes num tremor incontrollável, enquanto murmurava debilmente por proteção.

- Não diga... A ninguém... Que estou aqui...!

Por certo, ela estava fugindo de alguma coisa ou de alguém. Pelos céus! O que uma jovem tão linda poderia temer? João matutava consigo mesmo, enquanto molhava-lhe a testa e os lábios com um pano úmido, para amenizar lhe a febre. Ao descalçar-lhes às botas desgastadas, João reparou no estrago da longa jornada. Havia bolhas arroxeadas em muitas partes, e no calcanhar a pele descarnada vertia sangue e água. Por certo, aquela garota não iria muito longe.

Enquanto João tentava livrá-la da sujeira dos

PERIGOSAS NACIONAIS

braços e rosto, com um pano molhado, reparou que por baixo daquele trapo de roupa destruída, havia um vestido de tecido delicado, mas do mesmo modo, arruinado.

Precisava tirar aquelas roupas imundas e molhadas. Então verificou o conteúdo da trouxa que ela carregava. Diante de seus olhos, João estendeu a sua frente o mais lindo vestido de festa que já vira na vida; mas, também estava sujo e molhado. Com determinação, ele correu até o seu quarto e escancarou o guarda-roupa, onde os vestidos de sua esposa conservavam-se cuidadosamente enfileirados nos cabides. Jamais imaginara tocar naquele tesouro resguardado, até então. Sem muita escolha, ele tomou uma camisola de algodão e rendas salpicadas de pequenas flores multicoloridas.

O coração dele batia frenético, numa emoção indescritível enquanto despia e lavava a pele translúcida da garota debilitada. Rapidamente, e sem deter seus olhos abismados as curvas salientes do corpo feminino, João a cobriu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A respiração dele ofegava, e suas mãos tremeram ao depositá-la confortavelmente sobre o travesseiro, antes de sair do quarto com as roupas sujas para lavar. Apesar de incomum, João dominava as tarefas domésticas tão bem quanto qualquer dona de casa.

Na lida da fazenda, especializada em criações de cavalos de raça e gado de corte, João contava com a ajuda de dezenas de valentes peões, mas na vida privada ele estava só. Apenas, uma vez por semana, a esposa do capataz fazia a limpeza geral da casa, e preparava lhe pães, bolos e cucas para a semana toda. Por bondade, ela também preparava biscoitos natalinos e enchia várias latas na despensa. Satisfeito, João degustava os biscoitos à noite com uma boa caneca de café.

Depois de deitar as roupas da garota num molho de sabão, João preparou algo leve e substancioso para ela recuperar as forças. Com vinco curioso ele perguntava-se de onde aquela garota surgiu? Por certo alguém reviraria a terra a sua procura. O que fazer se alguém batesse à sua porta? Mesmo que ela tenha implorado para mantê-

PERIGOSAS ACHERON

la escondida, ele faria o que fosse certo. Nada mais.

Durante quatro dias, Cora variou entre a alucinação e realidade. Havia momentos em que quase divisava um homem de cabelos grisalhos e mãos bondosas cuidando de seus ferimentos; e que parecia tocá-la com a leveza de uma pluma. Mas, a realidade mostrava-se assustadora, tanto quanto, a selva rigorosas que atravessou.

Sabia que sua fuga estava comprometida, e ainda não estava longe o bastante. Talvez nem um oceano inteiro a livrasse das garras de seu destino. Agora, esperava apenas pelo inevitável resgate.

Afinal, quem seria aquele homem robusto, de feições austeras, e voz incrivelmente suave? Todo o rigor desaparecia de seu rosto trigueiro, quando ele lhe sorriu ou a incentivou a comer. Tanto a pele do rosto, quanto a dos braços, exposta pela camisa arregaçada até o cotovelo, exibiam a tez morena; como também os cabelos negros e grisalhos nas têmporas, estavam queimados pelo sol abrasador da região serrana.

PERIGOSAS NACIONAIS

Cora se surpreendeu ao constatar que o achava bonito; ou era o reflexo dos sonhos, dos quais não conseguia despertar.

O sotaque estranho e carregado, assemelhava-se ao sotaque do padre Agostinho, *recém-chegado* da Espanha, por isso dificultava-lhe a compreensão, mas Cora percebia sua incrível bondade. Acostumada a fala fácil dos familiares, aquele sotaque curioso produzia nela grande temor e retraimento. Enfim, nos lapsos de lucidez, era difícil expressar sua imensa gratidão pelos cuidados. Ainda assim, Cora preferia seguir o seu caminho em paz.

Quando finalmente Cora despertou da lassidão involuntária, ela quase teve um colapso apreensivo, ao constatar estar praticamente nua, sob as cobertas. Apenas uma tênue camisola de cetim a protegia da nudez absoluta. Não possuía roupa íntima, e o mais assustador, quem a vestiu? Em seus breves momentos de lucidez, não vira ninguém além do homem robusto que a resgatou.

Apurando os ouvidos, Cora não conseguiu

PERIGOSAS ACHERON

ouvir nada, além de sua própria respiração ofegante, e viu através da cortina de renda, o sol da aurora iluminar o quarto cor-de-rosa. Olhando em torno com espanto, ela reparou que, tanto a decoração dos móveis quanto as paredes, tomavam um lindo tom róseo e branco, transformando o cenário num ambiente quase infantil.

Respirando longamente, Cora tentou colocar os pés no chão encerado, mas ao tentar se firmar de pé, os músculos de suas pernas pareciam manteiga derretendo ao sol. Sua queda vergonhosa estremeceu as estruturas da casa silenciosa, e arrastando-se com dificuldade, ela conseguiu voltar para a cama desalinhada. Por fim, ela se afundou no travesseiro fatigada.

Momentos depois, a porta do quarto se abriu abruptamente, o homem entrou afoito e parou estático no meio do quarto, observando-a atentamente. Lúcida como jamais estivera antes, Cora puxou as cobertas até o pescoço, observou o homem dos pés a cabeça, numa minuciosa inspeção. Ele não era muito velho, nem tão jovem, e possuía imensos olhos negros, tão intrigantes

quanto tudo nele. Os lábios carnudos e bem desenhados, se abriram e fecharam num sorriso fortuito, enquanto examinava-a com a mesma obstinação ao se aproximar calmamente.

Os olhos de Cora ainda estavam vermelhos e translúcidos pela debilidade, mas ele pode vislumbrar um traço de rebeldia impressa neles. Céu! Como ela era linda acordada! Num gesto cuidadoso, ele tocou a testa dela, para conferir-lhe a temperatura, e inquiriu prudente.

- Como você está...?

Depois de um momento de hesitação, ela maneou a cabeça em anuência.

- Bem... Eu acho!

- Bom! Você já está acamada há vários dias, não gostaria de sair um pouco deste quarto?

Cora olhou em volta a procura de suas roupas, enquanto apertava a ponta da coberta contra o corpo, numa aflição crescente. Tentando tranquilizá-la, o homem se apresentou calmamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Bem, gostaria de me apresentar. Meu nome é João Fortunato; muito prazer...

Observando-lhe a mão estendida, Cora quase recuou, mas o brilho determinado dos olhos dele à instigou.

- Meu nome é Cora... Corina!

Tomando-lhe a mão pequenina, João reparou na pele áspera da palma, mãos de quem já trabalhou demais. O corpo delgado esbanjava juventude, mas aquela garota parecia trazer o peso do mundo sobre os ombros; seguramente vestígios de uma vida dura.

- Não vai me revelar seu sobrenome; suponho!

Cora apenas maneou a cabeça constrangida. Estaria ele tentando livrar-se dela? Com obstinação, ela ergueu o queixo e o encarou resoluta. Preferia morrer, a voltar para Blazio. Vira muito bem o comportamento libertino dele diante daquelas moças da cidade, sorrindo completamente enfeitado, enquanto elas se ofereciam e se esfregaram nele.

PERIGOSAS ACHERON

Depois de um momento analisando seu comportamento, João libertou-lhe a mão e dirigiu-se ao roupeiro na outra extremidade do quarto. Diante dos olhos abismados de Cora, ele apontou seus lindos vestidos totalmente alinhados no cabide.

Diante de seu deslumbramento, ele sorriu.

- Qual prefere?

Soltando a respiração longamente Cora apontou para o vestido azul, o outro em tons verde e violeta, reservava para a sua real meta; a entrevista de emprego.

Com cuidado, ele estendeu o vestido sobre a cama, junto às roupas íntimas que encontrara na gaveta da cômoda da filha. Cora sentiu as faces coradas diante daquelas delicadas peças de rendas, tão indiscretas quanto à situação que estava vivendo. Para assombro e estremecimento dela o homem indagou naturalmente.

- Será que consegue se vestir sozinha...?

PERIGOSAS NACIONAIS

Cora maneou a cabeça ativamente, enquanto a voz emudeceu na garganta. Depois de prometer que voltaria para ajudá-la a sair da cama João deixou o aposento.

Com esforço e dor, ela sentou na cama e tirou a camisola. Com movimentos limitados, ela enfiou as pernas na calcinha de algodão e rendas. Depois, o vestido foi um verdadeiro martírio, porque os músculos pareciam deslocados dos ossos e doíam excessivamente; fazendo-a soltar gemidos involuntários a cada movimento!

Quando Cora conseguiu esticar a barra da saia até os tornozelos, ela caiu novamente de costas sobre a cama macia, e assim permaneceu imóvel de olhos fechados, até sentir alguém tocar seu braço com brandura.

- Então você conseguiu!

Os olhos de Cora lacrimejaram involuntariamente, enquanto um bolo se formava na garganta, ante o carinho expresso nos olhos daquele desconhecido. Jamais experimentara

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dedicação ou ternura igual, e não sabia como agradecer tal gesto. Uma mistura de clamor e lamento sacudiu seu peito, quando o homem lhe sorriu e estendeu os braços com solicitude.

- Onde gostaria de ir? A casa é grande, tenho uma excelente biblioteca, um lindo jardim que se pode apreciar da varanda... Ou a sala de estar, onde o sol aquecerá seus ossos...?

Atônita, Cora quase morreu de vergonha ao ser erguida da cama com facilidade por aqueles braços vigorosos, mas sua urgência era ainda maior e constrangedora. E, com dificuldade ela murmurou num fio de voz.

- Gostaria de usar a privada... Primeiro!

Com um movimento de cabeça, o homem saiu rapidamente do quarto e entrou por uma porta no fim do corredor. Ao depositá-la sobre o tapete espesso, João a amparou enquanto ela fraqueja bamba sobre as pernas. Agarrando-lhe os braços com obstinação, ela observou o ambiente revestido em mármore e granito.

PERIGOSAS ACHERON

Tanto as paredes do banheiro quanto o chão, refletiam o brilho do sol como um espelho. A enorme banheira de esmalte com torneiras de cobre, e o vaso sanitário com tampa de madeira, cintilavam de tão lustrosos. E no lugar da bacia de barro, para lavar o rosto ao qual estava habituada, havia uma retangular pia de esmalte, igual à banheira, com o mesmo tipo de torneira dourada fluindo água aquecida. Segurando-a com firmeza, João a conduziu pelo aposento até o vaso sanitário, e saiu, instruindo-a para chamá-lo quando terminasse.

Céus, ela não se lembrava de ter feito suas necessidades fisiológicas durante aqueles dias; agora, transcorriam intermináveis, enquanto a inanição acometia-lhe os músculos ela temeu desmaiar sentada sobre aquele vaso de luxo.

O sabonete havia deixado um aroma refrescante sobre a pele do rosto e braços, quando ela secou-os com uma toalha. Diante do espelho sobre a pia, ela viu o reflexo de uma completa desconhecida. Os olhos vermelhos ressaltava das faces pálidas e descarnadas, como uma faceta moribunda. Da

mesma forma as auréolas arroxeadas demarcavam olheiras fundas, e os lábios secos descascava em feridas provenientes da febre. O vestido outrora apertado, agora tinha, pelo menos, dois dedos de folga, de cada lado.

Uma eternidade parecia ter se passado, quando finalmente ela abriu a porta do banheiro e deparou-se com João, aguardando-a recostado à parede do corredor. Ao vê-la agarrada a porta entreaberta, ele correu para ampará-la. Cora não protestou quando ele a tomou no colo e saiu calmamente pelo corredor.

- Primeiro, você vai se aquecer um pouquinho no sol! Depois, uma boa refeição para recuperar lhe as energias. Que tal?

Um esboço de sorriso distendeu os lábios dela, maneando a cabeça em anuência. Era estranho, e incrivelmente prazeroso, receber as atenções de alguém, sentia-se minúscula diante daquele homem robusto. Fisgada no reflexo daqueles olhos negros, era impossível contrariá-lo.

Então, como num devaneio imaculado, ao ser acomodada cuidadosamente sobre almofadas de cetim do aconchegante sofá da sala, Cora sossegou. Sentindo-se fatigada, ela mal percebeu quando o sol lambeu lhe a pele, enquanto adormecia

Capítulo 8

Preocupado, João contemplou-lhe o rosto pálido por um momento, antes de sair para providenciar a refeição prometida. Sabia que ela estava melhorando, mas temia comprometer-lhe à saúde, mantendo-a sob seu teto. Devia tê-la levado ao hospital; mesmo contra a sua vontade.

Dona Alexandra, a esposa do capataz, chegaria a qualquer momento, e João já havia preparado um discurso, para justificar lhe a estadia inusitada da moça na casa. Aqueles quatro dias que a garota permaneceu semi-inconsciente, deram-lhe tempo para elaborar uma história.

Então, diria apenas que a jovem era uma *prima* distante em breve visita, mas que por motivos da doença permanecia além do esperado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Morar sozinho tinha suas vantagens, mas havia sempre alguém que sugerisse ideias para acabar com a sua solidão; mas João estava satisfeito com o isolamento, e não desejava companhias femininas. Embora ele já procurou aliviar o corpo sedento por sexo, preferia manter distância das mulheres sujeitas a aliviá-lo do desconforto. Agora, João se sentia angustiado pela situação delicada que se metera, ao encontrar a garota estropiada; contudo, e, além disso, não suportava a ideia de alguém doente sob seus precários cuidados.

Talvez a empregada pudesse-lhe aliviar o imenso fardo, pois Dona Alexandra ajudou a criar os seus filhos, principalmente a filha caçula, que também não escapou das doenças infantis, passando dias e noites em vigília. Hoje Melina estava com vinte e seis anos, já era mãe de um menino de quatro anos, e uma graciosa garotinha de três. Os netinhos eram como as estrelas da manhã, enfeitando os seus dias. Felizmente, a empregada também era mãe de quatro filhos já adultos; com certeza ela saberia o que fazer para ajudar a solucionar a sua imensa loucura.

PERIGOSAS ACHERON

O alarido faceiro da empregada, cantarolando antigas canções, alcançou os ouvidos de João antes mesmo de ela entrar pela porta da cozinha.

Sob a chapa quente do fogão a lenha, o frango com legumes borbulhava sua fervura, e o aroma do caldo espargia ao longe.

- Nossa! O senhor madrugou! E parece que está com fome também! Já adiantou o almoço...?

- *Bom dia*, para a senhora também! João contrapôs cordato, enquanto a mulher atravessava o ambiente familiar, e observava as panelas sob a chapa quente. Dona Alexandra ofereceu uma risadinha culpada, enquanto vasculhada o conteúdo da panela num murmúrio curioso.

Antes que ela tirasse conclusões precipitadas, João resolveu colocá-la a par da situação, e contou-lhe em detalhes o discurso idealizado.

Sentados no banco polido da enorme mesa da cozinha, João ilustrou sua história. Boquiaberta, a mulher procurava lembrar-se do inusitado parentesco, mas como também não conhecia todos

PERIGOSAS ACHERON

os parentes do patrão, limitou-se a ouvi-lo.

- Ela já teria partido, mas acho que foi acometida pela *malária* antes de chegar aqui! Rezo para que esteja melhor... Enfim, preciso da sua ajuda!

- Não se preocupe! Farei tudo que estiver ao meu alcance. Os meus filhos também já me deram muitos sustos!

Daquele momento em diante, a casa pareceu ganhar vitalidade, enquanto a mulher percorria os recantos numa infundável arrumação. Seu olhar curioso, recaiu sobre o corpo inerte da garota adormecida sobre o sofá da sala. Um estremecimento sacudiu as estruturas corpulentas da mulher, ao ficar face a face com a possível realidade. Alexandra conviveu com a esposa do patrão, e cuidou de sua enfermidade durante os últimos dias. Agora, aquela mulher largada sob as almofadas de cetim, parecia à própria *morte*, zombando dela outra vez.

Os cabelos de Cora espalhava-se sobre as

almofadas, como uma cascata de seda, mas a face descarnada não esboçava nenhum traço de vitalidade. Espantando o agouro presságio, Alexandra tocou a testa de Cora, para conferir sua temperatura. Naquele momento, ela jurou que, se dependesse dela, não permitiria que a história se repetisse naquela casa.

Com uma caneca de chá fresco nas mãos, João observou detalhadamente os contornos delicados do rosto de Cora, enquanto ajoelhava ao seu lado.

- Cora! Acorde menina...

De muito longe, Cora pode ouvir seu nome. Era um chamado diferente, parecia envolto na bruma branca e tão suave quanto algodão; mas ela não sentia nada além de seu próprio pensamento, e imaginou já ter morrido. Contudo, o chamado persistia, até resgatá-la do nevoeiro. Quando seus olhos se abriram hesitantes, um par de expressivos olhos negros a observava atentamente. Os lábios dele curvaram-se, num sorriso acolhedor, enquanto a voz grave, lhe encorajava.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Beba um pouco deste chá; é amargo como fel, mas vai lhe recuperar a saúde.

Dizendo isso, ele ergueu a cabeça dela das almofadas, e pressionou a borda da caneca contra os seus lábios ressequidos. Ao primeiro gole ela pensou ser envenenada, mas a candura dos olhos dele incentivou-a a engolir o líquido amargoso.

Penosamente, Cora sorveu todo o conteúdo da caneca, enquanto era amparada por braços fortes e gentis. (O uso do ‘*quinino*’ era o único remédio eficaz contra o vírus devastador; o mesmo que aniquilou muitos lares sertanejos no início do século.) Apesar da mobilidade dos governantes para erradicar a praga dos ‘mosquitos transmissores da doença’, eles ainda procriavam nos regatos da serra, e em toda a região sul do Brasil

As lágrimas que embasaram os olhos verdes de Cora, não eram apenas pelo fel que bebia, mas pelo destino desgraçado que a perseguia. Seu sonho de liberdade ficava mais longe, a cada dia que passava ali. Quando uma lágrima quente deslizou pela face dela, como um pingo de chuva, João secou-a com a

PERIGOSAS ACHERON

ponta dos dedos num carinho cuidadoso. Depois de administrar o remédio tenebroso, João sorriu orgulhoso e devolveu-a as almofadas macias.

- Descanse um pouco. Logo eu a levarei para a varanda, onde poderá apreciar as flores enfeitando o jardim!

Com passos firmes ressoando no assoalho de madeira, o fazendeiro deixou-a sozinha em pleno repouso. Ao despertar do cochilo revigorante, Cora olhou em volta com assombro. Onde estava? Aquela não era a sala de estar do senhor Donato! Mas também não lembrava-se de muita coisa, além de sua fuga desesperada.

Cora divagava freneticamente, quando, uma mulher de feição espantada adentrou pelo vão da porta e a espreitou. O alarme parecia recíproco, porque a mulher engasgou antes de entrar totalmente no recinto.

- Então você acordou. Muito bem... Como se sente?

Cora não conseguiu responder de imediato, mas

PERIGOSAS ACHERON

aquiesceu ativamente com a cabeça. Imediatamente a mulher se adiantou e conferiu sua temperatura, depois sorriu alegremente.

- Graças a Deus, a febre cedeu! O patrão vai gostar de saber disso...

Cora precisava de respostas, por isso se esforçou ao máximo para soltar a voz.

- Onde estou...?

Sua breve indagação não passou de um sussurro, mas a mulher conseguiu entender.

- Na casa do senhor João Fortunato... Não se lembra? Você é a *prima* distante, em visita... E, por conta da *malária*, você continua aqui!

- Como isso é possível...?

- A *peste* a pegou em cheio. Muita gente não conseguiu escapar ilesa da *malária*. E, como você bem sabe, à esposa do patrão não conseguiu...

Confusa, Cora tentava acompanhar o raciocínio

PERIGOSAS NACIONAIS

da mulher falante, mas ficava difícil acompanhar tanta informação.

- Quanto tempo estou aqui?

- Uns cinco dias! Você não se lembra de nadinha...?

- Já basta Alexandra! Não perturbe a garota.

A entrada repentina do fazendeiro encerrou a conversa esclarecedora. A empregada afastou-se com o semblante vermelho e replicou ativamente.

- Desculpe-me patrão, mas a moça está muito confusa... Nem lembra quem é!

Com passos firmes, João se aproximou e contrapôs com severidade controlada.

- Isso é perfeitamente normal, devido à febre alta! Vá, e traga um bom prato de caldo para alimentar nossa *hóspede*.

Sem pestanejar, a mulher saiu apressada, deixando no ambiente uma atmosfera perturbadora.

PERIGOSAS ACHERON

Cora mexeu-se inquieta entre as almofadas, tentando decifrar os sentimentos que pairavam no semblante endurecido do homem, ao qual não tinha notado. Observando sua inquietação, João sentou-se na beirada do sofá e revelando com simplicidade.

- Perdoa-me; mas dona Alexandra é muito mexeriqueira, às vezes. Ela não entenderia sua presença aqui se não fosse *parenta*... Prima foi a única ideia que me surgiu. Ou você tem algo mais convincente?

Cora suspirou consternada. O que fizera para merecer tal destino? Sentindo-se apunhalada no peito, ela gemeu angustiada. João se aproximou preocupado, e tomou-lhe as mãos com redobrado carinho.

- O que aconteceu...! Não aprova minha pequena mentira?

Cora maneou a cabeça ativamente em negativa, murmurando todo o seu agradecimento.

- Eu é que não mereço tanta atenção...!
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Bobagem! Você deveria estar feliz pela oportunidade de reviver. Sabia que enquanto você delirava febril, me revelou muitos segredos...?

Cora abriu os lábios em busca de um pouco de ar. Céus, o que deixou escapar? Numa aflição sem limites, ela implorou pela verdade.

- O que... Eu disse?

- Calma; nem um crime foi revelado!

Mas Cora não conseguia aquietar seu coração, que batia frenético como um pássaro alçando voo. Apreensiva, ela buscou os olhos dele em busca de respostas, e não entendeu o brilho estranho nas profundezas daqueles olhos negros, grudados nos seus. Aquele homem robusto, de traços rigorosos, parecia ler-lhe a alma! Incapaz de sustentar seu olhar, ela desviou o rosto e estremecida, recolheu as mãos das dele. Mas, ele tomou o rosto dela com dedos firmes, obrigou-a a encará-lo de frente. O timbre grave da voz dele, não permitia hesitação, mas uma gravidade espantosa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Se vamos representar o papel precisamos ser convincentes. Você *é* minha prima distante! Embora eu ainda não saiba exatamente quem você é...! Isso vai bastar. Você compreende o que estou lhe dizendo?

Depois de um momento, analisando aqueles olhos negros, os contornos do maxilar saliente e extremamente másculo, Cora apenas aquiesceu cansada. Satisfeito por ela já estar consciente, João respirou pausadamente e libertou-a com rigidez.

- Bem...! Você é filha de uma tia distante e órfã recentemente. Por isso veio em busca de alento, tentando recuperar-se da tragédia familiar... Que tal?

Cora não conteve o riso diante daquela mente mirabolante. Até que a história lhe pareceu convincente!

- Acho que servirá! Apenas; Corina...; de que?

- Boa pergunta; você poderia responder... Ou precisamos inventar um novo sobrenome também?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cora maneou a cabeça afirmativamente. Preferiria morrer a revelar o sobrenome de Blazio, o qual herdara. João coçou o queixo quadrado tentando pensar num nome adequado, enquanto seus olhos perpassam o perfil da garota recostada no sofá.

Linda como uma ninfa, e deveria ser a filha de Apolo. Livrando a mente dos devaneios indiscretos, João obrigou-se á realidade.

- Medeiros! Corina Medeiros... Soa bem!

O riso zombeteiro distendeu os lábios masculinos e alcançou os olhos negros, como reflexos da própria luz solar. Cora sorriu abertamente pela primeira vez em muitos anos. O riso contagiante relaxou a atmosfera taciturna de momentos atrás, formando um laço de cumplicidade jamais vivenciado. Surpresa, Cora percebeu que era muito fácil relaxar, diante de tão grata criatura.

Porque não pensara naquele estratagema para livrar-se do sobrenome, imposto contra a sua

PERIGOSAS ACHERON

vontade! Aquele sim; poderia ser um novo rumo de sua existência. Quando dona Alexandra entrou na sala, munida com a bandeja com a refeição de Cora, o clima era amistoso e descontraído.

Imediatamente, João tomou a bandeja das mãos da mulher, e se encarregou de alimentar a sua nova parenta. Cora não imaginou estar tão faminta, até provar a deliciosa refeição. Lentamente ela fora recuperando as energias e a saúde. E enquanto se restabelecia, dona Alexandra passou a trabalhar todos os dias na fazenda e em cuidados redobrados com a sua alimentação. Ela dizia que a saúde entrava pela boca, por isso já nos primeiros dias, Cora recupera quase todos os quilinhos perdidos.

Alexandra chegava cedinho e só saía ao fim da tarde, depois de deixar o jantar delicioso pronto, sobre a chapa quente do fogão.

Mesmo contra a vontade de Cora, João insistia em carregá-la nos braços vigorosos, de um lado a outro, pela casa. Todas as manhãs ele levava-a para a varanda, de onde ela podia apreciar o lindo jardim, sentada sobre o banco confortável, e com

todo o cuidado, João acomodava as almofadas as suas costas, antes de conceder-lhe privacidade.

Desde o primeiro dia Bandite, o cão fiel de João, sentava-se ao lado de Cora, como um guardião celestial, e seguia com o olhar os passos do dono, até vê-lo desaparecer na profusão de trabalhos diários, enquanto recebia afagos gentis das mãos de Cora.

Depois de alguns minutos fazendo-lhe companhia, Bandite parecia pedir permissão com o olhar para segui-lo também. Entretanto, antes de abandonar a varanda, o cão fitava-a com devoção, abanando o rabo ao vê-la sorrir.

Da varanda, Cora acompanhava os passos de João, se afastando através da relva orvalhada, cobrindo suas botas de cano longo, enquanto o fiel amigo saltitava feliz ao seu redor.

Ao longe, a lida parecia agitada, enquanto os peões dominavam os cavalos por horas intermináveis, no picadeiro oval. Alguns homens olhavam-na com curiosidade, outros pareciam se

PERIGOSAS NACIONAIS

exibir sobre o lombo dos cavalos xucros acenando-lhe sorridentes. Até João parecia um menino requebrando-se perigosamente sobre a cela, enquanto seus olhos buscavam-na continuamente.

No fundo da alma, Cora exultava aqueles mimos desnecessários, contudo, sua obstinação em afirmar que podia andar sozinha, era imediatamente recusada pelo homem obstinado e seus olhos brilhavam enquanto João caminhava resolutamente, com ela entre os braços. Logo, o riso discreto de João, apaziguava a rebeldia dela quase que instantaneamente. Cora sentia um prazer esquisito e totalmente impróprio com aqueles cuidados, pois fora sempre ela que ajudou os outros.

À noite, mergulhada na banheira cheia de espuma perfumada, Cora rezava para que João não aguardasse-a no corredor, mas ao abrir a porta do banheiro, lá estava ele a esperá-la.

Com naturalidade, ele a tomava no colo e atravessava o longo corredor, como se ela não pesasse mais do que um saco de plumas. Ao acomodá-la entre os lençóis, Cora desejava que ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não percebesse seu rubor, enquanto agradecia sinceramente.

Os olhos de João brilhavam rapidamente antes de se afastar, mas ele deixou a porta do quarto entreaberta como prevenção de uma nova recaída.

Cora conseguiu relaxar depois de passar os primeiros dias sobre o teto daquele homem, mas o fantasma do aparecimento de alguém da fazenda de Donato, sobressalta-a ao mais leve murmúrio masculino. Logo, Cora descobriu que os peões circulavam livremente pela propriedade e que o fazendeiro possuía o escritório junto da casa, por isso os murmúrios masculinos eram frequentes. Mas também, que ninguém entrava na casa sem ser cuidadosamente requisitado.

João procurava manter Cora em segurança, como um tesouro resguardado, mas pressentia seu olhar inquieto sempre que ouvia o tropel de cavalo se aproximando da sede. De quem ela temia?

Por iniciativa própria, João investigou discretamente sobre o sumiço da garota em toda a

PERIGOSAS ACHERON

região, entretanto ao longo das semanas não conseguiu obter qualquer informação. Então continuava um verdadeiro mistério o aparecimento de Cora em sua propriedade, mas no fundo da alma, ele preferia o anonimato. Naturalmente os peões da fazenda souberam da inusitada parenta e se disponibilizaram em ajudar, se necessário.

Ao sair para a rua e provar alguns passos através do terreiro arenoso e finalmente apreciar o lindo jardim, ladeado pela pastagem exuberante, Cora quase não pode acreditar nos seus próprios olhos ante os lindos cavalos de raça, surgindo como pontos multicoloridos dentre o verde vivaz do capim. Em determinado momento, Cora viu João se aproximando com passadas largas, e parar na frente dela com um breve cumprimento de cabeça. Depois, em silêncio, ele também compartilhou de sua grata contemplação.

Adiante, os cavalos de pelagem lustrosa, pastavam despreocupadamente e pareciam tão dóceis, que Cora desejou afagar.

Ela também, se pudesse seguir adiante sem

PERIGOSAS NACIONAIS

tropeçar nos próprios pés, correria pelos campos verdejantes como sempre fez. Enfim, poderia ficar ali apreciando a paisagem indefinidamente, contudo ela sabia que seus dias de preguiça estavam acabando, logo teria que retomar sua jornada.

Ao lado dela, João percebeu seu breve suspiro distraído e acompanhou seu olhar nublado de preocupação.

- Seus cavalos são lindos! Pensei que o senhor fosse apenas criador de bois...?

- Também! Mas a minha paixão é por cavalos de raça!

Ao lado dela, João antecipou lhe os desejos e antes que ela pudesse protestar, ele tomou-a no colo e caminhou aguerrido rumo ao curral de ripas brancas as cercanias da propriedade.

Ao longo das pastagens, inúmeros currais dividiam as manadas. Mas, os mais valiosos e especiais cavalos, João conservava perto de seus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

Os cavalos surgiam das portinholas das baias enfileiradas, num curioso reconhecimento, enquanto João atravessava o rancho cheirando a feno fresco, provindo do paiol.

Cora parecia uma criança abismada com todas aquelas novidades e junto da porta do celeiro, sobre uma montanha de fardos de feno, João a acomodou antes de inquirir prudente.

- Você sabe montar ? - Cora maneou a cabeça negativamente com um brilho entristecido. Depois de um momento de análise as estruturas do corpo de Cora, João saiu apressado com uma observação rigorosa.

- Espere-me aqui...

Cora concordou sem opção e sorriu consigo mesma, imaginando-se numa fuga pernalta. Então, afagando a cabeça do cão acautelado ao lado, ela observou os peões sacolejando sobre o lombo dos cavalos, entre as ripas do picadeiro.

Aqueles homens aguerridos pareciam possuir a
PERIGOSAS ACHERON

agilidade de um gato zigue-zagueando, enquanto as patas dos cavalos levantavam a poeira do chão. E num alarido empolgado sob as ripas do cercado, alguns peões incentivam os companheiros domadores.

Minutos depois, João apareceu às portas do galpão puxando um lindo garanhão negro pelas rédeas. O som das patas do cavalo retinia nos ouvidos de Cora no compasso do próprio coração, enquanto ela se imaginava sob o lombo do aguerrido animal. Junto dela, João largou as rédeas e estendeu os braços num convite empolgante.

- Assim que você estiver totalmente recuperada, vou ensiná-la a montar! Agora, gostaria de conhecer a propriedade comigo?

Boquiaberta, Cora maneou a cabeça em negativa. Nem o sorriso persuasivo dele a faria subir naquele monstro negro.

Ainda trazia vivido na memória, à rudeza de seu aprendizado sob às ordens severas de Donato. Desde aquele fatídico dia em que fora arrastada,

através do povoado pelo cabresto do cavalo, as marcas profundas daquele método ainda feriam seu ego. Daquele dia em diante evitou passar perto dos cavalos da fazenda.

Ignorando o temor estampado no rosto dela, João a tomou no colo e montou sob o lombo do enorme cavalo, com agilidade incrível. Sob a proteção do abraço amigo, a garupa do cavalo não lhe parecia tão apavorante. Momentos depois Cora conseguiu sentir a brisa no rosto varrer a aflição inicial.

Durante todo o percurso, os dois se mantinham em silêncio, apenas apreciando a companhia aprazível e o murmúrio do vento varrendo a campina. Instantes depois, Cora sentia o compasso regular da montaria a embalá-la placidamente; ou era o aconchego dos braços daquele homem misterioso que a faziam descansar.

As pastagens se descortinava ondulantes e tão longínquas, quanto à vista podia alcançar. E era a visão mais linda e promissora que Cora já pusera os olhos. Vales com regatos mansos cortavam a

PERIGOSAS NACIONAIS

pastagem limpa e se juntavam ao rio turbulento às margens da mata para seguir corredeira abaixo e desaguar no oceano atlântico.

Com uma pequena observação, João indicou que entraria a mata fechada, o que não causa maior inquietação a Cora.

Adentrando na floresta, as patas do cavalo e do cão quebravam os gravetos e folhas secas do chão com estalidos ocos, o único som audível além do vento varrendo a copada das árvores. Enfim, um som familiar!

Depois de algum tempo percorrendo trilhas tortuosas, o ruído de cachoeira tornou o lugar menos sombrio. Recostada contra o peito rijo de João, Cora observou as densas folhagens se abrirem numa clareira as margens de um lago de águas cristalinas, despencando do rochedo íngreme.

Certamente, aquele incrível cenário fora esculpido por Deus num momento de grande inspiração! O brilho dos olhos verdes revelava todo o seu deslumbramento quando João a depôs as

PERIGOSAS ACHERON

margens da areia branca, junto ao lago. Os pés de Cora, já quase recuperados do flagelo se afundaram na areia fofa, enquanto ela se agarrava nos braços de João para se firmar de pé e com um sopro vital, ela expressou todo o seu deslumbramento.

- Que lugar lindo...

- É!

João concordou, mas seus olhos não estavam apreciando a paisagem, ele via apenas a preciosidade de um semblante deslumbrado. Quase como uma súplica Cora apontou as águas cristalinas num sussurro.

- Gostaria de molhar os pés...!

Incapaz de articular resposta, João maneou a cabeça em anuência enquanto a conduzia as margens. Com animação infantil, Cora ergueu a barra do vestido até a curva dos joelhos e molhou os pés com gritinhos aflitos, quando a friagem a alcançou. Sentando-a sobre uma pedra a beira do lago, João observou hipnotizado ela mergulhar os pés na água cristalina.

O dia estava quente, a água convidativa e em total privacidade, João informou-a de que se quisesse se banhar, daria-lhe total liberdade. Por um momento Cora ponderou, depois sem resistir, sorriu esperançosa.

- Posso...?

- Eu vou mergulhar num outro lago mais adiante. Fique à vontade. E não se afogue!

Ele recomendou quase com rispidez. Depois chamou Bandite, antes de adentrar a mata fechada com passos decididos. Cora ainda não estava totalmente recuperada da moléstia que a acometera, e quase não conseguia andar, mas flutuar num lago como aquele certamente lhe faria bem; precisava se fortalecer rapidamente, se quisesse perseguir o destino que interrompeu.

Depois de tirar o vestido e depositá-lo sobre uma pedra, ela olhou em volta antes de tirar a calcinha e juntá-la ao vestido. Ao mergulhar o corpo delgado na água fria, seus gritinhos aflitos alcançaram a floresta, assim como seu riso

PERIGOSAS ACHERON

incontido, até que a pele quente se ajustasse à temperatura.

Logo, os cabelos acobreados e longos fluíam como nuvens na correnteza mansa, enquanto ela mergulhava para alcançar o fundo límpido e arenoso. Com um suspiro profundo, ela reafirmou intimamente, que se existisse *‘céu na terra’*, aquele era o lugar!

Ao acostumar-se à temperatura da água, Cora desejou jamais sair daquele paraíso, pois ali ela conseguia esquecer o passado e ignorar o futuro; apenas o prazer indescritível de nadar nua sob o céu límpido, regia sua alma. Após passar dias intermináveis reclusa dentro da casa de João, o ar fresco e aquele paraíso pareciam curar as feridas de uma vida inteira.

A todo instante, os pensamentos de Cora buscavam compreender as atitudes de João, que com incrível esperteza, conseguia conhecer lhe os sentimentos mais íntimos. Nem Blazio a entendera com tamanha precisão, enquanto João, parecia providenciar exatamente o que ela desejava.

PERIGOSAS NACIONAIS

Submersa sob a água fresca e mergulhada em pensamentos, o tempo transcorria lento e prazeroso. Cora percebeu que sua existência sempre fora de trabalho duro, agora aquela pequena pausa trazia ponderações da sua própria existência insípida. Estava com apenas dezenove anos, mas sentia-se velha e seca. Trazia poucos momentos de alegria na memória e sabia que sua vida dali em diante poderia ser ainda mais obscura. Seus planos cuidadosamente elaborados terminariam quando encontrasse um trabalho digno, nada mais. E ainda precisava prosseguir para algum lugar.

O sol aquecia apenas a pele dos seios rosados, despontando das águas calmas, enquanto Cora mantinha o resto do corpo submerso, deslizando serena de um lado a outro no lago, quando um estalido as margens a assustou.

Depois de recuperar o equilíbrio e submergir nas águas, ela espreitou as margens com rubor crescente, até ver a pelagem marrom de Bandite farejando os arredores. 'Bem; atrás do cachorro, o seu dono não tardaria a chegar'. Então, frenética ela alcançou as roupas e vestiu-as ocultando-se atrás

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dos arbustos.

Os cabelos longos escorriam a água, enquanto Cora os espremia vigorosamente para não encharcar o vestido. Ela sentia o coração bater descompassado no peito, mas estava limpa e fresca como jamais estivera.

Das margens da mata, João parou e observou a silhueta etérea por alguns segundos, antes de adentrar na clareira paradisíaca. Os olhos verdes de Cora reluziam sonhadores, enquanto os pezinhos delicados, deixavam marcas na areia fofa, ao caminhar hesitantes ao encontro dele.

Cora queria agradecer aquele incrível presente, mas a voz ficou presa na garganta ante o brilho intenso dos olhos do belo homem pingando água, assim como ela. Os cabelos grisalhos e revoltos, escorriam os últimos resquícios do banho refrescante e sob a camisa colada, o peito de João movia-se ao compasso do coração potente. Infelizmente, ao lado dele, o cavalo preso pela rédea comprova o fim do passeio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A expressão de prazer estampado no rosto de Cora, era o maior agradecimento que João poderia receber e ele via a sua própria glória estampada no rosto dela, ao permitir-lhe abrigo sob o seu teto. Contudo, João sabia que já estava na hora de descobrir lhe o passado e procurar a família. Devia ao menos tentar. Ele já tentara arrancar-lhe alguma explicação sobre a aparente fuga e não compreendia seu temor a simples menção do fato. Sinceramente, aquele mistério incomodava-o e aguçava a sua curiosidade.

Linda e fresca como o orvalho da manhã, Cora trançou suas madeixas cor de fogo e tomou a mão estendida de João, antes de juntar-se a ele na cela limitada. E seguindo à frente do possante cavalo, Bandite corria faceiro, farejando o caminho de volta para casa. Os braços de João circunda a cintura de Cora, enquanto a respiração ofegante acariciava lhe os cabelos molhados, e aqueciam sua alma.

Acomodar-se Junto ao corpo daquele homem forte, tornara-se quase natural para Cora, como se aquele lugar já lhe estivesse reservado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Intimamente, Cora desejou prolongar a cavalgada, mas avistou ao longe a casa despontando da pastagem verdejante, como um ‘lírio do campo’. A casa dele era uma residência aquecida por uma aura de bondade e em cada cômodo o sol penetrava e revolia em esplendor a atmosfera agradável. Cora reconhecia que a sua jornada a levaria por caminhos diferentes, em nada comparados ao aconchego obtido ali. Enfim, teria que partir. Com cuidado, ela voltou-se na direção dele e articulou convicta.

- Acho que já estou pronta para partir... Agradeço do fundo do meu coração a acolhida que recebi aqui... Jamais esquecerei a sua incrível bondade!

Por um longo tempo, o cavalo parou à espera de estímulo, enquanto seu condutor permanecia estático, mergulhado naqueles incríveis olhos verdes, como se jamais pudesse desviar. 'Céus! Respirar tornou-se quase impossível!' Enquanto ele buscava argumentos para impedir sua partida. Entretanto, precisava tentar!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Gostaria de saber de onde você veio... E quais os planos para o futuro? Acho que já dei mostra de que mereço a sua confiança! Não?

- Bem...! Se eu revelar de onde venho, provavelmente, o senhor terá que me devolver! Portanto, é melhor não saber! Além disso, meus planos futuros são tão vagos, quanto os caminhos que tomei. Mas, pretendo arranjar trabalho em algum lugar na cidade...

Dúvidas pairavam no semblante lindo de Cora e João pressentiu um lampejo de possibilidade lhe sorrindo sorrateiramente.

- O que você sabe fazer?

- Eu...?

- É, tem alguma profissão?

- Costurar... aprendi desde muito cedo a arte das agulhas; ou governanta em alguma casa! Algo assim...

João respirou pausadamente antes de continuar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Posso contratá-la! Não como governanta, porque dona Alexandra já domina esta área...

- O senhor...?

- Sim. Estou precisando urgentemente de ajuda com a administração da fazenda. Sou péssimo na matemática. E posso instruí-la na contabilidade! O que você me diz?

- Não entendo nada de números, ou multiplicações... Muito menos de cavalos!

- Também não entendia nada, quando resolvi comprar meu primeiro lote de cavalos de raça. Hoje sou referência nacional! Orgulho-me de possuir os melhores espécimes!

Cora mexeu-se inquieta sobre a cela abismada. Fazia mais de duas semanas que se restabelecia na casa dele e ninguém contestava sua história. Ainda assim, era arriscado permanecer na redondeza. Estava ainda muito próximo e temia ser arrastada pelo cabresto do cavalo do senhor Donato, como um bezerro fujão, a qualquer momento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um frio tomou a boca do estômago, ante a proposta incrível. Possivelmente, aquele homem generoso estava tentando ajudá-la. Era quase um pecado recusar tal sugestão. Mas, já lhe dera transtorno demais.

- Obrigada; mas não posso aceitar...

- Não me responda agora. Reflita atentamente antes de se decidir! Aguardo a sua resposta o tempo que for necessário!

Cora emudeceu ante a aferrada disposição, descrita naqueles olhos negros, grudados nos seus. Encerrando a conversa, João instigou o cavalo num trote ligeiro até o celeiro principal. Depois, entregou as rédeas ao peão mais próximo e carregou-a para casa com redobrado vigor.

Ela tentou ponderar uma resposta, mas apenas o seu corpo registrava a musculatura daquele homem vigoroso, conduzindo-a com tanto cuidado! Apoiando a mão no pescoço dele, Cora observou o contraste deles, enquanto seus olhos perpassam a pele bronzeada da face masculina, muito perto da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sua. Pressentindo sua observação, os olhos negros mergulharam nos seus, enquanto João para na varanda sombria. Por uma fração de segundos, eles se miram profundamente, até que João inquiriu prudente.

- Você prefere repousar aqui na varanda?

- Sim... Por favor!

- Eu preciso ir até o vilarejo encomendar mantimentos. Gostaria de me acompanhar?

- Não...!

Pressentindo-a estremecer, João a apertou fortemente entre os braços e observou os olhos verdes rebuscar o horizonte, além das montanhas, numa pavorosa possibilidade. João sentiu-se irritado, porque não conseguia amenizar o problema, se não conseguisse fazê-la falar a respeito!

- Escute, só posso protegê-la se souber o que a aflige!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os olhos verdes expressaram dor infinita, antes que ela desviasse o seu olhar.

- É por causa disso que eu não posso ficar... Preciso partir!

Com visível impaciência, João a acomodou no banco entre as almofadas, observando-a por alguns minutos com atenção, antes de proferir rigoroso.

- Preste atenção, você quase se matou para chegar até aqui. Não vou impedi-la de partir, mas espero que tenha o bom senso de me esperar.

Os olhos negros adquiriram um brilho fulgurante antes de João se afastar com passos ruidosos. Cora suspirou consternada. Sentindo-se ingrata, ela prometeu intimamente ficar, mesmo que isso lhe custasse à liberdade.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9

Sentado na boléia do caminhão, João acenou um adeus preocupado, antes de desaparecer na curva do caminho. Cora permaneceu com o olhar perdido no rastro de poeira por um longo tempo, a partida do fazendeiro. Ao fim da tarde, quando dona Alexandra se despediu recomendando lhe repouso, Cora percorreu cada cantinho da casa deserta.

Seus passos vagarosos percorreram os longos corredores e ela entrou em todos os cômodos da casa, inclusive o quarto de João. Com uma curiosidade esquisita, ela abriu a porta do roupeiro e conferiu as roupas de mulher, cuidadosamente penduradas no cabide. Um suspiro profundo brotou de seu âmago infeliz. Rapidamente, ela fechou a porta do roupeiro e disparou pelo corredor.

PERIGOSAS NACIONAIS

Parecia inacreditável a sensação! E jamais poderia avaliar um amor assim. Lágrimas queimaram seus olhos, enquanto a noite caía densa sobre a paisagem exuberante e silenciosa. Enroscada na manta que dona Alexandra lhe entregara antes de partir, Cora adormeceu recostada no banco da varanda, à espera de João.

Sabia que estava sendo levada por um caminho turbulento e que o nó da corda estava se fechando em torno do pescoço, que, sem dúvida, ela mesma o colocara. A lembrança dos beijos de Blazio ainda a queimavam como brasas, mas a barreira se erguia gigantesca e intransponível a separá-los. Do passado, Cora não queria nem recordação. Almejava construir um futuro ameno e promissor, em qualquer lugar; menos ali.

A aventura do passeio do dia deixou-a extenuada, mas muito esperançosa quanto a sua recuperação. Agora podia planejar melhor os passos futuros. Enquanto o sono a consumia, Bandite deitou o queixo na mão dela e lhe prestou companhia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A casa caía em sombras escuras quando João retornou da viagem, e encontrou Cora adormecida na varanda. Ele estacou nos degraus da escada e observou a mão dela, descansando sobre a cabeça do cão acautelado. Bandite apenas ergueu os olhos para ele, mas manteve-se imóvel, como a garantir a tranquilidade do sono de Cora.

João suspirou longamente, reconhecendo que temera encontrar a casa vazia ao retornar. Um riso discreto curvou seus lábios ante a cena peculiar, enquanto aproximava-se cautelosamente. Ele afagou o pelo do cão com gratidão, e agachando-se, chamou o nome dela com brandura.

- Cora, acorde!

Por um momento, Cora piscou desorientada, mas sorriu ao deparar-se com o rosto de João em seu campo de visão. João precisou se conter para não beijar cada pedacinho daquele belo rosto, quando um raio de luar iluminou seu riso encantador, que por uma fração de segundos clareou todo o sertão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Já está tarde. Pensei que você já estivesse dormindo!

João contrapôs quase consigo mesmo ao estender os braços para ajudá-la a levantar-se. Cora enlaçou as mãos em torno do pescoço dele e se deixou embalar por aqueles braços fortes, imaginando ser o derradeiro abraço. João estremeceu quando ela beijou seu rosto, num gesto de agradecimento. Incapaz de controlar o clamor de seu próprio corpo, João parou ao batente da porta do quarto onde ela passara os últimos dias e murmurou agoniado.

- Porque você fez isso...?

- Obrigada...!

Recorrendo ao máximo controle, João atravessou o aposento e a depositou rapidamente sobre o leito confortável.

Atordoadado, ele se censurou por sentir-se atraído pelo inconveniente anseio e conferiu o sentimento inadequado a prolongada solidão.

PERIGOSAS ACHERON

A verdade, era que precisava resolver a questão da origem dela, antes que cometesse um disparate irreparável. Irritado consigo mesmo, ele espantou o entusiasmo involuntário e se afastou aferrado. Depois de acomodá-la sobre o travesseiro e cobri-la com a coberta feita de penas de ganso, João procurou ser razoável ao acender a lamparina.

- Já lhe disse; não precisa agradecer! Faria o mesmo por qualquer pessoa. Agora...; você gostaria de comer alguma coisa antes de dormir?

Cora maneou a cabeça em negativa, sentindo que intimamente algo se quebrou. Inadvertidamente, bem lá no fundo ela acreditara ser alguém especial! Ante a claridade da lamparina, os olhos verdes expressaram uma tristeza infinita, quase pondo por terra a obstinada cautela de João.

- Ainda assim... Obrigada! Boa noite, senhor João.

- Boa noite *Cora*!

Sentindo o rosto queimar sob a observação minuciosa de João, ela só voltou a respirar quando

PERIGOSAS ACHERON

ele apagou o facho de luz da lamparina e saiu do aposento deixando uma fresta da porta aberta.

A última coisa que Cora repassou na memória antes de cair num sono profundo, foram às palavras sensatas de João, reafirmando que ela não era especial.

Uma cantoria melodiosa repercutia na casa quando Cora despertou. Dona Alexandra trabalhava faceira desde o amanhecer até o fim do dia e seu repertório musical parecia não conhecer limites. Talvez porque, o pai dela era o *‘gaiteiro e cantador caipira’* mais requisitado de toda a região, ela também cantarolava como um rouxinol revoando a campina.

Por alguns segundos, Cora espreitou o quarto cor-de-rosa, antecipando a saudade inerente, porque já se decidira a partir. Ao cruzar o longo corredor, Cora parou ao ouvir vozes masculinas vindas do escritório de João. Estacou, sentiu o coração disparar ao reconhecer a voz do senhor Donato, repercutindo através das paredes da casa.

Céus! Ele já a encontrou! Como uma lesma entorpecida, Cora retrocedeu a segurança do quarto e trancou a porta. E como um repicar de sino, as palavras dele retiniam na memória, como um presságio agourento – ‘Estou convencido que é ela... E insisto!’ A resposta de João perdeu-se no eco do terror de Cora, enquanto sufocada e estremecida, ela se encolhia debaixo das cobertas.

Donato só podia falar dela. E, fôra tão cuidadosa; como ele conseguiu rastrear seu paradeiro? Sentindo-se perdida e desesperada, ela desejou um buraco fundo para se enterrar.

Longos minutos que lhe pareceram horas, mantiveram-na estremecida sob a proteção das cobertas. Até que, sufocada no próprio pavor, ela jogou as cobertas longe, preparando-se para enfrentar sua sina.

Os joelhos de Cora fraquejaram ao colocar os pés no chão encerado e com os ouvidos em alerta, ela buscou os sons do interior da casa. O som repercutia acalorado no interior da casa, mas as palavras difusas ficavam sem distinção. Temendo

colocar João em apuros, Cora decidiu intervir; porém, antes de colocar a mão na maçaneta da porta, as vozes alcançaram o jardim.

Com dificuldade ela caminhou até a janela e através da cortina diafragma avistou alguns homens que o acompanham aguardado-no montados nos cavalos, enquanto o senhor Donato mantinha uma conversa amistosa com João. Céus! Que tipo de negócios aqueles homens debatiam amistosamente? Certamente seu nome não estava incluído na conversa, porque do contrário eles não estariam despedindo-se pacificamente em frente ao portão.

Quando Cora já não suportava mais o peso sobre as pernas trêmulas, ela escorregou até o chão, ali permaneceu atormentada, até ouvir o tropel dos cavalos se afastando rapidamente da propriedade de João.

Longos minutos transcorreram, até que ela conseguiu se arrastar para fora do quarto e percorreu o longo corredor, procurando descobrir o motivo que trouxera o senhor Donato ali. Dona Alexandra barrou seu caminho com semblante

faceiro, sem perceber o tumulto fremendo-lhe as estruturas.

- Bom dia senhora! Gostaria de tomar o desjejum agora...?

Cora estacou confusa e observou o semblante da mulher com os olhos esgazeados de aflição, mas sentiu o corpo estremecer ainda mais, quando uma voz grave e profunda replicou as costas dela.

- Ela vai querer! E eu vou lhe fazer companhia!

Rodando nos calcanhares, Cora observou o semblante moreno num conflito de temor e alívio. Sem esperar consentimento, João tomou-a no colo e caminhou rapidamente em direção a cozinha acolhedora. Inferno, já estava recuperada dos ferimentos, não precisava ser carregada de um lado a outro, como um fantoche sem serventia. Apenas João parecia não perceber que ela preferia caminhar com as suas próprias pernas, embora estivesse tremendo como uma vara verde.

Acomodando-a no banco lustroso, João permaneceu calado, até que a governanta serviu lhe

PERIGOSAS ACHERON

a substanciosa refeição. Assim que a mulher saiu para concluir seus afazeres no interior da casa, ele perpassou o semblante aflito de Cora com atenção, e inquiriu prudente.

- Agora... diga-me, o que a aflige?

Cora encarou aqueles olhos negros com assombro por um momento, antes de desviar seu olhar. Era incrível, mas ele parecia perceber sua confusão melhor do que ela mesma. Por fim, optando pela verdade, ela inquiriu num fio de voz.

- Aqueles homens... O que eles queriam?

- Você os conhece?

Cora empalideceu. Estava enrascada. Movendo-se inquieta no banco, ela retorquiu baixinho.

- Talvez...

- Deus...! Como posso ajudá-la, se você não confiar a mim os seus problemas!

Cora tentou levantar-se, mas ele segurou-a

PERIGOSAS ACHERON

firme pelo braço, impedindo seu intento. Respirando profundamente, ela aquiesceu, e olhando em volta com agonia, segredou num fio de voz.

- Conheço o senhor Donato...!

Ante a confirmação velada, João contraiu os lábios numa linha fina expressando aborrecimento e por alguns segundos, a atmosfera pairou sobre suas cabeças num presságio agourento. Mantendo os olhos negros fixos nos dela, num aferro comedido, João digeriu a intrigante informação.

- Como você o conhece?

- Por favor! Não me pergunte, porque não gostaria de responder! Se o senhor não souber a verdade, não precisa tomar providência alguma a respeito...

A fúria no semblante moreno parecia aumentar expressivamente e Cora encolheu-se aterrorizada pela primeira vez desde que o conhecera.

- Seja o que for, mereço a verdade... Só assim

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

poderei tomar minhas próprias decisões.

Cora respirou pausadamente, enquanto desviava os olhos para o lindo cenário, obtido através da janela aberta. A propriedade resplandecia em sol sobre o jardim de rosas multicoloridas e perfumadas. Cora respirou profundamente e o encarou entristecida.

- Casei-me com o filho dele, aos onze anos... Estou fugindo da sua casa!

- Você o que...?

João levantou-se e segurando-a pelos ombros, obrigou-a a ficar de pé também.

Mortificada entre os punhos firmes daquele bravo homem, Cora temeu ser agredida, pois já conhecia muito bem o peso da chibata. Enfim, até que merecia umas boas pancadas. Mas, prometeu intimamente não voltar para o marido nunca mais e num débil gemido, ela implorou por liberdade.

- Por favor... Não me faça voltar!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Casada...! É um pecado alguém se casar tão jovem... Nunca imaginei o senhor Donato impondo uma criança a isso! Porque você concordou com essa loucura?

Uma lágrima sentida transborda dos olhos verdes e morreu nos lábios trêmulos dela, como a própria alma se esvaia. Incapaz de expressar os sentimentos, Cora apenas envergou os ombros impotentes. Como se os dedos estivessem tocando em brasas, João a libertou e se afastou afoito.

Inferno! Revoltado, João se aproximou e acomodando-a novamente sobre o banco, tomou as mãos de Cora entre as suas por um momento. Os dedos dela estavam gelados, como os olhos aguados que o miravam numa súplica silenciosa. Céus o que fazer...! João implorou intimamente por uma solução lógica, o que estava longe de sentir. Agora, infelizmente reconhecia que era preferível desconhecer a verdade! Mas, precisava tomar uma decisão; talvez, a mais difícil de toda sua vida. Mas, não conseguiria pensar com clareza, diante daquele olhar magoado.

PERIGOSAS ACHERON

- Preciso pensar a respeito... Vou sair por um momento; Depois, juntos encontraremos uma solução para o seu caso!

Cora não esboçou nenhuma reação, já ponderou por tempo demais. Ao ver aquele homem complacente se afastando pensativo, ela sentiu um frio glacial penetrar seu coração.

Um suspiro trêmulo brota das profundezas da alma, ao imaginar ser a última vez que o veria.

Com lentidão, ela comeu as iguarias dispostas sobre a mesa, muito além da saciedade, tentando abastecer o corpo. Pois, seus caminhos, certamente seriam ainda mais tormentosos dos que ela já percorreu, para chegar até ali. No peito, uma solidão tão profunda lhe fere além da carne e toca a alma, mas ela já estava acostumada a sobreviver desamparada.

Com passos hesitantes, ela entrou no quarto onde descansou plenamente nos últimos dias, o que não conseguira em muitos anos. Ao abrir a porta do roupeiro, o aroma de lavanda penetrou suas narinas,

numa nostalgia antecipada.

As roupas da filha de João perfilavam com capricho ao lado do único vestido que restara. O embrulho no qual ela carregou o vestido novo, estava rasgado, mas continuava acondicionado devidamente dobrado, no fundo do roupeiro. Com mãos trêmulas, ela dobrou o vestido e o embrulhou com cuidado, preparando-se para partir imediatamente.

Agora seguiria o próprio caminho, antes que precisasse voltar a sua eterna prisão. Não tinha tempo a perder com lamúrias infrutíferas, deixaria para chorar quando estivesse realmente a salvo de qualquer pessoa conhecida. A fuga seria complicada, mas ela observara atentamente as imediações, e resolveu seguir a trilha às margens da mata. Talvez, a última rota de fuga que alguém pudesse acreditar ser a sua escolha.

O vestido de festa que usava, confeccionado em algodão e cetim, não parecia ser à vestimenta adequada para percorrer as matas cerradas, mas era a sua última preocupação.

PERIGOSAS NACIONAIS

Saindo sorrateiramente à varanda, Cora observou os arredores com extremo cuidado. Os peões pareciam ocupados demais para observar a intrusa visita do patrão, como também a governanta, atarefada com o almoço e a cheirosa fornada de pão no interior do forno a lenha.

Com o embrulho debaixo do braço, Cora contornou as paredes da casa, ganhou os jardins e o quintal de hortaliças viçosas. Agachando-se rente à relva, Cora disparou na direção das saliências das pastagens, até alcançar as matas cerradas. Uma lufada de vento gelado varreu sua vestimenta, revolvendo seus cabelos soltos, num emaranhado confuso e o uivo do vento envolveu-a como o próprio *demônio*, zombando da sua infeliz existência.

Ela correu por entre a mata cerrada sem pausa, nem descanso, seguindo sempre a linha do horizonte que avistava sob a copada das árvores. Com a sensação de ser seguida, ela correu como uma flecha, o quanto o corpo poderia aguentar. Ante a fraqueza de suas pernas, muitas vezes ela resvalou barranco abaixo, quando já quase

PERIGOSAS ACHERON

alcançava o topo da ribanceira.

Os ferimentos dos joelhos e mãos sangravam tanto quanto o coração, mas por nada no mundo ela deteria os pés flagelados, a fim de ganhar a liberdade. As têmporas latejavam na cadência de seus passos, como se a enfermidade voltasse a atacá-la e os seus gemidos de dor perdiam-se na imensidão desolada. Quase ao fim da tarde, uma negra tempestade rugiu sobre a copada densa da floresta. Os raios antecipavam o pavoroso retumbar dos trovões e estremecia a terra sob seus pés.

A febre não era apenas ilusão da carne esgotada, percorria as veias como veneno levando à lava incandescente até o coração. Céus! A malária ataca outra vez!

Por fim, ela parou de correr quando os primeiros pingos de chuva penetram a densa folhagem, tragando-a à penumbra gelada. Caindo de joelhos ao chão, seu lamento torturado fundiu-se ao som da mata. O pranto não aliviava as dores do corpo, muito menos os tormentos da alma. Longos minutos foram desperdiçados em lamúrias

incontidas, enquanto a tempestade a encharca muito além das roupas esfarrapadas. Logo, a noite desabou sobre a terra e findou a oportunidade de encontrar refúgio seguro com os últimos resquícios do dia.

Minutos depois, a água fluía em cascata sobre o musgo da floresta, transformando minúsculos filetes em corredeiras ribanceira abaixo, obrigando-a a agarrar-se às árvores para não deslizar na vazão. Quando Cora já não podia mais suportar tanta agonia ela varreu os últimos resquícios de lágrimas com as costas da mão e buscou os arredores num pavor crescente da própria cegueira noturna. Com o coração retinindo nos ouvidos, ela pressentiu a sua única alternativa de sobrevivência sob os galhos das árvores.

Tateando no escuro, ela conseguiu galgar uma gigantesca árvore e distender o corpo esgotado sobre um galho reforçado. Protegendo o rosto do aguaceiro incessante, envergou o corpo num abrigo fetal e assim permaneceu enquanto a noite infeliz prosseguia. Vergonha e desalento eram sentimentos cruéis que a sufocavam, contudo já não podia

retroceder e perder a única chance de prosperar.

Uma tristeza profunda feriu o coração ao relembrar as atenções com que João a tratou, porque pela primeira vez fora vista como alguém com sentimentos. Rezando pelo fim daquela noite tormentosa, ela fechou os olhos para não ver o clarão dos relâmpagos fulminando a floresta.

Capítulo 10

Ao sair sem rumo, João tenta encontrar uma saída digna para a tramoia em que se metera, mas descobriu ser impossível chegar a uma conclusão, sem comprometer a própria consciência. Por mais que ele tentasse, não conseguia conceber a ideia de alguém submeter a filha à um casamento aos onze anos de idade!

Enfim, temendo cometer pecado ainda maior, ele resolveu voltar para casa e encontrou dona Alexandra em polvorosa com o sumiço da garota. A mulher já havia revirado todos os recantos da casa e a aflição estava descrita em seu olhar.

Como um relâmpago, a notícia arrepiou a espinha de João e atravessou-o num repente. Proferindo uma praga silenciosa, João constatou realmente o sumiço da garota ao rebuscar todos os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

recantos da casa. Imediatamente, ele convocou os melhores homens para sair na sua busca. Usando os mesmos métodos que usavam para rastrear o gado desgarrado, seguiram as pegadas de Cora.

Quase ao fim do dia, João sentiu calafrios, ao notar vestígios de sangue entre os pedregulhos da encosta íngreme. Os respingos vermelhos coagulam sobre a terra num rastro nefasto, jurou encontrá-la, mesmo que precisasse resolver cada pedra daquele território.

Com os ânimos acesos em determinação, João instigou os homens à prosseguirem nas pistas, mesmo quando a noite densa e tempestuosa os alcançou.

Conforme a noite prosseguia os homens continuaram observando os sinais deixados pelos pés de Cora, munidos com tochas ardentes em punho. Cada graveto partido era analisado, ainda que revolvido pelas águas torrenciais havia sinais evidentes sobre a direção que ela seguia.

Logo, nem o clarão dos relâmpagos ultrapassa a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ramagem densa, transformando a atmosfera desoladora e imprópria para seguir qualquer rastro.

João queria torcer aquele pescocinho alvo, pela rebeldia inconveniente, mas ele sabia que a culpa fora exclusivamente sua, por retirar-se a fim de recuperar a sanidade.

Acreditara em todas as palavras dela, inclusive a de ser forçada a se casar com um homem maduro enquanto mal saíra dos cueiros.

Por todos os demônios! Quem recorreria a tão bárbara atitude contra aquele anjo inocente? Agora, compreendia a tristeza infinita enquanto ela combatia a sua rude história.

Parando por um momento para recuperar o fôlego, os homens se atiraram no chão encharcado, enquanto João permanecia alerta a qualquer ruído familiar. O som da mata já lhe era conhecido, mas ele desejava ouvir qualquer coisa que pudesse recuperar a garota fujona. Estava convencido que ela passara por aquela trilha às margens do regato, quase podia sentir seu rastro de perfume sobressair

PERIGOSAS ACHERON

do musgo da terra.

Com discrição, João interpelou aos companheiros sobre o cheiro característico, mas depois de uma análise minuciosa, eles captaram apenas o odor característico da mata.

Estava expressa nos rostos dos homens, a assombrosa rota de fuga escolhida pela garota para seguir a viagem, quando era só pedir para João levá-la de carroção à cidade mais próxima; daí, tomar o ônibus para a capital, donde pressupostamente ela viera. Do que a garota fugiu afinal? Mas os homens não se atreviam a comentar o fato, porque era evidente que nem o patrão entendia a situação.

Os velhos peões também estavam encantados com a formosura da garota e compreendiam porque ela fisgara o espírito arredio do fazendeiro.

Enfim, João devia estar louco, porque já sentira aquela mesma fragrância, ainda que muito sutil. Com disposição renovada, buscou os arredores com máximo cuidado e revolve os montes de folhas

dispostas pelo chão atrás de vestígio de Cora.

Depois de alguns segundos, sentindo-se alucinado, ele sentou-se aos pés de uma árvore para recuperar o juízo, quando um estalido sob sua cabeça o alertou. Instantes depois, um enorme galho de árvore desabava aos pés dele, seguido de um grito histérico de mulher.

Numa fração de segundo, João se esquivou do tronco da árvore no exato instante, em que algo pesado despenca sobre o seu colo. Tudo aconteceu num repente para ele perceber a tragédia que evita e levou mais alguns segundos para aplacar o clamor histérico de Cora em seus braços.

Unindo ao alarido da garota, como se o próprio demônio ressurgisse das trevas, um dos companheiros gemia de dor ao ser atingido pelo tronco da árvore.

Seguido ao alvoroço o silêncio reinou outra vez na mata, enquanto Cora recuperava o fôlego e o peão atingido afagava sua ferida.

Por algum tempo, tudo que podia ser ouvido,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

era o crepitar das gotas de chuva se chocando contras as tochas nas mãos dos homens e o soluço abafado de Cora. Desesperada, ela via João e os homens da fazenda apenas como os carrascos, prestes a arrastá-la outra vez à prisão. Ela estava confusa e mortificada, mesmo sob a penumbra da mata, sonegou a frustração, enquanto estrebuchava no colo de João, tentando escapar. Atordoadado com o inexplicável acontecimento, João a libertou, enquanto se punha de pé ao lado dela.

- Posso saber, por que *diabos* você se embrenhou neste matagal?

Sufocada no próprio temor, Cora procurou uma possível rota de fuga em meio à escuridão, mas os homens estavam espalhados em círculo, a resgataria ao menor movimento. Desgraça! Sua vergonhosa fuga termina mesmo antes de começar.

João fixou o olhar no rosto de Cora, num assombroso reconhecimento de seu próprio temor, pois ela poderia ter morrido esfacelada na queda, sem ninguém para recolher os cacos. Sentindo a dor dos hematomas em seu próprio corpo, ao acolher o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo dela, João observou que as suas contusões nem se comparavam às feridas maculando lhe a pele delicada.

Para completar a vergonha e desalento, um zumbido estridente irrompeu nos ouvidos de Cora, antes dela perder completamente os sentidos. Num reflexo apurado, João se atirou para frente e amparou seu corpo desfalecido, antes de tocar o chão. Instantes depois, os homens socorreram o companheiro ferido e improvisaram uma padiola com ramos e cipós, para arrastá-lo até a sede da fazenda. Num mutismo confuso, os homens atravessaram a floresta, submersos numa evidente indagação aos últimos acontecimentos.

João recusou a ajuda dos companheiros para carregar seu precioso fardo, mas ao fim da madrugada, quando suas próprias pernas fraquejaram de cansaço, ele permitiu que o seu bravo capataz lhe aliviasse a carga. Ao passar Cora para o braço amigo, um pedaço de seu próprio coração parecia ter deslizado para as mãos dele.

O sol despontava das colinas como prenúncio

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de salvação, enquanto os homens pisavam na pastagem limpa às cercanias da casa.

Num pacto de silêncio, o capataz passou Cora novamente para os braços de João aos pés da varanda e se juntou aos companheiros em direção ao celeiro.

Depois de acomodar Cora sob as cobertas na cama quente, João disparou para o celeiro a fim de atender o peão ferido. Logo o carroção partia, carregando o homem rumo ao hospital mais próximo. Mas parecia fundamental que ninguém comentasse o infeliz incidente, até que ele próprio compreendesse os fatos. Sua alusão ao sigilo logo ficou evidente, e João nem precisou insistir no caso.

Uma inquietante questão ainda não estava esclarecida. Poderia ele manter a jovem incógnita sob seu teto, depois do que acontecera? Sabia que alguém estava a sua procura, e reconhecia que o homem a quem ela pertencia significava complicação segura, e cabia a ele decidir se valia a pena o risco do embate. Mas, a realidade era que, a

PERIGOSAS ACHERON

cobiçava muito mais do gostaria de admitir. Céus! Desde que ela entrara na sua propriedade, jamais tivera um minuto de tranquilidade, igualmente entusiasmado.

Ela era ainda tão jovem, mas parecia carregar um fardo secular. Como poderia ajudá-la? João saturou-se de indagações, enquanto preparava o unguento para passar nos ferimentos dela, e rezava para encontrar uma solução lógica para o arriscado obstáculo.

Ao adentrar silenciosamente no quarto, João parou á porta e contemplou-a longamente, antes de se aproximar; e sob a claridade do dia, ele percebeu que Cora ressonava febril outra vez. Não eram apenas os esfolados da pele que precisavam de cuidados, o sangue dela parecia fluir envenenado, percorrendo a veia azulada do pescoço delgado. Com suavidade, João tocou a pele abrasiva com as costas da mão, comprovando sua quentura.

Sob seu toque, os lábios dela tremeram num frágil murmúrio, sob as pálpebras cerradas, uma lágrima brotou e deslizou translúcida até o

travesseiro.

-Por que... Não me deixa morrer?

- Acalme-se; vou cuidar de você! Eu prometo...

Como se as palavras tivessem o poder de salvação, Cora afundou no travesseiro acolhida no paraíso e mergulhou outra vez, num mundo de sombras.

João respirou aliviado e deu início ao tratamento. Auxiliado por dona Alexandra, lavou as feridas, trocou o vestido esfarrapado de Cora por uma camisola da filha. Depois ele espalhou unguento preparado com ervas curativas sobre as feridas, enquanto Cora ainda dormia.

Depois de quase três dias sob os cuidados inerentes de João, Cora acordou sedenta. A primeira visão foi à cor rosa do quarto delicado e ao menor movimento, sua mão tocou os cabelos grisalhos de João, debruçado sobre a cama. O sol ainda não despontava no horizonte, mas a parca claridade ultrapassava o tecido tênue da cortina, ela viu aquele homem robusto descansar ao seu

PERIGOSAS ACHERON

lado.

Com cuidado, os dedos dela mergulharam nos fios sedosos dos cabelos dele e suspirou longamente ao perceber o ressonar masculino.

Com a boca sedenta, os lábios rachados sob o efeito da febre alta sangraram ao menor movimento, quando Cora implorou num murmúrio.

- Água...! Por favor...

Como surgido de muito longe, João ouviu o chamado dela, antes de sentir o suave toque em seus cabelos. Os olhos negros fitavam lhe o rosto, antes de pular atizado e totalmente desperto. Aquele lindo rosto transfigurado de dor e ressentimento impulsionou-o numa estranha urgência, ele tomou a mão pequenina e beijou longamente sua palma.

- Enfim você acordou!

Arrepiada dos pés a cabeça, Cora estremece e quase chorou, quando ele largou sua mão e correu até a mesa num canto do quarto, para pegar água do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

recipiente de barro. Estava tão frágil e ferida, que precisou da ajuda dele para levar o copo aos lábios. A água fresca renovou as energias num plácido enlevo, ela agradeceu num fio de voz.

- Obrigada...!

- Estou feliz de vê-la acordada.

- Dormi muito...?

- Uma eternidade...! Na verdade, quase três dias.

Cora voltou à cabeça ao travesseiro com desalento. Precisava resolver sua vida, contudo tinha que convencer aquele homem a deixá-la partir. Já estava determinada e jamais retornaria a casa de Donato Teixeira. Agora, era apenas uma questão de tempo e sanidade.

- Preciso partir...!

- Ainda não!

- O senhor sabe que sim...

PERIGOSAS ACHERON

- Fique aqui até que restabeleça as suas forças! Depois, eu mesmo a levarei aonde você quiser.

A sinceridade daquele homem maduro quase levou Cora às lágrimas, de tristeza e saudade antecipada, mas ela não podia fraquejar ou sonhar com algo diferente; sua vida já estava complicada o suficiente para enredar outro alguém a sua teia desgraçada.

Um suspiro profundo brotou do peito dilacerado, quando Cora anuiu num débil movimento de cabeça voltando-se para a claridade do dia, através da vidraça.

O corpo parecia despedaçado, a cabeça latejava ao compasso do coração, mas ela sentiu aquecer lhe as entranhas, quando João tocou-lhe a face, para conferir sua temperatura.

A mão afagou-a demoradamente, como num sonho muito almejado, ela fechou os olhos para melhor apreciar o contato.

Temendo denunciar a fascinação, continuou de olhos fechados, mas não controlou o breve

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estremecimento varrendo sua pele. João recolheu a mão, mas continuou mirando-a por um longo e eletrizante momento. Por fim, ele implorou com seriedade.

- Cora, olhe para mim!

Como saindo do abismo Cora voltou-se e mergulhou nos olhos negros com precisão. Aqueles olhos expressavam uma urgente necessidade, tanto quanto obstinação.

- Suponhamos que queira ficar... Farei tudo para que nada de ruim lhe alcance! Isso é uma jura!

Ele segurou-lhe a mão com reforçado vigor, numa promessa velada.

- Parece incrível; mas sinto que preciso fazer isso...

- Deus...! Não sou livre...

- Eu a libertarei!

O silêncio reinou no recinto igual à atmosfera

PERIGOSAS ACHERON

sobre suas cabeças. Era uma oferta tentadora, mas tão arriscada quanto à fuga desenfreada e sem limite ao qual Cora começara.

Céus! Porque a vida era tão complicada! Estava com apenas dezenove anos, mas já desejava o fim da jornada! Às vezes desejava fechar os olhos e nunca mais acordar.

Uma lágrima transborda seus olhos ante a força daquele homem, que tinha idade para ser o seu pai. Não era a idade que a impedia de juntar-se a ele, já conhecia sua história. Primeiro precisaria morrer em vida. Enfim, nada lhe daria mais prazer, do que viver a grata harmonia daquela casa. Mas, não! Um homem; já tinha sido o bastante em sua vida. Precisava enfrentar o mundo com suas próprias limitações.

- Já tomei minha decisão!

- Gostaria de persuadi-la a ficar! Mas... Conversaremos quando você estiver pronta!

Sem esperar resposta ele largou a mão dela e saiu rapidamente do quarto; em seguida dona PERIGOSAS ACHERON

Alexandra entrou trazendo a bandeja com o substancioso café da manhã.

Os dias transcorreram numa rápida recuperação e cuidados excessivos, mas Cora continuou sentindo uma inexplicável tontura e enjoos matinais.

As primeiras vezes que sentira tal desconforto, quase desmaiou sobre a pia do banheiro, mas rapidamente se recuperara. Contudo, quando comenta sobre os enjoos à dona Alexandra, esta se tornou branca, como os lençóis da cama no qual estava deitada.

Por certo, não estava morrendo! Mas, Cora não compreendeu a reação desarvorada da mulher, ao sentar-se na beirada da cama, olhando-a com redobrada atenção. Entretanto, o que mais lhe arrepiou foi à bombástica interrogação.

- A senhora teve contato com algum homem...?
Quero dizer; já foi casada?

Cora afundou-se ainda mais nos travesseiros, sem coragem de respirar. Céus! O que ela queria
PERIGOSAS ACHERON

saber?

- Olha, desculpe-me a intromissão; mas eu já fui mãe... Também, sei que a senhora veio para cá para recuperar-se de uma tragédia familiar! O seu marido morreu...?

Que confusão Cora se metera novamente! Não podia estar grávida de Blazio...? Céus! Já sabia como funcionava a gravidez; mas, fora apenas uma vez! Contudo, ela não precisou responder, dona Alexandra já intuía a resposta.

Sem saber como agir diante de tão grave acontecimento, dona Alexandra saiu desarvorada, prometendo retornar em breve. Quando a porta se fechou atrás da mulher, Cora continuou com os olhos fixos às tábuas resistentes da porta, por um longo e angustiante momento. Em sua mente, o pressentimento pairava calamitoso sobre sua cabeça.

Uma eternidade parecia ter se passado, quando Cora finalmente conseguiu sair da cama e caminha trôpega até a janela. A claridade do dia feriu seus

olhos secos, recostando a cabeça na vidraça, ela fechou os olhos por um momento. Ao abrir os olhos novamente, avistou João retornando do vilarejo, dirigindo o seu caminhão.

O ruído do motor quebrava a plácida quietude do lugar, mas também trazia uma aura de prosperidade ao sertão. Uma lágrima transborda de seus olhos quando ele lhe acenou em cumprimento, ao prosseguir para o galpão de cereais nos fundos da residência.

Ela recriminou-se pela fraqueza do seu comportamento. Sempre foi tão fria e controlada, nunca esmoreceu. Mas, nos últimos dias chorava, como uma manteiga derretida, ante a mínima atenção por parte daquele homem gentil. Mesmo que ele já não entrasse frequentemente no quarto, Cora o ouvia claramente pelo interior da casa. O timbre de sua voz lhe trazia um anseio desconhecido, agitando-lhe o peito.

Os dias transcorriam tensos com a sombra da possível maternidad. e seus passos incertos conduzia-na à todos os recantos da casa, numa

PERIGOSAS NACIONAIS

infindável romaria, enquanto os pensamentos caóticos martelavam sua mente com perseguição.

Durante o dia Cora não se encontra com João, mas temia que dona Alexandra já lhe reportasse a inegável descoberta; e a noite na hora do jantar a tempestade recaiu em cheio sobre sua cabeça. João mal tocou sua comida, esperou pacificamente até que ela arriou os talheres ao lado do prato ao fim da refeição e bombardeou-a de perguntas.

- Como você está se sentindo?

Cora engoliu em seco, prevendo a conturbada revelação.

- Bem... Eu acho!

- Ainda estou tentando compreender a sugestão mencionada por dona Alexandra... Ela acredita que você possa estar grávida...!

Cora permaneceu estática olhando-o com assombro. Céus! Como revelar tal situação? Quando nem ela acreditava ainda ser possível.

PERIGOSAS ACHERON

- Não sei por que ela cismou com isso! Senti apenas um mal estar e enjoos...

João pareceu irritado. Como pai de três filhos já lhe conferia alguma experiência para ignorar certas nuances numa mulher. Enfim, continuou complacente no interrogatório.

- Quantos dias, desde a sua última regra?

Cora pulou em pé num sobressalto, mas tombou novamente sobre o banco lustroso ao qual estava sentada. Que pergunta mais indiscreta! Porém, mentalmente refez as contas e concluiu que já se passaram quase dois meses desde a última menstruação.

Os olhos dela revelavam mais que mil palavras e João compreendeu que estava derrotado. Uma fugitiva do marido ele poderia abrigar na sua casa, mas esconder uma criança do seu verdadeiro pai complicaria as coisas; e já estava fora de questão! Concluindo a própria sensatez, ele rematou prudente.

- Amanhã bem cedo, eu mesmo a levarei de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

volta para a casa do seu marido.

- O senhor não entende... Eu não voltarei mesmo assim...!

- Escute; já não se trata apenas de você!

- Prefiro morrer...!

- Não diga bobagem. A vida é uma dádiva inegável, e um filho é a reafirmação deste fato.

- Não para mim...!

Além de uma tristeza infinita, o rancor secou seus olhos verdes de forma indescritível. João quase arrancou seus próprios olhos, para não ver tanto desalento e mágoa ofuscar tal beleza. Céus! O que fizeram com ela!

Num gesto impulsivo, João se aproximou, erguendo-a do banco e agarrou-a pelos ombros num arroubo incontável. Depois de um momento de angustiante pavor, tomou o rosto dela entre as mãos e roçou os lábios dela com os seus, tentando apagar a tristeza vincando aquele belo semblante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cora perdeu o fôlego com o sublime contato, depois da surpresa, o clamor gritou dentro do peito numa pretensão de amor, ela retribuiu o beijo com calor. Quando João afastou os lábios, continuou segurando o rosto dela com carinho; depois de um momento, ele afastou-a lentamente e voltou-a novamente ao banco.

Sentando-se ao lado dela, João observou o rubor queimar-lhe a face e sorriu satisfeito por ter conseguido banir a tristeza de momentos atrás. Com a ponta do dedo, ele afastou uma mecha rebelde do cabelo ruivo e contornou a face com lentidão, satisfeito com o brilho deslumbrado nos olhos translúcidos.

- Minha doce Corina! Por favor... Não vou obrigá-la a voltar para o seu marido; se esse for o seu desejo! Entretanto... espero nunca me arrepender das atitudes que tomo agora...! Só existe uma maneira de você permanecer aqui, comigo. Torne-se minha mulher! O filho que já existe em você, será *meu*, a partir do seu *sim*.

Cora piscou confusa e definitivamente

PERIGOSAS ACHERON

deslumbrada com o pedido solene. Mas, seria justo enredar aquele homem honrado a uma *mentira* tão cruel? E ele não jurara *amor*? Ou qualquer sentimento além da pura bondade, contudo eram sentimentos que jamais lhe fora dedicado. Ela não tinha muita escolha, também não desejava o mal a ninguém. Queria apenas sobreviver! Sozinha enfrentaria um mundo de sombras e espinhos, mas uma pobre criança não merecia tal destino. Sabia que estava definitivamente entre dois punhais. Ante o medo turvando os olhos verdes, João ergueu-se prudente, e estendeu a mão.

- Espero a sua resposta amanhã! Procure descansar esta noite. Lembre-se, o sol sempre nos revela um horizonte de possibilidades!

Quando ela tocou a mão estendida, o calor envolveu-a e aqueceu lhe o corpo frígido, igual uma coberta em noites frias de inverno. Naquele instante, Cora percebeu que encontrara o seu lugar.

De mãos dadas, eles percorreram pacificamente o corredor até a porta do quarto que ela ocupava. Levando a mão dela aos lábios João beijou-a

PERIGOSAS NACIONAIS

demoradamente em despedida.

- Boa noite!

- Boa noite senhor João!

Depois, João caminhou de ombros erguidos através das sombras do corredor, e entrou no seu próprio quarto.

Por muito tempo, Cora ficou encostada às paredes do corredor, antes de conseguir mover os pés e entrar no quarto, pois o calor dos lábios dele pareciam impresso a fogo em sua mão gelada.

Durante toda a noite, ela foi envolvida em fantasia que se fundiam a realidade e o vulto do passado persistia em assombrá-la.

Na manhã seguinte, João convocou dona Alexandra para uma conversa reservada. Ele ainda não tinha a confirmação de Cora, mas as suspeitas da gravidez nunca deveriam sair daquela casa. A lealdade da empregada lhe seria de grande valia e paz futura.

PERIGOSAS ACHERON

- O casamento dela acabou tragicamente... Espero recompor os cacos dessa infeliz história! Se tudo der certo, teremos grandes comemorações em breve.

Os olhos da astuta mulher exibiram um fulgurante esplendor ante as boas novas, e suas mãos bateram palmas de contentamento.

- Calma dona Alexandra, ainda não é oficial!

- Mas vai ser...!

João não conteve uma risada, ao dispensá-la com um amplo gesto de mão. Dona Alexandra assistira anos de solidão dentro daquela casa, assim como as sutis mudanças, a chegada da jovem parenta; então o seu riso solto revolvía as paredes da casa, e seu empenho na limpeza ganhava novas expectativas.

Ao abrir os olhos, Cora abandonou a cama quentinha e correu para o banheiro, para aliviar o mal estar. A cabeça latejava, como se o cérebro viesse junto com o líquido esverdeado e amargoso de seu estômago; depois, enfraquecida, ela

PERIGOSAS ACHERON

escorregou até o chão, com a cabeça entre os joelhos, procurou se restabelecer.

Jamais imaginara a maternidade, nem queria; certamente estava sendo punida pelo improvável anseio materno. Mas, bem lá no íntimo, algo aquecia sua alma destroçada numa sensibilidade desconhecida, quando a mão deslizou pelo ventre liso, numa pretensão de afago, os olhos verdes cintilavam sonhadores. Um riso tóxico, parecendo um soluço, escapou de sua garganta enquanto ela se erguia de pé. E compreendeu que um novo horizonte já despontara com o alvorecer.

Depois do desjejum, Dona Alexandra informou-a que o patrão a aguardava no escritório.

- Mas não tenha pressa minha senhora; ele a espera!

Cora não atinou o brilho perspicaz por trás do comentário, mas não fazia sentido fazê-lo esperar; afinal, só existia um caminho.

Ao bater à porta de carvalho a mão dela tremeu, mas erguendo os ombros determinada Cora entrou,
PERIGOSAS ACHERON

quando a voz grave e carregada de sotaque espanhol se manifestou.

Era tão estranho aquele momento, quanto o brilho nos olhos negros, convidando-a a sentar na cadeira em frente a mesa, abarrotada de formulários.

Ao largar os papéis sobre a mesa João concentrou toda a sua atenção a movimentação da garota. Depois de um momento, ele recostou-se complacente em sua cadeira e inquiriu prudente.

- Você dormiu bem?

- Sim!

- Eu não...!

Cora não fez nenhum comentário, mas manteve seus olhos fixos no rosto moreno, tentando decifrar as emoções por trás daquele brilho perspicaz. Incapaz de permanecer apenas observando o pânico nos olhos verdes, João levantou-se num repente e caminhou até a janela. O sol aquecia as flores do jardim que exalavam seu perfume como um

PERIGOSAS ACHERON

chamado. Então, repentinamente o ambiente do escritório se tornou sufocante.

- Vamos dar uma volta...? Venha!

Inesperadamente ele se aproximou e tomou a mão dela com disposição. A seguir, Cora fora praticamente arrastada ao jardim. Logo ela percebeu que era preferível caminhar ao lado dele, ao invés de tentar esconder as mãos sobre a dobra da saia, num inquietante desconforto.

Percorrer os canteiros de rosas multicoloridas quase a fez esquecer porque estava ali tentando acertar os passos do seu futuro. Á sombra de um gigantesco cipreste entalhado artisticamente pelas mãos habilidosas do jardineiro, sentaram-se num banco de madeira.

Inesperadamente, João tomou as mãos dela entre as suas, inquiriu cordato.

- Então...? Suponho que você já tem uma resposta!

Cora observou a mão dele encobrir a sua com
PERIGOSAS ACHERON

poder e segurança ao qual buscava; além disso, havia uma incrível benevolência nos gestos daquele gigante encantador. Desde o primeiro instante que deparara com os incríveis olhos negros, ouviu o timbre exótico na voz profunda, sabia que jamais poderia esquecê-lo. Quando ela ergueu os olhos para ele, a decisão estava escrita em seu olhar.

- Creio ser o melhor a fazer! Embora não tenho ideia de como podemos oficializar isso?

João respirou pausadamente, acariciou o dorso da mão dela com o polegar, mirando-a profundamente nos olhos, proferiu rigoroso.

- Eu sei exatamente o que fazer, deixe tudo por minha conta. Agora, precisamos acertar alguns pontos. Não vamos viver apenas de aparências, quero-a como minha esposa em todos os sentidos... Você compreende o que eu digo?

- Mesmo grávida de outro...?

- Principalmente por isso! Nosso relacionamento precisa ficar evidente, para que este filho possa ser meu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Cora compreendeu exatamente as intenções daquele homem robusto, mas ainda estava assustada. Entretanto, anuiu sinceramente.

- Preciso ouvir de seus lábios a resposta!

Cora quase desmaiou com a excitante observação e sentiu os seus lábios formigarem diante daquele olhar e os umedeceu com a ponta da língua, num instigante fascínio.

- Sim...!

- Sim, o que?

Ele estava tão perto que seu hálito afagou os lábios dela, num incrível prazer. Desarvorada, ela se indagou porque aquele homem insistia naquela loucura? Mas, envolvida num calor aventureiro, ela sentiu que nada mais importava e sentindo-se fisgada num magnetismo desconhecido, confirmou num murmúrio.

- Eu quero me casar com o senhor...

PERIGOSAS ACHERON

Os olhos dele se escureceram ainda mais enquanto a mirava longamente, quase tocando-lhe os lábios rosados com os seus. Depois, ele ergueu-se determinado e repentinamente estendeu-lhe a mão.

- Vamos! Temos muito, o que fazer!

Sentindo-se estranhamente frustrada, ela acompanhou os passos ligeiros de João ao retornarem para o interior do escritório. Daquele momento em diante, o assunto do casamento tornou-se urgente e primordial.

Numa folha de papel, ele rabiscou o que acreditava ser um comunicado de casamento. E estendeu à ela, para confirmar a data e os termos. Cora quase desmaiou quando percebeu que ele, requereu um pedido de casamento para o mais breve possível, dentre os proclamas da lei.

Cora agora possuía outro sobrenome, e uma nova mulher assumia as rédeas da sua vida. *Corina Medeiros* ressurgia das cinzas como a ‘*fênix*’, cheia de sonhos e desejos jamais imaginados. Ao assinar

PERIGOSAS NACIONAIS

o documento manuscrito, os dedos dela não tremeram, e ante o sorriso incisivo de João, ela estendeu o papel.

- Agora só nos resta reivindicar uma nova documentação junto ao Fórum_ '- porque você perdeu todos os seus antigos documento, 'para então seguirmos com os planos. Mas desde já, todos devem saber da nossa intimidade.

- Intimidade...?

- Sim. Você dormirá na minha cama esta noite. E, não me chame de *senhor* nunca mais!

Cora engoliu em seco, mas não protestou. Faria exatamente o que fosse preciso para não retroceder ao passado, que queria esquecer

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

O dia seguinte transcorreu com grandes expectativas e revolução dentro da casa por conta da mudança de quarto.

No quarto de João, desde as cortinas até o colchão da cama de casal foram substituídos por novos. Lençóis e cobertores exibiam suas cores deslumbrantes e intensas sobre a enorme cama, assim como os tapetes vindos diretamente da Europa adornavam o chão imaculadamente limpo e encerado.

Dona Alexandra precisou da ajuda de mais duas mulheres da redondeza para concluir o trabalho, mas ao fim do dia, tudo estava pronto, inclusive os mexericos da comunidade.

O riso disfarçado não passava despercebido nas

PERIGOSAS ACHERON

feições das mulheres, quando João tocava gentilmente a mão de Cora na hora do almoço e acentuou a curiosidade delas na despedida, quando ele a tomou Cora pela cintura ao instruir que elas retornassem no dia seguinte, para continuar com as mudanças na casa.

Ele queria transformar a casa exatamente como Cora queria, mesmo que ela não pedisse nada, a sua mais insignificante manifestação era providenciada. O gesto possessivo reivindicando o corpo de Cora revela as intenções do fazendeiro e aguçava a imaginação da vizinhança. E eram exatamente as intenções dele.

Ainda aquela noite, Cora iria descobrir o verdadeiro sentido de pertencer a alguém. Seus temores amenizam quando, ao caminharem rumo ao quarto, João tomou a mão dela, e a conduziu gentilmente ao interior do aconchegante quarto conjugal. Parecia incrível, mas ela até sonhara com alguma intimidade, principalmente depois do beijo, ainda formigando seus lábios.

Ao cruzar a porta do quarto, tudo parecia

diferente. Ali naquele santuário um novo homem ressurgiu. As mãos grandes tomaram os ombros dela com delicadeza controlada, enquanto João despiu-lhe o vestido até cair num amontoado de panos aos seus pés. Não era a primeira vez que João vê aquele corpo perfeito, mas jamais conseguia verbalizar o clamor dentro do peito ante tal visão.

Propositalmente, ele desabotoou a própria camisa, botão por botão, olhando-a profundamente nos olhos. Os pelos encaracolados e parcialmente grisalhos, não encobria o tórax robusto e bronzeado e sob o cós da calça, os pelos seguiam a trilha máscula e intrigante.

Mas ele não completou a nudez diante dos olhos curiosos de Cora, com a mão estendida convidou-a gentilmente ao leito convidativo. O sorriso enigmático curvou sutilmente os lábios masculinos enquanto os olhos negros, exibiam um brilho impetuoso, ao acomodá-la sobre os lençóis.

A aragem noturna arrepiou a pele desnuda de Cora, mas as mãos de João deslizaram lentamente

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre a pele, fazendo brotar fagulhas, até as entranhas palpitantes do corpo feminino. Inesperadamente, Cora sentiu-se leviana por desejar ser possuída por ele. E seu clamor ficou evidente nas mãos crispadas, agarrando-o com desespero, enquanto ele se acomodava ao lado dela sobre os lençóis de seda pura.

O contraste frio do tecido, era aplacado pelo desejo descrito nos olhos negros, percorrendo seus seios nus, mesmo sem tocá-los. Enquanto o peito dela arfava ao compasso do coração, ele quase podia sentir lhe o apelo. Céus! Era tão fácil ceder ao oferecimento tentador, mas João precisava resguardar o momento, para poder verdadeiramente vencer as barreiras nublando o futuro que ele desejava.

Enfim, continuou apreciando cada pedacinho daquele corpo de mulher, arrebatando-o como jamais estivera antes. Já se passara muito tempo desde a última vez que tivera contato com uma mulher, no entanto, nada se comparava a emoção regendo os seus sentidos como naquele instante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

(Após as eventuais experiências sexuais, obtidas com ‘mulheres de vida fácil’, João prometeu a si mesmo, jamais procurar matar a sede em águas turvas, pois ao fim do ato, restavam apenas a frustração e um enorme vazio.)

No entanto, o sentimento que nutria por Cora desde o primeiro contato, lhe revelara que ainda existia paraíso. Recorrendo ao máximo equilíbrio, João murmurou baixinho junto ao ouvido dela, sem perder a seriedade.

- Recomendo apenas dormirmos na mesma cama, enquanto não formalizarmos o compromisso. Espero que Você entenda o que eu estou lhe propondo! Não estou abdicando do relacionamento completo... Apenas adiando!

Os olhos negros pareciam duas pedras preciosas mergulhado nos dela, e os lábios deles quase se tocavam. Cora estremeceu imaginando como João espera que ela raciocine direito! E ela compreendeu que depois daquela noite, o seu destino estaria traçado definitivamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Incapaz de formular qualquer palavra, ela apenas concordou num breve mover de cabeça. João sorriu e aninhou-a em seus braços com posse. Acolhida junto ao corpo quente, Cora quase se esqueceu de respirar ao sentir sobre os cabelos, a respiração dele tornar-se gradativamente regular. O corpo delicado de Cora se encaixava perfeitamente a massa muscúlosa, e ali naquele aconchego humano, ela sentiu-se completamente segura.

Pela primeira vez na vida, Cora adormeceu protegida, e suspirou longamente antes de adormecer serenamente.

O sol despontou reluzente sobre as montanhas longínquas, quando Cora despertou para um novo recomeço.

A cama estava vazia ao acordar com o raiar do dia, mas a comprovação de um corpo continuava sobre o travesseiro ao lado. João concedera-lhe a liberdade num altruísmo incrível, mas ela reviveu na memória cada momento daquela noite em seus braços.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um longo suspiro brotou de seu peito ante o futuro promissor. Bem no fundo da alma, ela tremia com a possibilidade de pertencer aquele homem atraente; mas sorriu ante a acirrada obstinação dele.

Ao deixar o leito revolto, Cora apenas observou as roupas deles espalhadas pelo chão. Era uma prova irrefutável de seu comprometimento, e assim deveria ser.

Com o início do dia, uma grande movimentação irrompeu na casa; apenas Cora não conseguia acreditar que, poderia acompanhar João até a cidade, sem se implicar. Mas, precisava reaver junto ao fórum os documentos extraviados, e necessários a união formal que pretendiam realizar na sede da fazenda.

Durante a viagem de quase oito horas até a cidade, eles tiveram tempo para elaborar e anotar a lista de convidados para a cerimônia. Apenas alguns amigos da comunidade e os filhos de João, seriam suficientes para a formalização do enlace, embora João desejasse gritar aos quatro ventos que ela já lhe pertencia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O breve contato de seus corpos, ao embalo dos solavancos da estrada, provoca um ardor quase insuportável, e o clamor ficava descrito nos olhos límpidos de Cora, numa sensualidade desconhecida.

Sob uma sombra a beira da estrada, quando o sol estava a pino no firmamento, João estendeu uma toalha e improvisou a refeição. Frutas, queijo, presunto defumado e broas fresquinhas, completavam a farta refeição, além de uma saborosa jarra de suco, servido em copos de cristal.

Depois da refeição, eles se estenderam na relva fresca para descansar, antes de retomar a estrada. E quando Cora imaginou que ele tivesse adormecido ao seu lado, aproveitou para apreciar-lhe a estrutura arrojada.

O corpo atlético era perfeito e sua musculatura delineava pernas fortes, necessárias ao valente cavaleiro.

Quando seu olhar alcançou o rosto anguloso, percebeu que os olhos negros estavam sorrindo ante

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a sua fascinação. Ela jamais fora acometida por tal desejo, mas ao lado daquele homem maduro, parecia se queimar, diante do brilho dos olhos dele, observando o movimento frenético do seu peito arfante. Fora apenas um breve reflexo antes de ele levantar e instigá-la a fazer o mesmo. Ele não falava abertamente sobre pretensões de amor, mas os olhos negros se escureciam numa prova inegável de sua cobiça. Ou era apenas imaginação de Cora!

O resto da viagem transcorreu silencioso, como se os dois estivessem envoltos em suas próprias reflexões.

A cidade surgiu aos olhos de Cora como um aglomerado gigantesco e temeroso. Ruas pavimentadas com pedras cortadas e alinhadas perfeitamente, para as pessoas caminharem sem enlamear os sapatos lustrosos, atíçaram ainda mais o espanto dela.

Ainda na cabine do caminhão, Cora desejou retornar ao seu velho mundo campestre, pois a referida cidade, parecia um formigueiro de gente apressada, caminhando em todas as direções.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mulheres bem-vestidas e homens empoados, desfilavam de braços dados em passos elegantes, e sem pressa nenhuma.

As fachadas dos prédios se estendiam até quase tocarem o céu, fazendo-a erguer a cabeça até ficar tonta, para observar o topo. Aquelas construções gigantescas tinham, pelo menos, quatro andares de altura, a contar da soma das janelas.

E nas calçadas, as lojas disputavam espaço para venderem todo tipo de mercadorias, tão coloridas e vistosas que chegavam a ofuscar os olhos de Cora.

Ela tentou se esconder atrás de João, quando ele lhe obrigou a descer e enfrentar a rua movimentada. Logo ela precisou correr, para acompanhar os passos ligeiros dele sem perder-se naquele mar de rostos desconhecidos.

Quase ao fim da tarde, depois de preencher os formulários com os novos dados de nascimento, Cora deixou o *Fórum* com a sensação fraudulenta pesando-lhe nas costas. Apenas os dedos enlaçados na mão de João, amenizava a infeliz sensação.

PERIGOSAS ACHERON

Já na calçada, eles pararam e observaram por um momento o imponente edifício que João a conduzia com um sorriso incentivador ao seu interior. Depois de atravessar as portas de vidros resistentes, o ar fresco os envolveu. Ante os olhos abismados, Cora observou as fileiras de caixotes de vidros onde as pessoas se enfileiram, para serem atendidos com passividade.

Então, ante os comentários de João, ela soube que era ali que as pessoas guardavam o seu dinheiro! Passando rente aos gabinetes eles se encaminharam para a lateral do grande salão, onde um homem refinado levantou-se detrás da sua escrivaninha para cumprimentar João, como um velho amigo.

Seguinte às apresentações, o gerente indicou as cadeiras a sua frente, dando início às negociações que Cora não conseguia acompanhar. Mas quando ela precisou assinar algumas folhas de papel, João cochichou em seu ouvido para que assinasse o seu nome verdadeiro.

Ao saírem para a rua, João respirou

profundamente, e olhando-a nos olhos, revelou baixinho ao beijar seu rosto num carinho terno.

- Fique tranquila meu amor, Você estará segura!

Cora sentia-se segura ao seu lado desde o dia em que o conheceu. Seu riso inocente cativou ainda mais o coração do homem, orgulhoso de seus feitos.

Aproveitando a viagem, eles convocaram os filhos de João para um jantar em família num restaurante elegante da cidade. Sorridentes, as crianças atravessaram o ambiente requintado logo a frente da mãe orgulhosa, até a mesa onde João e Cora já os aguardavam. Quando a moça elegante se aproximou da mesa, o cumprimentou afetuosa.

- Olá papai! Como vai! Fiquei surpresa com o seu convite inesperado... Algum problema?

A linda jovem beijou a face de João demoradamente, sem tirar os olhos do rosto de Cora, sentada ao seu lado. Cora mexeu-se inquieta ante a observação consistente, e desviou o olhar

PERIGOSAS ACHERON

para as crianças requisitando as atenções do avô.

O menino mais velho, Davi, de cinco anos tinha cabelos castanhos claros e olhos azuis, muito diferente da irmã de três anos, Isabel. Ela tinha olhos escuros como os do avô, e corria sacudindo os cachinhos negros, conforme lançava-se para os braços de João, num alarido feliz. Consciente dos olhares inquisidores da filha, João apenas replicou prudente.

- Não tem problema algum Melina, mas gostaria de esperar os seus irmãos para conversarmos!

Melina aceitou a sugestão pacífica, mas seu olhar ainda buscava a figura de Cora, com interesse. Cora devolveu o sorriso brevemente, sem conter o rubor tingindo suas faces, num pavor crescente.

Céus, porque não pensou antes! Então, ela se preparou para uma possível resistência por parte dos filhos de João. Era bem possível que eles a apontassem como uma usurpadora da memória da

mãe.

Minutos depois, dois homens maduros adentraram o recinto, com passos firmes, e caminharam diretamente a mesa indicada pelo garçom. João levantou-se para cumprimentar e abraçar os rapazes, com genuíno prazer.

Sem desgrudar os olhos de Cora, o homem mais velho inquiriu prudente.

- Estou surpreso de encontrá-lo tão longe de casa papai! Algo muito importante o trouxe até aqui... Gostaria de saber do que se trata!

João voltou a sua cadeira, e apaziguou-os por um momento.

- Calma rapazes, logo saberão o motivo pelo qual eu os procurei! Agora estou faminto... Que tal pedir o cardápio?

Os filhos entreolharam-se, mas não opuseram resistência. Iniciando uma conversa descontraída, João procurou saber sobre os projetos dos filhos com a maior naturalidade, sem importar-se com os PERIGOSAS ACHERON

olhos inquisidores dirigidos a Cora, ao lado.

O homem mais velho parecia a cópia perfeita de João, apenas os cabelos negros, ainda não possuíam o incrível grisalho. Porém a semelhança terminava na fisionomia, porque o rapaz possuía uma faceta fechada, que não tinha nada a ver com a conduta de João.

Contudo, o filho mais jovem de João, pareceu compreender perfeitamente a presença de Cora ao lado do pai.

- Acredito que você nos traga notícias bem peculiares; a julgar pela sua faceta hílare... E sua agradável companhia.

João não contestou o comentário perspicaz do rapaz, e tomou a mão de Cora por baixo da toalha de linho ao perceber seu rubor indiscreto. A refeição transcorria lenta e turbulenta com a expectativa crescente em cada olhar. Apenas as crianças pareciam alheias a atmosfera carregada de expectativa.

Quando a sobremesa foi servida em taças de
PERIGOSAS ACHERON

cristal, Cora quase gritou de aflição, enquanto os olhos da família de João acompanhavam sua conduta hesitante e seu mutismo sepulcral.

Principalmente, quando o filho mais jovem, com cabelos cor de fogo e sardas marrons, salpicando-lhe o nariz, se manifestou Cora quase caiu da cadeira ao ser impelida a responder diretamente.

- Você mora aqui nas proximidades...?

Depois de um longo e pavoroso momento, ela enfim se manifestou, prudente.

- Nunca tinha posto os meus pés aqui...!

- E você é de onde...?

João salvou-a com brandura controlada, e deu fim ao interrogatório, mantendo um sorriso apaziguador nos lábios.

- Vamos acabar com o suspense, e esclarecer a presença desta linda moça ao meu lado. O nome dela é Corina Medeiros.

Primeiramente João aponta o filho mais velho e apresentou-o formalmente.

- Alfredo Fortunato... Meu primogênito! E esse é Antônio Fortunato. Meus dois filhos muito amados. E esta linda jovem é Melina Fortunato.

Seguinte às apresentações com aperto de mãos e olhares curiosos, os filhos ainda aguardavam a bombástica revelação, mas em seus rostos Cora quase podia ler ‘afaste-se’.

Com puxões insistente na manga da camisa do avô, as crianças também ansiavam ser apresentados. Então João sorriu e os apresentou complacente.

- Ah sim, sem esquecer meus dois netos; Davi e Isabel! Filhos de Melina!

Seguinte as apresentações, o clima parecia estagnado sob suas cabeças, à espera da intrigante manifestação.

- Corina é minha prima distante... Que vocês ainda não conheciam! Bem, ela veio passar uns
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tempos comigo na fazenda para se recuperar de algumas perdas familiares...! Logo percebemos que algo importante nos unia além do simples *parentesco*... Enfim, resolvemos nos casar!

Ante a incrível revelação, os olhos dos filhos passavam de um para o outro com incredulidade crescente, porém seus lábios estavam cerrados. Para quebrar a má impressão, João contrapôs com brandura.

- Não tirem conclusões precipitadas antes de conhecerem-na melhor. Verão que Corina é sem sombra de dúvida, uma moça honrada; e de incontestável virtude.

Como se fosse possível respirar sem expulsar o enlouquecido coração, Cora procurou os olhos de João como uma tábua de salvação. Ele sorriu, e a encorajou tomando-lhe a mão gelada como juramento de proteção.

O gesto teve o poder de abrandar a aceleração e o tremor de seu corpo fragilizado e quando Cora observou os rostos estarecidos dos jovens, quase

PERIGOSAS ACHERON

se compadeceu pelo atropelo imposto.

Num segundo, Cora fora analisada de cima a baixo, como uma galinha prestes ao abate. Mas ela se resignou com indiscreto tremor.

Bem, agora era esperar a inevitável censura, porém aos poucos as expressões dos jovens serenaram.

Primeiro o mais jovem dos filhos se manifestou, afoito e inesperadamente promissor.

- Confesso que não esperava por isso! Embora ainda não compreendo como nunca soubemos deste parentesco; estou satisfeito com a sua disposição papai...!

O clima continuava tenso, enquanto o filho mais velho, perpassa a figura de Cora com indiscutível censura. Porém, quando ele se manifestou, João também soltou a respiração presa na garganta.

- Compreendo que você é dono do seu próprio nariz, e saudável em suas faculdades mentais!

Então, só posso desejar-lhe um feliz casamento!

Os olhos negros do rapaz traziam um traço de reserva e algum ressentimento, mas provavelmente também não se oporia, se esse fosse o desejo do pai.

Ainda aguardavam a manifestação da jovem Melina para completar a bombástica circunstância.

Com lágrimas nos olhos, a moça lançou-se ao pescoço do pai e o abraçou por um longo momento, sem nada dizer, depois voltou-se para Cora e confessou emocionada.

- Agradeço-a por salvá-lo do infeliz isolamento! Sei o quanto papai merece refazer a sua vida. Ele foi um grande *esposo* para a minha mãe e um *pai* extraordinário para nós! Merece alguém muito especial; se ele encontrou em você o alento para o seu coração... Então rezo para que você o ame como ele merece!

O abraço afetuoso selou as palavras da garota e aliviou a consciência de Cora, como se naquele momento a sua vida tomasse a trajetória que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

buscava, ela fitou os olhos de João com genuína adoração. Como num passe de mágica, logo os membros da família incluíram Cora na conversa, e fizeram planos para o grande acontecimento.

Ao retornarem para casa, o clima entre João e Cora permaneceu sereno e suas respirações espargiam frouxas com o dever cumprido e o desenrolar ameno perante a família dele.

A aurora despontava no horizonte quando o caminhão estacionou no pátio da casa e João acordou Cora adormecida no banco ao lado. Ao abrir os olhos desorientada, o reflexo do dia iluminou seus lindos olhos verdes ao perpassar o rosto cansado de João.

Por fim, Cora suspirou longamente, quando ele tomou-a no colo para descer da cabine do caminhão e seu corpo resfolegou junto à parede de músculos potentes. Ao tocar os pés no chão, ela sentiu um fio de tristeza invadir seu coração, mas o calor das mãos grandes ficou impresso na pele quando João a libertou de seus braços, muito rapidamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Extremamente cansados, eles caíram na cama quando o sol despontava por trás das montanhas, e adormeceram instantaneamente aconchegados um nos braços do outro.

As semanas seguintes transcorreram agitadas, com os preparativos do grande evento; e como se tivessem formado um pacto mútuo, compartilhavam da mesma cama todas as noites e adormecem abraçados a espera do grande dia. Numa sucessão de acontecimentos, os dias prosseguem rapidamente, e o relacionamento dos dois era quase amigável, embora os encontros se tornassem escasso.

Os filhos de João chegaram na véspera das bodas e hospedaram-se na casa. Logo se dispuseram em colaborar com os preparativos da festa, inclusive as crianças, ajudaram na decoração das cadeiras perfiladas ao longo do galpão e terreiro ornamentado com laços de fitas e flores.

À chegada dos filhos de João, Cora quase desmaiou diante do lindo enxoval oferecido por Melina, como presente de casamento. Além de

PERIGOSAS ACHERON

vários vestidos elegantes, haviam sapatos, fitas para os cabelos e roupas de dormir, confeccionadas com a mais pura seda e rendas coloridas, que deslizavam sob os dedos de Cora, como as águas da cachoeira.

Seus olhos encheram-se de lágrimas ante o inesperado afeto, mas ela também se surpreendeu com a afabilidade dos rapazes da família e suas esposas. Rosa, a esposa de Antônio, brindou-a com um sorriso genuinamente afável ao cumprimentá-la, beijando-lhe as duas faces. Entretanto nem tudo era perfeito; Cora compreendeu diante da análise desdenhosa de Gertrudes, esposa de Alfredo, medindo-a dos pés a cabeça ao cumprimentá-la, e deixar escorrer um filete de fel num comentário dissimulado.

- Algumas pessoas têm mais sorte que outras...!

Cora não retorquiu ao comentário picante, e se mostrou indiferente, pois já estava acostumada a ser repelida com severidade desde a infância. Contudo, ela não permitiria que estragam o seu recomeço, possuía uma casca bastante grossa, forjada na intransigência de tia Eleonor, também

PERIGOSAS NACIONAIS

aprendeu a se safar das mesquinhas alheias não esperando absolutamente nada de ninguém.

Os homens da família sorriam pacíficos enquanto ajudavam nos preparativos do casamento e envergavam as palmeiras ornamentadas com flores em torno do terreiro, para as festividades com disposição. Os fogos de artifícios também já estavam reservados para estourar durante o evento, ansiosamente aguardado.

Alfredo mostrava uma reserva quase desconcertante na presença de Cora, enquanto Antônio sorria feito um menino, assobiando e paparicando os sobrinhos, em meio as fitas e flores da decoração festiva. Enfim, os rapazes aguardavam a chegada do pai com grande expectativa, e estavam intrigados que o velho tivesse cabeça para os negócios, ante um passo tão importante de sua vida.

Diferente dos irmãos, Melina era extremamente faceira e doce, como Cora jamais imaginara existir. A jovem parecia viver a própria fantasia, e queria que o casamento do pai fosse perfeito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela também via em Cora a personagem principal e afortunada, por estar se casando com o homem mais lindo e extraordinário existente na terra; e corria de um lado a outro, para que tudo saísse perfeito; desde a comida e a decoração, tudo era supervisionado ativamente por ela.

As crianças não intuíram a importância do evento, apenas vibravam com a movimentação e degustavam os petiscos e guloseimas com satisfação, ao passarem correndo pela cozinha.

João, parecia correr contra o tempo para colocar os assuntos referentes aos negócios em dia, a fim de se afastar alguns dias em lua de mel. O capataz, Senhor Godofredo, marido de Dona Alexandra, se colocou à inteira disposição, para lhe proporcionar dias de descanso junto com a sua linda e jovem noiva.

Cora não conteve a angústia quando João precisou se ausentar para negociar seus lindos cavalos de raça, e o aguardou durante dois longos dias.

PERIGOSAS ACHERON

O relacionamento deles era amistoso, embora a intimidade fosse apenas estampa de conveniência. Dormiam aconchegados nos braços um do outro, e inibiam a emoção num silêncio adequado. Mas Cora, pressentia o florescer de um novo sentimento, pulsar dentro do peito com a proximidade. Agora, a cama vazia trazia uma intrigante inquietação.

Capítulo 12

Altas horas da noite, quando Cora já se preparava para dormir, ouviu o ronco do caminhão de João se aproximando, e parou estática a soleira da janela do quarto parcialmente às escuras. Minutos depois, com o coração batendo descompassado, ela ouviu os passos dele na escada, e o aguardou com os olhos fixos a porta.

A luz da lua atravessava o tecido transparente da cortina, e delineava o corpo de mulher numa aura de mistério; e foi assim que João contemplou a bela visão, antes de fechar a porta do quarto atrás de si, e caminhar em silêncio ao encontro de Cora.

João trazia nos olhos negros um fulgor irresistível, que pulsava o coração dela num frêmito desconhecido. Ele também não disse nada, enquanto tomava a cintura dela com posse, e

PERIGOSAS ACHERON

acolhia-a num abraço quente.

Com um suspiro profundo, Cora se deixou ficar naquele abraço, como se ali pudesse enfim descansar. Desde que aquele homem aguerrido lhe acenou um adeus em despedida, ela vivera num suspense temível; agora voltava a respirar protegida do mundo externo e ameaçador.

João parecia um gigante, de músculos potentes, acolhendo o corpo delicado com a segurança de uma montanha, mas Cora desejou ardentemente sentir novamente o sabor daqueles lábios queimando os seus. E, num oferecimento involuntário, ela ergueu a cabeça e ofereceu a boca rosada numa súplica silenciosa.

João apreciou a face linda por um momento, quase cedendo ao inebriante apelo, mas sorriu amistoso e inquiriu prudente.

- Oi! Como você está?

Sentindo-se frustrada, embora não rejeitada, ela suspirou aninhando o rosto no peito largo e retorquiu emocionada.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Temerosa!

- Cora...! Não tenha receio! Tudo ficará bem.

Tentando ignorar a transparência da camisola encobrindo precariamente aquele corpo perfeito, João sentiu-se extremamente consciente das formas dos seios firmes, pressionados contra o seu peito, num calamitoso assomo. Então, afastando-a delicadamente, ele a conduziu até a mesinha num canto do quarto, e acomodou-a na cadeira confortável, depois se concedeu alguma distância, ocupando a cadeira na outra extremidade da mesa. Por fim, depois de alguns segundos tentando se recuperar, João inquiriu amistoso.

- Como estão os preparativos para amanhã...!
As roupas encomendadas já chegaram?

Com os nervos à flor da pele, Cora aquiesceu desarvorada, pois dali há algumas horas, o seu destino já não mais lhe pertencia.

- Sim, chegaram hoje à tarde. O vestido é lindo!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

João quase podia visualizá-la imaculada, atravessando o terreiro da sede ‘transformado em palco de cerimônia’ ao seu encontro.

Tentando parecer indiferente a bela visão, João procurou ficar a par dos últimos detalhes do casamento, que se daria nas primeiras horas da manhã. Em detalhes, ela explanou a correria, e que os filhos dele tiveram grande participação nos preparativos, tanto quanto na disposição de todo o cenário. Enfim, estava tudo pronto. O galpão preparado para receber os convidados, a capela improvisada ornamentada com flores colhidas do jardim, exibia um colorido espetacular, assim como a carne em abundância já descansava na salmoura do churrasco.

Apontando para o vestido de noiva, envolto em papel especial, pendurado na porta do roupeiro, Cora ponderou titubeante.

- A Dona Alexandra sugeriu que eu durma sozinha esta noite..., precisarei de privacidade para me arrumar para o casamento ao amanhecer!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

João permaneceu em silêncio por um momento, depois concordou com um riso travesso.

- A sabedoria dela às vezes me surpreende!

Com energia redobrada, João ergueu-se da cadeira e estendeu-lhe a mão. Com timidez, Cora tocou a mão dele e suspirou emocionada, quando ele beijou-lhe a palma em despedida.

- Boa noite minha querida! Reencontro-a no altar...!

Sem palavras, Cora apenas maneou a cabeça em anuência ao vê-lo se afastar decidido. Ao deitar-se na cama macia, ela quase chorou jubilosa, ou era o temor maior que a própria compreensão gritando em seu peito. Amanheceu esplendoroso com despontar do sol e a entrada agitada de Dona Alexandra acompanhada por Melina no quarto, a despertou totalmente.

Ao acomodar a bandeja com um substancioso café da manhã, sobre a mesa de canto, Dona Alexandra comentou agitada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Vamos menina; o grande dia chegou! Apresse-se, os convidados não demoram a chegar. É tradição as noivas se atrasar, mas ainda temos muitos preparativos..., e o senhor João ficará muito impaciente; ele já está acordado há bastante tempo!

Cora quase se acovardou ante a expectativa, e a responsabilidade que teria que enfrentar dali em diante. Mas bastou olhar-se no espelho do banheiro, para reparar na face encavada de seu próprio reflexo. Hoje era uma mulher de fibra e madura, o suficiente para enfrentar os obstáculos, mas sentia-se tão fragilizada, quanto no dia em que fora obrigada a se casar com Blazio. Sabia que a situação já era outra, mas também sem opção.

Mergulhada na espuma perfumada da banheira, Cora não conseguiu banir o frisson dentro do peito, nem aliviar a consciência da tramoia que inventaram.

Ao retornar ao quarto, envolta numa toalha, Cora encontrou seu traje cuidadosamente estendido sobre a cama. Com olhos brilhantes, Melina confessou emocionada, enquanto alisava o tecido

PERIGOSAS ACHERON

sedoso do vestido alvo.

- Esperava há tanto tempo ver meu pai se restabelecer afetivamente, que quase perdi a esperança, mas valeu à pena esperar... Jamais vi seus olhos cintilarem como agora ao cruzar com ele na sala. Papai parece um adolescente encantado!

Cora quis acreditar em sua capacidade, mas sabia que ele possuía um coração generoso demais, talvez, nem ele compreendesse a grandeza do seu gesto. Diante do espelho de corpo inteiro do quarto, ela se mirou demoradamente, tentando encontrar alguma semelhança com a garota derrotada que adentrou aquela casa. Agora, não conseguia deter o riso, distendendo seus lábios ante a bela figura, esculpida em véus.

Os cabelos longos e encaracolados erguiam-se num coque frouxo, adornado com uma grinalda de pequenas flores silvestres brancas, colhidas no jardim àquela manhã, também foi usada para fixar o véu transparente, distendendo além da cauda do vestido. Nos lábios e nas maçãs do rosto, um pouco de maquiagem para ressaltar sua formosura e seus

olhos verdes.

Prestes a deixar a privacidade do quarto, Cora ouviu murmúrios provindos de todos os recantos da propriedade, e um novo temor se estabeleceu no coração. Dentre tantos convidados, será que alguém a reconheceria? Estaria destruída caso fosse apontada, e nem a bondade extrema de João poderia salvá-la.

Incentivada por Melina e Dona Alexandra, Cora respirou profundamente, ergueu os ombros e atravessou o batente da porta, ao encontro do seu destino. Os longos corredores lhe pareceram diminutos, conforme a claridade do dia estendia-se da porta escancarada à sua passagem.

Os olhos verdes ofuscaram ao mergulhar no clarão do pátio ensolarado, enquanto um mar de rostos se voltou á sua aparição, mas apenas um par de olhos negros fixava sua visão.

Na extremidade do corredor, formado por cadeiras perfiladas e ornamentadas, onde os convidados estavam acomodados, Cora avistou

PERIGOSAS NACIONAIS

João aguardando impaciente a sua lenta aproximação. O trajeto a percorrer, lhe pareceu infundável, até que a sua mão tocou suavemente a daquele homem robusto, para nunca mais soltar. Ante os espectadores atentos, João beijou a testa dela com reverência, antes de guiá-la ao altar solene, onde o 'Juiz de Paz' já os aguardava.

Daqueles semblantes que Cora vira de relance ao cruzar o corredor, não lhe pareceram familiares, mas ela conseguira identificar alguns rostos marcados de emoção à sua passagem.

Como num passe de mágica, o futuro já era presente, e Cora conseguiu vencer o temor andando de mãos dadas com João, junto aos convidados após o *sim*. O sorriso de João parecia tão natural quanto o carinho que ele lhe dispensava.

Na mesa em destaque, preparada para os noivos, a comida era farta, e eram os filhos de João que se empenhavam para que nada lhes faltasse. Com a festança entusiasmada, o gaiteiro puxou alguns acordes para afinar o instrumento, e assanhar os mais folgazões, para os primeiros

PERIGOSAS ACHERON

passos de dança.

Quando a dança tornava-se tão empolgada, quanto à soma da bebida ingerida, até os mais acanhados caíam no picadeiro, e rodopiavam até ficarem tontos. As moças sorriam enquanto os rapazes exibiam seus parcos galanteios, em medidas tortas; mas eles conseguiam dançar com as mocinhas cheirosas e enfeitadas de cetim.

Certamente o casório ficaria marcado na memória da comunidade por muito tempo, assim como os comentários sobre a jovem noiva encantada. Cora parecia não tocar o chão enquanto rodopiava nos braços do noivo, na sua primeira dança. Por sorte, João era um dançarino experiente e conduzi-a com facilidade. Depois dos primeiros tropeços, ela acompanhou os passos dele com a leveza de uma pluma. O sorriso de aprovação de João, incentivava-a para os passos da dança intrincada; e ela só percebeu sua desenvoltura, ao notar os convidados perfilados em palmas em volta deles.

Enquanto a festança ainda embalava os

PERIGOSAS NACIONAIS

convidados, João tomou a noiva pela mão e saiu disfarçadamente, em direção a garagem, onde o caminhão já os aguardava com as bagagens acondicionadas, para saírem em lua de mel. Apenas os filhos e alguns amigos sabiam com antecedência dos planos de João, e o incentivaram a seguir a estratégia.

Deixando a casa aos cuidados dos filhos, da governanta e de seu marido, João acenou em despedida.

Logo, a casa desapareceu entre a elevação da pastagem, e Cora sentiu uma euforia desconhecida tomar a boca do estômago, ao sentir a brisa lambe-lo seu rosto. Já era uma mulher comprometida com aquele homem lindo, e ao lado dele iniciaria uma nova jornada.

Quando o dia findava, eles adentraram o pátio do hotel exuberante ostentando ladrilhos multicoloridos, na entrada principal.

No saguão, Cora ouviu João soletrar o nome dela com incrível intimidade, mas ela levou alguns

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

segundos para reconhecer, sendo o nome dela, que ele citava como esposa. *Corina Medeiros Fortunato!* Soava tão estranho, quanto o terror de ingressar na cidade grande e topar de cara com Blazio.

Da janela do luxuoso apartamento do hotel, os noivos apreciaram por um momento, lado a lado, o replicar das estrelas cobrirem o firmamento, como um manto de jóias preciosas, confundindo-se com as lâmpadas incandescentes nos postes permeando a cidade; como também, a fachada envidraçada dos edifícios, ofuscava num mar de luzes multicoloridas. Cora estava hipnotizada com o incrível cenário de ladrilhos reluzentes enfeitando as casas, e mesmo àquela hora da noite haviam inúmeros casais desfilando de mãos dadas.

Também através das avenidas pavimentadas, automóveis ruidosos com suas capotas arriadas, levavam jovens promovendo grande algazarra. Por um momento, Cora se questionou se Blazio não estaria ali entre eles. Findando o fascínio dela, João quebrou o silêncio prolongado, fitando-lhe o rosto com brandura.

PERIGOSAS ACHERON

- Venha! Precisamos conversar...

Estupefata, Cora apenas concordou com um breve mover de cabeça, quando ele lhe estendeu a mão. Ao sentir o toque de seus dedos, ela compreendeu que já fora arrebatada.

Deixando a sacada, eles acomodaram-se no sofá da sala, tão luxuoso, que Cora acreditou ter entrado num palácio de conto de fadas, dos quais lera e relera nos livros, escondida em seu quarto na casa do senhor Donato.

Ela sentia-se deslumbrada e temerosa com o que poderia acontecer dentre as quatro paredes, depois que se tornou a esposa respeitável. Mas João serenou seu coração, trazendo-a a realidade crucial, expondo em detalhes os passos que dariam dali em diante. Pacificamente, ele a informou que os filhos dele já haviam tomado posse da herança da mãe, e mesmo que o casamento deles algum dia fosse contestado na justiça, a criança que ela esperava, ficaria amparada ao ser registrada como *sua*.

- Abrirei uma conta bancária para assegurar lhe

PERIGOSAS NACIONAIS

o futuro! Você também não passará necessidade, eu garanto! A partir de agora, você é a dona da casa e tudo que existe ali! Mexa, modifique o que você quiser, restrito apenas aos animais que são intocáveis! Você compreende o que estou sugerindo?

Cora maneou a cabeça em anuência custando acreditar que algo lhe pertencesse por direito, porque até o casamento era uma mentira. O sobrenome lhe fora emprestado, apenas para livrá-la do inferno, mas sabia que o céu ainda estava longe de alcançar.

Ao ver dúvidas turvar os lindos olhos verdes, João tomou o rosto dela entre as mãos e lhe assegurou preciso.

- Você era jovem quando foi obrigada a se casar, agora, também não foi escolha sua; então vou lhe conceder o tempo necessário para ajustar-se à nova condição. Mas, lembre-se que você é minha esposa por direito e mérito! Não estou pedindo que me ame, mas reconheça a oportunidade que eu lhe proporciono. Faremos dessa união um novo

PERIGOSAS ACHERON

recomeço para nós dois.

Selando as palavras, João tocou os lábios dela com os seus num breve afago. Ao afastar-se, ele continuou segurando lhe o rosto com carinho. Cora suspirou estremecida, e piscou desarvorada com a incrível sensação, e sem perceber, ela tocou a face dele com as pontas dos dedos, tentando materializar a sensação hílare gritando em seu peito. João fechou os olhos ante o contato, depois mergulhou no mar de esmeralda dos olhos dela, como um ébrio sedento.

Rendendo-se ao insano desejo, ele tomou a boca receptiva com voracidade, apertando-a nos braços com possessão. Inesperadamente, ele tomou-a no colo e caminhou rumo a cama conjugal, sem interromper o beijo voraz.

Afagos e carícias desvendaram segredos entre os lençóis de seda, até quase o amanhecer. E entre suspiros emocionados, finalmente João tomou posse do corpo macio, num encaixe perfeito, e colheu na sua boca o gritinho emocionado de Cora, quando finalmente alcançou o êxtase pleno, e

extraordinário.

Lágrimas emocionadas turvaram os olhos dela ao constatar jamais ter vivido plenamente, e desejou ardentemente que o filho que guardava no ventre, fosse daquele homem robusto e honrado.

A gentileza do toque e o beijo doce derreteram as barreiras iniciais, e Cora rendeu-se completamente ao clímax bendito de pertencer a alguém tão arrebatador. Nos braços dele, ela conheceu o céu e o poder das emoções jamais alcançadas. Mesmo que, em momento algum, João lhe jurara amor, ela sentia em cada toque uma promessa velada de paixão.

Era difícil seguir a linha do tempo, deixar para trás uma vida de escravidão, e viver na mais branda preguiça.

As refeições eram servidas num amplo salão no andar térreo do hotel, em mesas decoradas com flores e toalhas de linho, e o cardápio elaborado que o garçom lhes entregava, pareciam escritos numa língua que Cora não conhecia. Enfim, dos

pratos saborosos ela não conseguia soletrar o nome, não sobra nem migalha.

A fartura e requinte do hotel também prosseguiram na casa de João, com a presença maciça de Alexandra ministrando todos os desejos de Cora.

Durante os meses seguintes, enquanto o ventre dela anunciava a vida, Cora também seguia uma trajetória de aprendizado com a bondosa governanta, enquanto confeccionava o enxoval do bebê.

Conduzir a casa tornara-se um prazer enorme, mesmo compartilhando as tarefas com a bondosa governanta e sua ajudante. Pela primeira vez na vida, ela sentia que fazia parte de uma família, principalmente, quando os filhos de João passaram a frequentar a fazenda com regularidade.

A notícia da chegada da criança irrompeu grande comoção na família. Á princípio, apenas Melina parecia vibrar com a novidade. Pairava uma muda interrogação quanto a data prevista para o

nascimento, mas a governanta reafirmava com gravidade as indagações discretas, principalmente provindo das esposas dos homens da família.

Rosa, a esposa de Antônio, sorria tranquila e até sugeriu nomes para o bebê, mas a sisuda Gertrudes torcia a boca sempre que a gestação era mencionada. Ela não fizera citações, mas Cora quase podia sentir sua aversão. Alfredo mostrava-se tão paternal quando o próprio João, e acompanhava a evolução da gestação com extremo cuidado, mesmo não querendo demonstrar afeto. Todavia, a atitude cuidadosa de Alfredo não agrada a esposa sedenta por ser mãe, porque, casados há sete anos, Gertrudes cobiça a gestação a cada ciclo menstrual.

Alfredo conduzia uma empresa de construção civil, e liderava inúmeros funcionários com desempenho e tenacidade. Seus edifícios erguiam-se numa profusão de vidro e concreto, disputando alturas com rivais engenheiros e empreiteiras.

Ele portava-se com rigor elaborado, mas seu riso raro dirigido aos sobrinhos, revelava serenidade por trás da fachada rígida. Cora

desviava seus olhos encabulada quando ele lhe observava diretamente, e media sua barriga com discreta cobiça.

Antônio possuía o frescor da juventude, e sorria despreocupadamente às voltas com a esposa e os sobrinhos irrequieten. Eles nunca chegavam de mãos vazias, e o enxoval do bebê diversificava em cores vivas, numa pretensão feminina. Mas Cora já pressentia que era um menino que ia chegar.

De frente ao espelho de corpo inteiro do quarto, Cora deixou a toalha cair ao chão depois do banho, e ficou por um momento apreciando o seu ventre intumescido, distender num movimento extraordinário.

Os seios volumosos, já estavam preparados para a alimentação, enquanto as auréolas marrons espichava os mamilos, como botões de rosa para receber uma boquinha gulosa, até que seu olhar sonhador recaiu no semblante deslumbrado de João, observando-a do batente da porta.

Parecia incrível, mas ela quase podia se

espelhar naquele olhar, enquanto os lábios carnudos dele distendem-se brevemente embevecidos. Com o rosto enrubescido, ela tentou encobrir os seios com as mãos, mas, desistiu quando percebeu que João caminhava arrebatado em sua direção.

Com devoção, ele tomou as mãos dela com carinho, enquanto apreciava atentamente a barriga linda. Com movimentos delicados, ele percorreu a pele distendida do ventre, sem conter um sorriso emocionado ao sentir o movimento peculiar, sob a palma de sua mão. Com os olhos vidrados de emoção, ele se agachou e beijou cada pedacinho daquela barriga, enquanto murmurava palavras de estímulo, como se a criança pudesse reconhecê-lo.

Tomando o corpo dela num abraço apertado, João encostou o rosto contra a barriga volumosa, tentando ouvir o coraçãozinho bater com vitalidade. Os olhos de Cora se encheram de lágrimas, enquanto abraçava a cabeça daquele homem maravilhoso, compreendendo o quanto aquele momento era perfeito. Emocionada, Cora recebeu o beijo quente, quando ele se ergueu e tomou o rosto dela com as duas mãos.

Mesmo que depois dos primeiros meses de matrimônio, o relacionamento sexual tornara-se inativo com o desenvolvimento da gravidez, o carinho crescia, compensando perfeitamente a afeição entre os dois.

No decorrer da gravidez, havia dias em que Cora quase não conseguia sair da cama, acometida por uma fraqueza doentia, e exibindo uma faceta descorada. Mas, ela se obrigava as atividades domésticas, para não ser apenas um peso sobre os ombros de João. Se ele percebia sua indisposição, não comentava o fato, e a incentivava a passear pelos prados da fazenda para tomar sol e respirar ar puro ao seu lado.

João hesitava sair de casa para comercializar seus animais, mas o dever o levava a se afastar muito além do desejado. Durante sua ausência, Dona Alexandra redobrava os cuidados, principalmente com a alimentação de Cora.

Em algumas ocasiões, Cora quase desmaiava ao ouvir vozes masculinas, e principalmente ao reconhecer a voz grave do senhor Donato Teixeira,

sobressair das paredes resistentes da casa.

Como um coelho assustado, ela praticamente se escondia sob a toalha da mesa, à passagem do velho fazendeiro através do terreiro, se ele esticasse o pescoço, veria uma silhueta se esgueirar pelos recantos da casa, igual uma sombra no nevoeiro.

Dona Alexandra não comentava sobre seus alarmes, mas procurava fechar as cortinas quando alguns homens se aproximavam da sede, principalmente na ausência do patrão. Entre os criadores de bois e cavalos, havia uma importante troca de informações e espécimes, para a sanidade do rebanho, e devido essas negociações, João recebia frequentemente fazendeiros de todo o território. E no calor da negociação alguns fazendeiros pernoitavam no alojamento construído com todos os requintes, para alojar até uma dezena de fazendeiros, que passavam vários dias se aperfeiçoando na inovadora técnica de reprodução.

Havia uma inquietante indagação povoando a mente de Cora, quando João estava ausente. Se o senhor Donato a reconhecesse, seria capaz de

arrastá-la de volta a fazenda dele? Cora sabia que estava se arriscando, mas já não estava sozinha, havia um braço forte a protegê-la, e confiava sua liberdade e sua existência as mãos de João.

Capítulo 13

Com o coração em sobressalto, Cora observava os dias transcorrem lentamente, e mesmo passando pelo tormento do último mês de gravidez, a barriga saliente não a impedia de aninhar-se contra aquele corpo potente, e ganhar os carinhos ternos do marido todas as noites.

No quarto conjugado, o berço e o roupeiro feitos pelas mãos de João, receberam uma demão de tinta branca, igual as cortinas e a poltrona para amamentação. Mas a alvura do ambiente era quebrada com os enfeites coloridos pendentes do mosquitoireiro de filó, e as almofadas de encosto.

Em meados da primavera, um medo terrível irrompeu no coração de Cora, quando as primeiras contrações ferroam lhe as costas. Durante a madrugada, ela dormia encostada ao corpo potente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de João, quando sentiu uma dor lacerante penetrar lhe a carne. Seu gemido também acordou João, que pulou imediatamente alarmado.

Céus! Mesmo já sendo pai de três filhos, João jamais iria se acostumar à agonia do parto! Por sorte, Dona Alexandra se dispôs a dormir na casa, por conta do suposto prazo vencido.

Porque os bebês escolhiam a hora mais inoportuna para irromper ao mundo? E sempre no meio da noite! Atordoados, João deixou Cora contorcida de dor sobre o leito e correu pelo corredor às escuras, até o quarto onde a governanta ressonava.

Enquanto Dona Alexandra acudia Cora com gentileza, João tomou o caminhão e saiu em disparada, para buscar a parteira local. A velha alquebrada trazia no rosto enrugado, as marcas da sabedoria inata, e na valise de couro pendendo na mão, os apetrechos necessários. A prática de *parteira* não era um ofício aprendido na lição escolar, passava de geração para geração com naturalidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os gritos torturados de Cora eram ouvidos ao longe, e muito além do alvorecer. Até os peões da fazenda pareciam estagnados, a espera do choro peculiar. João andava desarvorado pela casa, e seus passos ressoavam através das tábuas da varanda, num ritmo crescente e agitado.

Deitada sobre o leito preparado com panos limpos, o suor misturava-se às lágrimas, enquanto Cora almejava o fim do martírio. Em meio ao caos de pensamentos, ela tinha apenas uma indagação em mente. Como as mulheres sobreviviam a tanta dor? Inadvertidamente, ela lembrou-se do afago gentil de sua mãe, e chorou copiosamente de saudade.

Por mais que as mulheres lhe aconselham a serenidade, Cora se desesperava, acreditando ser o seu fim, porque o parto estava complicado, e mesmo esforçando-se ao máximo, o bebê parecia se recusar a sair. Quase ao fim da tarde, Dona Alexandra aproximou-se de João com semblante transfigurado. Ele gelou até os ossos num presságio agourento, e aguardou com a respiração suspensa o esclarecimento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- A menina está debilitada demais; Dona Joaquina pediu para o senhor entrar no quarto, talvez a sua presença ajude a tranquilizá-la.

João quase sufocou de apreensão, e com passos incertos, ele percorreu o longo corredor, desejando jamais entrar naquele aposento revoltoso.

Quando seu olhar recaiu no rosto de Cora transfigurado de dor, ele precisou se apoiar no batente da porta para recuperar o equilíbrio, e vencer o temor.

Um suspiro profundo emergiu das profundezas da garganta dela ao fixar o rosto amigo. Como uma tábua de salvação, Cora estendeu a mão na direção dele, enquanto lágrimas quentes brotavam abundante de seus olhos esgazeados.

Num repente, João estava ao seu lado, cobrindo o rosto dela com beijos e afagos ternos, murmurando palavras de incentivo. A voz grave carregada de sotaque, era uma intrigante mistura de alento e rebeldia, afluindo através das veias salientes do pescoço de Cora. Envoltos na fortaleza

PERIGOSAS ACHERON

daquele homem robusto, por um momento, ela quase esqueceu os tormentos, por já não perceber as vibrações do filho no ventre. Seus lábios vermelhos imploraram num suspiro por algum alento, e João garantiu sua presença inerente, segurando-lhe a mão suada com renovado vigor.

- Acalme-se querida, e concentre todas as suas energias no bebê...

Inesperadamente, algo se rebelou no íntimo de Cora e um novo impulso parecia ganhar vitalidade dentro dela. Como se mil facas lhe dilaceraram as entranhas, a parteira pressionou seu abdômen quando a contração chegou ao ápice, e empurrou o bebê para fora. Como um milagre, a cabeça do bebê atravessou a fenda e ganhou a liberdade. Incentivada pelas mulheres e colhida no abraço de João, Cora fora instigada a dar o derradeiro empurrão de triunfo. Enquanto a parteira acolhia o bebê nos braços, Cora caía combalida sobre o leito revolto, e permaneceu de olhos fechados, esperando ouvir o choro peculiar.

O silêncio era sepulcral, além das palmadas

PERIGOSAS NACIONAIS

vigorosas na pele cálida do bebê. Com o coração transpassado e a respiração contida, Cora aguardou, até perceber que João já não estava ao seu lado. Ela abriu os olhos no momento em que viu João espargir ar nas narinas do bebê. Completamente inerte, e pele enegrecida, a criança tinha os braços e pernas pendendo das mãos daquele homem tentando reanimá-lo, com seu sopro vital; segundos depois, a criança reviveu esperneando e chorando em brados altos.

João ergueu os olhos negros para Cora, e lhe entregou o bebê agitado. O choro abençoado foi o som mais lindo que ela já ouvira em toda a sua vida, e unindo-se ao berreiro do bebê, ela também soluçava emocionada, aconchegando aquele pedacinho de gente junto ao peito.

A euforia ganhou os recantos da casa, e alcançou o celeiro, onde os peões aguardavam o desenrolar tormentoso. Mas a euforia logo cessou. Inesperadamente, o choro do bebê foi se afastando dos ouvidos de Cora, conforme a vista se escureceu, e findando a agonia, apenas a escuridão a abraçou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O apelo desesperado de João chamando-a repetidas vezes, perdeu-se no vácuo silencioso onde ela se encontrava. Como se fosse possível sobreviver sem ar, João implorou por salvação diante daquele anjo inocente e moribundo. Ao passar o bebê para os braços da governanta, João também se compadeceu ante a lamúria no olhar da amiga.

Uma interrogação velada distorcia os olhos de João, acompanhando a movimentação da parteira, tentando socorrer a jovem mãe esvaindo-se em sangue.

Numa sucessão de ordens, a mulher exigia toalhas limpas e água quente em abundância, enquanto num frenesi crescente, ela tentava estancar o sangramento de Cora.

A princípio, João parecia pregado ao chão, depois como se tivesse sido atingido por um raio, correu para atender os pedidos da velha. As toalhas e as roupas de cama que a parteira substituiu, exibiam o escarlate brilhante diante dos olhos aflitos de João, enquanto Cora se esvai inerte e

PERIGOSAS ACHERON

quase transparente.

Felizmente, Dona Alexandra retornou depois de acomodar o bebê, entre os cobertores de algodão no quarto ao lado. Milagrosamente, a criança também silenciou numa suspensão vital, enquanto os adultos tentavam burlar a morte oriunda.

Às portas do inferno, João se afastou permitindo as mulheres lidarem com a calamidade. Ele podia simplesmente rezar e implorar misericórdia diante da situação aterrorizante. Muito tempo depois, incapaz de vencer a impotência, João caminhou errante até o quarto do bebê, e permaneceu com olhar perdido no montinho de panos depositados no berço. Apenas um breve movimento indicava a vida existente, envolto no embrulho elaborado, mas João não tinha coragem de se aproximar do berço.

Seus passos o levaram à janela envidraçada, mas a paisagem do entardecer que a cortina diafragma permitia, ele não conseguia distinguir, pois a alma parecia ter ficado pregada no quarto onde Cora agonizava, sob os cuidados das mulheres

experientes.

O que poderia fazer para amenizar o destino daquela garota? Céus, ele já a salvou uma vez...! Agora já não estava em suas mãos. Ironicamente ele percebeu que nunca estivera!

Consumido numa impotência atroz, João caiu de joelhos ao chão, cobrindo o rosto com as mãos e rezou fervorosamente, elevando os pensamentos muito além da simples compreensão.

Conforme a noite avançava, os gritos esfomeados do bebê irrompiam nos recantos da casa, num confronto cruel. Numa garrafa de vidro, Dona Alexandra improvisou um bico de pano, e colocou leite de vaca para alimentar o bebê, enquanto Cora lutava pela vida soterrada nos cobertores.

O dia pronunciava no firmamento quando Cora despertou, tão sedenta que seus lábios mal se moviam. Um frêmito acudiu-lhe o corpo quando percebeu a figura de João, adormecido numa poltrona ao lado da cama, segurando o bebê bem

junto ao peito.

Lágrimas banharam seus olhos de emoção; ante a doce visão, ela jurou jamais ferir aquele homem honrado. Sua mínima movimentação despertou João. Quando os olhos negros perpassam o rosto dela com gravidade, Cora estendeu a mão hesitante em sua direção. Ao passar o bebê para os braços dela, João acreditou terem vencido a morte mais uma vez.

Cora estava tão pálida quanto os lençóis que a cobriam, mas seus olhos reluziam ao contemplar pela primeira vez, o rosto do bebê em seus braços. Ao perceber movimentação, a criança despertou esfomeada como um pássaro no ninho. Instintivamente, o bebê procurou a fonte de alimentação, mas Cora estava tão fraca, que mal conseguia suportar o peso daquele corpinho sobre seu braço.

Percebendo suas limitações, João assumiu o controle da situação, e desvendou seu seio intumescido e direcionou a boca glutona do bebê. Acometida por uma ferroadinha atroz, Cora quase se

afastou, mas aos poucos o desconforto tornou-se suportável, e ela amamentou pela primeira vez o filho recém-nascido.

Deixando a criança nos braços dela, João correu e serviu-lhe um copo de água fresca para hidratá-la. Ela sentiu imediatamente que a água, além de lhe refrescar a garganta, também lhe estimulou a amamentação.

Diante da visão extraordinária, João procurou esconder a emoção, acomodando-a sobre os travesseiros para melhor acolher o bebê. Por fim, percebendo que Cora estava envolvida na tarefa, João informou-a que sairia para providenciar lhe a refeição.

Antes de ultrapassar o batente da porta, ele voltou os olhos mais uma vez ao cenário extraordinário da maternidade. Naquele instante, João compreendeu que Cora era a mulher mais linda que jamais vira e tão frágil, que ele desejou acolhê-la nos braços e embalá-la, como ela fazia com o bebê. Porque ainda que sem um traço de sangue no rosto, os lábios dela distendem num

sorriso terno. Enfim, concedendo-lhe privacidade, João saiu do quarto, mas manteve os ouvidos em alerta para eventuais chamados.

Por vários dias, Cora acordava apenas para alimentar o bebê e comer alguma coisa que João a instigava. A comida caía em sua boca insípida, mas ela engolia as porções apenas por insistência do marido, mas seu desejo era dormir profundamente. Não havia distinção de dia ou noite e ela despertava apenas com o choro insistente do filho colocado sobre seu braço.

Numa tina esmaltada, com sabonete perfumado, ela recebia os cuidados diários de higiene através das bondosas mãos da governanta, e as necessidades fisiológicas ficava por conta do penico sob a cama, porque seu intento de levantar-se, sempre à acometia ao chão.

João estava preocupado com o desânimo e fraqueza que impedia Cora de sair da apatia, ficou satisfeito com a chegada dos filhos à casa. Por alguns momentos, Cora se manteve acordada com a presença efusiva de Melina, mas a mente se

recusava a despertar da plácida escuridão, então caia novamente em sono profundo.

Por longos dias, os filhos de João compartilhavam da vigília, e Cora apenas os via de relance, enquanto amamentava o bebê e comia alguma coisa.

A fadiga estampava a face de João e seus cabelos grisalhos estavam revoltos quando Cora despertou e o viu debruçado sobre o seu leito em plena madrugada. Seus dedos mergulharam nos cabelos sedosos e o afagaram gentilmente, num anseio profundo. A incrível benevolência daquele homem trouxe lágrimas aos olhos verdes de Cora, num mudo agradecimento.

O frágil afago despertou João num sobressalto, e imediatamente ele pulou solícito, tomando as mãos dela entre as suas, beijando seus dedos gelados com ternura.

- Finalmente você acordou! Foram dias e noites longas demais... Como se sente?

Por um momento, Cora sufocou a emoção num

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

solução torturado, ante a aparência cansada do homem robusto. Por quanto tempo ele permaneceu ao seu lado? Alguns dias, semanas talvez...? O belo rosto envelhecera de preocupação, mas seus olhos negros reluziam como ônix na imensidão. Com lábios trêmulos ela murmurou esgotada.

- Estou tão cansada...! E você também parece esgotado!

Ele sorriu beijando-lhe a face macilenta, enquanto ajeitava lhe o travesseiro, quando ela tentou se erguer. A mente de João ainda não conseguia crer que trilhavam um caminho de trevas, em pleno esplendor do sol. Questionando-se porque outras mulheres pariam seus filhos com tranquilidade, e Cora provava mais uma vez a dureza do seu destino.

- Não gaste energia com preocupações vãs, minha querida. Cuide de recuperar-se completamente. No quarto ao lado existe alguém que precisa muito de você!

Os olhos de Cora nublam em lágrimas,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto um soluço emergia das profundezas de seu âmago oprimido. João ampara-a da desgraça, sem atinar a imensidão do seu gesto. E sem conter a emoção, ela tocou a face dele com carinho, trazendo-o para junto do seu peito. Entregando-se ao carinho, ele ouviu o coração dela bater mais forte, enquanto ela acariciava seus cabelos revoltos.

Os dois perderam-se no carinho singular, de olhos fechados e respirações compassadas. Por um longo e prazeroso momento, o mundo restringia-se apenas à plácida quietude do ambiente, até João perceber a presença de alguém na penumbra do quarto.

João ergueu a cabeça lentamente e fitou o rosto do filho com redobrada afeição, ao perceber ansiedade estampando os olhos de Alfredo estacado no meio do aposento. Com a mão erguida, o rapaz imobilizou e silenciou o pai com um sorriso discreto num sussurro ante a grata visão.

- Descanse meu velho...

Com uma piscadela discreta, Alfredo saiu tão

PERIGOSAS ACHERON

silencioso quanto tinha surgido. Apenas João percebe a presença do filho no quarto, e permaneceu acolhendo o momento de carinho há muito desejado. Muito sutilmente, Cora deu espaço para ele ocupar seu lugar na cama, e descansou no aconchego dos braços masculinos. Instantes depois, os dois adormecia plenamente aconchegados, após extensos dias desesperançados.

O sol já despontava reluzente e seu calor acariciou-os, quando Dona Alexandra abriu as cortinas, trazendo o bebê choroso nos braços.

- Perdoa-me acordá-los... mas alguém está com fome!

Com um suspiro profundo, João abandonou a cama, mas continuou prostrado ao lado, observando o bebê procurar faminto o seio materno. Sobrepondo a inanição de vários dias, Cora finalmente pressentia a vida retornando ao âmago destruído. E ante o rosto lindo do filho, ela reconheceu a própria busca pela sobrevivência.

Quando seu olhar buscou o de João, uma

PERIGOSAS NACIONAIS

resolução chispavam em seus límpidos olhos verdes; sobreviveria além de sua vontade, em prol daquele pequeno ser indefeso. João também prometera a sua própria consciência enfrentar um mundo de dificuldades, apenas para não ver apagar dos olhos dela aquele brilho esperançoso.

Tanto Alfredo quanto Antônio se revezavam discretamente nas visitas, e procuravam manter a serenidade, mesmo quando o caos se eleva por conta da inanição de Cora, que ficava longos períodos largada na cama sem qualquer mobilidade. Os rapazes também ficavam ao lado do pai, que parecia estagnar sua existência durante as noites de vigília.

Muito sutilmente, Cora voltava da inanição e energia para um mundo totalmente novo da maternidade. O amor explodia de seus olhos como mil estrelas, e contagiava toda a família. Se não fosse aquela criança, talvez ela nem tivesse retornado do lado obscuro e sereno da morte.

Mas, segura pela mão forte de João, ela emergia ao sol e sentia aquecer todo o corpo moribundo.

PERIGOSAS ACHERON

Contudo, a vida tem caminhos predestinados e por mais que desejemos escapar, á sina sempre nos alcança.

Os meses transcorriam rápido enquanto o bebê evolui gracioso, e muito paparicado. João acordava no meio da noite para atender o choro irrequieto no quarto ao lado, permitindo que Cora dormisse por mais alguns minutos antes de amamentá-lo.

Os filhos de João visitavam periodicamente, a fim de colaborar enquanto os meses transcorriam, finalmente quando Cora partilhou carinhos abrasadores sob os lençóis conjugais, também manteve a mente acesa. Acolhida nos braços do marido Cora finalmente desabrochou sexualmente e compartilhou segredos enquanto João conquistava sua confiança e lhe mostrava o florescer de sensações diariamente. Dedicando cuidados com presteza redobrada, Dona Alexandra vibrou de contentamento quando ela e o marido foram convidados para batizar o filho de Cora, na capela local.

Vestido de branco, em tecido bordado pelas

mãos da madrinha, Bernardo chorou copiosamente ao receber sobre a cabeça a água batismal. Alexandra e o marido sorriam encantados com a meiguice do bebê durante a cerimônia religiosa, e após o batizado a recepção festiva contou com toda a família de João reunida na fazenda por quase uma semana inteira.

Recostada no banco da varanda sombreada, Cora largou o bordado da toalha de mesa ao qual estava trabalhando, para observar Bernardo sentado entre os braços de João, cavalgando feliz as cercanias da casa. Era um cenário extraordinário, observar pai e filho, partilhando momentos de ternura e aprendizado. Ela sentiu uma pontinha de tristeza ante sua infância perdida. Por mais que quisesse esquecer, ainda trazia na memória um traço daqueles dias, quando desejou ser posta no colo do pai, que raramente regressara ao lar.

Recorrendo ao presente, Cora espantou para as profundezas da alma, os inquietantes lembretes da sua ingloria juventude.

As risadas do menino uniam-se às do homem

robusto, atravessando o pátio ensolarado, até a varanda. Quando João o colocou no chão, os pezinhos pequeninos pareciam ganhar asas ao atravessar a varanda, para os braços estendidos da mãe.

Os risos da família enchiam o sertão, como o canto do rouxinol em plena primavera, e em todos os recantos daquela terra, renascia o esplendoroso amor vivido em cada olhar.

Gradativamente, o cotidiano retornava ao lar, enquanto Bernardo crescia inteligente e saudável com quase três anos. Empenhado nos negócios, João se ausentava frequentemente em viagens breves. Em seus regressos, trazia na bagagem, muito além de presentes caros para a esposa e filho, um amor maior a cada dia. Em sua ausência, a fazenda era conduzida pelo capataz, e os negócios prosperavam vivamente, enquanto o cofre se enchia.

Por determinação de João, Godofredo procurava deixar Cora participar de algumas negociações quando ele saía em negócios. Logo, o

capataz expôs os frutos da fazenda, ainda que sobrepondo a obstinada resistência de Cora. Enfim ela cedeu à insistência do administrador, e passou a compreender várias questões envolvendo as negociações junto aos fazendeiros da região.

Deixando o filho aos cuidados de Dona Alexandra, Cora passava algumas horas por dia ao lado do senhor Godofredo no escritório, e sua mesa de trabalho ao fundo da sala, vivia abarrotada de papéis difíceis de desembaraçar.

Soterrada numa montanha de pastas do arquivo, que tentava organizar, Cora não percebeu a aproximação de vários peões adentrando ao escritório, para falar com o administrador.

Seu coração sofreu um sobressalto ao reconhecer uma voz distinta entre o grupo. Escondida atrás da pasta de arquivo, Cora espiou os recém-chegados. Dentre os homens de feições rigorosas, causadas pela aspereza do trabalho, um rosto maduro se destacou desastrosamente diante dos olhos dela, quando Blazio cumprimentava ativamente o senhor Godofredo a frente do grupo.

Sentindo-se desfalecer, Cora escorregou da cadeira, e com os ouvidos zunindo num espiral, ela se camufla sob a mesa de trabalho. O ruído de sua queda chamou a atenção de alguns homens, mas logo o silêncio voltou a reinar no recinto, como se não houvesse viva alma no local. Enquanto isso, Blazio conduzia a conversa com a segurança de uma águia, e estritamente contundente, como se os anos o tivessem lapidado em puro aço.

A feição do jovem doutor mostrou-se agressiva e sua voz potente, tornou-se igualmente ríspida, ao proferir seus planos com autoridade chocante. O som do riso dele, ‘que Cora parecia ainda ouvir’, afundou-se no inferno do qual ele também devia ter estrebuchado durante aqueles anos.

Com a respiração contida, Cora aguardou uma eternidade, até que os homens se despediram do capataz e saíram para o terreiro, quando o sol tombava por trás das montanhas. Gelada até os ossos Cora esgueirou-se do esconderijo e por uma fresta da janela, espiou os homens reunidos perto do portão. E observou um único homem dentre o pequeno grupo, como se os próprios olhos a

ludibria-se.

Depois de todos aqueles anos, Blazio trazia traços rígidos sob a barba desleixada; os mesmos traços que a assombraram na infância. Contudo, corroída num misto de pavor e compaixão, ela também atribuiu os danos da sua própria desgraça, estampada na face dele.

Junto aos cavalos, os peões voltaram-se admirados, quando Dona Alexandra atravessou o pátio com um bebê de uns tres anos, choroso pela mão, em direção ao escritório. Os olhos esverdeados da criança reluziam em lágrimas e os cabelos avermelhados sacudiam em cachos soltos pelos ombros, conforme seus pezinhos miúdos corriam na direção da porta escancarada.

Estacado, Blazio acompanhou o cenário com a respiração suprimida, e um estranho formigamento na boca do estômago. Céus, já avistara aquele mesmo cenário, e podia apostar a alma, como já vira aqueles olhos em algum lugar.

Imediatamente, Blazio intuiu que a mulher

madura e avantajada que o acolhia com ternura, não podia ser a progenitora de alguém tão peculiar. O episódio não passou de raro reflexo, então ele espantou da cabeça o inquietante vislumbre, e juntou-se aos peões sobre o lombo do cavalo. Em seguida, disparou pela campina afora, temendo o prenúncio do anoitecer na mata.

Quando o tropel dos cavalos sumiu e a serenidade voltou a reinar na fazenda, Cora ouviu o choro compulsivo de Bernardo a sua procura, em todos os recantos do escritório. Sentindo-se acovardar diante do inevitável destino, Cora correu ao encontro do filho. Tomando o menino no colo com ternura, Cora soltou a respiração corroída em censura, enquanto acolhia os tremores soluçantes da criança.

Dona Alexandra parecia ler nos olhos esgazeados dela, a desgraça pronunciada, mas ocultou suas preocupações, detalhando a queda de Bernardo, que corria atrás das aves inquietas no quintal. Em soluços, o menino mostrou o joelho ralado com grande sofrimento. Com ternura, Cora beijou seu ferimento, acalentava-o com amor ao

saírem para o pátio deserto, sem perceber a troca de olhar entre a governanta e o marido, partilhando um segredo intocado.

Depois de medicar o menino e favorecê-lo com um delicioso lanchinho, Cora procurou a governanta com discrição.

Observando os prados desertos, numa confirmação de não haver visitantes indesejados na fazenda, as duas mulheres pararam na varanda, com olhar perdido no lusco-fusco e nas primeiras estrelas replicando o firmamento. Diante do rosto sereno da mulher, Cora referiu ativamente as preocupações de mãe, principalmente a sua imensa gratidão.

- Nosso menino está crescendo... Agradeço-a do fundo do meu coração a afeição que nos dedica! Não sei o que faríamos se a senhora não estivesse aqui!

Dona Alexandra tomou os ombros de Cora com determinação e reafirmou segura.

- É um prazer tomar conta dele! Pena não poder

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dizer o mesmo de você... Sei que algo a amedronta! Gostaria de poder ajudar!

Cora tentou encobrir o tremor, sacudindo-lhe as entranhas à simples lembrança do rosto austero de Blazio, rebuscando os recantos do escritório. O cerco estava se fechando. Até quando conseguiria se esconder daquele homem astuto. Agora tinha motivo ainda mais contundente a resguardar. Porque, através da fresta da janela, ela observou o jeito como Blazio acompanhou seu filho, através do pátio.

Quatro anos não era o bastante para ter sido esquecida! Queria crer que sim; mas o destino ainda podia vir cobrar o seu espólio. E a recompensa deste infeliz acaso podia ser amargoso demais.

Sem coragem de encarar os olhos bondosos da mulher, Cora voltou-se para a imensa campina e suspirou longamente desanimada. Para sua própria desgraça, nem podia aliviar a consciência, dividindo suas preocupações com aquela que se tornara a sua melhor, e única amiga.

PERIGOSAS ACHERON

Por um longo momento, as duas permaneceram lado a lado, compartilhando a quietude do anoitecer. Quando já não podia mais suportar o peso daquele fardo, Cora se voltou para a mulher e segurando-lhe as mãos bondosas, a convidou a sentarem-se no sofá da varanda. Em meio a penumbra, Cora enfim segredou num tom baixo.

- A senhora sabe que Bernardo não é filho de João...?

A mulher, simplesmente maneou a cabeça em afirmativo e aguardou com passividade o relato seguinte.

- Já fui casada... Cheguei aqui sem saber que já carregava um filho na barriga! Preciso da sua ajuda...

Com a mão estendida, Alexandra silenciou-a com severidade.

- Seu segredo está seguro! Ninguém se atreveria a importuná-la aqui.

Cora engasgou com a própria palpitação. Com
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

precisas inquisições, Blazio poderia facilmente deduzir o período do seu desaparecimento. Cora jamais saberia se Blazio parou de lhe procurar, contudo, sabia que seu crime não ficaria impune ante a descoberta, e certamente queimaria no inferno, se a família Teixeira soubesse do herdeiro refugiado, pois nada no mundo os iria demover de tentar recuperá-lo.

Agora, estava crucialmente apavorada. Sua fuga não fora o bastante para livrar-se do espectro agourento batendo à sua porta. Simplesmente, não poderia abrir seu coração e revelar o caso a Alexandra, mas ela deveria estar alerta a algumas indagações.

- Todo dia aparece alguém por aqui... Creio ser difícil evitar todas essas pessoas!

Depois de um longo e inquietante momento, a mulher expressou ativamente.

- Fique sossegada; esses bocós não sabem de nada! E ninguém duvida que Bernardo seja filho do senhor João!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Apenas Cora sabia o quanto ela podia estar errada. Acovardando-se temerosa, Cora voltou-se para a estrada quando ouviu o caminhão do marido se aproximando. Felizmente, João retornava da viagem, para recuperar-lhe a sanidade mais uma vez.

Entre os braços daquele homem gentil, a família reuniu-se no sofá da sala, para uma longa e empolgante conversa antes do jantar.

Depois de colocar na cama um menino ávido por atenção do pai, Cora pode finalmente relaxar na companhia do homem mais lindo, e amoroso existente na face da terra. Ele sempre lhe presenteava com luxo e mimos extravagantes, mas o que Cora mais apreciava, era o carinho de seu abraço e a ternura de seus olhos negros, fitando-a com cuidado.

Por mais que ela quisesse encobrir seus receios, não conseguiu esconder os traços de preocupação, perpassando seus olhos. E entre os lençóis de seda, João tomou o rosto dela com carinho e indagou ativamente, sob a claridade da lamparina a

PERIGOSAS ACHERON

cabeceira da cama.

- Agora me diga, o que a preocupa?

Por um segundo Cora tentou evitar o confronto, mas preferiu a verdade.

- Blazio esteve aqui, esta tarde...!

Sob os dedos repousando no tórax robusto, Cora sentiu-o estremecer, mas seus olhos continuaram mirando os dela, com redobrado ardor.

- Ele viu você?

- Não! Mas ele viu Bernardo, e parou com estranheza...

Depois de um momento de silêncio, João contrapôs seguro.

- Você estava muito agitada; foi apenas impressão sua! Ele não sabe de coisa alguma!

Tomando-a num abraço apertado, João acolheu seu estremecimento, e beijou-a profundamente,

fazendo-a esquecer as inquietantes preocupações.

Ele também reconheceu seus pecados, tanto quanto, a necessidade daquele amor. Mas, sua vida já não seria a mesma se perdesse a mulher extraordinária, que curou suas feridas, e mitiga-lhe a solidão. Envolvendo a bela mulher nos braços, ele sentia que os anos estagnaram a sua passagem, restando apenas à juventude e sua tóxica paixão. João temia que a família Teixeira viesse cobrar um preço muito alto por seus pecados. Entretanto, sabia que ainda não estava disposto a abdicar daquele arranjo. Viver assim era muito arriscado, mas preferia se queimar no inferno á perdê-la. Por Deus! Quase morrera quando Cora dera a luz ao pequeno, e sabia que já não podia retroceder a solidão de seus dias, antes dela.

Vencendo a inanição e pesadelos, Cora sentia que estava vivendo plenamente, enquanto João lhe proporciona estímulo para o trabalho. E, encerrados no escritório, ela quase podia esquecer a faceta rigorosa do passado, olhando fixamente para o futuro. Até que dois gigantes adentraram o escritório em direção à escrivaninha de João. Atrás

PERIGOSAS NACIONAIS

do biombo de arquivo, no fundo do cômodo, Cora sentiu os pelos do braço se arrepiar num presságio agourento, enquanto paralisada, aguardava a saudação inerente dos visitantes.

Ao erguer os olhos dos papéis que analisava, João deu de cara com a família Teixeira, encarando-o com austeridade.

Erguendo-se num pulo, João buscou os fundos do escritório, como se pressentisse a desgraça; felizmente, Cora estava oculta atrás dos arquivos. O riso sonoro de Donato Teixeira quebrou a atmosfera repentinamente rígida, enquanto estendia a mão em cumprimento.

Blazio também o cumprimentou, mas seu semblante austro não exibia a afabilidade do pai. Apenas dois homens conseguiram desestabilizar a harmonia do ambiente, como se todo um batalhão irrompeu no escritório. O vozerio retinia as paredes do recinto, enchia de temor o coração trêmulo de Cora, oculta e emudecida, nos confins do recinto.

Sufocada, Cora desejou jamais ter

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acompanhado João ao escritório naquela manhã. Do fundo da alma, ela sabia que precisava enfrentar a situação catastrófica, para conseguir viver plenamente o seu feliz recomeço.

Era imprescindível ver a sua criança correndo livre, como um pássaro, através da campina fresca, todas as manhãs; mas o preço da liberdade prenunciava revoltoso, como o próprio vulcão, em erupção. Intimamente, ela se prometeu jamais voltar a viver sobre o mesmo teto que Blazio, mas temia pela própria segurança, caso ele descobrisse seu paradeiro. E pior; a verdade sobre Bernardo! Então lhe restava pouca opção.

Finalmente, João conseguiu encaminhar e reter a atenção dos homens no celeiro. Empenhados nas negociações, Blazio e o seu pai, nem perceberam a agitação de João, tão pouco seu olhar esquivo, acompanhado Cora á escapulir do escritório e se refugiar em casa.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 14

Daquele dia em diante, a alma fugitiva de Cora, nunca encontrava repouso, quando saía ao jardim ensolarado, com o pequeno Bernardo a brincar pelos canteiros floridos, atrás das borboletas pousando sobre as flores do campo.

Como um presságio trágico, os olhos dela pareciam sempre rebuscar as margens das montanhas, as cercanias das pastagens, era difícil viver alarmada, como uma miserável fraudulenta. Semanas após semanas, transcorreram numa infundável invasão de negociantes, adentrando os portões de João, mas ela não conseguia esquecer que quase fora descoberta.

Desde que Cora dera a luz, nunca mais recuperara totalmente as forças, e a inanição pairava vivida em seu semblante descorado. Mas Cora distraía-se com as travessuras e energia da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

criança, correndo e se largando sobre a grama aparada. Numa tarde esplêndida de primavera, até Bandite parecia competir em energia, para acompanhar a correria de Bernardo, estatelando-se e rolando em sonoras gargalhadas, alcançando os ouvidos de João, observando-os a distância. Sentada sobre os calcanhares, Cora não continha as risadas até observar Bandite estacar, com as orelhas erguidas em alerta, farejando a atmosfera silenciosa.

Tarde demais para correr, ou encontrar algum abrigo seguro, Cora viu surgir em seu campo de visão, vários cavaleiros cavalgando rapidamente em linha reta, na sua direção. O coração dela bateu sincronizado com as patas dos cavalos golpeando o gramado na vertiginosa aproximação. Ao longe, as feições dos cavaleiros era um emaranhado disforme, mas Cora quase podia vislumbrar um par de olhos cravados em seu rosto.

Alucinada, Cora voou na direção do filho, e o agarrou contra o peito, tentando protegê-lo do infeliz choque. Repentinamente, quando um dos homens conseguiu segurar as rédeas do cavalo

PERIGOSAS ACHERON

desembestado, também se ouviu um brado repercutir através da campina, ordenando a mudança de direção dos recém-chegados.

As margens do caminho dos tropeiros uma serpente avança a passagem e aterroriza um cavalo às proximidades da casa num alucinante tropel. Como num passe de mágica, as rédeas segura nas mãos do peão mudou a direção do possante animal para a sede principal. E assim, evitou o terrível desastre. Por longos segundos, o tropel dos cavalos vibrou nos ouvidos e no coração de Cora, enquanto o filho se rebela para escapar do seu abraço apertado. Sem forças para ficar de pé, ela se deixou largar na relva ao silêncio do tropel, enquanto o filho escapa de suas mãos e senta-se ao lado. Bandite também parecia incomodado e latia alucinado as voltas de Cora e do menino no rastro da cavalgada.

João quis voar no pescoço daqueles loucos, cavalgando como se fugissem da besta através da propriedade, e na direção de Cora e da criança. Por sorte, ele percebeu a desabalada cavalgada quando o seu instinto falou mais alto que a razão, e gritou a

plenos pulmões para desviar a trajetória dos cavalheiros.

Quase uma dúzia de cavalheiros, perceberam tardiamente o perigoso confronto que se daria, ao desviarem o cavalo assustado para o terreiro da sede.

Os olhos do capataz, também acompanharam o patrão correr ao encontro da esposa e seu filho. Como emergindo de um pesadelo, Cora recobrou a consciência quando sentiu dois braços fortes a envolvê-la ternamente. Afagando seu rosto pálido, João chamou-a firmemente a realidade.

- Cora, meu amor! Está tudo bem...!

Enquanto o capataz conduzia os recém-chegados ao escritório, João conduziu a esposa e a criança para a segurança da casa. Tremendo dos pés a cabeça e ofegante em pânico, Cora rebusca os arredores, pois reconhece o próprio Blazio agarrando as rédeas do cavalo rebelado, ao desviar o galope a poucos metros de distância.

Sob a segurança do teto e da proteção do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

marido, Cora pode enfim respirar. Sem compreender tanto alarde, Bernardo esperneou e escorregou do colo paterno, assim que entraram pela porta da casa. Logo a criança desaparece no interior da sala, em busca de aventura, enquanto Cora escapulia para o reduto do seu quarto. Tanto Cora quanto João, compreendiam a difícil cilada, mas não podiam se acovardar ante os obstáculos, que viriam num vago futuro.

Fazer Cora compreender que estava fora de perigo, requer cuidado redobrado, e João prometeu a si mesmo resguardá-la de qualquer embate. Ao acomodá-la sobre a cama macia, ele sentou-se ao lado dela, segurando-lhe as mãos com firmeza.

- Escute, eu não posso evitar que ele entre aqui... Mas, posso mandá-la para bem longe; se isso puder poupá-la de transtorno! Porém, sugiro enfrentarmos o que tiver que vir. Juntos!

Através de uma cortina de lágrimas, Cora o encarou desolada, e sem conter o clamor daquele rosto moreno, ela se jogou nos braços dele, e com o rosto enterrado em seu peito, soluçou emocionada.

PERIGOSAS ACHERON

Sentindo-se a mais afortunada das criaturas, ela o abraçou forte, enquanto o pavor desaparecia. Por fim, Cora suspirou e murmurou aliviada.

- Já estou bem melhor... Obrigada!

- Querida! Gostaria de dar um basta nesta história, mas não creio ser sensato... Por causa de Bernardo!

- Sim; não, não!

- Calma; foi só uma ideia!

Tomando o rosto dela com carinho, João beijou seus lábios rosados num desejo ávido, enquanto caíam de costas sobre a colcha de cetim. Perdidos em carícias quentes, eles esqueceram as aflições de momentos atrás, e ignorando o mundo além das paredes do quarto, retornaram a realidade apenas quando Bernardo veio compartilhar da cama dos pais.

Com risos soltos, eles incluíram a criança no aconchego, enquanto seus olhos exibiam resquício da volúpia interrompida. Longos momentos de

PERIGOSAS ACHERON

plena afeição serenaram os corações, e depois de algum tempo, a criança adormeceu esparramada entre os adultos.

Saindo de mansinho para não acordar o filho, João beijou rapidamente os lábios de Cora, antes de se afastar com um sorriso venturoso nos lábios.

Atravessando o longo corredor, João estacou encurvado sobre si, ao sentiu um palpitar estranho ferrear o peito, e um leve formigamento alcançar o pescoço, percorrer o braço e adormecer lhe os dedos da mão esquerda. Recostado à parede do corredor, João aguardou um longo momento, esperando a inquietante sensação desaparecer. Também se sentiu indisposto a prosseguir ao escritório, e enfrentar a realidade das negociações. Repentinamente, sentiu o corpo banhado em suor, então resolveu, retornar ao quarto.

Seus lábios estavam cerrados, quando recostou o corpo entorpecido junto à bela mulher ninando o filho.

Cora se voltou numa muda interrogação

cintilando os olhos, porém João silenciou-a com discrição, enquanto descansava a mão na cintura delicada e beijava seus cabelos brilhantes.

Logo Cora percebeu que João respirava com dificuldade, então, rodando suavemente entre seus braços, ela lhe tocou suavemente o rosto gelado.

- O que aconteceu?

Com um sorriso forçado, ele procurou impingir despreocupação, mas sua palidez apontava em outra direção.

- Estou bem! Gostaria apenas de descansar um pouquinho com você.

Ignorando a gravidade da situação, ela até gostou de ver aquele homem aguerrido, cometer um pouquinho de preguiça ao seu lado. Estava com saudade, e era uma dádiva imensurável compartilhar aquele momento singular. Minutos depois, os três dormiam profundamente em plena tarde ensolarada.

No escritório, Godofredo estranhou a demora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

do patrão, mas deliberou os negócios com presteza elaborada, mas seus olhos buscavam continuamente a porta de entrada.

Blazio também estranhou a ausência do fazendeiro às importantes negociações, contudo já estava acostumado a negociar com o velho capataz. Por longos momentos, Blazio sentia no peito um sentimento de perda, sem compreender a procedência. Enquanto a mente inquietava-se, e parecia importante reviver o momento de sua chegada às cercanias da residência do fazendeiro.

Céus! Ainda sentia os pelos do corpo se eriçar, ao lembrar o vulto entre o verde exuberante da paisagem, instantes antes de desviar a trajetória do cavalo desembestado para a sede da fazenda. Aquela visão perdeu-se como brumas ao vento, mas, ainda assim, trazia gravado na memória um vislumbre de cabelos flamejantes esvoaçando, e encobrindo uma feição feminina.

Daquela negociação, Blazio pretendia comprar quinhentas cabeças de gado de corte, e uma dúzia de possantes cavalos de montaria. Pela demanda da

PERIGOSAS ACHERON

compra, Blazio e seus homens resolveram pernoitar na fazenda, e sinceramente, queria contar com a presença do proprietário às negociações, na manhã seguinte. Não sairia dali sem comprar aquele magnífico garanhão negro, que parecia fora das negociações. O pernoite na fazenda *Fortunato* era muito confortável no interior do galpão, junto ao celeiro, mas Blazio mal conseguia conciliar o sono, uma visão inquietante não o deixava descansar.

Já era alta madrugada, quando Bernardo reclama atenção da mãe. Cora se desvencilhou do abraço masculino, e se voltou para o menino lacrimoso ao lado.

Envolvendo-o em carinhos Cora levantou-se de mansinho para não perturbar o sono profundo do marido, enquanto saía na direção do corredor.

Suspirando aliviado, Bernardo sorriu e apontou na direção da cozinha. Não era de se surpreender que a criança reclamasse com fome, pois adormecera sem o jantar e sobre a chapa fria do fogão à lenha as panelas do jantar ainda guardavam seu conteúdo intocado.

Colocando o filho sonolento sentado sobre o banco lustroso, Cora o instruiu a esperar um pouquinho, enquanto ela montava palhas e aticava fagulhas incandescentes sob a chapa do fogão. Em poucos minutos a criança degustava uma canja, e um enorme copo de leite quente, adoçado com mel. Completamente já esquecida do episódio do dia anterior, Cora ignorava a presença de Blazio dividindo o mesmo cenário, há alguns passos de distância. Do contrário, o horror da descoberta a levaria a insanidade, e jamais conseguiria dormir.

O ruído de pratos e talheres tilintando na sede principal, também despertou alguns hóspedes adormecidos, no outro lado do pátio. Da janela do alojamento, Blazio vislumbrou um vulto deslizando no ambiente iluminado, através da vidraça da janela da cozinha. Uma sede repentina instigou-o naquela direção por um copo de água fresca, mas seu olhar foi atraído para o jarro de barro, descansando sobre a mesa de canto.

Num inquietante desconforto, uma saudade repentina aferra lhe o âmago, mais uma vez. Proferindo uma praga silenciosa, Blazio socou o

PERIGOSAS NACIONAIS

próprio peito, desejando arrancar seu coração traiçoeiro, arrastando-o outra vez no rastro da sua indigesta derrota.

- Inferno; nunca vou esquecer aquela víbora!?

Certamente, fora o vislumbre dos cabelos flamejantes, esvoaçando ao sabor do vento, que lhe trouxe numa advertência, jamais esquecida. Aborrecido, ele esfregou vigorosamente o rosto, para espantar o inquietante espectro. Devia estar louco...!

Mulheres passavam pelas mãos de Blazio, como gotas de chuva, depois que Cora o abandonou, e já não se importava em manter as aparências, ou conter o ímpeto que seu corpo potente exigia. Mas, o peito dele estava tão seco quanto às areias do deserto, e ele acreditava jamais cortejar outro alguém.

Depois de alimentar o filho, e lhe fazer a higiene básica na tina com água morna, Cora o depositou ternamente em sua própria cama, no quarto ao lado, desejando voltar logo para os braços

PERIGOSAS ACHERON

do amado. O quarto banhava em escuridão, mas ela podia divisar os contornos do marido adormecido sobre o leito revolvido. Ao acender a lamparina a cabeceira da cama, Cora reparou que João ainda estava vestido, e calçando as botas de montaria. Com presteza, ela desfez os cordões e livrou os pés da pressão incômoda. João apenas gemeu brevemente, mas não acordou do sono profundo.

Sem conter um riso discreto, Cora o despiu das roupas de trabalho, deixando-o apenas com as roupas de baixo. Ele devia estar profundamente esgotado, porque, apenas gemeu e murmurou algo ininteligível, ao afundar novamente no travesseiro macio.

Ao acomodar-se ao lado dele, Cora o analisou detidamente, e percebeu tardiamente que a cor arroxeada em torno dos olhos dele, não parecia habitual. Um calafrio varreu-lhe a espinha, enquanto o chamava baixinho.

- João! Meu querido acorde... Por favor!

Ele abriu uma fresta dos olhos negros, e pousou

nos dela com interrogação, antes de erguer-se nos cotovelos completamente desperto.

- Cora! Aconteceu alguma coisa?

Então ele percebeu que adormeceu nos braços dela, em plena luz do dia. Observando a escuridão através da cortina, João sorriu furtivamente, antes de acomodar a linda mulher em seus braços.

- Acho que dormi mesmo!

Ao perceber que suas preocupações não tinham fundamento, Cora sorriu com vontade, indicando sua veste sumária. Intrigado, João afundou o rosto nos cabelos dela e suspirou longamente. Como ela o tinha despido sem tê-lo acordado, ainda era um mistério, porque sempre tivera o sono muito leve. Por mais que forçasse a memória, não lembrava-se de nada, apenas de ter socorrido Cora dos intrépidos cavaleiros. Além disso, apenas um vácuo escuro dominava lhe a mente.

Atribuindo o mal estar, ao próprio cansaço, João aconchegou-se ao corpo feminino e adormeceu instante depois.

Amanheceu frio e chuvoso, enquanto os homens se preparavam para concluir os negócios. João se reuniu ao grupo logo após o desjejum, procurando apressar as negociações, porque queria vê-los longe dali o mais breve possível. Não era confortável observar seu rival na própria casa.

Embora a exigência na compra do possante cavalo negro, fora extremamente fastioso, João cedeu para encerrar rapidamente a visita indigesta.

Havia algo por trás da agressividade nos olhos de Blazio que demonstrava uma personalidade áspera, embora pronunciasse as palavras numa linguagem refinada. Por alguma razão desconhecida Blazio procurava os olhos de João, como se buscasse uma resposta silenciosa, à despedida. A fazenda exalou seu aroma úmido, apenas quando o bando de peões desapareceram na pastagem, conduzido os cavalos e o gado, recém-adquirido.

Longos segundos se passaram, até que João e o capataz desviaram os olhos do horizonte no rastro

dos homens, e com satisfação, apreciaram o incrível panorama de gramas verdejantes, resplandecer na réstia de luz solar através das nuvens carregadas.

O sol despontou com prenúncio de liberdade, ainda assim, João sentiu um leve formigamento nos lábios. Naquele momento, também compreendeu, que os anos trouxeram-lhe grande prazer, enquanto o peso sob os ombros, estalava as articulações rijas. Um aperto no peito o fez estremecer, sentindo que tudo aquilo não lhe parecia justo. Vivera longos anos de solidão, finalmente tinha ao seu lado uma garota linda, e um incrível recomeço!

Quando os homens se encaminharam ao pátio da residência, avistaram Bernardo surgir no vão da porta, e lançar-se em sua direção como uma flecha. Cora tentou retê-lo, mas o menino escapou por entre seus dedos com gargalhadas sonoras ao encontro do pai.

Acolhendo a criança com carinho, João esqueceu completamente a agonia de momentos atrás, ao ver Cora aproximar-se graciosamente ao

PERIGOSAS NACIONAIS

encalço do filho, e suspirou profundamente satisfeito.

A vida na fazenda já não era tão tranquila; Cora tinha completa consciência de viver constantemente num infundável sobressalto. Quase cinco anos vivendo sob o teto daquele homem maravilhoso, lhe dera a exata noção de perder algo imensurável. Jamais desfrutou de tempos tão bons quanto aqueles incríveis anos, sob a proteção dele; sabia que a felicidade cobraria seu preço, e não se sentia merecedora de tal privilégio.

Bem no fundo da alma, pressentia que os dias de glória estavam findando com a aproximação de Blazio por ali. O vislumbre do futuro lhe arrepiava a pele, como um presságio agourento.

O calor de João a aqueceu, transformando seus fantasmas em breves brumas, a perderem-se na atmosfera. Seu riso misturou-se aos do filho e João, ao atravessarem o pátio em direção a varanda da casa. Com o sol aquecendo a terra molhada, o vapor subia nebuloso para dar lugar ao clarão primaveril.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Num fim de tarde, enquanto João viaja à negócios de fim da temporada, Cora cavalgava serena as cercanias da propriedade. Seus dias pareciam transcorrer a esmo a cada estação, enquanto os trabalhos domésticos ficavam por conta da governanta.

Por mais que resistisse ao contrário, Dona Alexandra dominava todo o trabalho da casa, deixando-a à livre para se inteirar dos negócios da fazenda, e aqueles incríveis momentos de prazer. Aprendera muito cedo a rígida servidão, agora quase não conseguia abdicar dos encargos que deveriam ser seus. Mas João fora rigidamente claro, ao impor sua vontade, então, seus dias parecem prolongar em preguiça.

Depois de percorrer as planícies sobre o lombo do cavalo manso, Cora prosseguia no embalo da montaria, sentindo a briza fresca lambar seu rosto, até que algo às margens da floresta, repentinamente a alertou. Estancando a montaria, Cora observou a mata cerrada com minuciosa inspeção, enquanto ruídos ecoavam dentro do peito, como marteladas na consciência.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Devia ter aceito a companhia do capataz, quando ele se propôs a acompanhá-la, todavia, já estava farta de viver escondida e aterrorizada. Com determinação, ela ergueu os ombros e a cabeça na direção do suposto embate. Foi com alívio que ela viu surgir, uma capivara errante, mordiscando a relva fresca, junto ao córrego. Instantes depois, ao guiar a montaria para a residência, Cora ignorou um par de olhos espreitando-a as margens da mata.

Foram longos dias de agonia, e uma inquietante sensação, que instigaram Blazio a retornar às terras do rico criador de cavalos.

Desde que estivera ali semanas atrás, já não conseguia dormir, e nos breves cochilos, era assombrando com espectros alucinantes. Despertava suado, a lembrança do brilho aflito no olhar da mulher, protegendo a criança entre os braços.

Então só tinha uma coisa a fazer. Estivera dias e dias a espera de rever algo extraordinário, que explicasse seu desatino. Agora quase cairá do cavalo, ante aquela visão. Como emergindo das

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

brumas do entardecer, Blazio avistara a mesma mulher envolta em vestes diafragmas, esvoaçando ao sabor da brisa.

Os cabelos flamejantes, caíam em cascatas pelos ombros, refletindo os últimos raios solares, tanto quanto a palidez da pele, contrastava com o brilho do olhar sonhador. Aquele mesmo olhar que um dia o mirara, agora vagava em outros pensamentos que não eram os seus.

Blazio esfregou vigorosamente os olhos, para se certificar de que não estava sonhando. E por todos os demônios! estava certo!

Apenas a mão do capataz deteve o ímpeto de Blazio, a lançar-se naquela direção, no exato instante em que a viu galopar de volta à sede da fazenda. Respirando profundamente, para recuperar o controle das emoções, ele compreendeu que, para obter êxito, precisava de um bom plano. Ou jamais obteria remissão.

Por alguma razão desconhecida, Cora não parou até alcançar a segurança da casa, mas sentia-se

PERIGOSAS ACHERON

agitada quando desmontou da sela do cavalo, seguro pelas mãos fortes do capataz.

- Apreciou o passeio?

- Sim! Obrigada.

Seu riso límpido agradou o velho peão, quando ele se afastou para desatrelar o cavalo.

Aquela noite, Cora rolou na cama numa inquietante sensação de perigo avançando a madrugada, até ouvir o ronco estridente do motor do caminhão de João se aproximando. Exalando um longo suspiro, Cora pulou da cama e correu ao encontro dele.

Ao adentrar à porta, João a abraçou fortemente, e por um longo tempo, eles ficaram sob a penumbra do ambiente, sentindo apenas a presença maciça de seus corpos quentes. Diante da fragilidade feminina, João perdia a rigidez da própria vida, lapidada em anos de solidão. Os cabelos grisalhos dele captavam o fiapo da claridade da lua através da vidraça da sala, enquanto as mãos de Cora percorriam-lhe a face querida.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Bem-vindo ao lar!

João tomou o rosto dela entre as mãos, beijou os lábios rosados com sofreguidão, dando vazão ao palpitar do peito, ante a paixão reprimida durante aqueles longos dias ausentes. Aquela mulher tornou-se o centro de seus pensamentos, desde o momento em que ela pisou ali, e já não poderia viver sem seus carinhos.

O sol banhava em calor a cama revolta, quando o casal despertou nos braços um do outro, e o beijo trocado com calor, selava muito além de uma simples troca de carinho. E assim celebravam a vida, completamente alheios ao que estava por vir.

O pequeno Bernardo, agora com quase quatro anos, reivindicava as atenções do pai ao subir na cama do casal. E eram esses momentos preciosos que ficavam registrados para sempre na memória, e no coração de Cora. Depois do café da manhã, a rotina da casa fervia em plena atividade, enquanto João recebia alguns fazendeiros da região, em animadas negociações.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao sair rumo a estrebaria e rancho dos animais, os olhos de João buscaram o interior do escritório, onde Cora organiza a contabilidade da fazenda, atrás da escrivaninha apinhada de papéis. Como pressentindo seu olhar, ela ergueu os olhos e sorriu, quando ele lhe enviou uma piscadela sutil, enquanto um riso curvava levemente seus lábios, ao sair acompanhado os homens. A atmosfera agradável envolvia Cora numa ternura, quase palpável a saída de João, e naqueles momentos, ela quase podia esquecer o passado atribulado da adolescência.

Algum tempo depois, envolvida com papéis e documentos, Cora se assustou quando ouviu o ronco do motor de um automóvel aproximando-se da casa, e estacionar no pátio.

Som de patas de cavalos eram rotineiros na propriedade, mas automóvel, era uma aparição singular. Prendendo a respiração, ela espreitou através da janela do escritório, e quase morreu de susto, ao divisar o homem abrindo a porta do carro luxuoso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O mundo ruiu aos pés dela ao reconhecer Blazio, envergando vestes refinadas e sapatos lustrosos. Os cabelos displicentes caíam-lhe sobre o rosto, como ela se lembrava, e seu gesto seguro de acomodar as madeixas para trás prenderam o olhar dela por um instante. Infelizmente, Cora percebeu seus gestos seguros e determinados demais.

Um palpitar lacerante oprime-lhe o peito, enquanto as pernas fraquejavam sob seu frágil peso. Sem ter onde se esconder, ela rezou por um milagre, enquanto se arrastava para trás das estantes de arquivos.

Passos firmes retiniam nos degraus com lentidão calculada, fazendo-a parar de respirar. Sob o batente da porta aberta, ele parou; o silêncio apavorante mantinha estáticos todos os músculos de Cora, até que uma voz masculina atravessou o pátio da sede.

- Se o senhor estiver procurando o patrão, ele está no celeiro...

Por uma fração de segundos os homens ficaram

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se encarando, numa muda interrogação, enquanto Blazio permanecia estático ante a porta do escritório. O capataz Godofredo o convidou com um gesto de mão na direção do rancho, e o aguardou.

Sem compreender as razões que trouxeram aquele homem ali, Godofredo fitou o automóvel com um brilho perspicaz. Jamais vira carro tão vistoso em todo o território, entretanto depois de um momento de análise ao homem parado à porta do escritório, o capataz o reconheceu. Sem dúvida, era o mesmo peão que negociou aquele garanhão negro semanas atrás; mas metido naquelas roupas refinadas, ficou quase impossível reconhecê-lo. Por fim, o visitante se manifestou.

- Na verdade, eu não vim a negócios hoje; gostaria de uma conversa em particular com o seu patrão. E se possível, gostaria de esperá-lo aqui!

De seu esconderijo, Cora gelou. O capataz hesitou por um momento, depois o convidou com segurança.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Certamente, o senhor pode esperá-lo no escritório... Mas poderia me acompanhar ao celeiro, enquanto o aguarda finalizar algumas negociações!

Depois de alguns segundos, Blazio perpassou o ambiente vazio do escritório e o acompanhou, com um breve gesto de cabeça.

Cora só conseguiu se mover do lugar, quando já não ouvia nenhum ruído nas proximidades. Com passos ligeiros, ela atravessou o pátio e ganhou a segurança da casa, e procurou com olhar aflito em todos os cômodos o seu pequeno Bernardo. Dona Alexandra estranhou seu desespero e a tranquilizou, informando que a criança brincava no quintal, com os seus animais de estimação.

- Ele fica entretido no quintal! Aconteceu alguma coisa? É sobre o carro que vi chegar na fazenda...?

Respirando com dificuldade, Cora apenas maneou a cabeça em anuência e balbuciou, escondendo-se das vistas da janela.

PERIGOSAS ACHERON

- É ele...!

Igualmente aterrorizada, um arrepio percorreu o corpo opulento da governanta, enquanto ampara Cora com brandura, pois também sabia da gravidade da situação. Mas aquele homem já estivera ali a negócio e sua aparição poderia ser outra simples negociação. Então bastava Cora ficar fora das vistas dele. Com presteza, a governanta recomendou a segurança do quarto, enquanto buscava o menino.

Cora anuiu em agradecimento, e correu para o quarto. Através da cortina diafragma, ela espreitou o celeiro á distância, e viu alguns homens se retirando ao término das negociações. Apenas João permanecia estático no pátio vazio. Chegou o momento da verdade! Como se pressentisse seu olhar, João voltou-se para a residência e buscou a janela do quarto. Com um grito preso na garganta Cora sufocou como se o inferno a alcançasse.

Então Cora envolveu seu pequeno filho entre os braços, quando Dona Alexandra o trouxe mesmo contra a sua vontade. Então, na esperança de aliviar

o tormento, ela o apertou com redobrado fervor. Conhecía muito bem aquele brilho determinado nos olhos de Blazio, descrevendo claramente as suas intenções.

Desde o momento em que o ruído do motor alcançou seus ouvidos, o mundo parecia desabar sobre sua cabeça numa agonizante espera, pois sabia que agora nada, nem mesmo João, poderia salvá-la.

Mas a criança inocente não queria ficar confinada dentro de casa, enquanto o sol brilhava lá fora. Cora e Dona Alexandra custaram á convencê-lo a brincar na segurança do quarto. Sentada no chão, às voltas com os brinquedos do filho, Cora mal ouvia as queixas dele, porque a alma vagueava lá fora, onde os homens provavelmente travaram a batalha de suas vidas.

Quando João avistou o homem, parado no meio do celeiro, junto com o capataz, reconheceu que algo estava para acontecer. Tanto os olhos, quanto as feições do rapaz, revelavam a ferro; mas João não se deixou abalar, já tivera muito tempo para

enfrentar aquela situação.

Com um gesto de mão, João o convidou a parte superior do escritório, onde recebia os clientes para as negociações. As passadas largas de Blazio, o andar seguro sobre os degraus de madeira, preveniam João do aferrado combate. Acomodando-se atrás da mesa, João indicou uma cadeira a sua frente, e inquiriu cordato.

- Em que posso ajudá-lo?

Depois de um longo tempo medindo o fazendeiro, Blazio finalmente perguntou grave.

- No outro dia em que estive aqui, vi uma moça ao longe... Quem é ela?

Encarando-o firmemente, João respondeu sem pestanejar.

- Minha esposa!

Como se tivesse sido picado por uma serpente, Blazio pulou para trás, derrubando a cadeira, num baque surdo, e como um leão enjaulado, andou a

PERIGOSAS ACHERON

esmo pelo recinto silencioso. Parou junto à janela quando avistou o capataz, parado á porta do escritório. Respirando várias vezes para controlar a ira, Blazio recolheu a cadeira, e voltou a sentar-se. Apoiando os punhos cerrados sobre a mesa de madeira, ele perguntou novamente.

- Quem é Ela...?

O coração de João parecia estourar dentro do peito, enquanto o persistente palpitar lancinante nas têmporas, o fez gemer torturado. Sem opção, e completamente sem ar nos pulmões, ele repetiu com gravidade.

- Minha esposa!

- Qual o nome dela?

Ferido intimamente, e beirando ao desespero, João o questionou.

- Porque quer saber?

Blazio controlou a vontade de voar no pescoço do fazendeiro, então levantando-se, caminhou até a

PERIGOSAS ACHERON

janela, donde se podia avistar a casa, e grande parte da paisagem exuberante; mas ele estava cego a qualquer beleza. João também viu o sangue refletir nos olhos do homem, e compreendeu que ele já sabia a verdade.

O capataz tentou se aproximar, mas João o deteve à porta do escritório, com um gesto de mão. Á contragosto, o velho amigo acatou sua vontade, mas seus olhos não perdiam um só movimento do visitante. Finalmente, quando Blazio se voltou, trazia no olhar um misto de cólera, e amargor.

- Eu já sei quem ela é... Queria apenas confirmação! Então; como vamos resolver esta questão?

Um longo momento se passou num silêncio sepulcral, até que Blazio retornou a cadeira; precisava esclarecer a história, para não deixar dúvidas quanto às suas intenções.

Agora sabia que Cora encontrou abrigo em outra pessoa, e conhecendo a reputação do velho fazendeiro, sabia que ela já não voltaria a vida

PERIGOSAS NACIONAIS

miserável, na qual ele mesmo a colocara. Mal dizendo seu destino, Blazio conjurou todos os demônios, porque ela fugiu exatamente, quando decidira mudar o rumo de suas vidas.

- Sei exatamente o quanto parece absurdo a verdade; mas vim disposto a reaver o que é meu!

João enfrentou seu adversário com a mesma obstinação.

- No que depender de mim, você jamais a levará daqui!

Sem abalo, Blazio confirmou fitando os olhos de João, com determinação.

- Tenho a Lei do meu lado, e uma certidão para provar! Bigamia, também é crime!

Atordoadado, João o escorraçou de sua propriedade.

- Não me ameace! não sabe com quem está lidando...! Você não a merece, e a perdeu no dia do casamento... e tantas outras depois! Conheço a sua
PERIGOSAS ACHERON

história. Fora daqui!

Quando o capataz se aproximou decidido a cumprir a ordem do patrão, Blazio levantou-se exaltado, demonstrando aferrada determinação; pois já sabiam do embate que estava por vir.

Antes de entrar no carro, Blazio observou a fachada da casa na esperança de rever a mulher que arruinara cada dia, dos longos cinco anos. Mas agora sabia onde encontrá-la; e com uma promessa velada, jurou reavê-la.

Enquanto o ronco do carro de Blazio ainda repercutia na propriedade, João emitia um grito de dor e caiu combalido sobre a mesa. Godofredo lançou-se como uma flecha, para amparar-lho mas, ele desabou desmaiado. A pulsação estava tão fraca, que a princípio o capataz pensou que João já tivesse morrido. Os gritos do velho peão alcançaram a vasta propriedade, trazendo em seu rastro todos os peões que lidavam por perto. O incrível alarde, também sacudiu as estruturas da casa, e arrancou Cora de seu estado de apreensão.

PERIGOSAS NACIONAIS

Com pavor crescente, Cora se lançou até o rancho, onde vários peões corriam desvairados em várias direções, e com as pernas bambas, ela subiu os degraus desabaladamente. De joelhos, Cora tomou as mãos de João em desespero, ao ver sua completa inércia.

- João! Meu querido...?

Com as feições torturadas em dor, João estagnou retorcido. Em desespero, ela buscou os olhos do capataz e compreendeu a gravidade da situação.

- Mandeí chamar o peão que sabe dirigir o caminhão, para o levarmos ao hospital!

Em instantes, o motor do veículo estava em funcionamento, e com a ajuda de outros empregados, sem perda de tempo, Godofredo carregou João nos braços, seguindo imediatamente para fora do celeiro, onde o caminhão já estacionara. Com cuidado, eles acomodaram o fazendeiro no banco, enquanto Cora e o capataz sentavam-se espremidos ao lado. Acomodando a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça de João contra o peito, Cora mal sentia os solavancos da longa estrada, até ver o replicar das luzes da cidade, surgirem ao anoitecer.

Sem conter as lágrimas, Cora procurava estimular a consciência de João, chamando-o baixinho, mas ele permanecia inerte, envolto em palidez doentia. Atravessando as ruas movimentadas da cidade, o caminhão parecia ganhar espaço entre o tráfego lento, enquanto seguiam diretamente para o hospital. Cora sentia transcorrer os segundos num eterno suspense, rezando pela vida do homem grandioso, esvaindo-se na morte por entre as suas mãos.

Após uma eternidade, Cora viu a fachada de um grande edifício surgir ao longe, onde uma tabuleta em letras garrafais dizia, Hospital.

Em instantes, João foi colocado sobre uma maca, e levado por um longo corredor, cercado de médicos e enfermeiras. Em desespero, Cora permaneceu estática ao lado do capataz, vendo-o desaparecer de suas vistas. Depois de algum tempo, o senhor Godofredo forneceu os dados do patrão no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ambulatório hospitalar, enquanto o replicar das horas martelavam incessante a cabeça de Cora. Horas intermináveis atravessavam a noite, e ganhavam a madrugada, sem quaisquer notícias de João.

Por telefone, o capataz avisou os filhos de João sobre o ocorrido, e repassou a Cora, sobre a chegada deles nas próximas horas. Mas ela apenas aguardava notícias dos procedimentos médicos, em completo desalento, enquanto observava o corredor silencioso e deserto.

Quando já não podia mais suportar a espera, e o clarão da madrugada tingia o horizonte de vermelho, uma porta se abriu para o corredor. Cora correu ao encontro do médico impecavelmente vestido de branco e olhar passivo. Tentando transparecer segurança, o médico informou que estavam procedendo com os mais inovadores recursos, mas o estado dele ainda era muito preocupante. Cora gemeu baixinho, pedindo para vê-lo.

- Ainda não! Por favor, tenha um pouco mais de paciência senhora. Informaremos qualquer novidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem alternativa, Cora caminhou às cegas para fora do saguão por um pouco de ar. Logo ela sentiu a presença do capataz ao seu lado. Céus o que fazer!? Uma mão terna pousou sobre o ombro dela, enquanto um soluço estrangulado escapava se sua garganta seca.

- Os filhos dele já devem estar a caminho...

Mais lágrimas transbordaram dos olhos dela, ao imaginar o sofrimento de Melina, e os rapazes. Incapaz de pronunciar som algum, ela apenas concordou com um breve mover de cabeça. O prenúncio do alvorecer se transformou numa nebulosa triste, igualando ao seu estado desesperado.

Num eminente desespero, Cora perseguia cada avental branco que surgia nos corredores, em busca de respostas, apenas para se certificar que ele permanecia passivo a qualquer medicação. Rezando por um milagre, Cora e Godofredo observavam o dia prosseguir e terminar, sem qualquer mudança no estado de João.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O entardecer despontava no horizonte, quando os filhos de João apareceram desarvorados, a procura de notícias. O capataz, sabia em detalhes o que se passara desde que João sofreu o colapso, e repetia a mesma história de, que ele conversava tranquilamente, quando sentiu uma terrível dor de cabeça e, já caiu desacordado.

Inconformados, os três filhos juntaram-se ao lamentoso aguardo por notícias do pai. Os rapazes já suspeitavam que algo não ia bem com a saúde do pai, desde a última visita. Alfredo até tentou persuadi-lo a consultar um médico, e fora severamente negado. Contudo, já fazia quase seis meses.

Já era madrugada quando o médico anunciou que João despertara, e que, apenas uma visita por vez seria permitido para vê-lo. Imediatamente, os filhos concordaram que Cora fosse a primeira.

Com passos vacilantes, Cora percorreu o longo corredor, sentindo o coração fremir dentro do peito. Ao tocar a porta, seus dedos tremeram ao empurrar a frágil estrutura. Envolto em lençóis brancos no

PERIGOSAS ACHERON

leito resumido, o corpo de João ocupava todos os espaços, e no brilho de seus olhos negros, ela pode ver o amor vencer a barreira da inércia, ao perceber a presença dela no quarto. Os lábios dele se curvaram num breve sorriso quando Cora tomou a mão dele entre as suas e murmurou seu nome baixinho.

- João...!

Cora beijou sua face com ternura, e quando ela se afastou, percebeu uma lágrima deslizar pela face masculina, e escorrer até o travesseiro. Tomada de emoção, ela afagou a face querida implorando perdão pelo transtorno provocado.

- Desculpe-me! A culpa é toda minha...!

Os olhos de João pareciam gritar o que os lábios não conseguiam dizer, mas Cora compreendeu a sua própria remissão no olhar dele. Havia um amor tão grande descrito naquele olhar, que Cora estremeceu quando ele fechou-os pela derradeira vez.

- João...!

Em desespero, Cora chamou seu nome, e gritou em brados histéricos, para as enfermeiras, tentando mantê-lo acordado.

- João; por favor acorde!

Em instantes, o quarto foi tomado por médicos e enfermeiras, saindo de todos os cantos do hospital. Relegada a um canto do quarto, Cora observou o frenesi da equipe para estimular a vida do seu bravo homem. Segundos eternos se passaram, sem qualquer atividade vital no corpo combalido e invadido em agulhas e mangueiras.

Os gritos desesperados de Cora alcançaram os ouvidos dos filhos de João, que correram pelo corredor, e pararam em frente a porta escancarada do quarto. Impotentes e desesperados, os filhos também assistiram a tentativa dos médicos em salvá-lo da falência vital.

Deslizando lentamente pela parede até o chão, Cora observou o olhar do médico ao constatar a morte certa. Seu grito torturado misturou-se aos dos filhos agarrados uns aos outros, em frente a porta

PERIGOSAS ACHERON

do quarto. Sem mais nada a fazer, a equipe médica se afastou lentamente, dando espaço para os filhos despedirem-se do pai.

Cora permaneceu por um momento agarrada aos joelhos, absolutamente desolada em sua própria dor, até sentir dois braços fortes a ampará-la. Alfredo ergueu-a e a aconchegou junto aos outros irmãos, e por algum tempo eles ficaram abraçados entre si, afagando gentilmente a face inerte de João.

Capítulo 15

Envolta num pesadelo atroz, Cora se viu dentro da cabine do caminhão retornando para casa, num comboio fúnebre e desolador. Em poucas horas a fazenda foi tomada pela populosa comunidade. Lamentos incrédulos externam em brandos comentários durante todo o velório.

Enquanto os cavalos de montaria ficavam amarrados perto do curral, a estradinha de terra, as proximidades da sede ficou congestionada de veículos e carroças da vizinhança. A hombridade de João e sua valorosa estima invadiu o território, trazendo a sua última homenagem, pessoas de toda a redondeza. Na capela do vilarejo, a celebração fúnebre já estava sendo aguardada, assim como a cova da sepultura ao lado da esposa também estava aberta.

A casa de João e o pátio estavam completamente tomados de pessoas, e o murmúrio quebrava a rigidez do funeral. Entre o povo, alguns olhares incrédulos pousaram na figura triste de Cora ao lado do caixão. Logo, indagações correram a plateia como um ciclone tropical, e o reconhecimento varreu os recantos da fazenda como um rastilho de pólvora, e atçou a fogueira da desconfiança.

Horas de tristeza e dor invadiam o coração de Cora, prostrada ao lado dos filhos junto ao corpo de João, recoberto de flores. Em dado momento, numa triste constatação, Cora viu entrar pela porta da sala o responsável pela morte prematura de João. O sangue fugiu do rosto dela ao observar a incredulidade nos olhos de Blazio, ao fitar o corpo inerte do fazendeiro.

Ao desviar os olhos do corpo de João, e encontrar os olhos de Cora, ele estremeceu visivelmente. Como facas afiadas, o olhar dela feriu além de sua carne, e alcançou-lhe a alma. Em pensamentos, Blazio gritou à sua própria consciência, de que não fora intenção sua matar o

fazendeiro, queria apenas resgatar a mulher que lhe pertencia. Atordado com a acusação velada nos olhos dela, ele retornou pela mesma porta por onde entrara.

Quando Blazio soube do ocorrido, precisou ver com seus próprios olhos. Agora diante da comprovação, sentia-se abalado imensuravelmente, pois aquela morte caiu sobre sua consciência como uma bomba.

Entorpecido no próprio desespero, Blazio sentiu uma pequenina mão envolver sua perna e abrir passagem entre a multidão. Como uma brasa incandescente, os dedinhos envolveram sua perna para logo desaparecer por entre as pessoas à entrada da sala.

Um lapso de segundo, foi o bastante para resgatá-lo da miséria, e como se tivesse gravado a fogo na memória, os lindos cachos dourados deixaram um rastro de luz à sua passagem. E logo atrás da criança, a mesma mulher madura que Blazio vira noutro dia, tentava acompanhá-lo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Com cuidado, ele retornou ao batente da porta, enquanto o lamento da criança também alcançava os seus ouvidos.

Acalentando-o com carinho, Cora tentava amenizar o sofrimento, beijando-o e murmurando palavras em seu ouvido. Em lágrimas, a criança tocava e afagava o rosto do fazendeiro, arrancando mais lamentos dos familiares que se encontravam por perto. Deus, o que significava aquilo!?

Como um gigantesco abismo a separá-los, Blazio paralisou ante a dor estampada no semblante de Cora; já vira aquela mesma dor naquele rosto querido. Como um milagre, os olhos da criança alcançaram os seus. Imediatamente o pranto estagnou, e Blazio soube que estava diante de seu próprio reflexo. Agarrado ao colo materno, o menino o observou longamente, com seus olhinhos verdes, iguais aos da mãe.

Lenta e pausadamente, Blazio soltou a respiração, e se afastou do batente da porta. Cora não o vira, mas já não sairia dali sem explicação do que viu claramente.

PERIGOSAS ACHERON

O coração de Cora partira-se em mil pedaços quando a terra cerrou seu amado para sempre, e ela sabia que já não poderia reunir os cacos da sua breve história. Mas ela não largou o filho, nem quando todos já deixavam o cemitério e ela permanecia petrificada, observando o monte de terra fresca coberto de rosas multicoloridas. O cheiro de velas enchia suas narinas com a certeza de que tudo findou.

Instintivamente, ela sabia que o seu vínculo com a família de João, também estava soterrado na terra vermelha junto com ele. Muito lentamente, ela deixou o local, enquanto a tristeza secava seus olhos e o peito. De todos os olhares que a miravam, ela sentia apenas um par de olhos queimando-a como o fogo do inferno. Sua percepção estava cravado na carne, como grilhões em brasa, até cruzar o portão da propriedade de João.

Tinha muito o que pensar, mas já sabia que precisava deixar a fazenda, porque percebeu o boato sobre o seu passado. Em torno da mesa silenciosa, os filhos de João aguardavam Cora a colocar o filho para dormir. Ela sabia que chegara o

momento de esclarecer as coisas, antes que tudo viesse à tona, e jogá-la novamente no inferno.

Chorosa, a criança custou a dormir, mas Cora aproveitou o momento para descansar antes da tempestade prenunciado no olhar de todos os filhos do fazendeiro. A noite já caíra densa sobre a terra, mas a casa continuava na penumbra quando Cora ocupou seu lugar á mesa.

Apenas o fogo crepitando sob a chapa do fogão amenizava precariamente o ambiente. Encobrindo o rosto com as mãos, ela desejou sumir da terra ante o olhar acusador e tão sofrido dos filhos de João. Um soluço estrangulado escapou de sua garganta congestionada, ao ouvir Alfredo interpelando com rigidez.

- Diga-me que estamos loucos; e que as coisas que ouvimos não são verdadeiras...!

Céus, o que poderia dizer! Mais uma vez ela desejou morrer. Mas já sabia que seu desejo não tinha nenhum valor. Optando pela verdade, mesmo que significasse o seu fim, ela enxugou as lágrimas

e encarou o seu destino com a cabeça erguida. Não seria um relato fácil, nem bonito, mas era a única verdade.

- Confesso que jamais enganei o seu pai...

Engasgada na própria dor, ela respirou profundamente, sentindo os olhares fixos em seu rosto com rigor. Então, não esperando qualquer remissão, ela narrou a sua história desde o início. Seu casamento desastroso, a fuga desesperada e o resgate providencial. Apenas a respiração e algum suspiro mais profundo por parte de Melina, quebrava a rigidez do ambiente emudecido. Ela explicou em detalhes os cuidados de João para com ela; a difícil cura da malária, os planos elaborados para poder mantê-la na fazenda.

- Sabíamos dos riscos! Mas, a força dele venceu os meus temores.

Cora engasga em prantos e levantou-se sem coragem de encarar o olhar acusador dos rapazes e suas lágrimas sentidas. Eles sabiam que ela falava a verdade, e compreendiam a grandeza do pai.

PERIGOSAS NACIONAIS

Recostada ao batente da janela aberta e olhar perdido na escuridão noturna, ela completou num murmúrio.

- Aqui nesta casa eu conheci o valor humano... mas, também sei que preciso partir!

Tanto Cora quanto os filhos foram pegos de surpresa, e não sabiam o que fazer. A única certeza era que o falso casamento os deixava numa situação delicada. Uma dúvida ainda não estava esclarecida, e foi Melina quem indagou angustiada.

- E Bernardo...?

Cora gemeu fechando os olhos em desespero.

- Ele não é filho de João...! Descobri a gravidez aqui; e já era muito tarde para mim!

Era evidente que ele o amava como a um filho, todos testemunharam o fato desde o início. Ante tal revelação, a família inquietou-se em indagações perenes. Então Alfredo se levantou e propôs cordato.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Estamos muito agoniados para digerir toda essa história. Devemos dormir esta noite! Amanhã resolveremos a questão com mais tranquilidade.

O alvorecer sempre revela um mundo de possibilidades, embora Cora duvidasse que conseguiria dormir. Aos poucos, Cora ouviu todos se levantarem e seguir em silêncio para seus quartos, enquanto ela permanecia recostada à janela, recebendo a aragem fria da noite sobre a pele febril.

Depois de rolar na cama por horas intermináveis, Cora levantou, foi até o quarto de Bernardo e observou-o dormir serenamente. Por certo, a criança sentiria a falta de João tanto quanto ela. Pobre criança, era muito injusto, quando ainda nem começara a viver. Com suavidade, ela afagou os cabelos encaracolados e beijou sua face linda.

Ao retornar ao quarto, ela vestiu-se como um autômato, sem ao menos olhar para as roupas que vestia. Igual uma alma penada, ela atravessou o corredor e saiu para o pátio, onde a névoa matinal cobria a pastagem com seu manto branco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os passos de Cora moviam-se a esmo, ignorando a friagem da relva sob os seus pés descalços. Sua única certeza era que precisava organizar sua vida dali em diante, e sozinha. Não tinha a menor ideia do que fazer.

Céus, porque João morrera num repente? Agora estava perdida, igual como quando chegou ali! Por certo seria escorraçada daquela casa pelos filhos dele, como uma mísera vagabunda! E, merece tal castigo, pois mentira desavergonhadamente.

Os olhos estavam secos, mas o coração ainda sangrava miseravelmente, enquanto caminhava a esmo até os pés esfolarem-se, e continuou caminhando mais. A barra do vestido varria a relva molhada enquanto as espigas do capim grudam-se na pele alva dos pés delicados, mas ela nem percebia a aragem fria sacudir suas vestes diafragma, ao longo da planície verdejante.

Alfredo também não dormiu, e através da janela aberta viu Corina perambular a esmo pela pastagem orvalhada. Um frio repentino tomou-o de assalto ao sentir, que, se tivesse um abismo no caminho,

PERIGOSAS ACHERON

provavelmente ela nem desviaria. Os olhos daquela garota pareciam vislumbrar uma tragédia antiga misturar-se à realidade. Agora ele compreendia, e sua suspeitas estavam fundamentadas.

Ainda era prematuro imaginar o que se daria dali em diante; nem o que fariam com a fazenda e com as propriedades do pai. A vida dos filhos não estava ligada àquele ofício, nem queriam assumir um legado do qual nunca se interessaram. Mas, irremediavelmente, o mundo daquela garota iria se transformar.

Quando o sol ultrapassou a barreira nebulosa, Cora ergueu o rosto por um pouco de calor, e sentindo os raios aquecê-la, ela aspirou profundamente a energia vital. Muito lentamente, ela refez o caminho de volta a casa de João, onde os filhos já a aguardavam.

Apenas Bernardo ainda dormia profundamente. O som de seus passos descalços se faziam ouvir no chão imaculado da sala até a cozinha, onde apenas os olhos de Melina se ergueram a sua chegada. Depois de um olhar conciliador, a governanta

PERIGOSAS NACIONAIS

serviu sua xícara de café fumegante, enquanto observava a família reunida à mesa em silêncio. Cada qual com seus próprios pensamentos, e envoltos numa tristeza infinita.

Todos na fazenda estavam em suspensão vital, aguardando as mudanças do futuro incerto. João era o pilar seguro daquela terra, ainda que todos viessem do mesmo ninho, as asas já alçaram voo.

Quebrando o silêncio, Alfredo convocou os irmãos para uma reunião ao fim da refeição. Cora permaneceu estática, enquanto os membros da família se encaminharam para a sala. Relegada ao esquecimento, depois de algum tempo, Cora seguiu para o quarto do filho, e sentada no chão junto aos pés da cama do menino, ela segurou os joelhos entre as mãos, sentindo a tristeza esmagar o peito.

O silêncio dos filhos de João a feriam mais que mil palavras, pois ela já fizera parte da família uma vez. Sabia que o seu pecado não tinha perdão, pois a única pessoa que a amou de verdade, já não mais existia. Lágrimas silenciosas transbordavam de seus olhos, e morriam em suas mãos, quando ouviu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a voz do filho chamando-a baixinho. O som inconfundível arrancou-a da triste solidão, e ela agradeceu intimamente por aquela dádiva abençoada.

Por algum tempo, os dois permaneceram abraçados sob as cobertas revoltas, até que pressentiram a presença de alguém no quarto. Bernardo sorriu serenamente à governanta, antes de ela informar com gravidade.

- Desculpe perturbá-la, mas os filhos do senhor João querem conversar com a senhora. E, já se preparam para partir!

Intimamente, Cora se perguntou de onde tiraria forças para receber o seu castigo! Bem, para quem sempre viveu no inferno, já estava na hora de sair do paraíso.

Deixando o filho aos cuidados da mulher, Cora se encaminhou de queixo erguido ao encontro derradeiro. A cabeça reagia com lucidez, mas o coração sofria mais aquela grande perda. Por um breve período, sentiu fazendo parte da família

PERIGOSAS ACHERON

especial; agora sabia que fora apenas ilusão.

À porta da sala ela parou, e observou por um momento a família reunida em silêncio. Sentado no confortável sofá da sala, ao lado da esposa, Alfredo mediu-a com frieza glacial, mas nos olhares de Gertrudes reluziam um misto de ódio e asco, que a arrepiou.

Antônio desviou o olhar como se tivesse dificuldades de raciocinar claramente, mas Rosa lhe concedeu um meio sorriso, propondo remissão ao que viria a seguir. Sufocada em dor, Cora atravessou o recinto e parou no meio da sala, olhando os próprios pés, e esfregando os dedos trêmulos.

Um soluço estrangulado escapou dos lábios de Melina, atraindo a atenção de todos e arrancando suspiros impacientes de Gertrudes, que imediatamente quebrou o silêncio propondo o fim da contenda deprimente.

-Tenha paciência cunhada; vamos acabar logo com isso! Já sabemos porque esta impostora se

infiltrou nesta casa!

O fel da maldade escorria das palavras daquela mulher, mas Cora não se sentia ferida, pois já não esperava misericórdia. Encarando Cora com rigidez, a mulher concluiu enfática.

-Agora sabemos que a desavergonhada fugiu da casa do marido, para cair nos braços de outro homem. Vocês não veem que o seu pai caiu feito um tolo nas garras dessa aí?!

Antônio se levantou exaltado e enfrentou a cunhada com secura.

-Agora já basta Gertrudes! Vamos manter a compostura. Eu acredito que papai também sabia da verdade quando inventou o casamento!

Alfredo também levantou-se, e enviou-lhe um olhar de advertência. Bufando contrariada, a mulher atravessou a sala com passos rígidos, mas ao batente da porta ela ainda enviou um olhar ferino a Cora, e emendou impaciente.

-Vou arrumar minhas coisas, quero sair daqui o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais rápido possível! E espero que vocês a expulsam-na como ela merece!

Em seguida ela desapareceu no interior da casa, deixando em seu rastro um vácuo aterrador. Depois de alguns segundos de silêncio, o clima pareceu serenar. Enfim, como se já tivessem em comum acordo, e como todos prosperavam na cidade, Alfredo informou que venderiam a fazenda, e se possível, que o comprador assumisse os empregados e tudo que tivesse sobre as terras. Entretanto, não tinham planos para Cora, embora sugerissem, ainda que sutilmente, que ela voltasse para o marido, tendo em vista que ainda estava casada. Enfim, Cora estava novamente nas mãos do destino.

À saída, Alfredo tomou as mãos de Cora em despedida, e falou baixinho, quase um pedido de desculpas, trazendo lágrimas ternas aos olhos dela.

-Vai levar algum tempo até que consigamos vender a fazenda... Portanto terá tempo para decidir o seu caminho!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O calor das mãos dele atravessou a pele e alcançou o coração. No brilho do olhar dele, Cora pode ver que ele não a recriminou, mas o vínculo findava ali. O silêncio irrompeu na terra à saída dos familiares de João. Até o vento serenou na campina. Os pássaros se calaram e os animais não pastavam mais. O cavalo de João, sua grande paixão, permanecia estático, à espera do dono, e ninguém conseguia convencê-lo a entrar na estrebaria.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16

Semanas se passaram sem qualquer mudança na fazenda, e os peões comandados por Godofredo continuavam trabalhando normalmente, a espera de novos comandos. Agora todos sabiam do passado de Corina, mas ninguém mencionava o fato. Godofredo e sua esposa eram os únicos que conheciam a verdade, ou quase toda. Muitos detalhes do passado, apenas João conhecia.

Esperando ter o controle da sua vida finalmente nas mãos, Cora vagava entre a casa e o escritório; mas, todos os caminhos se perdiam num vácuo desordenado da própria consciência. Então que futuro poderia conceder ao filho se ela mesma se sentia perdida!

Tirando-a da constante aflição, o ronco do motor de um automóvel se aproximando da fazenda

PERIGOSAS ACHERON

a aterrorizou. Agora, já não podia contar com a proteção de João, e ninguém a salvaria do poder que aquele homem representava em sua vida.

Depois de estacionar o carro no pátio, Blazio praticamente pulou para dentro do escritório. Cora quase desmaiou com a presença maciça daquele homem, mirando-a com a ferro. Como uma tempestade repentina, a atmosfera pesou sob suas cabeças, até perceberem a presença de Godofredo cercando Cora com cuidado. Blazio respirou pausadamente, e se aproximou lentamente da escrivadinha que sustentava o frágil peso de Cora, que em pé, observava ele avançar no recinto como uma pantera. Com proteção, o capataz se interpôs entre eles e inquiriu atento.

-O que faz aqui!...?

Blazio estacou, e enfrentou o capataz com determinação. Depois de um momento, ele buscou os olhos de Cora estacada atrás do velho amigo, e falou controlado, apontando-a com um gesto de cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

-Vim conversar com ela!

Sem intimidar-se, o velho contrapôs seguro.

-Aqui, ela só fala com quem quiser!

Depois de um momento avaliando as consequências, Blazio concluiu seco.

- Ela sabe que precisamos conversar...

Sim, ela sabia, mas não queria jamais. Uma eternidade se passou num segundo, até que Cora conseguisse respirar novamente. E as mãos estavam tão geladas quanto o coração, diante da figura rígida, estacado no meio do escritório outrora sereno.

Depois de todos aqueles anos escondida, certamente agora pagaria o preço renegado. Sabia que já não podia fugir do destino, estava arruinada, e ligada de uma forma irremediável àquele homem intransigente. Ele jamais concederia misericórdia. Enfim, ninguém mais sofreria em seu lugar. Tocando o ombro amigo, Cora agradeceu.

PERIGOSAS ACHERON

- Sim...; obrigada senhor Godofredo!

O velho observou o semblante pálido de Cora, por um momento, antes de sair da frente de Blazio. Porém, antes de se afastar, o capataz informou que ficaria do lado de fora do escritório, caso ela necessitasse. Cora agradeceu com um breve mover de cabeça, e encarou Blazio com obstinação.

-Esperei longos anos por esse momento! Você não sabe o quanto eu te procurei...!

Na voz grave de Blazio, havia um misto de rancor e glória, intrigando-a ainda mais. Analisando-o longamente, Cora percebeu que ele envelhecera. Os cabelos grisalhos nas têmporas, e rugas em torno dos lábios, acrescentaram severidade ao semblante austero. Porém, os olhos dele exibiam traços de rancor, e algo que Cora não conseguia compreender. Sabia que estava perdida, como sempre estivera, e não compreendia porque ele permanecia calado apenas olhando-a.

Porém, nos gestos comedidos das mãos grandes, ela sabia que Blazio se segurava para não

quebrar o seu pescoço. Então, instintivamente, ela protegeu o pescoço com as mãos, e inalou profundamente para não cair sufocada. Percebendo-lhe o pavor, Blazio deu um passo para trás e falou controlado.

-Vim levá-la para casa... nem tente resistir!

Cora continuou mirando-o em desespero, enquanto se refugiava ainda mais atrás da escrivaninha. De seus lábios trêmulos, o som estrangulado da voz sumida, registrou todo o seu pavor.

-Jamais voltarei!

- Não seja impertinente; sabe que você é minha propriedade! Eu sou o seu marido até o fim de nossos dias... Nada vai mudar isso! Tenho poderes para arrastá-la até em casa.

O casamento não era um laço de igualdade para as mulheres. Os homens prendiam suas esposas com grilhões de aço, se assim o quisessem. E Cora já experimentara de inúmeras maneiras, os laços matrimoniais.

-Nunca irei de boa vontade...!

Por um longo momento ele ficou apenas olhando-a de cima a baixo, tentando ainda identificar a criança magricela que um dia ele tomou como esposa. E por todos os demônios, ela ainda trazia no olhar a mesma obstinação, além da beleza exuberante de mulher. Por certo, moveria céu e inferno para reavê-la. Mas, não era tolo de arriscar-se a perdê-la novamente.

-Sim; você irá... ou nunca mais verá o nosso filho!

Cora cobriu a boca com as mãos para abafar um grito de dor. Que o inferno o tragasse às profundezas! Jamais permitiria que ele cumprisse a promessa.

-Você não faria isso...?

Ele apenas continuou olhando-a com passividade, e num desespero crescente, ela concluiu que ele cumpriria o juramento com facilidade.

-Monstro...! Do que você é feito! Não pode me obrigar... nem sabe se o filho é seu?

Diante do blefe, ele soltou uma sonora gargalhada. Porém, o riso não alcançou seus olhos rígidos, enquanto encarava-a com obstinação. Colocando a mão no bolso do paletó, ele retirou da carteira um papel amarelado e estendeu na direção dela.

Impresso no papel, uma criança de uns cinco anos sorria ante os olhos abismados de Cora. Alucinada, ela tentava imaginar como ele conseguira aquela foto de Bernardo? Não lhe dera oportunidade, pois os fotógrafos eram raros e jamais vieram a fazenda de João. Apenas na festa do casamento foram tiradas algumas fotos; então! Ao erguer os olhos do papel, ela compreendeu que a cópia fiel de Bernardo, era ele próprio. Por isso ele nem perguntou, bastou ver o menino para comprovar a verdade.

O chão se abriu aos pés de Cora, e a escuridão a tragou. Por alguns segundos, apenas a escuridão a abraçou, até sentir tapas delicados no rosto,

PERIGOSAS NACIONAIS

trazendo-a a cruel realidade. Segura por braços fortes, Cora despertou com o rosto perigosamente recostado no peito daquele homem intolerante. Inesperadamente, a masculinidade evidente transpassa as roupas refinadas dele, arrancando fagulhas dolorosas da recordação. Num frenesi rebelado, ela se desvencilhou do abraço e gritou, tentando se manter acordada.

-Você... Você!

Incapaz de se equilibrar sobre as pernas bambas, ela se jogou na cadeira, vivenciando o mais terrível pesadelo. Agora ele sabia, então como persuadi-lo a deixá-la.

-Deixe-me aqui... Por favor!

Com o rosto esculpido em granito, ele não se moveu do lugar, e por um longo momento mirou o rosto dela, transfigurado em pavor. Então, sem misericórdia, ele informou o veredicto.

-É, como já lhe disse, vou levar o meu filho. Você não tem alternativa, senão vir comigo!

PERIGOSAS ACHERON

Lágrimas transbordaram dos olhos dela e escorreram como cascata pela face pálida, ante a sentença promulgada, enquanto ele apenas a observava inabalável. Engasgada em soluços e desespero, ela murmurou baixinho.

-Prefiro morrer!

Blazio arrumou os cabelos rebeldes de sobre a testa, com impaciência e desgosto. E, depois de longo momento fitando-a friamente, ele informou-a rudemente.

-Você não me deixa escolha! Voltarei em breve para buscar o menino!

-Nunca o deixarei ir...!

Cora gritou quando ele virou-lhe as costas, e partiu tão intempestivamente quanto tinha aparecido. Os dias seguintes se sucederam num infundável sobressalto a cada cavaleiro que aparecia por aquelas bandas.

Para piorar a situação caótica da fazenda e desespero de Cora, dias após a saída intempestiva

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de Blazio, um veículo adentrou pela propriedade em alta velocidade. O ronco do motor fremiu não somente a atmosfera serena da propriedade, mas também o coração de todos.

Do veículo possante, um homem robusto desceu, olhando tudo em volta com muito interesse. O velho administrador se apresentou, questionando o interesse, já que nunca o havia visto por aquelas bandas.

Em poucas palavras, e ante os olhos abismados do casal de administradores e de Cora, o homem falou que era o novo proprietário da fazenda. Um gemido estrangulado escapou dos lábios de Cora, enquanto buscava apoio nos ombros alentados da governanta.

Durante o resto do dia, Godofredo mostrou a propriedade ao senhor Sebastião, o novo fazendeiro, e todos os animais que haviam nos estábulos. Aquela noite, o novo proprietário pousou na casa grande e dormiu no melhor quarto da fazenda. No antigo quarto da primeira esposa de João, ao qual mantinha-se impecável. Depois do

PERIGOSAS ACHERON

jantar, ao reunir-se com o casal de administradores e Cora na sala de estar, “ele também não questionou a presença de Cora na casa”. Era como se ele já soubesse exatamente de quem se tratava.

Por alguma razão, Cora se entristeceu ao constatar o pouco valor que os filhos de João davam ao seu legado. Tudo por quem ele sempre lutou, não obtinha qualquer importância. Enfim, ela concluiu que, talvez eles tivessem razão. O que importava na verdade, eram as pessoas, os bens materiais sempre ficavam para trás.

Já nas primeiras horas do dia seguinte, com a ajuda do senhor Godofredo no escritório, o novo proprietário ficou a par de todos os negócios ao qual adquirira. Porém, no fim do dia antes de se afastar em direção ao aposento, o homem pediu que o capataz reunisse todos os funcionários nas primeiras horas da manhã seguinte, para uma reunião.

Depois de passar quase o dia inteiro separando a papelada para serem analisados pelo novo fazendeiro, Cora finalmente teve um momento de

descanso junto do filho, relegado ao quintal com seus bichinhos de estimação, pois ela precisava ter um momento de serenidade, antes da reunião nervosamente aguardada.

O clima dentro do escritório beirava ao desespero emudecido dos funcionários, ante a figura atarracada do novo proprietário atrás da escrivaninha. Movendo-se inquietos, os bravos homens esperavam o veredicto, enquanto o fazendeiro procurava saber os nomes e funções de cada um. Depois de analisar toda a papelada, ele foi chamado-os pelo nome cada um daqueles homens, e reintegrando a nova contratação. Em alto e bom som, ele também os informava que suas ordens não estavam em questionamento.

-Para quem quiser continuar aqui, sejam bem-vindos; e para os que quiserem partir, fiquem à vontade.

Depois que todos saíram do escritório, Cora observou o ambiente vazio com aflição crescente por não ter sido mencionada. Logo, o silêncio sufocante foi quebrado, quando o homem se

levantou para sair. Então emergindo do desespero Cora o deteve junto à escrivaninha.

-E eu...? O senhor tem algum trabalho para mim?

Imediatamente, o homem estacou e olhou-a detidamente por um minuto, antes de abrir a pasta em que manuseava documentos, tirou um envelope pardo com o selo do banco federal e o estendeu.

-Isto é seu. Alfredo mandou que eu o entregasse em mãos. Quanto ao seu pedido, na verdade, eu não preciso dos seus serviços.

-Não...!

Engolindo em seco, ela torceu os dedos nervosa e apertando o envelope em desespero crescente, apontou o escritório com um amplo gesto de mão.

-Posso cuidar da contabilidade. João me ensinou tudo...

-Eu mesmo faço isso!

PERIGOSAS NACIONAIS

Cora quase desmaiou de aflição. Céus, o que faria sem trabalho? Precisava ir embora. Então, insistiu ao vê-lo determinado a partir.

-Por favor; faço qualquer coisa na casa!

O velho se voltou e enviou-lhe um olhar impaciente, e pouco cordato. Depois mirou-a dos pés a cabeça como se ela fosse uma decaída.

- Sei quem você é. Conheço o seu passado! Não ficará muito tempo por aqui.

Cora estremeceu arrependida por ter se humilhado. E, sentindo-se miserável, ela se questionou intimamente, porque todos pareciam conhecer o seu passado, e o seu futuro, menos ela. Por fim, num gesto condescendente o velho fazendeiro concluiu cordato.

- Pode ficar por enquanto. Talvez possa me ajudar com a papelada. Será remunerada de acordo com a sua capacidade.

Cora soltou a respiração presa na garganta e aceitou os termos com alívio.

PERIGOSAS ACHERON

-Aceito!

Com um breve mover de cabeça e um riso frouxo, o velho saiu deixando-a na mais completa inércia. Intoxicada no próprio pavor, Cora só conseguiu respirar quando o ronco do motor do carro do novo proprietário desapareceu na curva da estradinha de terra, às cercanias da sede. Sentando-se pesadamente na cadeira, ela sentiu o envelope queimar seus dedos, numa angústia crescente. O que Alfredo lhe enviara com tanto cuidado.

Ao rasgar o envelope, seus dedos tremeram incontroláveis, ao tomar a folha de papel referente a conta bancária, e a soma de dinheiro impressa nela, Cora quase caiu dura da cadeira. Anexo havia um bilhete escrito com a caligrafia de Alfredo, que dizia apenas. Papai não a deixou desamparada.

Cora chorou copiosamente até não aguentar mais, ante o gesto grandioso de João, que deixou o seu filho assegurado. O presente poderia estar um caos, mas o futuro do menino garantido graças à providência de João.

PERIGOSAS NACIONAIS

Os dias transcorreram numa sucessão de reformas e organização, na casa e estábulos, com as ordens do novo patrão. Por quase uma semana, o proprietário retornou sozinho, mas a casa ferveu em atividade, quando ele retornou à fazenda com a sua família numerosa. Esposa, duas filhas adultas e dois jovens adolescentes, fervilhavam em expectativa e aventuras diárias.

Agora, Cora era uma simples funcionária, e precisou deixar os aposentos principais da casa para a família do novo proprietário. Com a ajuda de Dona Alexandra, ela mudou-se com as coisas do filho para o quartinho nos fundos da propriedade. A criança parecia não perceber que perdera sua cama confortável, nem que dividiria a cama estreita com a mãe. E ficou até feliz, porque a janela e a porta do minúsculo aposento se abria para o terreiro das aves domésticas.

O aroma das flores do jardim ficaram para trás, assim como qualquer outra regalia que já tivera na casa. Agora era o odor das galinhas que ardiam em suas narinas, e pela madrugada afora acordava de hora em hora com o clamor dos galos carijós, do

PERIGOSAS ACHERON

outro lado da parede.

Ao lado do senhor Sebastião, o novo proprietário, Cora organizava o arquivo e toda a papelada existente nas pastas depois de estudar cada folha de papel. Enquanto ela passava o dia inteiro no trabalho, Bernardo ficava aos cuidados da governanta e restrito ao quintal dos fundos, para não perturbar a família esnobe.

Ainda assim, com a testa franzida de aborrecimento, as moças se queixavam ao pai, do riso frouxo do menino, brincando com os animais nas primeiras horas da manhã. Envoltas em cetim e rendas, as beldades de vinte e poucos anos, desejavam dormir até quase meio dia, mas o menino importunava-as com a sua gritaria matinal.

À noite, a réstia de luz da lua, através das frestas das paredes de madeira do quartinho, quebravam o negrume do ambiente frio, enquanto Cora e o seu bebê dormiam abraçados, tentando amenizar a saudade de João. Lançada ao infortúnio novamente, Cora apenas lamentava arrastar o filho a sua sina, enquanto observavam com tristeza,

outras pessoas usufruir os benefícios que um dia foram seus.

Encerrada no escritório, Cora mal cruzava com a família do fazendeiro, mas percebia seus olhares pouco amistosos a distância. A matriarca, uma senhora avantajada de pele leitosa, exibe suas formas em trajes coloridos e vistosos. Os cabelos louros platinados, estavam sempre presos num coque elaborado e o batom rosa contrastava com a alvura da pele clara. Nas poucas vezes em que a mulher entrou no escritório a procura do marido, pareceu abominar a proximidade de Cora com o fazendeiro, porém nem lhe dirigiu a palavra, porque, ela e suas filhas mantinham uma distância razoável dos serviçais.

Trabalhar ao lado do fazendeiro era um exercício de paciência diária e resignação, pois ele exigia aos gritos soluções que não estavam ao seu alcance, pois o manuseio de alguns materiais nunca estiveram sob a sua supervisão. A fazenda estava repleta de cavalos, e a cada dia eram vendidos e comprados inúmeros animais. Mas o homem queria saber quanto de alimentação cada animal consumia,

e onde poderiam economizar. O capataz poderia responder a essas perguntas, pois eram seus homens que enchiam os cochos de feno. Então porque ele continuava gritando ante o seu silêncio aterrador.

-Como a senhora desconhece assuntos primordiais de abastecimento...? Pois saiba, que assim de pouco me serve.

Cora estremeceu mantendo a cabeça abaixada, enquanto o velho desaparece bufando do escritório. Uma lágrima quente despencou lentamente de seus olhos verdes, mas ela secou-a rapidamente, pois não tinha tempo a perder com lamentações. Tudo o que precisava fazer era encontrar um meio de solucionar aquela grande falha.

Tirando-a do devaneio atordoante, o som de um veículo aproximando-se da propriedade a alertou. Estática no meio do escritório, ela esperou o inevitável confronto, pois aquele som estava gravado a fogo na memória.

O som de passos nos degraus retiniam igual as

PERIGOSAS NACIONAIS

batidas do coração, e seus olhos encontraram os do homem parado à soleira da porta. (Céus, ele viera mesmo buscar o seu filho!) Jamais abriria mão do pequeno Bernardo. Aquele homem não poderia ser tão cruel! Em desespero, ela o questionou com o olhar transbordando de dor.

Com passos lentos, ele adentrou o recinto sem desgrudar os olhos dos dela, e lhe estendeu um papel timbrado. Incapaz de imaginar o conteúdo impresso naquela folha de papel, Cora deu dois passos para trás, na esperança de negar o seu destino.

Com determinação, Blazio avançou em sua direção e obrigou-a a aceitar o papel. Com olhos embaçados pelas lágrimas, ela leu apenas o requerimento pela custódia temporária do filho. Desesperada, ela o censurou negando veementemente, com um meneio de cabeça, enquanto um soluço estrangulado emergia de sua garganta seca. Quando implacável, Blazio tomou o papel das mãos dela e falou determinado.

-Vá buscar o meu filho; agora!

PERIGOSAS ACHERON

- Nunca!

-Por bem ou por mal, eu o levarei daqui... com ou sem você! Posso voltar aqui com a Polícia e uma petição. Mas, pense bem; acredito que seria bem pior para o garoto.

Então num repente, sem piedade ele agarrou o pulso dela com dedos de aço, obrigando-a segui-lo. Blazio nem se abalou com a rebeldia estridente dela, enquanto a arrastava para fora do escritório, em direção a casa grande. Ante o alarde histérico que irrompeu na propriedade, Blazio não a libertou, nem quando o fazendeiro gritou para que a soltasse. Nem quando o capataz apareceu num repente e tentou livrar o braço de Cora de suas mãos, e foi severamente rechaçado com o olhar.

-Pare senhor Blazio, o que pensa fazer?

Sem interromper o trajeto determinado, Blazio apenas informou contrariado o que pretendia e ninguém poderia impedi-lo.

-Por bem ou por mal, eu levarei o meu filho! Cora vai trazê-lo aqui... ou eu mesmo o pegarei.

Praguejando-o a plenos pulmões, Cora gritava que jamais o faria. O seu alarde infernal irrompeu na casa, reunindo ao pátio a família e todos os peões que se encontravam por perto. Porém, quase todos assistiam apáticos a contenda ameaçante.

Em desespero, Cora olhava-os imaginando porque ninguém a socorreria daquele monstro? Logo ela percebeu que, "marido" tinha direitos que poucos ousavam contestar. Então, ela se viu perdendo a batalha, mesmo antes de começar. Ao batente da porta da sala, Blazio a libertou abruptamente.

Desequilibrada, Cora estatelou-se no chão encerado, aos pés da governanta. Sem forças para se erguer sozinha, ela foi amparada pelas mãos carinhosas da mulher, que em lágrimas, também já sentira na própria carne, o futuro atroz daquela casa.

Sem conter o pranto, Cora atravessou a casa e alcançou o terreiro dos fundos, onde a criança brincava, e tomando-o nos braços, chorou

PERIGOSAS NACIONAIS

copiosamente em desespero. Bernardo também soluçou tristemente, porém não compreendia o que estava por vir.

Depois de um longo momento de desespero, tentando elucidar a mente de Cora para uma solução futura, a governanta colocou as coisas da criança dentro de um saco de viagem. Cora jamais estaria preparada para deixar o seu bebê nas mãos daquele completo desconhecido. Então, porque as coisas estavam se encaminhando exatamente para aquele fim?

Sentadas na beirada da cama precária onde Cora e o menino dormiam, as mulheres tentavam encontrar uma saída para aquele grande problema, quando perceberam a presença de Blazio ao batente da porta. O olhar dele percorreu a precariedade do aposento com a testa franzida. Aquele ambiente poderia servir como chiqueiro, nunca um quarto de dormir. Porque Cora insistia em ficar?

Quando seu olhar pousou nas mãos unidas das mulheres, ele compreendeu o significado do gesto. Porém já estava decidido.

PERIGOSAS ACHERON

-Ele já está pronto?

Em desespero, Cora agarrou o filho no colo, tentando fazê-lo desistir da ameaça. Mesmo com o choro compulsivo da criança, Blazio tomou-o a força dos braços da mãe. Em soluços desesperados, Cora agarrou os braços dele, tentando detê-lo, mas aquele homem rigoroso continuou seu caminho pelo terreiro, arrastando o saco de viagem do menino, e Cora agarrada em suas pernas. Como uma felina acuada, Cora agarrava sem sucesso as roupas, braços e pernas de Blazio, para impedi-lo de acomodar o desesperado Bernardo dentro do automóvel, estacionado no pátio da sede.

-Por favor, deixe-o ficar comigo...!

Indiferente, ele a encarou e ordenou com os dentes serrados de aborrecimento.

-Venha comigo... Agora!

Cora se deixou cair ao chão sem forças para resistir tal crueldade, enquanto o frio glacial atravessava seus olhos como uma névoa negra. Em soluços, ela sacudiu veementemente a cabeça em

PERIGOSAS ACHERON

negativa e em prantos ela ficou estirada ao chão, enquanto ele manobrava o carro no pátio. Erguendo a cabeça, Cora avistou-o através da janela do automóvel dizer-lhe com gravidade, que se quisesse vê-los, sabia onde encontrá-los.

-Estaremos lhe esperando! Sempre...

Cora apenas gemeu infeliz, quando o carro desapareceu na curva da estrada. Unindo-se à tristeza dela, a governanta sustentou-a através do quintal em direção ao quartinho, e permaneceu ao seu lado, até que Cora adormeceu fatigada.

O resto do dia, Cora ficou largada na cama e varou a noite em pesadelos aterrorizantes, até o amanhecer; porém com o raiar do dia ela nem se mexeu. Em suspiros entrecortados, só havia um sentimento maior que a tristeza lhe invadindo, desejava morrer. Mesmo com toda a insistência da governanta, Cora não conseguia nem pensar em comida ou água; sentia-se apática e seca, como se a alma já a tivesse abandonado. Apenas a lembrança de Bernardo gritando por ela, e esperneando no interior do carro, a fazia estremecer.

PERIGOSAS NACIONAIS

Por todo o dia, apenas a governanta vinha lhe fazer companhia, sempre que conseguia uma folguinha dos pedidos intermináveis das novas residentes da casa. Enfastiada, a mulher desabafou, que a casa tornou-se um inferno para os empregados, depois que aquela gente se estabeleceu ali.

- Nunca vi criaturas mais aborrecidas! Só não vou embora por causa do Godofredo. Onde ele trabalhará...? Sei o quanto é difícil encontrar trabalho por essas bandas.

Cora sabia que a amiga estava coberta de razão, porque aquelas moças a escravizam sem parar com pedidos absurdos, fazendo-a correr o dia inteiro de um canto a outro da casa. Dona Alexandra já estava com idade avançada, tanto quanto o marido, mas o trabalho ainda se fazia necessário. Mas a luta de Cora com os novos donos, não era diferente no escritório, enquanto ela lidava com as impertinências do patrão.

Além disso, ele também estava deixando os peões loucos com suas intervenções pouco

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

produtivas. O homem entendia pouco do negócio, e queria tirar vantagem ou ganhar alguns trocados em tudo. Por avareza, dele prejudicava o bom andamento do trabalho e até as negociações, além de aborrecer os funcionários. Tirando-a da inerente apatia, Dona Alexandra a informou com gravidade.

-Me desculpe meu bem! Mas o patrão exige a sua presença no escritório; parece que não encontrou papéis que estava verificando ontem.

Cora gemeu entristecida. sentia-se doente para enfrentar uma discussão com o patrão, mas se quisesse permanecer ali, precisava engolir a dor e seguir o seu destino. Como sempre fizera.

Ainda não sabia como, mas reaveria o seu filho a qualquer custo. Infelizmente, mãe solteira, era vista como uma decaída, e o filho seria apontado com escárnio por onde quer que andasse, na escola, na igreja ou na rua. Mas a situação seria outra, se resolvesse voltar para a casa de Blazio. Agora sentia-se preparada para enfrentar qualquer embate, pois da criança ingênua que todos conheciam, não restou mais nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sentindo-se seca de qualquer sentimento, Cora atendeu às exigências do patrão até a noite cair densa sobre a terra. Ela não tinha comido nada durante o dia, e ao ver o prato de comida sobre um banquinho ao lado da cama, ela agradeceu intimamente a bondosa governanta.

Aquela hora Dona Alexandra e o marido já deviam ter ido para casa, mas em sua grande bondade antes de partir, trouxe-lhe o jantar. Fora sempre assim, a bondosa mulher estivera ao seu lado nos piores e melhores momentos naquela casa. Um pouco de alento invadiu o coração de Cora, enquanto devorava a comida saborosa.

Ao fim da refeição, Cora se jogou sobre as cobertas, imaginando o que Bernardo estava sentindo com a mudança brusca. Ainda podia lembrar-se claramente do dia em que também fora arrancada da casa dos pais, por aquela mesma família, sem importarem-se com o ferimento causado. Se Blazio imaginava que ela sofria, estava muito enganado, quem mais sentia era o inocente sequestrado. Em prantos, ela desejou tomar o filho nos braços e niná-lo até dormir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Durante o sono agitado daquela noite, lhe veio uma réstia de esperança, enquanto um plano arriscado começava se organizar na memória. Já não fazia sentido continuar naquela casa. Então, quando encontrou a governanta apressada em atender as mulheres, Cora a chamou e explicou os planos que tinha na cabeça. A princípio, a mulher rejeitou a proposta, mas ficou de pensar no assunto.

O plano era maluco, mas se conseguisse levar consigo o casal de amigos para trabalhar na propriedade de Blazio, talvez conseguisse sobreviver à provação. Além disso, eles adoravam o pequeno Bernardo, e estavam sofrendo com a situação daquela casa, pois sempre trabalharam com um patrão benevolente, e não estavam conseguindo lidar com o tratamento humilhante. A moradia de Godofredo e sua esposa ficava próximo ao vilarejo local, quase à mesma distância da fazenda de Blazio. Então, Cora só precisava convencê-los.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17

Envolvida com o trabalho, Cora imaginava um meio de sair daquela casa com um mínimo de dignidade, embora estivesse lhe custando deixar o lugar lindo, onde as recordações faziam seu sangue correr mais rápido nas veias; a essência daquele amor desaparecia, ao se deparar com os rostos desconhecidos, a cada manhã.

Munindo-se de coragem, Cora falara ao novo patrão que estava partindo. Ele mal desviou o olhar dos papéis que analisava, ao murmurar a sua aprovação.

-Sim!

-Vou levar o meu cachorro!

O velho sacudiu os ombros com indiferença,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto meneava a cabeça. Sem mais nada a declarar, ela só tinha um caminho. Depois de encher o saco de viagem com as suas roupas, ela já estava pronta para partir.

Ao procurar a governanta para despedir-se, Cora entrou na casa pela última vez. Andando silenciosamente pelos cômodos, ela percorreu a cozinha e sala de jantar apreciando as lindas porcelanas delicadas enfileiradas na cristaleira, já sentindo uma saudade antecipada. A casa parecia vazia e muito silenciosa, porém quando ela já estava para sair apressada, uma voz furiosa atravessou a sala e a alcançou.

-O que você está fazendo aqui? O seu lugar é lá fora...!

Uma das garotas, a mais nova e ranzinza, gritou ao atravessar o vão da porta, trazendo ao seu alarido as outras mulheres da família para junto dela. Sentindo-se miserável ante o olhar reprovador, Cora empalideceu tentando encontrar um meio de esclarecer sua intromissão; porém, sentindo que as esnobes não mereciam qualquer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

explicação, ela recuperou o controle das emoções e as enfrentou com obstinação, e de queixo erguido rebateu indiferente.

- Eu não quero absolutamente nada com vocês!

Seguinte as palavras, Cora relanceou um olhar em torno dos móveis da sala, rodou nos calcanhares e desapareceu das vistas delas. Sentindo o sol da manhã banhar seu rosto, Cora suspirou longamente infeliz, até sentir o abraço de Dona Alexandra envolvendo-a com carinho. Num soluço triste, Cora revelou que estava partindo.

-Não posso ver a propriedade nas mãos dessas pessoas... Estou indo embora!

Depois de um momento de silêncio, a mulher revelou que falara com o marido e que, talvez aceitassem a oferta de partir também. Cora exultou tomando as mãos da mulher entre as suas, sem conter a esperança.

-Vamos agora mesmo falar com o senhor Godofredo...! Sim, vai ser o melhor para nós!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando as mulheres entraram esbaforidas no celeiro, alguns peões voltaram suas cabeças com interesse, porém Godofredo compreendeu que os seus dias ali terminaram.

Tanto o cão, quanto os dois cavalos especiais Cora jamais os deixaria para trás. A princípio o senhor Sebastião se recusou em deixar os cavalos saírem da fazenda, mas ela mostrou-lhe que eles lhe pertenciam por direito.

Depois de muito cogitar, o velho então propôs que ela aceitasse os animais em troca dos salários do mês, dela, e dos administradores. Além disso, o velho insinuou que conhecia a reputação de Blazio, e daria um jeito de cobrar tostão por tostão, o valor dos cavalos.

Numa atividade vertiginosa, em poucas horas, os três deixavam para trás a terra que tanto amavam, sentados sobre a boleia da carroça de Godofredo. A jovem égua baia, presente de João quando Cora aprendera a cavalgar sozinha, agora formava uma bela parelha com o garanhão negro de João. Com o coração retinindo no peito, eles

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seguiram pelas estradinhas de terra batida num compasso lento e ritmado. Bandite também corria atrás da carroça, como a pressentir um novo destino. Cora e os velhos empregados, sentiam a tristeza invadir seus corações, ao deixar a casa que um dia proporcionou-lhes aconchego. Porém, depois da perda de João, compreendiam que tudo na vida chega ao fim!

Ao fim da tarde, Cora sentiu o calafrio percorrer a espinha, ao pisar na terra que um dia a oprimira tanto. Seu retorno à prisão inerente, era exclusivamente por causa do filho; e somente por ele, Cora moveria céu e inferno para reavê-lo. Seu coração batia rápido ao imaginar a cara de Blazio ao vê-la ali.

Os sentimentos dedicados a ela no passado, eram muito diferentes dos que lhe foram dedicados na casa de João. Desde a infância, ela jamais obteve um pouquinho de caridade, além da inerente negligência. Lágrimas quentes escorriam de seus olhos ante a paisagem ampla, e a casa vistosa da família Teixeira. Sobre uma suave elevação, as estruturas da casa pareciam ainda mais resistentes

PERIGOSAS ACHERON

do que se lembrava, e havia mudanças significativas em toda parte que ela olhava.

Através das janelas abertas, as cortinas moviam-se ao sabor da briza fresca, e a fumaça subindo da chaminé, sugeria alguém em casa, mas o silêncio imperava.

O som das rodas da carroça retiniam os ouvidos de Cora, prevendo que o barulho de sua chegada a deletasse antecipadamente. Finalmente, quando a carroça parou no terreiro junto ao portão do pátio, ela aguardou com a respiração em suspense a aparição de alguém. Intimamente, um temor maior que a razão gritava em seu peito, como um alerta vital. Esperava ver Blazio vir ao seu encontro, com um brilho triunfante no olhar.

Porém, quem apareceu à frente do portão, com alguma reserva e incredulidade, foi a tia Eleonor. Cora empalideceu ante o olhar duro da mulher. E, como saído do inferno, esgueirando-se por detrás da mãe, Rosalva surgiu, e o seu grito de pirraça ecoou na campina silenciosa, e aterrorizou os recém-chegados. Cora havia alertado o casal de

PERIGOSAS NACIONAIS

amigos quanto a saúde mental da mulher, mas não esperou ser recebida com aqueles brados rancorosos.

Unindo-se ao alarido da mulher, Bandite também latia feroz, tentando preservar a integridade de Cora e seus amigos. Atordoados, o senhor Godofredo pulou da boleia da carroça e tomou a coleira do cachorro para acalmá-lo. Porém, o cão continuou rangendo os dentes para intimidar a mulher, que pulava e gritava feito uma bruxa desvairada.

Paralisada de terror por um momento, Cora aguardou a reação da tia Eleonor, mirando-a firmemente, enquanto tentava bloquear as investidas da filha de correr ao encontro deles. Por fim, munindo-se de coragem, Cora perguntou aflita pelo menino, porém quase não reconheceu a própria voz esganiçada.

-Onde está o meu filho!?

Eleonor apenas moveu os ombros com indiferença ao responder fria.

PERIGOSAS ACHERON

-Com o Pai.

Cora estremeceu tentando respirar. A mente buscou um mundo de possibilidades, e o coração dela quase parou, ao imaginar Blazio levando-o para a cidade. Como recuperaria o menino caso ele resolvesse viver longe dali! Infeliz, Cora perpassou os rostos cansados dos velhos amigos, e insistiu impaciente.

-Onde eles estão?

Segurando as mãos arredias da filha, a mulher respondeu sem ao menos olhá-la.

-Na lida do gado...; acho que retornam no fim do dia!

Céus! Bernardo era apenas um bebê! Como Blazio arrastava-o para a lida o dia inteiro! Cora acreditava ter amadurecido com o passar dos anos, mas sentia-se perdida como sempre estivera, desde o dia em que pisara naquela casa pela primeira vez.

Como Eleonor não se manifestasse em convidá-la a entrar na casa, Cora pensou em ir atrás do filho

PERIGOSAS ACHERON

imediatamente, mas observando o cansaço de todos, inclusive dos cavalos, resolveu esperar. Um suspiro frustrado escapou dos lábios sedentos de Dona Alexandra, e alcançou os sentidos entorpecidos de Cora. Então, numa reação imediata, Cora pediu ao senhor Godofredo para deixar a carroça próximo ao celeiro.

Ela conhecia muito bem o caminho, e para lá eles seguiram ante o olhar reprovador de tia Eleonor, e os gritos de Rosalva acompanharam-os durante todo o trajeto, até a carroça desaparecer das vistas dela. A demência da mulher parecia ter piorado, desde a última vez em que Cora trancou-a na despensa, e seus gritos provindos da clausura ainda a assombrava.

Depois de desatrelar os animais da carroça e oferecer feno e água fresca, Cora e o casal de amigos sentaram-se na pilha de feno depositado sobre o chão de terra batida. E, completamente esgotados, eles gemeram esfregando as costas doloridas. A fome corroía suas entranhas, num lembrete incômodo e incessante da precária hospitalidade. E se era uma mostra do que estava

PERIGOSAS NACIONAIS

por vir, Cora lamentava ter arrastado consigo aqueles pobres-diabos.

Envoltos num mutismo singular, os três observavam o entardecer com alguma esperança, porém, já percebiam que o convívio com aquelas mulheres ranzinzas seria difícil.

Logo a noite caiu densa sobre suas cabeças, e o breu penetrou o interior do celeiro, como um manto sinistro. Depois de acender uma lamparina a querosene, que encontraram pendurada num gancho perto da porta do galpão, Cora envolveu os amigos numa conversa franca e alusiva para o que poderiam encontrar ali. E, enquanto Cora alertava-os quanto às desvantagens a que já estavam acostumados, Bandite enroscou-se aos pés dela numa cautela vigília.

Com honestidade, Cora explicou que Blazio poderia ser bravo e intransigente, porém jamais fora desleal, cruel e mesquinho com seus colaboradores. Era assim que ele denominava os peões que trabalhavam na fazenda. Por isso, Cora acreditava que Blazio os aceitaria como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

empregados ali, e nada de ruim poderia lhes acontecer.

O senhor Godofredo conhecia a reputação do jovem fazendeiro e próspero negociante, pois ele mesmo já fechara inúmeras transações na fazenda de João. Essa fora também uma das razões pela qual aceitou a proposta de Cora. Do contrário jamais traria a esposa consigo. Além disso, o amigo e companheiro João, nunca o perdoaria se ele abandonasse Cora naquele momento.

Suas conversas brandas aliviavam o passar das horas, enquanto a noite avançava fria, quando Bandite ergueu-se alerta com as orelhas eriçadas. A longa espera chegara ao fim, e o rumo de suas vidas também.

Muito lentamente, ouvia-se o estrondo do tropel cortando a campina verdejante, ao longo da propriedade, e os cavaleiros se aproximando. Enquanto os peões reuniam as centenas de cabeças de gado nos currais de alimentação, Blazio e o seu pai, retornaram para casa num trote regular, atravessando o breu da noite, até o celeiro para

PERIGOSAS ACHERON

aliviar suas montarias esgotadas.

Com o coração batendo descompassado, Cora aguardou os homens adentrarem no celeiro parcialmente iluminado. Seus olhos buscavam algum sinal do filho, nos braços do homem robusto, segurando firme as rédeas do cavalo, assim que ele apontou à porta do galpão. Porém, em desespero, ela viu apenas Blazio parar no meio do recinto, com os olhos vidrados em seu rosto. Por um longo momento, os dois se miraram incrédulos, sem perceber a presença dos espectadores, observando-os com temor.

Sobre os braços robustos, apenas as rédeas estavam presas nas mãos do homem, porém ao pressentir algo fora do normal, uma cabecinha de cabelos encaracolados surgiu da fresta do casaco de Blazio, e seu grito de alegria encheu o ambiente como um sopro de vida no coração de Cora. A criança esperneou para deixar o casulo aconchegante, com os braços estendidos ao encontro de Cora, esticando-se na ponta dos pés para tomar o filho, dos braços de Blazio.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem forças para ficar de pé, Cora ajoelhou-se com a criança nos braços, aconchegando-o ternamente em seu colo. O choro compulsivo dos dois sacudiram as estruturas do celeiro, conforme eles matavam a saudade dos longos dias. Ante a cena comovente, Dona Alexandra também soluçou baixinho, e lágrimas disfarçadas molharam os olhos dos homens, enquanto o senhor Donato e Godofredo conduziam os cavalos ao interior do galpão, para lhes aliviar o cansaço.

Longos minutos se passaram até que Cora conseguisse deter o pranto, beijando a face infantil, extravasando em amor. Por um longo momento, a criança escondeu o rosto na cavidade do ombro dela, enquanto Cora erguia-se de pé. E numa prece silenciosa, ela percorreu o corpinho todo de Bernardo, tentando identificar alguma lesão, mas ele parecia bem, além da saudade que o invadira. Dona Alexandra envolveu o menino no colo de Cora, num abraço fraternal, sem conter a emoção.

Depois de algum tempo, Cora perpassou as pessoas a volta, quando notou a presença do velho fazendeiro, mirando-a com gravidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Reconhecendo o rosto envelhecido de Donato, ela finalmente o cumprimentou com um breve sorriso.

-Boa noite senhor! Como vai?

Ele apenas maneou a cabeça com um breve cumprimento, depois ele se voltou para o casal parado ao lado dela, aguardando o veredicto. Cora percebeu a troca de olhares significativo de Blazio com o pai, então, por fim, quebrando o silêncio constrangedor, ela soltou um longo suspiro e apresentou com voz sumida, o casal de amigos, dirigindo-se a Blazio.

-Estes são, o senhor e senhora Pereira...

-Sei quem são!

Blazio cortou seco, observando o modo como eles tentavam protegê-la. Depois do súbito agito do próprio coração, Cora respirou profundamente determinada, e completou afoita.

-Eles querem trabalhar aqui... E também é a minha condição para ficar!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Blazio mergulhou no fundo dos olhos dela por um longo momento, enquanto todos aguardavam a resposta. Com um vinco aborrecido, e ante o silêncio prolongado ela insistiu.

-Eles podem trabalhar em qualquer lugar da fazenda...

-Conheço o trabalho deles!

Blazio rebateu rígido, deixando-a ainda mais atordoada. Cora parecia vacilar sem argumento, e sentindo-se uma completa louca por acreditar que Blazio facilitaria a sua volta. Infeliz, ela voltou-se para o casal estático a sua frente, imaginando porque ele simplesmente não mandava-os embora!

O filho agitava-se no colo dela, pressentindo a atmosfera carregada entre os adultos. E com carinho, ele segurou o rosto da mãe com as duas mãozinhas e sorriu tentando amenizar seu desconforto. Porém, ele também parecia aguardar a resposta vital daquele homem que o tirara dos braços da mãe. Por fim, respirando pausadamente Blazio respondeu controlado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

-Tudo bem! Eles serão de grande ajuda aqui na fazenda.

Soltando as respirações visivelmente aliviados, o casal se entreolhou instantes antes que o senhor Donato os encaminhasse até a casa, para lhes providenciar um cômodo para passar a noite. Quando se preparavam para sair Blazio instruiu Cora a permanecer ali.

-Amanhã resolveremos a situação de vocês!

Com pesar e receio, Cora acomodou o filho nos braços da governanta, ao qual já estava acostumado, e pediu que cuidasse dele. Desejando-lhes uma boa noite, Cora despediu-se dos amigos e cumprimentou o velho fazendeiro, com um sorriso acolhedor. O senhor Donato devolveu o sorriso e saiu com um breve cumprimento de cabeça. Incentivado pelo menino, Bandite acompanhou-os; mas, ao batente da porta, ele se voltou para Cora, como a confirmar sua segurança. Ela sorriu e o dispensou, com um movimento de mão. Em seguida, o fiel cachorro correu atrás dos amigos e desapareceu na noite escura.

PERIGOSAS ACHERON

Ao sentir-se sozinha na companhia daquele homem intransigente, o recinto pareceu pequeno e aterrador. A atmosfera taciturna desabou sobre sua cabeça, como um manto negro, ante o olhar fixo de Blazio perpassando detalhadamente sobre suas formas. A fragilidade de suas pernas trêmulas já não a sustentava e só não foi ao chão porque Blazio tomou sua cintura e a acomodou sobre o fardo de feno.

O calor das mãos dele pareciam brasas á queimá-la, quando enfim ele a libertou repentinamente, como se também tivesse se queimado. Parado rígido á frente dela, como uma estátua de granito, Blazio pôs fim ao silêncio opressor.

-Então você veio...!

Cora engoliu em seco, desviando os olhos daquele homem rigoroso. Sim, ele sabia que ela viria. Agora compreendia que ele usara o filho para fazê-la voltar. O que ele faria se João não tivesse morrido? Sequestraria o menino mesmo assim? Agora compreendia porque ele estivera na fazenda

no dia em que João sofreu o ataque do coração. Com voz sumida de pavor, ela indagou sufocada.

-Foi você... que provocou a morte de João...?

Blazio permaneceu estático, apenas encarando-a com gravidade. Um suspiro impaciente escapou de suas narinas dilatadas, quando ele respondeu seco.

-Não! Provavelmente ele já estava fadado.

-O que vocês conversaram...?

Blazio caminhou alguns passos a esmo pelo galpão com impaciência. Quando falou sua voz continha agressividade impaciente.

-Muitas coisas; que não vem ao caso agora!

Pondo fim ao interrogatório, Blazio se afastou e recostou-se ao batente da porta do celeiro, observou a noite densa por um longo momento. Ao se voltar alentado, parou na frente dela e falou grave.

-Tenho vontade de espancá-la... Talvez você

PERIGOSAS NACIONAIS

não saiba, mas a sua fuga deixou um rastro de tormenta!

Na face masculina havia um furor quase palpável, e os olhos castanhos semicerrados traziam uma severa condenação. Por fim, ele suspirou profundamente e propôs alentado.

-Escute! Sei que vai ser muito complicada a nossa convivência depois da sua fuga... mas proponho uma trégua até colocarmos as coisas no lugar. Muita coisa mudou por aqui...

No fundo do coração, ela queria acreditar que poderia sobreviver sem o amor de João, e sabia que Blazio não seria capaz de curar suas feridas! Enfim, já vivera sem amor durante tantos anos! Poderia sobreviver novamente.

Com um breve mover de cabeça, e lágrimas silenciosas a escorrer de seus olhos verdes ela concordou. Se a família dele a deixasse em paz, poderia continuar vivendo um dia de cada vez. Entretanto, retroceder a velha clausura depois de conhecer o paraíso, poderia matá-la precocemente.

PERIGOSAS ACHERON

Mas, ela encontraria forças no amor do filho, e isso tinha que bastar.

Com a mão estendida em sua direção, ele a convocou determinado.

-Venha! Amanhã terminaremos essa conversa. Agora estamos todos cansados!

Cora soltou um longo suspiro, secou as lágrimas com as costas da mão e levantou-se. Porém, não tomou a mão dele estendida, e com passos ligeiros, caminhou à frente dele, em direção à porta do celeiro. O ar frio da noite sacudiu a barra de suas saias longas e a arrepiou inteiramente, ou era o terror de caminhar ao lado dele através do caminho até a residência que a alarmou!

Entrando pela porta da cozinha Cora fora envolvida por um aroma delicioso de comida. E observou a volta da mesa resistente, o velho fazendeiro travar uma conversa amistosa com o senhor Godofredo e sua esposa, alimentando o pequeno Bernardo com uma deliciosa canja.

Retribuindo o sorriso de boas vindas da criança,
PERIGOSAS ACHERON

Cora acompanhou Blazio até a tina de água fresca para lavar o rosto e as mãos antes da refeição.

Concedendo o privilégio de ela se banhar primeiro, Blazio aguardou ao lado com uma toalha de linho macio nas mãos. Ao tomar a toalha das mãos dele, seus dedos se tocaram levemente e foi o bastante para ela tirar a mão num repente. Um riso discreto distendeu o canto da boca dele, ante seu desespero, enquanto Cora secava vigorosamente o rosto com a toalha, tentando apagar o rubor colérico de suas faces. Logo ele disfarçou o riso, jogando água com as mãos em concha sobre o rosto, amenizando-o do longo e árduo trabalho.

Ao se juntarem a mesa, Cora sentou-se ao lado do filho, e tomou com prazer a tarefa de alimentá-lo, com um brilho amoroso em seus olhos, e um breve agradecimento, á bondosa Dona Alexandra.

Distraída com a tarefa de alimentar o bebê, ela mal notou a presença de Blazio ao seu lado, até sentir a perna dele descansar na sua por baixo da mesa. Acometida num pulo erizado, ela o fuzilou por um momento, ao perceber que ele apontava

para o seu prato cheio e intocado.

Logo, o aroma da comida despertou seu apetite a primeira bocada. Parecia faminta; desde o dia em que o novo proprietário se instalara na fazenda de João, que não fizera uma refeição adequada. Então, devorou até a última bocada, ante o olhar aprovador de todos à mesa.

Com o rosto enrubescido, ela abraçou o filho e escondeu-se envergonhada. Porém, logo Blazio iniciou uma conversa com os homens, e planos futuros para a fazenda. Na conversa, ele deixava claro a irrefutável contratação de Godofredo e sua esposa. Mas Cora estava muito consciente da sua presença, ao percebê-lo recostar a perna na dela sob a mesa. Sem escape e infeliz, ela constatou estar novamente a mercê das pirraças daquele homem rude, que parecia se divertir com o seu desconforto.

Tia Eleonor e sua filha, ocupando a outra extremidade da mesa, permaneciam com a boca selada durante toda a refeição, mas seus olhos acompanhavam cada movimento à volta. A rotina da casa se alterou completamente com a chegada de

PERIGOSAS NACIONAIS

Cora, e os sentidos de todos também estavam aguçados.

Uma eternidade se arrastara, até que, finalmente os homens deram por encerrada a refeição. Logo á saída dos homens para a sala de estar, tia Eleonor mencionou tirar a mesa. Imediatamente Cora se prontificou em lavar a louça. Depois que as mulheres terminaram de arrumar a cozinha, a própria tia Eleonor conduziu-as aos aposentos.

Cora emudeceu num misto de pavor e nostalgia, ao percorrer o longo corredor, junto com as mulheres. O ambiente ainda exalava o mesmo odor de cera, lustrando as tábuas do assoalho, assim como o óleo de pinheiro, na conservação dos móveis.

No fim do longo corredor, Eleonor indicou uma porta para o senhor Godofredo e sua esposa, e para Cora, o seu antigo quarto. Acometida por um estremecimento involuntário, ela observou cada detalhe, como tudo permanecia exatamente igual, como havia deixado. A única diferença, era que agora Cora caminhava com o filho nos braços.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A porta rangeu quando Cora a escancarou, como se há muito estivesse trancada. Na cama arrumada, lençóis, a colcha bordada por suas mãos, ainda era a mesma que um dia colocara ali.

Depositando a lamparina acesa sobre a mesa no canto do quarto, Eleonor se despediu desejando-lhe boa noite; no entanto a mulher não esboçou nenhuma reação quanto a sua aparição na fazenda. Talvez estivesse aguardando o momento oportuno, para descarregar sua reação. No momento, ela continuava a mesma criatura taciturna e gélida.

Revirando o saco de bagagem, Cora escolheu uma camisola de cetim, e uma muda de roupa para o pequeno Bernardo e se encaminhou para a sala de banhos, no fim do corredor. Na tina de esmalte, ela despejou água morna e banhou a criança com esmero.

Depois de vesti-lo com as roupas de dormir, ela mesma preparou o seu banho, enquanto a criança aguardava pacientemente sentado num banquinho. Com dificuldade na linguagem, Bernardo detalhou a mãe, o que acontecera, desde que viera parar ali.

PERIGOSAS ACHERON

Ele não entendia muitas coisas, do que acontecera, mas estava bem claro, que Blazio conquistara a confiança do menino. O riso infantil, ao narrar as aventuras sob o colo paterno, durante as cavalgadas, aqueceu o coração de Cora, como a água morna, na qual estava mergulhada. Com um longo suspiro, ela sentiu a água morna renovar as energias, como se a sujeira pesasse uma tonelada. Mergulhada até o pescoço, sentindo o mesmo perfume, ela quase conseguiu fazer as pazes com o passado.

Ante o pensamento inoportuno e o plácido relaxamento, também despertou a aferrada determinação, porque do passado que um dia deixara para trás, ela enterrou bem fundo na alma, e de onde jamais deveria retornar.

Envolta na camisola de cetim, cobrindo seus pés descalço, Cora atravessou o longo corredor parcialmente iluminado pela lamparina acesa, segurando o pequeno Bernardo pela mão. Andavam apressados para alcançar a segurança do quarto, enquanto seus risos misturavam-se no silencioso ambiente. Mas pararam bruscamente, quando

PERIGOSAS NACIONAIS

perceberam uma sombra recostada a porta do quarto, aguardando-os.

Como um lapso de tempo, ela foi arremetida instantaneamente para o passado ao qual resistia na memória a mesma figura aguerrida, olhando-a fixamente.

Sentindo a mãe parar rígida no meio do corredor, Bernardo agarrou as pernas dela, também assustado com a figura parcialmente às escuras. Infeliz, Cora percebeu a aceleração do coração infantil, e se amaldiçoou por lhe despertar pavor. Então, com carinho, ela se agachou e sussurrou palavras ternas junto ao ouvido do menino, e sorriu tentando tranquilizá-lo, enquanto tomava-o nos braços e se aproximava do homem estático no corredor. Parando a poucos passos dele, Cora indagou num fio de voz.

-Deseja alguma coisa...?

Mirando-a longamente, ele apenas lhe deu passagem, abrindo a porta do quarto. Depois de um momento de hesitação, ela ultrapassou a porta,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentindo sob o frágil tecido da camisola, o calor do corpo dele praticamente colado ao seu. Incapaz de respirar, ela esperou que ele dissesse o que queria e desaparecesse. Mas, ele permaneceu calado, e sorriu ao despedir-se com um ligeiro mover de cabeça. Logo, ele e o ruído dos seus passos, sumiram na penumbra do corredor.

Por um longo momento, ela permaneceu acordada sob as cobertas, observando o ressonar tranquilo de Bernardo em seus braços. Parecia um milagre abraçar o filho, depois daqueles dias infernais. Uma lágrima transborda em seus olhos e banhou o travesseiro, enquanto agradecia a inocência perfeita e abençoada, pois, desconhecendo o confronto dos adultos, Bernardo recebia a nova vida com serenidade.

A vida parecia uma roda viva, de confrontos e abnegações, ao longo da jornada. Quando deixara aquela casa para trás, trancou também, uma parte de si mesma, em algum lugar do caminho. Agora, como nevoeiro do inverno, os sentimentos se misturavam e renascem das trevas, para reivindicar luz e perturbar-lhe a paz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A esperança no futuro era um mistério tão profundo, quanto desvendar os sentimentos por trás da couraça de Blazio. Realmente, ele estava furioso, como jamais estivera antes. Mas havia um fulgor no fundo dos olhos dele, que fugia ao entendimento. Espantando os intrincados pensamentos, Cora respirou resignada, apagou o facho da lamparina e adormeceu profundamente.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

Sob a cama revolta, o sol banhou o rosto de Cora, enquanto ela tentava coordenar as ideias e a nova realidade, quando Dona Alexandra entrou no quarto, abriu as cortinas, e escancarou a janela numa afobação peculiar, discorrendo incoerente.

-Depressa menina! O senhor Blazio exige a sua presença imediata. Ele já tomou o café da manhã, e a aguarda na sala. Godofredo já está conversando com ele neste momento e quer falar conosco juntos... eu já vou indo. Não demore!

Imediatamente, Cora pulou da cama, trocou as roupas do filho, depois vestiu-se rapidamente. Diante do espelho de corpo inteiro, ela parou por alguns segundos mirando o seu reflexo. A imagem refletida fremiu seu coração, a maturidade evidente trazia traços diferentes da criatura franzina que um

PERIGOSAS ACHERON

dia vivera naquela casa.

Os olhos pareciam mais verdes e brilhantes, os cabelos traziam o viço da aurora e as sardas marrons sobre o nariz, quase não se viam mais. Os lábios bem desenhados exibiam a maciez das pétalas de rosa enquanto a face delicada enrubesce a simples alusão de confrontar Blazio e o futuro tormentoso.

O que o destino ainda lhe reservara? Era um questionamento persistente. Cora sabia que merecia castigo, mas o espírito rebelado recusava-se a resignação. Iria enfrentar de cabeça erguida o que fosse preciso para ficar perto do seu filho e isso lhe bastava. mesmo sabendo que o confronto poderia arruinar para sempre os seus dias.

Tomando o filho pela mão, ela percorreu o longo corredor, como uma condenada seguindo para a forca. Com o coração retinindo no peito, ela se aproximou da sala, onde vozes exaltadas não denotavam agressividade e sim o discurso elaborado do senhor Godofredo demonstrando todo o seu conhecimento do ofício.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sentindo-se desfalecer, Cora sentiu sobre si os olhares de todos, assim que ela pisou no batente da porta. Bernardo libertou sua mão e correu para os braços estendidos de Blazio. E sobre o colo paterno, o menino sorriu feliz, ante os olhares abismados de todos. O senhor Donato a cumprimentou com um discreto mover de cabeça, enquanto Godofredo foi ao encontro dela perguntando como passara a noite. Cora agradeceu, e sorriu encabulada ante sua preocupação.

-Eu dormi bem! Obrigada.

Ao fitar os olhos de Blazio medindo-a dos pés a cabeça, Cora enrubesce até a raiz dos cabelos e caminhou vacilante, quando ele lhe apontou uma cadeira, com um gesto de mão convidando-a a entrar. Com determinação, Blazio concluiu as novas atribuições do casal, e os dispensou.

-Já conhecem suas obrigações.

Com um sorriso satisfeito, o casal deixou a sala, em companhia do senhor Donato e Bernardo. As atividades da casa também recendem à mudanças

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com a contratação de uma cozinheira, e arrumadeira, para ajudar Eleonor; que permanecia na casa. Agora, os inúmeros afazeres domésticos, não ficavam por conta apenas de uma criança esfolada. Entretanto, não eram apenas as modificações domésticas que tinham ocorrido na fazenda. A propriedade se expandira depois que Blazio retornou resoluto da faculdade.

A estrebaria tinha sido transformada num grande galpão de armazenamento e acolhimento dos cavalos selecionados. O gado ficava confinado num grande cercado, um pouco mais afastado da casa. Naquele local apropriado, todo o rebanho recebia tratamentos, vacinas e marcas com o emblema da fazenda. Por fim, o rebanho era preparado para serem vendidos aos grandes abatedouros.

Então quando Blazio reassumiu o comando, e implantou técnicas administrativas, adquirida com a contratação de pessoas experientes, o prestígio da fazenda logo ganhou fama e mercado. Blazio acompanhava a lida diária, e observava seus esforços sendo recompensados gradativamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Contudo, durante todos aqueles anos, enfiado até o pescoço no trabalho, sabia que o mais importante lhe faltava; até ver o reflexo daquela mulher, ressurgindo em seu campo de visão. E principalmente, a visão daquele pequenino ser, mirando-o com curiosidade. Imediatamente, Blazio soube que a sua vida obteve sentido, através do olhar daquela criança inocente. Agora, finalmente ele observava atentamente a mulher que transformou os seus dias, envolto numa estranha satisfação. Cora estava exuberante, e o mais importante, estava em casa.

A atmosfera pesou sobre suas cabeças ante o silêncio prolongado. Cora desejou fugir da censura refletida na profundidade dos olhos dele, Porém, depois de um segundo de pavor, ela o enfrentou de queixo erguido, numa aparente obstinação, e aguardou a retaliação. Mas Blazio apenas acompanha lhe os movimentos e o compasso frenético de sua respiração ofegante com disfarçada fascinação. Como um bloco de granito, ele continuou parado em pé no meio do recinto, enquanto Cora o fitava obstinadamente.

PERIGOSAS ACHERON

Blazio também mudara desde a última vez que o vira. O corpo parecia um feixe de músculos sólidos, e os cabelos castanhos clareou algumas mechas, pela exposição excessiva do sol. Mas, a mudança mais significativa, estava na rudeza da face angulosa, e no frio do seu olhar.

A irreverência da juventude perdera-se ao longo dos anos, emprestando-lhe rigidez inabalável, e os fios grisalhos nas têmporas, apenas acentua sua aferrada conduta. Então, incapaz de permanecer sentada ante a figura agressiva, ela levantou-se, mas retornou a cadeira imediatamente, quando ele ordenou seco.

-Sente-se!

A agressividade na voz dele a estremeceu, e numa fração de segundos, Cora sentiu-se novamente com onze anos de idade. Encolhida na cadeira, ela esperou, enquanto Blazio andava a esmo através do recinto, até parar junto à janela. Observando a paisagem ensolarada por um longo momento, Blazio respirou profundamente, antes de retornar determinado, e sentar-se numa cadeira na

frente dela.

Esfregando os dedos entrelaçados no colo e olhar baixo, Cora podia sentir sobre si a força do olhar dele, registrando cada reação sua. Por fim, ele inquiriu frio e controlado.

-Porque...? Porque você fugiu daqui? É tudo o que eu queria entender!

Cora ergueu os olhos aflitos e mirou os dele. Havia um misto de mágoa e rancor vincando o rosto masculino, e um tênue resquício de emoção, que um dia ela já vira. O mesmo brilho que ele lhe lançara em despedida, parecia gritar além da razão. Sufocada na lembrança dos momentos que partilharam na partida, Cora fechou os olhos, ante as lágrimas traiçoeiras.

Fugira por puro ciúme? Talvez. Portanto, tudo que desejava, era ficar perto do filho, não queria o seu perdão. Tampouco, desejava voltar a ser a esposa submissa. Por fim, respirando profundamente, ela resignou-se a verdade.

-Precisava sair deste cativeiro... ou morreria

PERIGOSAS ACHERON

tentando! No caminho encontrei um anjo que me resgatou da morte...!

O rosto de Blazio permanecia rígido e sem qualquer reação esperando o fim do relato. Então ela continuou raciocinando com coerência.

-Sei que não mereço o seu perdão. Nem desejo isso! Apenas quero ficar perto do meu filho... Trabalho nos estábulos, na lavoura ou mesmo com a lida do gado...

Com a mão erguida, Blazio a calou num repente.

-Já basta! Você ainda não me respondeu. Porque fugiu?

Engasgada na própria dor, ela enxugou as lágrimas e apenas sussurrou.

-Eu nunca deveria ter pisado aqui...

-Essa é a sua resposta?

Incapaz de formular palavra alguma, ela apenas

PERIGOSAS ACHERON

maneou a cabeça concordando. Por um longo momento ele mediu seu rosto, enquanto lágrimas caíam com teimosia, e deslizavam por sua face pálida. Ela sabia que pagaria um preço alto por sua rebeldia, mas estava disposta a pagar para conseguir o que queria. Mas sem conter a aversão, ele concluiu seco.

-Pensei que tivesse compreendido a proposta do nosso último encontro... Vejo que não! Juro que não sei o que faço com você! Por enquanto você fica aqui ajudando na administração doméstica! Mas vou ficar de olho! Se me der qualquer motivo... não respondo por mim.

Havia um tom ameaçador por trás das palavras, mas por alguma razão, não alcançavam o brilho dos olhos dele, que parecia se divertir com a situação caótica e desesperadora que ela se encontrava.

Mesmo com a contratação de Dona Alexandra para supervisionar os trabalhos domésticos, Cora deveria encontrar um meio de ajudar, agora que a prosperidade nos negócios da fazenda, acomodava clientes de todas as partes do país, que em

constante movimentação da clientela, precisavam providenciar acomodações e alimentação extra, até concluírem a compra dos rebanhos gordos, prontos para o abate. Então a proposta de Blazio lhe pareceu razoável. Portanto, antes dela respirar aliviada, ele rebateu intransigente.

-Se você ficar, será nos meus termos! Estou lhe dando uma única chance de remissão. Mas, a convivência conjugal abrangerá todos os âmbitos configurados da lei. Isso significa dividirmos a mesma cama todas as noites, e tudo o que consiste na partilha. Nos registros legais, ainda somos casados!

Cora estremeceu e levantou-se num pulo. Como ele podia crer que ela concordaria com aquela loucura? Nunca. Jamais. Mesmo antes de partir, não o conhecia. Tiveram muito pouco, ou quase nada de intimidade! Então, o que ele esperava? Engasgada de pavor, Cora o rejeitou num grito estrangulado.

-Não!

Inabalável, Blazio também levantou-se, e parando bem junto dela, reafirmou as opções com seriedade. E foi muito claro em suas determinações. Ou ela aceitava os termos, ou deixava a fazenda ainda naquele dia.

Sentindo-se insignificante como uma vassoura velha, Cora gemeu prevendo sua desgraça. Miserável, traiçoeiro! Como ele tinha coragem de propor tal artimanha, quando já a descartou propositalmente, ao sequestrar o filho. E ele sabia que jamais retornaria àquela casa de boa vontade. Então, como da primeira vez, era coagida a vontade dele.

Acuada como uma gata selvagem, Cora andou em torno da sala tentando encontrar uma saída. E vendo-se sem solução, uma dor aguda nas têmporas, a fez gemer e segurar a cabeça com as duas mãos. Segundos depois, ela sentiu duas mãos grandes segurarem seus ombros com determinação. Blazio a fez parar, e erguer os olhos marejados em sua direção. Tomada de assalto, ela lamentou mais uma vez sua sina, ao se deparar com o brilho determinado nos olhos dele. Porém, sentiu sobre a

PERIGOSAS NACIONAIS

pele do rosto, o hálito quente dele acariciá-la de maneira irracional, quando ele falou intransigente.

-Pare... E pense um pouco. O que você tem a perder? Para onde vai? A criança jamais sairá daqui!

Resignada a própria sorte, Cora compreendeu que estava perdida irremediavelmente. Lágrimas quentes deslizaram de seus olhos, enquanto um soluço estrangulado escapa de seus lábios vermelhos.

Vendo-a baixar o rosto, Blazio tomou o queixo dela com dedos firmes, e secou as lágrimas com lentidão controlada. Ela estremeceu num suspiro triste, quando ele acariciou seus olhos e beijou-os um a um, num carinho singular. Abismada, com a serenidade do gesto, ela abriu os olhos, então percebeu a proximidade atordoante.

Amparada na parede sólida do corpo masculino, Cora estremeceu e se afastou num repente. Arfando por um pouco de ar, ela retrocedeu alguns passos, enquanto Blazio continuava parado no mesmo

PERIGOSAS ACHERON

lugar. Por fim, ele sentenciou com gravidade.

-Agora, você conhece os termos para ficar. A decisão é sua.

Seguinte as palavras, Blazio atravessou o recinto e desapareceu do seu campo de visão. Apenas o som dos passos firmes ressoam nos ouvidos dela, como marteladas na alma. Um silêncio sufocante desabou sobre Cora, enquanto caia de joelhos no chão esgotada. Por muito tempo ela permaneceu dobrada sobre si encobrindo o rosto com as duas mãos tentando conter o pranto incessante.

Intimamente, ela se recriminou por sentir-se tão fragilizada. Jamais sucumbira á miséria de sua existência! Enfrentar suas batalhas era sua sina, e enfrentaria aquela também, só não sabia onde tiraria forças para recomeçar. Recolhendo os cacos de suas forças, ela se obrigou a levantar-se e percorreu com hesitação os recantos da casa que conhecia tão bem.

Tudo continuava igual como havia deixado, até

os objetos decorativos estavam lhe esperando. Em sua andança solitária pela casa, Cora sentiu um arrepio percorrer a pele ao divisar o quarto de Blazio no fim do corredor. Ao parar no batente da porta, ela viu a cama revolta indicando um sono agitado, e quase podia sentir o cheiro dele emanar das cobertas de linho imaculadamente brancas. Espantando a sensação inquietante, ela procurou em todos os recantos da casa o pequeno Bernardo, tentando amenizar a crescente aflição.

A porta da cozinha, Cora observa as parentas, Rosalva e tia Eleonor, em torno da mesa, em silêncio. Porém, ao pressentirem a sua presença, elas se voltaram abismadas em sua direção. Por um longo momento, Cora foi analisada com extrema atenção, como se as mulheres procurassem algo invisível ou perdido. Felizmente, Dona Alexandra entrou pela porta que dava para o quintal, trazendo Bernardo pela mão, e convidando-a com energia redobrada.

-Cora, minha querida! sente-se que eu vou lhe servir o café! Bernardo já comeu, e precisei persuadi-lo a deixar as galinhas em paz no

PERIGOSAS NACIONAIS

galinheiro. Ele e Bandite fazem uma parceria e tanto, o galo carijó não está gostando nadinha desses encenqueiros, perturbando o seu galinheiro.

Entregando o filho nos braços de Cora, Dona Alexandra empurrou-a gentilmente na direção da mesa. A seguir, com um sorriso de agradecimento, Cora observou a mulher despejar em sua xícara de porcelana, o leite e o café fumegante, enquanto ajeitava o filho ao seu lado.

Cora só percebeu o quanto estava faminta, diante dos quitutes apetitosos sobre a mesa. Oferecendo nacos de comida a Bernardo, ela conseguia desviar as atenções do menino, da impertinência de Rosalva, mas, Cora ouvia a tia Eleonor tentar conter os insultos sussurrantes e ameaçadores da filha. Num relance, Cora viu o brilho demente no olhar rancoroso, enquanto Rosalva batia com a colher no prato com teimosia, tentando evitar o contato repreensivo da mãe.

Felizmente, Dona Alexandra também a inicia numa conversa fiada, para quebrar a sobriedade da atmosfera. Ao fim da refeição, Cora sai deixando as

PERIGOSAS ACHERON

parentas de Blazio esquecidas em torno da mesa, porém, quando estava ao batente da porta da rua, a mulher a deteve com autoridade.

-Corina; espere!

Estacando com o coração sobressaltado, Cora rodou nos calcanhares e observou o semblante austero da mulher, vindo em sua direção. Quase ninguém a chamava assim, então imediatamente, Cora percebeu o quanto ainda era dominada por aquela mulher.

Por fim, controlando a respiração, Cora procurou sua própria estabilidade emocional. Ao sentir o filho puxando sua mão, tentando escapar para o terreiro, Cora buscou os olhos atentos de Dona Alexandra, que veio imediatamente em seu auxílio.

Beijando a face do filho com carinho, Cora entregou-o às mãos afáveis da única amiga que tinha. Logo, oferecendo-lhe um sorriso tranquilizador, Dona Alexandra saiu com o menino e o cão saltitante, através do terreiro, sob o olhar

atento de Cora.

Com um suspiro frustrado, Cora se voltou determinada a terminar logo com a conversa perturbadora, porém essencial à sua convivência na casa.

Ao ficarem sozinhas, Eleonor estudou o rosto de Cora por um momento, num misto de frustração e rancor, antes de falar ácida.

-Estou decepcionada...! Nada do que eu lhe ensinei durante tantos anos tiveram qualquer serventia! Soube que você retornaria a esta casa, assim que vi o seu filho, entrando por aquela porta! Não concordo com a decisão do meu sobrinho em aceitá-la de volta... Tentei fazê-lo entender, que a mulher *traidora*, jamais se regenera! Mas ele não me dá ouvidos. E também sei, que esse reatamento será um desastre!

Recorrendo ao máximo controle, Cora rebateu fria.

-A senhora está certa! A decisão não é sua. Mas fique sabendo, que eu não vou mais tolerar, a sua
PERIGOSAS ACHERON

falta de sensibilidade... Principalmente contra o meu filho!

As duas se miravam com a mesma obstinação por um longo momento, até que Eleonor rebateu sem conter a hostilidade, num risinho torto.

-Estarei bem aqui, observando-a atentamente!

Cora respirou pausadamente, para não ceder a vontade de apagar aquele arremedo de sorriso do rosto encarquilhado. Porém, ela já sabia que a sua vinda não seria facilitada. Será que teria forças suficientes, para aguentar aquelas duas pestes, outra vez? Obstinadamente, Cora enfrentou o olhar duro, até vê-la retornar para junto da filha com um brilho irado.

Lentamente, Cora caminhou pelo corredor e desapareceu no interior da sala controlando a vontade de sair correndo apavorada da residência deprimente. Com a face macilenta, ela desceu os degraus da varanda e saiu para o jardim florido, a frente do casarão; e junto aos canteiros de folhagens, vomitou o desjejum. Dois confrontos

PERIGOSAS NACIONAIS

foram o bastante para acabar com sua disposição. E por um longo momento ela ficou ajoelhada sobre a relva, expelindo o fel amargo e desesperador.

Durante o resto do dia Cora caminhou a esmo através das pastagens e celeiro, tendo apenas Bandite como seu fiel companheiro. Tentando coordenar o seu futuro, ela percebe que a roda viva retrocede sempre ao começo.

Depois de passar o dia todo procurando compreender o pronunciamento de Blazio, a noite caiu sobre a sua cabeça com a velocidade de um raio. E não conseguia apagar da memória os quatro anos vividos como uma rainha no lar de João; também compreendia que, já não poderia retornar a infernal prisão, mas fatalmente, Blazio lhe sentenciou a infelicidade outra vez.

Durante todo o dia, Blazio e o senhor Donato desaparecem, deixando Cora perambular feito um fantoche humano pelos arredores da propriedade, comprovando que muita coisa mudou na sua ausência.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os cavalos de raça exibiam o pêlo lustroso e a crina bem aparada, pastando tranquilos encerrados no cercado de ripas pintadas de branco e gramado verde. E, junto com os incríveis cavalos estavam a sua égua e o garanhão negro de João, aparentemente adaptados no novo lar.

O olhar dela foi atraído para um ponto na imensidão, onde o rebanho de bois, amontoavam-se numerosos, como estrelas no firmamento, e mais adiante, o curral da ordenha modificado.

As vacas leiteiras estavam confinadas separadamente do resto do rebanho de corte, num cercado viçoso de relva fresca, pastando serenas a beira do regato manso.

Cedendo à curiosidade, os pés dela a levaram ao curral organizado. Por um longo momento, ela observou com satisfação o recinto forrado em madeiras, lavado diariamente para garantir a higienização do leite coletado, e enviado à fábrica de laticínios da região. Os queijos e manteiga que vinham à mesa, agora traziam o selo da empresa que Blazio fornecia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um misto de tristeza e alívio tomou o peito de Cora, pois já não era apenas uma pessoa responsável pela ordenha, como era no passado. Lembrava-se vagamente, que na época em que Blazio retornou de numa de suas raras visitas, haviam rumores de que ele pretendia fazer mudanças significativas na fazenda. Mas os rumores de tal interesse perderam-se na leviandade dos amigos dele na casa. Porém, Cora não esperou ver tal mudança transformar a fazenda naquela potência. Agora observando ao redor, ela podia conferir a competência e obstinação do homem empreendedor que Blazio se tornara.

Ante aquele novo cenário, Cora vagou em recordações, apenas retornou à realidade ao observar o filho brincando despreocupado, em torno da casa grande. Olhando-o à distância, Cora se questionou como era possível, o menino se afeiçoar instantaneamente ao homem estranho que o raptou! Na verdade tinha que reconhecer, Blazio o conquistara irremediavelmente.

Ao fim da tarde, depois de mergulhar o menino encardido na banheira de espuma, a pele acetinada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

reapareceu por detrás da sujeira adquirida no quintal. Cora ainda observava abismada a evolução da água jorrando da torneira de cobre, atada na ponta do cano que atravessava a parede, para encher a banheira em poucos minutos. Portanto, bastava adicionar um pouco de água quente para conseguir a temperatura ideal. Satisfeita, Cora percebeu que a água do poço fora substituída por calhas atravessando vastas distâncias até a residência, para abastecer o reservatório.

Depois do banho relaxante, o sono pesou os olhinhos verdes de Bernardo, assim que ele terminou de comer o jantar. Tomando-o nos braços, Cora o carregou serenamente na direção do quarto, e depois de acomodá-lo sob as cobertas, deitou-se ao lado, para entoar uma cantiga de ninar. Porém, ao fim do primeiro verso, Bernardo já ressonava tranquilamente.

Saindo de mansinho do quarto, Cora permaneceu por um momento recostada a porta na penumbra, tentando ouvir rumores na casa. Porém, o silêncio do ambiente era quebrado apenas pelo ressoar do seu próprio coração assustado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Desejando não encontrar ninguém em seu caminho, ela caminhou silenciosamente pelo corredor escuro e entrou no quarto de banhos.

Afundada até o pescoço na água tépida da banheira, ela sentiu os músculos relaxarem depois de longos dias atribulados. Sabia que Blazio havia lhe imposto um preço por sua permanência ali. Mas ela já imaginava um meio de reverter a sentença absurda. Cora sentiu um calafrio percorrendo-lhe a pele ao imaginá-lo tocando-a, com intimidade; lembrava-se perfeitamente daquele dia, quando concebeu o filho, e quase podia sentir o sabor da boca ávida buscando a sua. Porém, já não era a garotinha ingênua derretendo-se por um pouco de atenção, também não conseguia explicar o calor estranho à sua proximidade.

Da mesma forma furtiva, Cora deixou o quarto de banhos e esgueirou-se pelo corredor às escuras, buscando a segurança do quarto. Desejava, com todas as forças do seu coração, não topar com Blazio em seu caminho, nem ser obrigada a enfrentar suas determinações.

PERIGOSAS ACHERON

O peito arfava frenético, quando ela conseguiu fechar a porta do quarto às suas costas. E, mesmo sobre a penumbra, ela recostou-se à porta, respirando profundamente, enquanto um risinho satisfeito distende seus lábios.

Inesperadamente, um fósforo riscou a atmosfera com sua luz amarela, antes de acender a lamparina sobre a mesa de canto e iluminar o rosto de Blazio, sentado pacientemente lhe esperando.

Sufocando um grito com a mão a boca, Cora sentiu as pernas enfraquecer e o estômago vibrar, como as asas de um beija-flor, diante da figura austera observando-a lentamente dos pés à cabeça.

Por um longo momento, ele apenas analisou-a fixamente, enquanto Cora colava-se ainda mais a parede resistente da porta. Quebrando o silêncio, Blazio murmurou com gravidade controlada, caminhando lentamente em sua direção.

-Espero que você não tenha esquecido da nossa conversa! O prazo acabou!

Cora engoliu em seco quando o viu parar bem
PERIGOSAS ACHERON

junto dela, e inalar o seu perfume. Porém, ele não a tocou, apenas o calor másculo a envolveu como um cobertor.

O peão desengonçado que um dia apareceu no portão da casa de seus pais desaparecem, embora ele ainda envergasse as mesmas roupas rústicas de trabalho quando estava na lida, agora com os cabelos molhados do banho recente, vestido com camisa branca e calça de brim colada as coxas musculosas, Blazio exalava masculinidade irreverente. Seu porte elegante e ombros largos, demonstra força e energia, difícil de ignorar. Então, estremecendo de pavor, ela sentiu o hálito morno de suas palavras roucas, soprar seus cabelos.

-Qual é a sua resposta?

Ela já não tinha para onde correr, estava perdida irremediavelmente, ante aquela força descomunal. Incapaz de vencer a batalha desigual, ela apenas maneou a cabeça consentindo. Porém, ele esperou pacientemente a sua resposta verbal, erguendo uma sobrancelha interrogativa. Presa no magnetismo daquele corpo quente, atravessando o frágil tecido

da camisola, ela reuniu forças para articular num fio de voz.

-Sim...

Num resquício de lucidez, ele fitou bem no fundo de seus olhos assustados, e inquiriu intransigente.

-Sim; o que?

Soltando um suspiro contrariado, ela o enfrentou e falou entredentes.

-Eu vou ficar aqui...! Mas não pense que será uma rendição fácil! Talvez você se arrependa deste arranjo...

-O que você tem em mente para me atingir, *querida*?

Ele deu ênfase a palavra querida, como se fosse muito natural. Mas a sensação conseguiu derrubar algumas barreiras, que ela arduamente erguera para se proteger. Também não estava preparada para o comportamento ardoroso dos gestos dele, tocando

PERIGOSAS ACHERON

sutilmente uma mecha de seus cabelos longos.

Recorrendo ao fiapo de suas forças, ela forçou os punhos contra o peito masculino, e se afastou por um pouco de ar. Porém, não tinha para onde refugiar-se do olhar atento, nem do riso discreto retorcendo o canto da boca dele. Blazio sabia que ela não tinha saída, contudo, brincava com astúcia de um felino.

Seu olhar aflito recaiu sobre a cama onde o pequeno Bernardo ressonava, ignorando a batalha dos adultos no mesmo ambiente. Blazio acompanhou seu olhar, e também afagou o pequeno ser adormecido, com o olhar. Ante o brilho ardoroso nos olhos dele, Cora quase conseguiu perdoá-lo por todos aqueles anos de clausura.

Sim! O seu filho teria outro futuro. Nunca o colocaria em perigo, nem o abandonaria à própria sorte. Quando seu olhar buscou os de Blazio, ele também percebeu sua resolução. Então, ele se aproximou do menino e afagou gentilmente a cabecinha parcialmente encoberta, e os cabelos encaracolados. Os olhos dele revelaram um amor

jamais visto, e naquele momento ela tomou sua decisão.

Repentinamente, Blazio recolheu a mão e se afastou um passo. Quando falou, sua voz expressava gravidade e amargor, ao compreender que a criança era sua prioridade.

-Vou conceder-lhe algum tempo! Mas lembre-se, eu determino o prazo que vou esperá-la.

A seguir, ele saiu fechando a porta atrás de si. Por muito tempo ela permaneceu no meio do quarto, persistindo nos ouvidos os passos dele atravessando o corredor. Naquele instante, reconheceu que durante todos aqueles anos ela não o conhecia. Na verdade, aquele homem era um verdadeiro mistério.

Capítulo 19

Na manhã seguinte, Cora acordou contagiada com a animação de Dona Alexandra, abrindo as janelas para o sol aquecer o ambiente. Cora também decidira aproveitar a trégua que Blazio lhe concedeu, aceitando a sugestão de Dona Alexandra, de impor seu lugar na casa.

-Mostre a todos quem é a dona da casa, imponha a sua vontade! Sabe de quem estou falando!

Cora sabia exatamente a quem a amiga estava se referindo. Eleonor e Rosalva já lhe prejudicaram no passado e precisava controlar a situação, antes que ficasse insustentável. Como procederia ainda não sabia, mas, não estava disposta a arriscar sua segurança por capricho daquelas duas encenqueiras.

Depois de conversar com a cozinheira e a arrumadeira que trabalhavam na casa, Cora esclareceu que elas iriam trabalhar sob sua supervisão. As mulheres já sabiam de sua chegada e que o próprio Blazio, confirmou o seu comando na casa.

Intrigada, Cora se questionou intimamente, porque Blazio tinha certeza do seu retorno quando deixara bem claro que não!. Céus! Numa fração de segundos, a lembrança da sua fuga perdera a importância, e tudo lhe pareceu tão inacreditável e distante. A casa inteira continuava exatamente igual, e as pessoas também. Então, compreendeu que apenas ela havia mudado.

O senhor Donato, olhara-a com a mesma gravidade que sempre lhe dedicou. Talvez, bem lá no fundo, houvesse um resquício quase imperceptível de mágoa. Mas, o velho mantinha-se passivo, observando as atitudes do filho, com um brilho mau disfarçado de orgulho. O comportamento de Blazio era contrário ao esperado. Pois um homem traído recorreria a retaliação pelo transtorno e humilhação, mostrando

pulso firme perante a comunidade. Mas Donato também não lhe cobrou ou recriminou verbalmente.

Seguramente, a reputação de Cora caíra em toda a região, passando a ser vista como uma reles rameira. A sua traição merecia castigo, como afirmou a tia Eleonor com um brilho de desdém. Ainda assim, o velho Donato aceitou as resoluções do filho sem contestar.

Refletindo com atenção, Cora sabia que também passou por mudanças significativas durante aqueles anos e sentia-se madura o suficiente para saber que a vida trazia sacrifícios, muito além dos esperados. Já estava predestinada àquele caminho que se apresentava. Então concluiu que não haveria final feliz na sua jornada.

Na casa de João Cora descobriu o valor fraternal e a cumplicidade afetiva. Também sentiu-se especial desde o primeiro instante em que fitara os expressivos olhos negros! Sabia que jamais o esqueceria. Uma lágrima saudosa transbordou seus olhos verdes, e morreu nos lábios corados, como as águas do mar morrem na areia branca da praia. E

do fundo da alma, ela agradeceu a sua incrível bondade.

Depois de conversar com as empregadas e tia Eleonor, Cora reafirmou suas decisões de que a estadia ali era permanente. O semblante disforme de Eleonor demonstrou incredulidade, mas diante do brilho determinado, a mulher engoliu suas palavras ásperas e apenas maneou a cabeça em anuência.

Aproveitando o dia ensolarado, Cora tomou o filho nos braços, e com a ajuda do senhor Godofredo, montou sua égua marrom e acomodou o menino a sua frente. Com as rédeas nas mãos de Bernardo, a montaria foi conduzida através da pastagem às cercanias da fazenda. Por muito tempo andaram ao embalo do trote regular, enquanto o aroma da relva enchia suas narinas com o seu frescor.

A criança era falante e muito observadora, apontava com entusiasmo infantil tudo que achava interessante, enquanto percorriam as pastagens e trilhas às margens da mata cerrada, onde muitos

pássaros e pequenos animais afugentam-se apressados.

Envolta em devaneios diversos, sem perceber eles tomaram um caminho que levava à estrada principal e as cercanias da propriedade, conduziram a montaria através da estradinha de terra batida, observando e revendo a região que Cora conhecia muito bem.

Envolta em emoção, Cora avistou ao longe a casa dos seus pais, e sentiu o coração disparar no peito, ante as longínquas colinas contornando o vale. A construção era apenas um pontinho negro perdido no descampado, mas, ante os olhos esgazeados de Cora, a construção parecia se agigantar muito além das montanhas, contornando o firmamento. Estremecida numa angustiante indecisão, Cora retornou ao presente quando o filho voltou-se na cela, e observou seus olhos aguados, chamando-a com inquietação.

-Mamãe...?

Com dificuldade, ela desviou os olhos do

PERIGOSAS NACIONAIS

borrão perdido no sertão e fitou os do filho. Reconhecendo a grande tormenta de suas vidas, ela tomou o rosto do menino com as duas mãos, e o acalentou com beijos. Respirando com dificuldade depois de um momento, ela voltou seu olhar mais uma vez a casa paterna, e desviou a montaria de volta para casa.

Envolta num turbilhão de emoções, ela se inquiriu se eles ainda lembravam dela. E, com o coração sangrando amargurado, Cora questionou se era possível fragmentar laços tão profundos, ‘como os de pais e filhos’, quando sentia um amor tão grande por Bernardo!

Com a face macilenta, ela retornou ao estábulo, e com a presteza do senhor Godofredo tomando o filho de suas mãos, ela desmontou. Observando a tristeza estampada em seus olhos verdes, o velho inquiriu preocupado.

-Senhora, aconteceu alguma coisa?

Cora disfarçou a tristeza num breve sorriso e desconversou.

PERIGOSAS ACHERON

-Está tudo bem! Poderia cuidar do cavalo, por favor!

O velho capataz confirmou com gesto de cabeça, observando em silêncio ela se afastar com o pequeno Bernardo, até entrar pela porta da cozinha.

Dona Alexandra recebeu-a com um sorriso largo, tomando o menino no colo e levando-o para a mesa, ofereceu-lhe um delicioso lanche, enquanto tagarelava sobre as novidades do novo trabalho. Mas confidenciou, num tom baixo, as dificuldades no trato com as parentas do patrão. Com um sorriso conciliador, Cora apontou sua imensa esperteza, e o quanto sabia contornar os problemas. Ante as palavras reconfortantes de Cora, Dona Alexandra gargalhou assentindo. Em devaneios íntimos, Cora confrontava as diferenças transcorridas durante sua ausência.

Os afazeres domésticos agora já não ficavam por conta apenas de uma pessoa, também ninguém era sobrecarregado. Cora ainda conseguia sentir na carne as agruras da supervisão rígida de tia Eleonor no seu aprendizado. Agora, Cora perambulava pela

PERIGOSAS NACIONAIS

casa como uma folha seca de outono, imaginando o que faria dali em diante. Depois de um momento compartilhando as descobertas do novo lar, Dona Alexandra informava-a que Blazio estava lhe procurando.

-Acho que ele está no escritório!

Cora gemeu. Não estava com disposição para um confronto, tudo que desejava era ficar sozinha com seus tormentos por mais alguns instantes. Ignorando a voz da razão, ela precipitou-se para o pomar, seu antigo refúgio. Oculta na ramagem densa, ela sentou-se na relva úmida, ouvindo apenas o vento farfalhar as folhas viçosas das macieiras.

Abraçada às pernas, ela encostou o queixo nos joelhos e soluçou longamente, até seus olhos arderem secos, questionando-se, porque a vida era apenas uma soma de perdas imensuráveis?

A visão da casa paterna afetou-a muito além do que jamais poderia imaginar, e ali naquele frondoso pomar, ela também um dia se despediu da réstia de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esperança adquirida nos braços de Blazio, encaminhando-a ao amor. Naquele dia, quando ele beijou-a profundamente, levou consigo mais que um simples adeus.

Mas ela sabia exatamente o que perdera, principalmente depois de conviver plenamente sob a proteção e carinho de João. Blazio mostrou-a apenas uma nuance da compaixão humana, João escancarou um horizonte.

Sentindo o peito dilacerado, Cora largou o corpo alquebrado, e deitou-se na relva, enquanto lágrimas silenciosas escorriam e banhava a terra. A solidão era quebrada com a presença dos pássaros, revoando nos galhos das árvores frutíferas, quando um estalido as suas costas a resgatou da reclusão.

Voltando-se num sobressalto, Cora avistou Blazio agachando-se bem ao seu lado com semblante rígido. Sentando-se desarvorada, ela cobriu o rosto com as mãos para encobrir o pranto, porém era tarde para espantar a tristeza de seu olhar. Aborrecido, Blazio tomou o rosto dela entre os dedos firmes, obrigando-a a encará-lo de frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Inferno! Já não tinha concedido-lhe o tempo necessário! O que mais aquela mulher queria?

-Porque isso agora...?

Cora estremeceu ainda mais, ante a irritabilidade da voz potente, e tentou libertar-se das mãos fortes segurando-a com a ferro. Blazio sempre a vira como uma gata selvagem defendendo-se de qualquer embate; então, aquelas lágrimas, que pareciam transbordar o rio do sertão, lhe eram desconcertantes. Ele já aprendera a rebater sua rebeldia por trás daqueles olhos brilhantes, mas não sabia como agir ante a sua fragilidade. Percebendo que o melhor a fazer era conquistar-lhe a confiança sem coação, Blazio sentou-se ao lado dela em silêncio.

Depois de algum tempo apenas pressentindo a presença maciça ao seu lado, Cora finalmente respirou profundamente e confessou num fio de voz.

-Vi a casa dos meus pais à distância, agora a pouco... nem sei se ainda estão lá!

PERIGOSAS ACHERON

Então, Blazio percebeu o que arrasou as estruturas daquela mulher guerreira! Numa promessa silenciosa, ele jurou resolver aquele impasse. Por fim, ele informou-a que o casal ainda morava lá, e que alguns filhos casaram-se, outros simplesmente mudaram-se para a cidade grande e lá permaneciam trabalhando. Apenas visitavam-os de tempos em tempos. Engolindo um soluço, ela questionou com interesse.

-Como eles estão?

-Velhos, cansados, mas aparentemente bem! Também nunca perdem a oportunidade de questionar seu desaparecimento... Posso levá-la até eles, se você quiser! Também, está livre para visitá-los a qualquer hora.

Com um brilho esperançoso, ela agradeceu num fio de voz, sem conter uma lágrima silenciosa. Aproximando-se com cuidado, Blazio secou a face dela com o polegar, num carinho lento, e, sorriu levantando-se e estendendo-lhe a mão.

-Venha. Precisamos conversar sobre assuntos

da fazenda, e aqui não me parece um bom lugar para discutirmos trabalho!

Lamentar suas perdas não traria consolo, então Cora resolveu trabalhar. Ao levantar-se, ela sacudiu as folhas secas, grudadas na barra de sua saia longa com obstinação, e ignorando a mão estendida, saiu na frente do marido em direção a casa. Então, Blazio seguiu seus passos ligeiros, sem conter o brilho divertido, ante o seu requebrado obstinado e atraente.

Encerrados no escritório por horas intermináveis, Cora descobriu que Blazio tornara-se sagaz no trabalho, e sabia exatamente onde queria chegar. E assim, a fazenda cresceu e ganhou prestígio sob o seu comando apurado. Mas, acompanhar a evolução administrativa e seguir o raciocínio rápido do marido, tornou-se vital para a permanência dela ali.

Cora aprendera na teoria o ofício da matemática com João; agora empregaria orgulhosa o aprendizado, sob a vigilância atenta de Blazio. Ao fim do dia, ela responderia a quase todas as

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntas pertinentes à administração, que Blazio a instruiu. Então, satisfeito ele recostou na cadeira e suspirou longamente.

-Agora posso aproveitar melhor o meu tempo no campo! Você me parece competente para atender os fornecedores e negociantes na minha ausência... A administração me aborrece um pouco!

Cora sobressaltou-se na cadeira com olhar aflito. Não sentia-se preparada para enfrentar os obstáculos das negociações. Blazio estava caçoando! Mas, observando seu semblante confiante mirando os seus olhos, ela estremeceu violentamente. Jamais fora merecedora de tamanha responsabilidade. E, depois do que fizera, ela deveria ser a última pessoa confiável.

-Você confia em mim...?

Analisando-a demoradamente, ele enfim afirmou com seriedade.

-Você é quem vai me dizer!

PERIGOSAS ACHERON

Cora esfregou as mãos repousadas no regaço, num crescente desespero. Por fim, resignada, ela aquiesceu resoluta.

-Sim...!

-Sim? O que....?

Imaginando o que ele queria ouvir, ela levantou-se desesperada. Finalmente compreendeu que não queria mais fugir! Ainda não conseguia ver um futuro brando e talvez, nem fosse merecedora de tal anseio. Por fim, ela suspirou longamente, e voltou-se na direção do marido que aguardava a sua resposta pacientemente.

-Acredito que entendi como funcionam os negócios...!

Blazio aproximou-se, até seus corpos quase se tocarem, e olhando bem no fundo dos olhos verdes, confirmou com gravidade.

-Sabia que podia contar com você!

Envolvida na força poderosa do corpo dele, ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perdeu o raciocínio, enquanto seus olhos eram capturados no magnetismo desconcertante. Então, num repente, ele se afastou concedendo alívio e ar aos pulmões. Petrificada no meio do escritório, Cora o viu caminhar na direção da porta, mas quase desfaleceu quando ele se voltou ao batente, e falou aguerrido.

-Os seus pecados também foram os meus...!

Por muito tempo ela ainda observava a atmosfera vazia, refletindo em intrigante questionamento.

As semanas transcorreram num infundável aprendizado, e os encontros de Cora com o marido se restringiam ao escritório, durante as refeições e alguns momentos, quando ele aparecia no quarto do filho para desejar-lhe boa noite. Mesmo com a companhia do filho dividindo atenções à mesa, Blazio encontrava um meio de desconcertar-la, recostando a perna na dela sobre a toalha da mesa. Seus breves olhares traziam indagações adversas, e embora ele lhe atices a curiosidade, não revelava seus pensamentos, tampouco cobrava sua

PERIGOSAS ACHERON

determinação conjugal.

A partilha afetiva com o filho conseguiu uni-los num laço ínfimo, embora consistente. Depois do banho, a criança parecia entregue ao sono, e quando era depositado sob as cobertas, dormia quase imediatamente, sentindo sobre os cabelos, o afago terno do pai, enquanto Cora observava timidamente o carinho dispensado ao filho do outro lado do berço.

Blazio preparou um quarto para o filho, conjugado ao de Cora, pressentindo que a proximidade com a mãe era fundamental. A mobília do aposento consistia apenas em um berço e roupeiro, e um espaço para os brinquedos; que a criança evitava. Sua atração estava no quintal fervilhando de animais domésticos. Felizmente, sua inocência estava preservada, pois ainda desconhecia o paradeiro final daquelas avezinhas que tanto adorava, virando canja do jantar.

Com quase quatro anos, Bernardo tinha um coração generoso e procurava acolher todos os bichinhos com afetividade peculiar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Inesperadamente, enquanto Cora estava encerrada no escritório manuseando documentos, o choro desesperado dele a fez gelar até os ossos. Ela correu ao encontro do menino receando um mal terrível, e o que viu espalhado pelo quintal junto aos pés do menino, à feriu além da carne.

Refletido nos olhos aguados do filho, ela viu o horror das inúmeras aves mortas. O sangue e penas manchava a terra, e escorriam das mãos de Rosalva, empunhando o facão. Sem conter um riso sinistro, a mulher tinha destroçado aqueles pobres animais, e no fio do facão extravasou toda a sua frustração e ciúme; afetando justamente a coisa que a criança mais amava.

Ao tomar o filho nos braços, Cora chorou copiosamente junto com o menino sem perceber que dois braços fortes os ampara com a força de uma montanha. Acolhidos no casulo protetor de Blazio, Cora e a criança foram arrastados para dentro de casa, enquanto a tia Eleonor tentava conter a rebeldia incontida da filha.

Inconsolável, a criança murmurava queixumes,

PERIGOSAS ACHERON

recostada no ombro da mãe, sobre as pobres avezinhas abatidas com violência. Então, intervindo em socorro, Blazio tentou abrandar a situação, mas percebeu o quanto era difícil explicar o comportamento agressivo àquele bebê inocente!

Rosalva estava em constante tratamento, mas sua loucura tornava-a muitas vezes incontrolável. Internações e tratamentos de choque, eram rotineiros, mas sua periculosidade ainda não fora comprovada; até agora.

Cerrando os olhos, Blazio rogou por um pouco de serenidade num momento de desespero. Porém, que Deus a livrasse de investir contra o seu filho! Infelizmente, o registro daquela cena já estava gravada na memória do menino. Outra vez, Blazio precisaria intervir; mas resolver a questão era tão difícil, quanto aturar a total loucura da parenta.

Tia Eleonor esgota todas as suas energias tentando conter o desequilíbrio da filha, porque os tratamentos quase não surtiam efeito na mente defeituosa. A infelicidade nublou os olhos da mulher, tanto quanto a impotência de seus ombros

alquebrados.

O resto do dia, Cora e Dona Alexandra fizeram companhia ao menino, tentando apagar da memória a cena degradante. No início da tarde, as mulheres colocaram frutas e guloseimas numa cesta de piquenique, e foram ao sopé da montanha às margens da mata, onde havia um lago natural, com águas cristalinas, que despencavam numa cascata espumante.

Mergulhando o corpo na água fresca, os arrepios da pele ajudavam espantar a tensão muscular, vinda do pandemônio do quintal. Então, o riso descontraído trazia de volta aos olhos do menino a inerente alegria, e alívio ao coração materno.

Depois de degustar as guloseimas, depositadas na mesa improvisada sobre a toalha xadrez, eles cochilavam despreocupados, deitados no cobertor, e aquecidos pelos raios solares que atravessavam a ramagem da frondosa árvore.

Despidas das roupas pesadas que cobriam as

PERIGOSAS NACIONAIS

mulheres do pescoço até a ponta do pé, e que haviam colocado sobre um arbusto às margens da clareira do lago, agora elas secavam ao sabor do sol, as vestes sumárias, que consistia em calção recoberto em babados na altura dos joelhos e corpete de cetim, com o qual mergulharam.

Com as faces coradas, Cora sentia-se quase nua, vestida apenas com as roupas íntimas. Mas, como estavam resguardadas de olhares indiscretos, elas conseguiram relaxar, e até ressonar sob o céu azulado, enquanto Bernardo dormia profundamente tranquilo, entre as duas mulheres.

Acolhendo a mão do menino entre a sua, Cora quase esquecera o motivo do improvisado piquenique. E até apreciava o momento com prazer, quando um estalido ao seu lado a fez gelar. Ao voltar-se sobressaltada, ela viu Blazio se agachar e cobrir seus lábios com a mão, pedindo silêncio num breve murmúrio. Piscando desarvorada para clarear a visão, Cora tentou sentar-se, mas ele tomou seu ombro com determinação, contendo seus movimentos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

-Por favor, fique onde está!

Completamente alerta, ela observou os corpos adormecidos ao lado e suspirou contrariada.

-O que você está fazendo aqui...?

Depois de um momento analisando o rosto dela e o quadro ao redor, ele envergou os ombros com indiferença e murmurou displicente sentando-se ao lado.

-Vocês sumiram por horas...! Resolvi investigar.

Quando os olhos dele pousaram na mão do menino sob a guarda da sua, ele buscou os olhos verdes com ardor. A seguir, ele perpassou lentamente cada pedacinho daquele corpo delgado de pele branquinha e aveludada. Mas, a visão das pernas desnudas o atraíam quase tanto quanto o contorno dos seios, subindo e descendo ao compasso da respiração irregular. Sentindo-se abrasivo, ele desviou os olhos daquela tentação, e resolveu investigar o local.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os passos firmes dele caminhando a beira da lagoa, e espreitando a vegetação, foram acompanhados pelo olhar de Cora. E, sobre uma pedra achatada, ele conseguiu avistar além da clareira, porém seus olhos buscavam com insistência apenas a mulher, movendo-se com sensualidade para se ocultar na relva e encobrir a nudez com as roupas resguardadas nos arbustos.

Ao sentir-se protegida com as vestes apropriadas, Cora voltou ao acampamento para acordar a governanta e o filho. Mas, quando seu olhar buscou os de Blazio, ela pode ver o riso discreto e o brilho fortuito em seu olhar, e sentiu-se arrepiar por inteiro. Combatendo seu olhar com irritabilidade, ela lhe deu as costas, enquanto se preparava para deixar o acampamento.

Sobre o lombo do cavalo e protegido entre os braços do pai, Bernardo voltou para casa sorridente e falante, como sempre. Logo atrás, Cora e a governanta, seguiam de perto montadas em suas próprias montarias. Observando-os juntos, Cora ficou a imaginar como era possível Bernardo se afeiçoar aquele homem rígido, em tão poucos dias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Por longas noites ela sofreu terríveis pesadelos, ao lembrar o desespero do filho, quando Blazio o arrancou de seus braços. Porém agora, quando Blazio tomava o menino no colo e lhe enviava um sorriso, sabia que era amado e protegido. Cora compreendeu que, a inocência vencida o desespero, ante um olhar amoroso.

Para abrandar o ocorrido com os animais, Blazio desmontou do cavalo com o menino nos braços, no mesmo terreiro da infame carnificina. Agora devidamente limpo. Logo após o incidente, Blazio e alguns peões colocaram uma espessa camada de areia limpa, apagando por completo o vestígio escarlate. E, no mesmo terreiro, as aves restantes ciscavam indiferentes a aproximação dos humanos. Apreensivos, observaram o menino se aproximar das aves, e quando tocou as penas brilhantes dos patinhos, seu riso feliz atravessou a atmosfera e abrandou o coração dos adultos.

A comoção seria esquecida; ou ficaria guardada bem no fundo na memória, apenas para assombrar a criança em pesadelos. Por algum tempo, Cora permaneceu com o filho no quintal, certificando-se

PERIGOSAS ACHERON

que a vida seguiria o curso, enquanto Blazio e a governanta entravam em casa.

Cora queria esganar o pescoço daquele diabrete, mas sabia que sua ira serviria apenas para magoar-se. Mas, prometeu-se colocar um ponto final naquela loucura. Quando Cora entrou em casa decidida a enfrentar a ira da família, encontrou as parentas com as malas prontas, e o senhor Donato esperando-a na sala de estar.

Uma previdente internação seria a solução para o descontrole da moça. Principalmente porque ela não compreendia o retorno de Cora, nem a criança obtendo toda a atenção da família.

Em poucas palavras e breves adeus, Cora viu o carro do senhor Donato desaparecer na curva da estrada, levando consigo as mulheres alquebradas. Havia tanta tristeza nos olhos de Eleonor, que Cora quase a abraçou em despedida, mas resignou-se apenas a um breve adeus.

Apoiados no umbral da varanda, quando a terra silenciou a saída do automóvel, Cora e Blazio fitam

PERIGOSAS NACIONAIS

o horizonte por um longo momento, completamente emudecidos, imaginando se os dias vindouros lhes trariam paz.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20

Aquela noite Bernardo se recusava a dormir, então Cora permaneceu no seu quarto, tentando acalmar-lhe o espírito irrequieto. Sentada no tapete repleto de brinquedos, Cora tentava atrair a mente do menino, porém quando seus olhinhos pesavam de sono, ele sorria mais alto e pulava no colo da mãe, com energia redobrada.

Cora pressentia o seu medo e a recusa de se entregar ao sono; então, quando estava prestes a levá-lo para sua cama, Blazio entrou no quarto. Sua energia transformou a atmosfera, como a briza mansa na orla do lago. E quando o menino pulou no pescoço do pai com um riso aliviado, Cora percebeu o quanto ele almejava aquela fortaleza.

Sentando-se no tapete ao lado de Cora, Blazio envolveu o filho com carinho e aconchegou-o junto

PERIGOSAS ACHERON

ao peito. No silêncio reconfortante e ao embalo das batidas do coração daquele homem potente, em instantes a criança adormeceu profundamente. Um riso discreto distendeu os lábios de Cora ao perceber que também desejava um pouco de carinho.

Percebendo seu semblante cansado, Blazio passou um braço em torno dos ombros dela e a aconchegou junto a si. Depois de um instante de hesitação, ela também se entregou ao inesperado afago. Envolvidos numa atmosfera de paz, eles permaneceram por um longo momento, apenas sentindo o calor emanado.

Por fim, ao depositar a criança no berço e cobri-la com o cobertor, Blazio beijou sua face rosada com suavidade. Seus olhos castanhos fulguravam ao fixar os de Cora á cabeceira e perdeu-se na textura dos lábios dela murmurando agradecida.

-Obrigada!

Contornando o berço com agilidade, Blazio se aproximou e quase tocou o corpo dela com o seu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fixando a textura dos lábios sedosos, Blazio perdeu o fôlego e precisou recorrer ao equilíbrio de suas emoções para não sucumbir ao inebriante desejo.

Envolvida na fortaleza daquele corpo quente, Cora se viu flutuar, tarde demais percebeu que estava sendo carregada para o seu próprio quarto. Os braços de Blazio envolveram-na ardorosamente, com a leveza de uma pluma, ao depositá-la sobre o colchão fofo da sua cama.

Temendo a proximidade e sentindo o olhar dele perpassar-la sutilmente ao se afundar no travesseiro, as faces dela arderem afogueadas, como se ele a tocasse sensualmente. Porém, Blazio tomou a ponta da coberta e a cobriu até o pescoço, num silêncio eletrizante. Depois se afastou. Ao batente da porta, desejou-lhe boa noite numa voz enrouquecida.

-Durma bem querida!

E, com um suspiro profundo, ela observou-o desaparecer na penumbra do corredor. Por muito tempo ela permaneceu acordada, conjecturando

PERIGOSAS ACHERON

sobre o que estava acontecendo com seu juízo! Por acaso enlouquecera, igual a diabrete Rosalva? Que sentimento contraditório a invadia? Simplesmente não compreendia, porque num momento o odiava, para no seguinte, arder feito uma brasa na fogueira da perdição.

Ao retornar àquela casa, Cora não buscava perdão, ou qualquer outro sentimento que não pura submissão. Porém, estava acontecendo o oposto às suas pretensões. Blazio demonstra indulgência por causa do filho, e ela sabia que sua colaboração no escritório seria facilmente dispensada, ainda assim ele a acolhera. Nas reviravoltas do mundo, os sentimentos se transformam, mas ela sabia que não era merecedora de tal tolerância.

Trazidas sob o punho rígido dos maridos, muitas esposas recebiam castigos severos por deslizes muito menores do que a fuga de Cora. Eram punições aplaudidas pela sociedade, muitas esposas rebeldes recebiam açoites, iguais aos animais selvagens no picadeiro. Cora acreditava ainda não estar livre de tal punição, e aguardava o momento com resignação. Os mexericos sobre a

PERIGOSAS NACIONAIS

sua infidelidade deviam correr na boca de todo o povoado, e Blazio seria um tolo se não aplicasse tal castigo a esposa fugitiva.

Cora passaria por sua maior provação no domingo próximo, ao perceber a troca de olhares entre o marido e o sogro na hora do jantar, alguns dias após sua chegada. O temível confronto com a comunidade na igreja local, poderia ser a sua maior desgraça, ou reconciliação definitiva com o passado.

Emudecida, Cora observou o semblante preocupado da governanta ao seu lado, e o senhor Godofredo, que igualmente manteve-se calado ao perceber a situação patética que ela enfrentaria. Bem, ninguém poderia amenizar os seus castigos, ela era a única culpada por estar naquela enrascada.

Então ao amanhecer de sábado, Cora finalmente resolveu apaziguar o passado e a indiferença de sua própria existência.

Ao tomar as rédeas do cavalo que o senhor Godofredo lhe estendia, ela agradeceu com um

PERIGOSAS ACHERON

breve sorriso, se afastou em direção a estradinha de terra batida, rumo ao leste onde o sol se levantava.

À distância, um fiapo de fumaça esbranquiçada erguia-se da chaminé na rústica casinha, a beira da floresta. Seu coração começou a bater ferozmente a cada passo mais próximo da cerca de ripas desgastadas e parcialmente tombadas.

Com assombro, ela observou a casa minúscula de sua infância e o quintal vistoso tomado por ervas daninhas, quase entrando pela porta da cozinha. Com olhos turvos pelas lágrimas incontidas, ela parou no pátio, sem coragem de se anunciar. O silêncio era reinante à volta, como se a propriedade estivesse deserta. Não se ouvia nem os ruídos característicos dos animais domésticos, nem o cheiro de comida matinal.

Com as pernas bambas, ela apeou do cavalo e o amarrou num ramo desgobernado de cipreste. Pressentindo o coração bater na garganta, ela atravessou o terreiro e galgou os degraus precários, rangendo sob seus pés. Quando os nós dos seus dedos iam tocar na madeira rugosa, esta se abriu

completamente.

Apoiado num cajado rústico, um homem alquebrado perpassou-a com deficiência; tentava reconhecer traços familiares na moça paralisada e emudecida a sua porta. Surgindo por trás dos ombros alquebrados do velho, uma mulher de cabelos brancos também investigava a curiosa visitante.

Por muito tempo, os três se analisaram em silêncio, até que emergindo das profundezas, Cora murmurou num fio de voz.

-Pai... mãe...!

Em choque, os velhos buscaram apoio na estrutura da porta, com os olhos esgazeados. E num gemido estrangulado, a mulher balbuciou infeliz.

-Corina...?

Sem conter um soluço preso na garganta, ela aproximando-se um passo, com a mão pousada no ombro do velho ancião, olhando de um para o outro com imensa saudade, ela confirmou.

-Sim...!

Uma grossa lágrima transborda dos olhos cansados do pai, enquanto tomava-a num abraço apertado. Por muito tempo eles se abraçaram, enquanto a mãe tocava seus cabelos sedosos com admiração. Arrastando-a para junto da mesa e acomodando-a no banco rústico, o velho parecia temer que ela desaparecesse como as brumas da manhã, ao fechar a porta rapidamente.

Num misto de saudade e tristeza, Cora examinou o aposento, imaginando como tudo ali parecia minúsculo e enegrecido, coisa que não reparava na infância. Também não entendia, porque no banco onde agora mal cabia o seu traseiro, as crianças acomodavam-se para fazer as refeições, sacudindo as perninhas e mal tocando o chão.

Da mesma forma, ela imaginou como seria possível preparar a comida sobre a chapa rachada, do despedaçado fogão á lenha. E sem disfarçar a tristeza, reparou na mesa, tão encardida e grudenta quanto as tábuas do chão. Também nas louças sujas acumuladas na gamela, igualmente encardidas e

rachadas.

Pressentindo seu olhar reprovador, Camélia baixou os olhos marejados e fitou os próprios pés descalço. Ela estava tão magra, que o vestido puído nas extremidades, mal escondiam sua debilidade. Cora observou amargamente que o rosto enrugado da mulher, provinha da fome e privacidade, não apenas dos anos sobrevividos. Igual o rosto macilento do pai, e seus olhos encovados exigindo cuidados.

Céus! O que fazer com criaturas tão miseráveis!

Tentando parecer indiferente à miséria e fragilidade dos pais, Cora procurou se inteirar da família, desde a sua ausência. Porque mesmo à distância, encerrada na fazenda do senhor Donato, ela conseguia acompanhar a evolução dos irmãos; agora, parecia ter passado uma eternidade, pelo próprio decaimento de suas vidas.

Enquanto conversavam e tentavam vencer barreiras intransponíveis, com um sorriso encabulado, Camélia ofereceu um pouco de café

PERIGOSAS NACIONAIS

para Cora numa caneca de latão. A mão da velha tremia tanto, que Cora tomou a caneca rapidamente, temendo ver todo o líquido escuro transbordar da borda. Depositando a caneca sobre a mesa, Cora tomou as duas mãos dela com ternura, enquanto acomodava-a ao seu lado no banco rústico. Ante seu sorriso acolhedor, a mulher suspirou, tentando refazer-se do inesperado acontecimento.

Envoltos num odor saturado de mofo, musgo e fumaça, Cora relatou sua imensa derrota e desventuras da sua fuga, enquanto os pais a ouviam emudecidos. Os velhos não a recriminam por seus atos, pois os próprios arrependimentos iam muito além dos deslizes de uma criança coagida.

Então, encravado na própria carne o arrependimento deles, também corroía-os ano após ano.

Pela primeira vez na vida, Cora sentiu-se livre da supervisão opressiva da tia Eleonor, e prometeu a si mesma mudar o rumo daquela absurda jornada. Ficou extremamente surpresa e aborrecida, ao saber

PERIGOSAS ACHERON

que o caçula também abandonou os velhos, para seguir os irmãos na cidade, com intuito de estudar e trabalhar. Ele devia ser pouco mais que um adolescente, poderia ter ficado ali para ajudar os velhos.... Mas, todos desejavam ter sua própria vida. ‘Como os pássaros, impulsionados pelo voo da liberdade.’

Ao despedir-se com um nó na garganta, Cora prometeu retornar, e os calou num gesto de mão quando eles imploraram misericórdia, pois há muito já os havia perdoado.

Ao retornar pela estradinha, seu olhar por sobre o ombro, buscou a casa rústica e o casal de velhos, acenando-lhe do portão. Sentindo um aperto no peito, ela devolveu o aceno e disparou por um pouco de alento.

O casarão da família Teixeira surgiu entre o borrão do seu olhar, enquanto o cavalo percorria a estradinha da propriedade, sem perceber os raios solares banharem seu rosto transfigurado de dor.

Da janela do celeiro, Blazio observou-a com

um vinco de aborrecimento. Como uma fugitiva, ela desapareceu da sua casa sem aviso prévio, deixando no peito um alarme persistente. Mesmo reafirmando mentalmente que ela voltaria, Blazio só conseguiu respirar quando a viu cavalgar de volta a estrebaria. Imediatamente, ele percebeu seus ombros alquebrados e os passos lentos, de quem sofria calada ao atravessar o pátio até a porta da cozinha.

Por mais que ele quisesse desfazer a desordem de suas vidas, sentia-se impotente ante o destino obscuro que se apresentava. Além disso, se um dia tivera esperança de que ela pudesse nutrir algum sentimento especial, perdera-se no caminho adverso.

O domingo resplandeceu com o clarão do sol, mas no íntimo, Cora pressentia a nuvem negra acompanhar seus passos rumo ao automóvel do marido, estacionado no pátio da casa a esperá-la. Seu vestido verde-água em cetim e rendas, esvoaçavam ao sabor da brisa matinal e envolvia-lhe as pernas trêmulas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Incentivando-a com carinho, Dona Alexandra a aguardou junto a porta aberta do carro, com um sorriso tranquilizador, mas Cora sabia que estava sentenciada a supervisão de toda a comunidade, e julgada ao bel prazer. Dois bracinhos carinhosos envolveram sua cintura, e ela se curvou para beijar o rostinho sorridente do filho amado, antes de elevar seu olhar assustado ao marido segurando a porta do veículo para ela entrar. Ao ver Bernardo acomodado entre o casal de amigos no banco traseiro, Cora passou rente ao corpo potente de Blazio e sentou-se ereta, como uma estátua de sal ao lado.

O trajeto de alguns quilômetros passou num piscar de olhos, e Cora se viu descendo do carro em pleno terreiro da capela, apoiada pela mão forte do marido. Um calor estranho a envolveu quando o lábio de Blazio roçou levemente seus dedos gelados, ante uma multidão de olhares abismados. Desequilibrada pela emoção, mesmo sabendo que os gestos dele eram apenas para fortalecer lhe o ego ante a plateia, Cora buscou apoio no marido, ao ser praticamente arrastada, através do pátio até onde os pais dela os aguardavam estáticos.

PERIGOSAS ACHERON

Ante o cumprimento eficaz de Blazio, os velhos respiraram aliviados e os seguiram até o interior da capela, onde o padre já os aguardava para cerimônia dominical. Tentando conter o volume de seus mexericos disfarçadamente, com as mãos, a comunidade acomodou-se nos bancos lustrosos, mas seus olhares buscavam constantemente o casal acomodado próximos, e, envoltos em fé.

Como açoite, a acolhida ríspida era amenizada pela mão do filho grudada na sua, e o calor do corpo de Blazio recostado em sua perna do outro lado.

Comandados pela rigidez machista conduzindo a família com punhos de aço, muitas pessoas não compreendiam a amabilidade dedicada a esposa leviana. Porque, cercada pelo casal de amigos, a família Teixeira, e os pais, Cora sentia-se resguardada da miséria humana.

Aquelas mesmas pessoas que jamais moveram um só dedo para lhe acolher na infância, acreditavam que agora podiam influenciar no seu futuro. Mas, a aparente passividade de Blazio para

PERIGOSAS NACIONAIS

com Cora, era vista como fraqueza na rudeza masculina, pois a mulher traidora merecia ser castigada sem piedade. E, as mulheres eram incentivadoras obstinadas dessa prática, e levadas a crer a que o açoite lavava a alma impura.

As têmperas de Blazio latejavam visivelmente num controle das próprias emoções, e seus cabelos grisalhos caíam em madeixas teimosas sobre a testa, ao qual ele as organiza impaciente, pressentindo os olhares persistentes da comunidade sobre suas costas; então, seu rigor e obstinação, iam muito além do porte alentado, contra a mesquinharia alheia.

Numa demonstração de fibra, ele estendeu o braço ao longo do encosto do banco, e pousou a mão no ombro da esposa, com pose, durante a pregação solene do padre. Sentindo-a estremecer ao toque, ele imprimiu força e segurança, até fazê-la relaxar.

Sem coragem de encarar os olhos castanhos, Cora observou as próprias mãos retorcidas no regaço, sentindo cada fibra do corpo registrar a

PERIGOSAS ACHERON

força daquele gesto alusivo. Não era apenas a confirmação de que ele a perdoava ante toda a comunidade, reunia também os milhões de fragmentos perdidos na trajetória. Aquela demonstração pública significava mais que mil palavras, e como num passe de mágica, os murmúrios em volta emudeceram.

Muito lentamente, Cora voltou a respirar, e por um instante, ela buscou os olhos do marido e quase desmaiou, quando ele lhe piscou sutilmente. Um riso discreto curvou o canto da boca de Blazio, quando desarvorada ela buscou o altar consagrado, conforme ele a aconchegou no seu abraço.

Quando o padre os abençoou em despedida, Blazio levantou-se com a mão erguida solicitando um momento de atenção a todos os presentes. Cora perdeu o fôlego e o segurou pela dobra da calça, num mudo pedido de clemência. Céus! Havia chegado o momento do seu castigo!

Antes que Blazio abrisse a boca ante uma plateia atenta, seu olhar buscou os olhos verdes, tão assustados e aflitos quanto na infância. Um vinco

PERIGOSAS NACIONAIS

aborrecido vincou a face daquele homem robusto, e seus cabelos grisalhos caíram-lhe sobre a testa franzida.

Observando os espectadores aguardado o pronunciamento, Blazio limpou a garganta com rigidez, antes que sua voz grave emergisse na atmosfera silene e os desafiasse.

-Acredito que todos aqui já conhecem a minha esposa...e alguns, o meu filho! Gostaria de esclarecer que estou extremamente satisfeito com o seu retorno...! Alguém tem algo a dizer?

Ante uma plateia emudecida, Blazio aguardou alguns segundos antes de tomar Bernardo no colo, apresentá-lo com orgulho, e estender a mão para Cora com energia. Ela também levantou-se e observou os rostos pasmos, com o queixo erguido, esperando a repressão. Então resignados, rapidamente as pessoas saíram da capela, como se tivessem sido atingidos por um raio.

Ao final da debandada, apenas alguns poucos permaneceram no interior da capela. Envoltos num

PERIGOSAS ACHERON

abraço invisível, Cora observou o rosto dos pais e respirou profundamente, ante o sorriso acolhedor de Dona Alexandra e seu marido. Ainda segurando-a pela mão, Blazio conduziu-a para fora do recinto, ante o suspiro aliviado do padre, estático ao pé do altar.

Agora ninguém mais se atrevia a desafiar a atitude daquele homem altivo, nem fazer intriga às suas costas. A família caminhou de cabeça ativa rumo ao automóvel, e depois de trocar algumas palavras com os sogros, Blazio tomou seu lugar atrás do volante e seguiu calmamente em direção à estrada de terra até a fazenda. Em silêncio, fizeram o percurso, e no pátio, assim que todos desembarcaram, Blazio retomou a estrada rapidamente e desapareceu na curva da propriedade, deixando todos boquiabertos com sua atitude imprevista.

Tomando o filho no colo, Cora entrou na casa, imaginando o que Blazio pretendia fazer ao sair sem ao menos uma palavra. Em seguida, ela alimentou o menino na cozinha aconchegante, sob o olhar interrogativo da governanta. Sobre a chapa

quente do fogão à lenha, o almoço especial de domingo exalava o aroma delicioso, mas Cora sentia o estômago revirar em expectativa.

Com a ajuda de Dona Alexandra, Cora arrumou a mesa na sala de estar, esperando rever Blazio retornando para casa. O que ele pretendia fazer, depois de encarar a comunidade com aferrada demonstração de que ninguém poderia interferir em suas decisões?

Eram indagações vans no silêncio da casa. Então, com o coração apertado, ela aconchegou o filho no colo depois da refeição, e apreciou o jardim florido, acomodada no frescor da varanda. Mas, seus olhos e ouvidos buscavam constantemente a estrada, esperando ver o automóvel de Blazio surgir à distância.

Logo ela sentiu-se agitar ao ouvir o ronco do motor familiar. Bernardo também despertou da letargia, e correu para esperar o pai à escadaria da varanda. Com um riso inocente ele aguardou, e parou estático ao ver dois velhinhos saindo do veículo observando-o amavelmente. Cora também

PERIGOSAS NACIONAIS

se levantou com o coração aos pulos, e disparou ao encontro dos pais.

Era a primeira vez que eles adentravam àqueles portões, e certamente estavam abismados com a magnífica visão, porém seus olhos buscavam apenas a moça vistosa, vindo ao seu encontro. Ao passar por Blazio, Cora lhe inquiriu com o olhar, mas ele apenas lhe deu passagem com um discreto sorriso e um gesto de mão na direção dos velhos esperando-a.

Acolhidos no abraço afetuoso, os velhos enveredaram para a ampla residência, onde o netinho ao lado do pai, também os aguardava. Com olhos vidrados, o menino acompanhou os passos hesitantes dos velhos se aproximando da escadaria, e se escondeu atrás das pernas de Blazio, quando eles mencionaram se aproximar. Então, Blazio se agachou e murmurou algo nos ouvidos do menino, que o fez observar os velhos com mais atenção.

Os olhos abismados do menino perpassam dos visitantes à Cora, e surpreendendo a todos, o menino se aproximou e estendeu a mão aos velhos,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

convidando-os a entrar. Depois de um momento de hesitação, conduzidos pelas mãos do netinho, os velhos atravessaram o batente da porta e se acomodaram na sala de estar. Com os olhos rasos de lágrimas, Cora acompanhou os passos dos pais, e sentou-se na poltrona ao lado deles.

Após colocar mais dois pratos à mesa, Dona Alexandra interrompeu a conversa amena dos visitantes, e anunciou o almoço. Era visível os tremores de apreensão nos corpos encurvados, ao caminharem lentamente pelo interior da casa luxuosa, pisando nos tapetes aveludados, abafando-lhes o som dos tamancos de madeira.

Ao tirar o chapéu de feltro desgastado, a careca de Rodolfo reluziu a pele rosada com apenas alguns fios de cabelos brancos. Os olhos vidrados de Bernardo analisaram-nos detalhadamente ao sentarem-se à mesa entreolhando-se emudecidos. E, para quebrar o embaraço inicial, Blazio iniciou uma conversa amena, enquanto a governanta sorridente colocava generosas colheradas de comida no prato dos convidados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Igual a Cora, que um dia deliciou-se da rica refeição, os velhos também não sabiam como utilizar os talheres, sem quebrar a fina porcelana dos pratos. Então, com um sorriso conciliador, ela os incentivou, demonstrando segurança nos gestos. Ao levar o copo de cristal a boca, por sobre a borda, Cora buscou o marido, e quase engasgou com a bebida ante o seu riso fortuito e a piscadela perspicaz. Aquele era sem dúvida um gesto grandioso, e Cora sabia que ele estava se esmerando para reconquistá-la. Bem no fundo, Cora sabia que estava a um passo de se render a proposta dele. E eram convívios serenos àqueles dias, e uma tênue cumplicidade surgia entre os dois.

Depois da refeição, os velhos foram conduzidos à sala de estar para uma conversa decisiva. Tonta de apreensão, Cora também esperou a declaração, sabendo que a ausência de Donato, não desmerecem as decisões que Blazio tomava com energia. Ante os olhos abismados dos velhos, Blazio informou que não ficariam desamparados, e que um quarto de hóspedes estava sendo providenciado para eles.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

-Reconheço as dificuldades de vocês... temos muito espaço, e quero que fiquem aqui na fazenda, morando conosco. Sei que vocês tem alguns animais domésticos, vamos trazê-los para cá. É o melhor que temos para oferecer... Não é mesmo Cora?

Emudecida, Cora levou alguns segundos para compreender as atitudes de Blazio, e a grandeza do seu gesto. Porém, observando a troca de olhar dos pais, Cora percebeu a dúvida estamparem suas feições. Então, fitando os olhos daquele homem robusto, Cora aquiesceu com um leve mover de cabeça. E debateu a proposta do marido com cuidado, ante a aferrada recusa, porém Cora os fez prometer ao menos pensar no assunto.

Por fim, Blazio concordou a contragosto, quando eles prometeram dar a resposta em alguns dias. Então, concedendo-lhes alívio, Blazio convidou-os a tirar uma soneca, (como era de costume local, depois do almoço, principalmente os adultos, tiravam apenas um cochilo de alguns minutos, para recuperar as energias.)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao fim do dia, Cora abraçou os pais no pátio da casa, antes deles entrarem no carro de Blazio, para levá-los para casa. Por fim, ela suspirou profundamente e devolveu o aceno de adeus, quando o carro saiu lentamente. No peito fremia uma emoção envolvente, aquecendo-a ternamente, e com um riso aliviado, ela entrou em casa a procura do filho.

Sentado num banquinho próximo ao fogão a lenha, Bernardo questionava a governanta sobre os velhinhos que acabavam de sair. Ao pressentir a presença de Cora no recinto, a mulher a indicou num gesto de cabeça e um sorriso terno.

-A sua mãe pode lhe explicar melhor!

Acolhendo o filho nos braços, ela o levou até o banco, e sentando-se ao lado, explicou o essencial, ocultando a triste separação. Então, inteligente e atento às nuances, ele compreendeu muito além das palavras. E, sorriu feliz ao perceber que agora tinha três avós. Contagiadas com o riso límpido do menino, as mulheres sorriram felizes como há muito não acontecia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21

Os dias seguintes transcorreram com tranquilidade, enquanto a rotina da casa contribuiu para o novo recomeço. Blazio saía ao amanhecer para a lida, enquanto Cora rebusca os documentos no escritório, tentando se inteirar dos negócios. Ela e Blazio quase não se encontravam durante o dia, mas se viam na hora do jantar e alguns minutos, quando ela colocava Bernardo na cama, e ele aparecia para lhe desejar boa noite. Ao envolver o filho nos braços e beijar seu rosto rosado, Blazio deixava cair a máscara austera, e sorria genuinamente feliz.

Sobre a penumbra do quarto, Cora apreciava aqueles breves momentos de cumplicidade, quando ele a olhava profundamente e lhe desejava boa noite. Os lábios dela mal se moviam ao devolver o cumprimento, conforme Blazio passava rente ao

PERIGOSAS ACHERON

seu corpo e desaparece no corredor.

Durante a noite, Cora rolava insone sobre os lençóis, repassando mentalmente cada instante de convívio com o homem intrigante, pressentindo que o rancor cedia lugar a uma nova e imprevista emoção.

Quando seu olhar cruzava com Blazio á mesa do jantar, sentia um frisson na boca do estômago, e ardor, quando ele descansava a perna na sua, sob a toalha de linho. Muito lentamente, o convívio tornava-se agradável, mesmo nas raras trocas de palavras. Mas, a serenidade da casa estava definitivamente encerrada, com a chegada intempestiva das parentas dele.

Assim que o senhor Donato parou o automóvel no pátio, as mulheres correram para recebê-lo, porém ao avistarem as parentas desembarcando carrancudas, todas retrocederam para os confins da casa silene. Toda a atmosfera agradável da casa foi levada pela aragem fria, antecedendo as recém-chegadas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Rosalva parecia uma alma penada adentrando a porta da sala, com andar cauteloso e olhar astucioso. Todavia, seus olhos congestionados pelos narcóticos, pareciam não identificar o recinto, enquanto Eleonor praticamente a arrastava para o quarto.

Ocultada atrás da porta da cozinha, Cora rezava por misericórdia, enquanto uma lágrima desliza de seus olhos tristes. Como era possível conviver com aquelas pessoas sem sofrer as consequências, que certamente viriam. Mas seu temor era principalmente pelo que pudesse acontecer com o seu filho, pois o mal que aquela louca fizera com as pobres aves ainda pairava na cabecinha do menino inocente.

Um arrepio pavoroso varreu seu corpo à simples lembrança da própria infância. De olhos cerrados, ela se prometeu não permitir que Bernardo sofresse qualquer mal. Jamais. Com um suspiro determinado, ela saiu do reatamento, disposta a enfrentar o inevitável. Agora tinha um motivo precioso para estar atenta.

PERIGOSAS ACHERON

Felizmente, as mulheres se isolaram no quarto para descansar da viagem até o anoitecer. Porém, quando Blazio retornou da lida, confrontou o pai por tê-las trazido de volta.

-O que eu podia fazer...? Rosalva pareceu reagir bem à medicação. E foi liberada pelo médico! Não podia deixá-las à própria sorte. Sua Tia vendeu a casa e tudo o que tinha com o passar dos anos, por conta dos tratamentos da filha. Ficariam largadas no meio da rua...

Blazio respirou fundo, tentando controlar a irritação, enquanto buscava uma solução, pois não permitiria que elas o arruíne novamente. Aquela noite, Cora não se juntou a mesa do jantar alegando indisposição. Blazio compreendeu imediatamente a sua recusa em unir-se a família. Pai e filho conversam amigavelmente durante a refeição, mas Blazio pouco deu importância aos comentários mordazes da tia Eleonor ao mencionar Cora e o menino.

Rosalva apenas remexia a comida de um lado a outro no prato, e olhava de um para outro, como a

maquinar algo. Disfarçadamente, Blazio até podia prever quem ela procurava incansável. Depois de muito ponderar, ele acreditava já ter encontrado a solução para aquele impasse. E sairia na manhã seguinte para resolver definitivamente o caso.

Ao entrar no quarto do filho para desejar boa noite, Blazio ficou decepcionado por não encontrar a esposa como sempre acontecia. O menino dormia profundamente como um anjo, e corado por cabelos loiros espalhados pelo travesseiro. Observando-o longamente antes de beijar sua face rosada, Blazio aspirou profundamente, sentindo um palpar agitar o peito. Incapaz de evitar o alarme, ele encostou o ouvido na porta conjugada, tentando ouvir algum ruído vindo do aposento de Cora.

Decepcionada com o pouco caso da família, trazendo aquela desequilibrada de volta ao convívio perigoso com o menino, Cora ouviu os passos de Blazio, e permaneceu imóvel sob os lençóis, temendo que ele invadisse o seu aposento.

Ao ouvir os passos dele desaparecendo no corredor, Cora soltou a respiração presa na

garganta, e saiu da cama para averiguar o filho novamente antes de dormir. Ao abrir a porta lentamente, ela avistou o berço parcialmente iluminado pelo luar e suspirou longamente ao vê-lo tranquilo.

Em plena madrugada, quando o horizonte ressurgiu colorido, Cora despertou com o ruído do motor do carro de Blazio se afastando da propriedade. Quando o senhor Donato adentrou a cozinha para tomar o café da manhã, Cora o questionou sobre a viagem de Blazio. E ante os olhos abismados do velho, Cora compreendeu que ele também não sabia do seu paradeiro.

Ao cruzar com as parentas perambulando a esmo pela casa, Cora tentava ignorá-las, mas tia Eleonor sempre a interpelava por qualquer motivo, exigindo que a servisse em coisas que qualquer uma das empregadas poderia lhe providenciar. Enfim, Cora só conseguiu respirar aliviada ao encerrar-se dentro do escritório, território proibido às mulheres.

Dona Alexandra ficou de olho no

comportamento excêntrico de Rosalva, e não gostou de sua perseguição a todos os passos de Bernardo, espreitando-o pelos cantos da casa. À mesa do almoço, enquanto Cora alimentava o filho, Eleonor procurava reter a atenção da filha no alimento, mas a moça a ignorava e grunhia na direção de Bernardo, do outro lado da mesa.

Para não prejudicar o apetite do menino e desviar sua atenção dos modos grosseiros da mulher, Cora tomou o prato e ele pela mão, e saíram para para a varanda, por um pouco de ar. Se antes já era difícil a convivência, agora piorará imensamente, porque nos olhos da moça reluzia um veneno peculiar. O mesmo que um dia eram direcionados para Cora, agora atingiam em cheio o filho dela.

Sentindo-se miserável, ela culpou Blazio por abandoná-la a mercê daquelas encrenqueiras, enquanto saía em busca de aventuras. Ele estava acostumado às encencas da moça, mas Cora já sentira na própria carne do que ela era capaz.

Reforçando as atenções para com o menino,

PERIGOSAS NACIONAIS

Dona Alexandra não perdia-o de vista, e quando Bernardo bocejou logo após o almoço, ela o colocou no berço e ficou sentada na cadeira, velando seu sono profundo, enquanto os seus olhos também pesavam sonolentos.

Despertando repentinamente agitada, Dona Alexandra percebeu alguém junto do berço do menino. Com um grito assustado, Dona Alexandra evitou que Rosalva tocasse os caracóis dos cabelos do menino, com a tesoura em punho. Assustada com os gritos, Rosalva deixou cair a tesoura no chão, antes de sair gritando esganiçada porta afora.

Trêmula com a desgraça evitada, Dona Alexandra tomou o menino sonolento no colo, e disparou na direção do escritório. Agarradas uma na outra, as mulheres soluçaram, enquanto afagavam o menino intrigado. Ele não compreendia o que estava acontecendo, nem o motivo de ver lágrimas transbordarem os lindos olhos maternos.

Depois de muito tempo, Dona Alexandra conseguiu relatar em detalhes o ocorrido, enchendo de temor o coração de Cora. Céus, aquilo era o fim!

PERIGOSAS ACHERON

Determinada a abandonar aquela casa, Cora passou o resto da tarde arrumando os pouco pertences dela e do menino, com o auxílio de Dona Alexandra. A mulher tentou dissuadi-la de partir, mas também não tinha argumentos suficientes para impedi-la.

Desta vez Cora não fugiria, nem passaria o resto da vida se escondendo. Ela poderia viver eternamente na miséria, mas o seu filho teria um futuro, graças a providência de João. Tarde da noite, ela ainda continuava sentada na varanda com o filho sonolento nos braços, esperando inutilmente ouvir o ronco do motor do carro de Blazio. Tinha urgência em falar com ele, pois não pretendia passar nem mais uma noite sobre o mesmo teto que aquela endiabrada.

Onde Blazio se metera! Para ele parecia fácil resolver a situação, bastava se retirar por alguns dias, até que as coisas se acalmassem; porém, deixava ela e o filho á mercê daquela peste. Esperaria o tempo que fosse preciso, e desta vez ele não a impediria de partir. Já estava decidida.

Na manhã seguinte tomaria os seus cavalos e

seguiria com o menino para a casa dos pais até encontrar um lugar definitivo. Sentindo a raiva e frustração crescente, tarde da noite, ela observou mais uma vez a curva da estrada, e carregou o filho adormecido para o quarto. Com um beijo e afago terno, ela o aconchegou sob a coberta de penas.

Com olhos secos, Cora largou os tamancos e se jogou na cama sem ao menos trocar de roupa. Infeliz, ela esfregou o rosto com as mãos e suspirou profundamente desalentada. Sentindo um aperto no peito, ela constatou estar ainda mais infeliz por ter sido abandonada por Blazio, num momento tão atribulado. Devia ter confundido aquele brilho nos olhos dele com algo além, mas, fora apenas fruto da sua imaginação. Finalmente seus olhos cansados serraram lentamente.

Tossindo engasgada, Cora acordou e olhou em volta, procurando o motivo de seu sufocamento, quando percebeu fumaça erguendo-se por baixo da porta do quarto de Bernardo. Como um raio, ela atravessou o aposento e abriu a porta conjugada. Ao receber no rosto uma lufada de fumaça enegrecida, ela sufocou ainda mais, e às cegas

PERIGOSAS NACIONAIS

correu até o berço onde o menino dormia e o tomou rapidamente nos braços, instantes antes de as labaredas ferozes engolirem as cobertas da cama.

Aos gritos desesperados, ela retornou ao seu quarto e disparou pelo corredor com os olhos completamente congestionados. Em instantes, a casa inteira foi sacudida por um alarde histérico, enquanto Cora disparava com o menino porta afora, ganhando a liberdade e ar nos pulmões.

Em meio ao desespero, ela pensou ter visto a figura ativa de Blazio, correndo ao seu encontro, no corredor, mas desviou o trajeto, e deu-lhe passagem, enquanto corria para apagar o fogo no interior da casa. Munidos de cobertores molhados, Blazio e vários peões se lançaram sobre as chamas, que devoravam tudo que tocavam; e depois de algum tempo de sufocamento, o fogo foi controlado.

Num desespero crescente, Blazio observou o ambiente totalmente destruído. O berço do menino era um amontoado disforme e enegrecido, as cortinas também pendiam esfarrapadas, igual os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

brinquedos sobre o tapete chamuscado.

Emergindo do desespero, e como se ouvisse de muito longe, Blazio conseguiu compreender alguém mencionar Rosalva, correndo para a cozinha com um facho incandescente na mão, gritando assustada. Com olhos fuzilantes e punhos serrados, Blazio abandonou aquele cômodo em cinzas e disparou pelo corredor disposto a esmagar o pescoço da prima.

Ao encontrar a mulher enroscada sobre si no chão da cozinha, com os cabelos chamuscados e as mãos queimadas, ele parou estático há alguns passos. Recorrendo ao resquício de lucidez, ele fitou os olhos da tia tão desesperados, quanto os seus. Ante a gravidade da situação, estavam todos perdidos, e lançados no inferno revolto.

Com lágrimas nos olhos, Blazio sentiu a mão do pai pousar no seu ombro implorando misericórdia. Revoltado com o próprio destino, ele enviou um olhar desolado ao pai, antes de sair em busca da mulher e o filho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Num desespero crescente, Blazio buscou todos os recantos da casa por algum sinal de Cora, mas ela parecia ter desaparecido da face da terra. Novamente ele sentiu-se derrotar, quando ouviu ao longe um lamento disforme.

Seguindo a intuição, ele caminhou através das pastagens completamente alienado, imaginando se não tinha imaginado aquele breve lamento. Depois de percorrer uma distância considerável vencendo a escuridão, ele viu surgir diante de seus olhos os contornos de um corpo envergado sobre si, e uma tosse abafada. Seguindo cauteloso naquela direção, ele rogou agradecido a Deus, por tê-los salvado. Somente um milagre cedido pelos céus salvará o filho da morte horrenda.

Cora devia estar ferida por ter aspirado a fumaça tóxica e correr descalço através dos obstáculos noturnos, como a criança que também tossia engasgada. Parando a poucos passos das criaturas desoladas, Blazio murmurou sufocado no próprio desespero.

-Cora...!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Encolhendo-se ainda mais, ela apertou o filho nos braços, tentando protegê-lo do mundo. Ao sentir a mão dele tocar seu ombro com segurança, Cora estremeceu aflita e se afastou ainda mais, com soluços entrecortados. Recolhendo a mão, Blazio ficou por um longo momento apenas fitando a figura alquebrada respirar com dificuldade, embalando o filho lacrimoso, e jurando que tudo ficaria bem.

Sentindo-se impotente, ele sentou-se ali perto, compartilhando ao menos daquele sentimento desolador.

Esgotada depois de muito tempo, Cora sentou-se na relva molhada, quando o filho ressonou suspirando esgotado. Para a criança também seria difícil esquecer que fora arrancado de sua cama em meio às chamas devoradoras. Cora lamentou profundamente, ao constatar que seu pobre filhinho já vivenciou tantas coisas ruins, num curto espaço de tempo. Como ele conseguiria superar aqueles infortúnios, sem perder a doçura?

Blazio era o único culpado por tudo aquilo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sentindo um rancor crescente, ela respirou profundamente ao ver no firmamento a luz do dia vencer a escuridão. E pressentindo a presença maciça de Blazio ao seu lado, ela tentou murmurar, mas sua garganta queimou sufocada, sem som algum. Em suspensão vital, Blazio aguardou pacientemente que ela se manifestasse, depois de algum tempo recuperando a voz, ela murmurou precariamente.

-Estou indo embora!

Em desespero, Blazio se aproximou e ajoelhado junto a seus pés, implorou transfigurado pela dor.

-Por favor...você não pode ir!

Obstinada, Cora maneou a cabeça com determinação, porém, quando seu olhar pousou nos dele, ela pode ver o quanto era injusto aquela situação. Os dias agradáveis que partilharam enquanto Eleonor e sua filha estavam ausentes, agora pareciam miragem. E Cora quase pode vislumbrar um futuro ao seu lado. Naquele momento, ela via apenas atribulações e muito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sofrimento. Ignorando a amargura de seus olhos, ela fitou-o com hostilidade e despejou todo o seu amargor.

-Te esperei quase até a meia-noite para dizer-lhe que estava com as malas prontas. O Bernardo adormeceu... acordei no meio daquele inferno ardente. Não vou permitir que a sua família prejudique meu filho, mais do que já fizeram! Não há nada que possa me fazer para piorar a minha vida, que você já não o fez!

Em desespero, Blazio a abraçou num repente e murmurou seu nome repetidas vezes para acalmá-la. Cora resistiu à princípio, por fim se deixou ficar entre os braços fortes, enquanto lágrimas quentes escorriam abundantes, e soluços incontidos sacudiam seu corpo. Por longos minutos eles apenas se deixaram ficar, um nos braços do outro de olhos fechado tentando aplacar a dor e desespero.

Quando os primeiros raios solares tocaram seus corpos fragilizados, a fonte de energia aqueceu a pele e varreu o desespero da escuridão. Num

PERIGOSAS ACHERON

carinho terno, Blazio tocou sua face manchada pelas lágrimas, e limpou a pele delicada com a ponta dos dedos, sem perceber que ele também estava recoberto por uma espessa camada de fuligem, e várias bolhas de queimaduras na pele.

-Não vá! Por favor, eu imploro...!

Com tristeza, ela retirou a mão dele de seu rosto e o afastou. Depois, ela se levantou com o filho nos braços e o olhou mais uma vez, antes de seguir o caminho de volta para casa.

Sentindo-se derrotado, Blazio acompanhou seus passos com o olhar por um longo tempo, como se tivesse pregado ao chão. No íntimo, ele queria gritar que a amava e que tudo ficaria bem, mas algo o impedia de se mexer, paralisado a via desaparecer de sua vida mais uma vez.

Muito tempo depois, Blazio retornou para casa arrasado, e estremeceu ao se deparar com Cora no pátio, arrastando uma mala e o filho na outra mão.

Por alguns momentos, eles se miraram sem nada dizer, mas em seus olhos marejados era difícil

PERIGOSAS ACHERON

esconder a dor que invadia seus corações. Cora quase podia ouvir o grito preso na garganta, pedindo socorro, mas seus lábios estavam cerrados.

Muito lentamente, ela caminhou na direção dele, e parou quando o menino correu para os braços do pai. Sem conter um soluço, Blazio apertou o menino e o beijou repetidas vezes, tentando gravar na memória cada traço seu. Estática, Cora observou a troca de carinho, desejando acabar com o sofrimento. Então, ela tomou o menino dos braços paternos, sem importar-se com a resistência do menino.

Afastando-se rapidamente, ela parou abruptamente, quando sentiu a mão de Blazio agarrar seu braço, com possessão.

Ao enfrentar-lhe com obstinação, Cora estremeceu ante a dor estampada nos olhos dele, que em lágrimas sussurrou engasgado, apontando para o filho e o próprio peito.

-E, eu! ... Você nunca pensou em mim...!?

O desespero transfigurava de emoção naquele
PERIGOSAS ACHERON

olhar, tanto quanto o rosto lívido pela dor. Sem conter a lágrima transbordar seus olhos, ela soluçou infeliz, e o acolheu num abraço apertado até sentir-se sufocar de amor. Por longos momentos eles se abraçaram em plena reconciliação, e rendendo-se ao calor emanado, um suspiro profundo emergiu de seus âmagos sedentos, quando seus lábios se tocaram quentes e ávidos. Depois, ele murmurou junto aos lábios dela com ardor.

-Eu a amo; Eu a amo... desesperadamente!

Trazendo-os à realidade, Bernardo juntou-se ao abraço, solicitando atenção lacrimoso. Depois de alguns segundos fitando os olhos verdes com paixão, Blazio se agachou, tomou o filho nos braços sem conter um sorriso grandioso. Os três se mantiveram abraçados por um longo momento, antes de Blazio os conduzir ao escritório.

Encerrados na privacidade do ambiente, Blazio trancou a porta para não serem interrompidos. Depois de sentarem-se em cadeiras confortáveis, Blazio acomodou o filho sobre os joelhos e encarou Cora com atenção redobrada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Atentos a seriedade do momento, Blazio respirou fundo e expôs os planos que já havia traçado no dia anterior. Ante os olhos abismados de Cora, ele explicou que havia providenciado uma casa para a tia Eleonor morar com a filha, num local próximo ao hospital, onde Rosalva fazia o tratamento e geralmente era internada.

As negociações tomaram o dia inteiro e parte da noite, por isso ele só conseguira chegar em casa minutos antes do lamentável incidente no quarto do filho. Se pudesse adivinhar o horror que estava por vir, ele certamente teria ficado resguardando o menino pelo resto da noite.

Um novo sentimento extinguiu a tristeza e desilusão, ao constatar que Blazio não a abandonara por futilidade. Ele estava preservando o relacionamento num ambiente de paz definitiva. Com delicadeza, Cora tocou com a ponta dos dedos o rosto dele, chamuscado e coberto de fuligem, e sem conter a emoção, ela murmurou.

-Talvez possamos recomeçar...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Blazio apertou os dedos dela contra o próprio rosto, e jurou emocionado.

-Eu prometo recompensá-la por todo o sofrimento! E lhe peço perdão! Devia tê-la protegido desde o início!

Após a partida definitiva das parentas e a mudança dos pais de Cora para a casa, a vida tomou um novo recomeço, num ambiente de tranquilidade. Blazio e Cora tiveram tempo para recuperar a confiança que um dia os brindou. E seguiram descobrindo juntos um novo horizonte a cada dia, e emoções adormecidas.

Fim

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos

Aos filhos, marido, irmãos, sobrinhos e amigos que de alguma maneira, colaboraram incentivando me na realização desta obra e da conquista deste sonho.

Muito obrigado.